NOÇÕES DE HISTORIA DO BRASIL

POR

A. G. LIMA

6.ª EDIÇÃO

1933

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO ~ PORTO ALEGRE

A. G. LIMA

NOÇÕES DE HISTÓRIA DO BRASIL

NUMEROSAS GRAVURAS
MAPAS EXPLICATIVOS
QUADROS DE RECAPITULAÇÃO
QUADROS DE DESENVOLVIMENTO
INDUSTRIAL, ARTISTICO E LITERARIO

6.ª EDIÇÃO
(30.º MILHEIRO)

N.º 442

1933

EDIÇÃO DA ... GLOBO
BARCELLOS, ... O ALEGRE
FILI... TAS

AO LEITOR

Este livro, abrange duas partes: a pre-história *do Brasil, onde se expõe a vida do selvagem, os seus usos e costumes na paz e na guerra;* os tempos historicos, *desde o descobrimento até nossos dias.*

Na sua composição seguimos um processo inteiramente novo entre nós e, assim, cada lição contem

Na pagina par:

1.º) *Um ponto historico exposto em linguagem ao alcance das crianças, sendo o essencial em caractéres maiores e, em tipo menor, as notas e explicações.*

Na pagina impar:

2.º) *Um resumo cronologico da lição.*

3.º) *Uma leitura literaria sôbre o ponto dado.*

No fim de cada periodo vem um quadro de recapitulação das lições, assim como a demonstração do progresso do país por meio de quadros de sua civilização.

E' o livro amplamente ilustrado com mapas e figuras.

Aos senhores professores rogamos que nos advirtam as lacunas e erros encontrados, afim de que, em edições subsequentes, possamos melhorar este despretencioso trabalho.

Porto Alegre — 1933.

Afonso Guerreiro Lima.

1.ª PARTE

TEMPOS ANTERIORES AO DESCOBRIMENTO

a) **A terra e os habitantes.**
b) **A vida selvagem.**
c) **Costumes na guerra.**

A terra e os habitantes

Um tipo indigena

Uma vastissima região cortada de rios caudalosos, semeada de matas, guardando em seu seio virgem opulentas riquezas minerais — tal se nos afigura o Brasil selvagem.

A variada abundancia de palmeiras da flora do país serviu para a sua denominação primitiva.

Pindorama, isto é, região das palmeiras, — era o nome consagrado entre os seus selvagens habitantes.

Estes procediam talvez de povos emigrados da Asia, em épocas remotas, e dividiam-se em dous grandes grupos: **tupis** e **tapuias.**

"...A' hora do toque das buzinas passavam diante das casas dos guerreiros, dizendo-lhes este famoso grito de guerra para a conquista do Brasil:

— Yá só Pindorama koti, itamarána poanhantin, yarar ama ae rece.

— Marchemos para a região das palmeiras (Pindorama), com a acha d'armas na ponta da mão, seremos senhores do Brasil." (C. de Magalhães — Anchieta, as raças e linguas indigenas).

Entre as tribus da raça **tupi,** que vieram a desempenhar papel na história, notaremos os

Tamoios
Carijós
Tupinambás
Tupiniquins
Caetés
Tabajaras
Pitagoares

Entre os da raça tapuia, os

Aimorés
Goitacazes
Guaianazes
Guaicurús

Os **tupis** eram senhores do vasto litoral, irradiando em alguns pontos para o interior.

Os **tapuias** habitavam as zonas centrais do país.

Distribuição das diversas tribus pelo país

Crê-se, geralmente, que foram os tapuias os primeiros a se estabelecerem no litoral.

Vieram depois os tupis e assenhorearam-se dessas posições, repelindo os inimigos para o interior.

Leitura — Influência da vegetação nas denominações locais

Numa região como o Brasil, onde a vegetação exubera, variada e intensa em vastissimas zonas, a denominação dos lugares de procedencia indigena deve, de contínuo, traduzir a feição local sob o ponto de vista da sua vestimenta vegetal, ou pelas espécies características.

A geografia aquí reflete nas denominações dos lugares a característica vegetal de cada uma.

Não é, pois, de estranhar-se o frequente emprêgo de nomes de plantas, árvores, para indicar um rio, um banhado, um vale, um povoado, uma serra, um acidente topografico qualquer. Couto de Magalhães refere ter ouvido entre os individuos de uma tribu **tupi** do interior o nome **Pindorama** ou **Pido-Retana,** região das palmeiras, como indicativo das terras do litoral brasileiro, e podendo-se aplicar ao país todo. As palmas são, de fato, um tipo vegetal tão distinto, tão característico e tão comum na nossa terra, que a sua beleza e frequencia em certa parte do país, não podia deixar de influir para o nome que o devia designar. Daí vem encontrarem-se amiudadas vezes no nosso mapa geografico as denominações tupis das diversas espécies de palmeiras. O nome **Carnauba,** corruptela de **Caraná-Hiba,** da magnifica palmeira de folhas flabeliformes **(Copernicia Cerifera),** de que se extrai uma cêra resinosa muito usada no norte do Brasil, com a sua copa esferica, formando um ornamento de notavel efeito na paisagem, abundante no sertão, á margem dos lagos e dos grandes rios como o S. Francisco, aparece designando grande número de localidades e traduzindo-lhe o aspecto característico, sob as fórmas corruptas de **Carnaiba, Caundeúba** ou **Crundeúba** e até **Crindeúba.**

O nome **Carandá-Hi,** rio das carnaubas, é frequente na região central.

Assim tambem o **buriti** ou **muriti,** a **Maurilia Vinifera** dos botanicos, com as suas belas folhas espalmadas em leque, aparece dando o seu nome a grande número de localidades nas regiões dos campos elevados, onde ela cresce formando capões cerrados nas baixadas das cabeceiras dos rios.

Mapa hipotetico das emigrações para a America

A Macauba ou bacaiba, de que procedem por corruptela os nomes bocaiuva e macaiba, empresta o seu nome a não poucas localidades do Norte e Centro do Brasil.

(Segundo Teodoro Sampaio).

A vida selvagem

A habitação do selvagem chamava-se **oca.** Era uma espécie de cabana de palhas, de maior comprimento que largura, sem divisões internas, onde viviam em comum muitas familias.

A reunião de algumas ocas, dispostas em círculo, formava uma **taba,** a qual era defendida por meio de uma cêrca de paus ou **caiçara.**

Dansa dos Tupinambás

A taba tinha uma espécie de govêrno rudimentar: obedecia a um chefe, tirado em geral dentre os mais velhos e experimentados.

A reunião das tabas constituia a **tribu** e uma reunião de tribus formava a **nação.**

As diversas nações tupis falavam uma lingua geral, mantinham os mesmos usos, castumes e tradições.

Os indigenas não conheciam vestimentas; usavam, porém, certos enfeites; na cabeça um cocar de penas de vistosas cores, o **acanguape**; um cinto de plumas, **enduape.** Outros pintavam o corpo de cores vivas; quasi todos furavam os beiços, as orelhas, o nariz, donde pendiam batoques.

Familia selvagem

Eram dados á dansa e á musica; tinham instrumentos, espécies de gaitas, flautas, tambores, como o **membi,** o **uapi,** o **toré.**

A caça, a pesca, algumas plantações de mandioca e milho, constituiam os seus meios de vida.

Os indigenas reconheciam a existencia de Deus, que chamavam **Tupan,** além de outros deuses secundarios, como: **Coaraci,** o sol; **Jaci,** a lua; **Ruda,** deus do amor. Acreditavam na sobrevivencia da alma, tinham seus sacerdotes, ou **pagés,** que viviam misteriosamente e exerciam grande poderio.

A virtude por excelencia no selvagem era a hospitalidade.

Leitura — Lendas indigenas

Origem do rio Solimões. — Ha muitos anos, a lua era noiva do sol.

Si chegassem a casar-se, porém, o mundo seria destruido: o amor ardente do sol abrasaria o mundo, e a lua com suas lagrimas, inundaria toda a terra.

A lua apagaria o fogo; o fogo faria evaporar a agua. Não puderam casar-se, pois.

Separaram-se, então, a lua para um lado; o sol para outro.

Separaram-se. A lua chorou todo o dia e toda noite; e foi então que as lagrimas da lua correram por cima da terra até o mar.

O mar embraveceu e por isso não poude a lua misturar as suas lagrimas com as aguas do mar — as quais meio ano correm para cima, meio para baixo. Foram as lagrimas da lua que deram origem ao rio Solimões.

Refeição dos indios

O diluvio — Conta-se tambem que antigamente foi assim que o mundo se acabou. Uma vez ouviu-se um grande ruido nos ares e no interior da terra. Dizem que muitos agouros apareceram. O sol e a lua ficaram vermelhos, azues e amarelos. A caça misturou-se com as gentes, sem ter medo, isto é, as onças e todos os animais ferozes. Um mês depois, ouviu-se um estrondo ainda maior. Viu-se então que as trevas enchiam o espaço, da terra ao céu, e que desabava grande chuva, com trovoada, extinguindo o dia. Perderam-se uns, outros morreram sem saber porque.

Tudo estava muito feio. As aguas cresceram tanto que submergiram a terra, ficando só de fóra os galhos das grandes árvores. Nessas árvores procurou o povo salvar-se, mas choveu todo o tempo da escuridão e o povo pereceu de fome e de frio. Escaparam apenas **Uassú** e a sua mulher. Estes, quando desceram da árvore, não encontraram na terra nem os ossos dos mortos. O casal teve muitos filhos. Contam, então, que **Uassú** imaginou: Convém que façamos de hoje em diante as nossas casas em lugares bem altos para que as aguas, quando crescerem, não nos alcancem.

(Dr. Barbosa Rodrigues).

Costumes na guerra

Resolvida a guerra, reunia-se a grande assembléa dos guerreiros de todas as tribus. Escolhia-se o chefe supremo, sempre dentre os de maior bravura e mais altos feitos e começavam os preparativos.

Combate singular entre dois Aimorés

Seguiam mensageiros para as tabas amigas. Os pagés acendiam os animos, pregando de antemão a vitória.

Nas vesperas do dia fixado, reunia-se o exército, celebravam-se festas.

Por fim punham-se todos em marcha, acompanhados da multidão de velhos, mulheres e crianças.

As armas eram: o **tacape,** as **flexas** e **lanças de pau.**

Aproximavam-se da taba inimiga e nela davam de surpresa, quasi sempre de madrugada, no meio de grande alarido e ao som da **inubia,** espécie de buzina.

Se o inimigo era vencido, saqueavam a taba e arrasavam-n'a. Entre os tupis constituia um titulo de gloria fazer o maior número

Ataque dos indios guaicurús

de prisioneiros, os quais eram conservados em liberdade e gozavam de certas regalias até o dia de sua morte.

Neste dia reunia-se toda a tribu em horrivel festim. A vítima estava amarrada no meio da **ocara** (praça) e aí era morta por um golpe da **tangapema.** O corpo ficava entregue ás velhas que o espostejavam e assavam no **moquem** ou grelha. A cabeça do inimigo ficava espetada na entrada da taba como um troféu de vitória.

Leitura — Perí

Era o tempo das árvores de ouro.

A terra cobriu o corpo de Araré, e as suas armas; menos o seu arco de guerra.

Perí chamou os guerreiros da sua nação e disse:

"Pai morreu; aquele que fôr o mais forte entre todos, terá o arco de Araré. Guerra!"

Assim falou Perí; os guerreiros responderam: Guerra!

Enquanto o sol alumiou a terra, caminhamos; quando a lua subiu ao céu, chegamos. Combatemos como goitacazes. Toda a noute foi uma guerra. Houve sangue, houve fogo.

Quando Perí baixou o arco de Araré não havia na taba dos brancos uma cabana em pé, um homem vivo; tudo era cinza.

Veiu o dia alumiou o campo; veiu o vento e levou a cinza.

Sua mãe chorou e disse: Perí, chefe dos goitacazes, filho de Araré, tu és grande, tu és forte como teu pai; tua mãe te ama.

Os guerreiros chegaram e disseram: Perí, chefe dos goitacazes, filho de Araré, tu és o mais valente da tribu, e o mais temido do inimigo; os guerreiros te obedecem.

As mulheres chegaram e disseram: Perí, primeiro de todos, tu és belo como o sol e flexivel como a cana selvagem que te deu o nome; as mulheres são tuas escravas.

Perí ouviu e não respondeu; nem a voz de sua mãe, nem o canto dos guerreiros, nem o amor das mulheres, o fez sorrir.

Na casa da cruz, no meio do fogo, Perí tinha visto a senhora dos brancos: era alva como a filha da lua; era bela como a garça do rio.

Tinha a côr do céu nos olhos; a côr do sol nos cabelos; estava vestida de nuvens, com um cinto de estrelas e uma pluma de luz.

O fogo passou; a casa da cruz caíu.

De noute Perí teve um sonho; a senhora apareceu; estava triste e falou assim: Perí, guerreiro livre, tu és meu escravo; tu me seguirás por toda parte, como a estrela grande acompanha o dia.

. . . .

Guerreiro branco, Perí, primeiro de sua tribu, filho de Araré da nação goitacaz, forte na guerra, te oferece o seu arco; tu és amigo.

(José de Alencar).

RECAPITULAÇÃO

Tempos anteriores ao descobrimento

A terra e os habitantes	Pindorama — era o nome selvagem do **Brasil**. Os indigenas dividiam-se em tupis e **tapuias**. Tribus tupis: tamoios, carijós, **tupinambás**, tupiniquins, caetés, tabajaras, pitagoares. Tribus tapuias: aimorés, goitacazes, **goianazes**, guaicurús. Distribuição: tupis — no litoral; **tapuias** — no interior.
Vida selvagem	Uma reunião de **ocas** constituia a **taba**, **estas** formavam **tribus** e estas **nações**. Os indigenas andavam nús, gostavam da dansa e da musica, viviam da caça e da pesca. Tinham idéa de Deus. Eram hospitaleiros.
Costumes na guerra	A assembléa dos guerreiros decidia da **guerra** e escolhia o chefe. As armas eram: tacape, flexas e lanças de **páu**. Ataque de surpresa; arrasamento da taba. Matança dos prinsioneiros.

2.ª PARTE

TEMPOS HISTORICOS

1500-1822 — Colonia portuguesa

1580-1640 — Colonia espanhola

1815-1822 — Reino

1822-1889 — Imperio

1889-.... — Republica

Descobrimento do Brasil

1.ª lição **1500**

Pedro Alvares Cabral

Vasco da Gama achara o caminho das **Indias.** Era preciso, portanto, que Portugal firmasse o seu dominio naquela terra de riquezas prodigiosas.

O rei **D. Manoel — o Afortunado —** mandou logo aprestar uma poderosa armada de 10 naus e 3 navios redondos e escolheu para comandá-la o fidalgo **Pedro Alvares Cabral.**

A partida foi solene. Celebraram-se festas extraordinarias. Quasi toda Lisbôa assistiu das praias á saída das naus.

Em poucos dias estava a expedição nas ilhas do **Cabo Verde.** Daí seguiu cada vez mais em rumo de oéste, para afastar-se o quanto possivel das costas d'Africa e evitar as calmarias que alí são frequentes.

Quasi um mês andaram as naus perdidas na imensidade do oceano. Um dia, porém, notaram surpresos os marujos sinais evidentes de terra proxima: as aguas eram mais verdes que azues, apareciam aves marinhas... Com efeito, no outro dia, mostrava-se no horizonte a orla da terra, na qual sobressaia o cabeço de um monte. Era o tempo da Pascoa e, por isso, Cabral denominou-o — **Monte Pascoal.**

D. Manoel, o Afortunado

Aproximaram-se os navios. Saíu **Afonso Lopes** a procura de um ancoradouro. Achou-o um pouco para o Norte e pela sua excelencia deu-lhe o nome de — **Porto Seguro.** Aí ancoraram os navios e sairam á terra alguns marinheiros, que foram bem acolhidos pelos selvagens.

Alguns dias passados, desembarcou toda a expedição. Em terra havia sido armado um rustico altar. Nêle o capelão da armada, frei **Henrique de Coimbra,** celebrou uma missa. Depois Pedro Alvares Cabral declarou solenemente incorporada aos dominios portugueses a nova terra, á qual deu o nome de — **Ilha da Vera Cruz.** Para perpetuar a posse deixou plantada uma grande cruz de madeira, com as armas de Portugal.

A viagem de Cabral

Em seguida regressou para o Reino o navio de **André Gonçalves** a levar a nova do descobrimento e, deixando em terra dous degredados, prosseguiu Cabral sua derrota para as Indias.

Antes de Cabral outros navegadores tinham já visitado a costa do Brasil. Os primeiros foram o espanhol **Alonso de Hojeda,** em 27 de junho e **Diogo de Lepe,** tudo em 1499. Outro **Vicente Yañez Pinson,** em 26 de janeiro de 1500.

Resumo cronologico da 1.ª lição

1499

27 de junho — Alonso de Hojeda avista uma terra que se supõe ser o Rio Grande do Norte.

1500

26 de janeiro — Vicente Yañez Pinson descobre um cabo na costa do Brasil.

9 de março — Parte de Lisboa a expedição de Pedro Alvares Cabral.

21 de abril — Começam a aparecer inesperados sinais de terra proxima.

22 de abril — Avista-se a orla da terra e um monte.

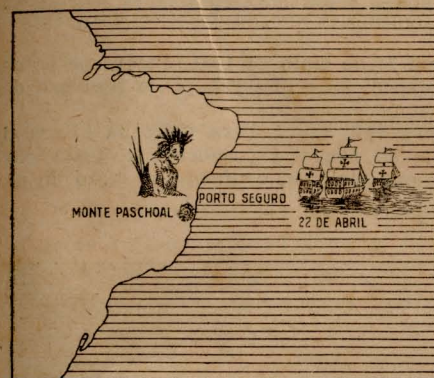
23 de abril — Os navios aproximam-se de terra.

25 de abril — Ancoram os navios no Porto Seguro.

26 de abril — Frei Henrique de Coimbra celebra a 1ª. missa, no ilhéo da Corôa Vermelha.

1 de maio — Frei Henrique de Coimbra celebra a 2.ª missa e Cabral toma posse da terra.

2 de maio — Continua a viagem para as Indias.

Leitura — O descobrimento do Brasil teria sido efeito do acaso?

Lugar donde Cabral avistou terra

...Cabral afastou-se da costa africana acossado por forte temporal, segundo alguns cronistas. A suceder assim, a maravilhosa descoberta teria sido obra do acaso. Essa opinião, que por muito tempo prevaleceu, foi, recentemente, posta de parte por eruditos investigadores, entre os quais citaremos o ilustrado oficial da armada Lopes de Mendonça, que numa douta conferência demonstrou que a um plano bem amadurecido se deve a descoberta do Brasil, e que Cabral não errou ao acaso pelos mares em furia, antes seguiu a rota que mais segura lhe pareceu para chegar á realização de seu sonho de gloria. Se é certo que a ciencia da cosmografia e a arte de navegar não viviam em grande familiaridade com o ousado navegador, ha a notar que da guarnição das naus faziam parte homens experimentados, como Pero de Escobar e João de Sá, além de vários cosmografos abalizados, entre os quais contava-se o bacharel mestre João, espanhol de origem, fisico de d. Manoel e autor do primeiro estudo que apareceu sôbre a grande constelação austral. E não teria mestre João, que em tanta privança vivia com el-rei, fornecido ao seu monarca quaisquer indicações que, por seu turno, d. Manoel transmitiria a Pedro Alvares? Depois é necessario ainda atentar em que da armada fazia parte Duarte Pacheco Pereira, que, na expedição, representava até certo ponto, no dizer de Lopes de Mendonça, um como poder oculto, um inspirador espiritual de Pedro Alvares. A êle fôra, sem dúvida, confiada parte das instruções particulares d'el-rei, e êle devia ter dito ao famoso capitão que, a partir de São Tomé, deveriam as naus ir sempre na volta do mar, sempre quinando sôbre a banda do sudoéste até meterem o Cabo da Bôa Esperança em léste franco. A crítica historica corrigiu, pois, este ponto importantissimo, cercando de mais viva e luminosa auréola o nome do famoso capitão e dos homens doutos e esforçados que d. Manoel lhe deu por companheiros de fadiga e de glorias.

(Maximiliano de Lemos).

Primeira exploração

2.ª lição **1501**

Americo Vespucio

Logo depois da volta de **André Gonçalves**, com a notícia do descobrimento inesperado, d. **Manoel** resolveu mandar uma flotilha de três caravelas proceder ao reconhecimento da nova terra.

Esta expedição, sôbre que ainda ha dúvidas, não se sabe bem por quem foi comandada, parece, porém, certo que nela tomou parte o navegador florentino **Americo Vespucio.**

Uns afirmam ter sido André Gonçalves ou d. Nuno Manoel o comandante da primeira expedição exploradora, outros dão Gonçalo Coelho ou Americo Vespucio.

Tendo saído de **Lisbôa** em 14 de maio de 1501, encontrou-se nas ilhas de **Cabo Verde** com a expedição de **Cabral,** já de regresso das Indias.

A esquadrilha exploradora veiu ter á **Vera Cruz** na altura do atual Estado do Rio Grande do Norte e percorreu a costa para o sul, dando nome ás terras que visitava, conforme o santo do dia, tais como:

Cabo de S. Roque

cabo de Sto. Agostinho

rio S. Miguel

rio S. Jeronimo

rio de S. Francisco

rio das Virgens

rio Sta. Luzia

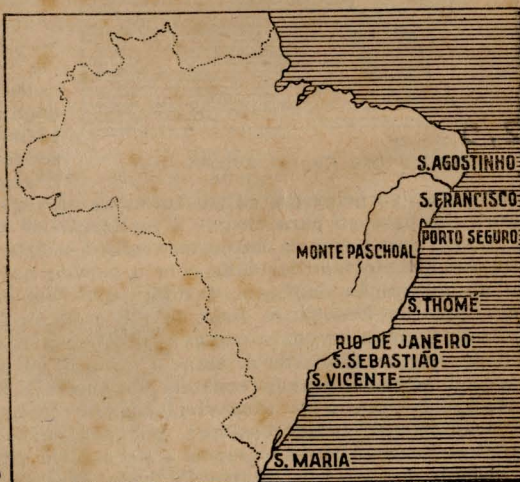
cabo de S. Tomé

rio de Janeiro

angra dos Reis

ilha de S. Sebastião

ilha de S. Vicente

cabo de Sta. Maria.

Pontos da costa em que tocou a primeira expedição exploradora

Daquí voltou para Lisbôa levando as informações que pudera colher nos diversos pontos em que tocara e tendo já a certeza de que não era uma ilha.

Por isso a primeira denominação de **Ilha da Vera Cruz foi substituida** pela de — **Terra da Santa Cruz.**

Resumo cronologico da 2.ª lição

1501

14 de maio — Parte de Lisboa uma esquadrilha para explorar o Brasil.
26 de agosto — Avista o cabo S. Roque.
28 de agosto — Reconhece e dá nome ao cabo de S. Agostinho.
4 de outubro — Rio de São Francisco.
21 de dezembro — Cabo de São Tomé.

1502

1 de janeiro — Ancora no Rio de Janeiro.
6 de janeiro — Angra dos Reis.
20 de janeiro — Ilha de S. Sebastião.
22 de janeiro — Ilha de S. Vicente.
25 de março — Cabo de Santa Maria.
7 de setembro — A esquadrilha chega á Lisboa.

Leitura — Beleza do Brasil

Não ha no mundo país mais belo do que o Brasil. Quantos o visitam atestam e proclamam essa incomparavel beleza.

Dentro do enorme perimetro brasileiro encontra-se tudo o que de pitoresco e grandioso oferece a terra. Ainda mais: encontra-se, em materia de panorama, tudo o que ardente imaginação possa fantasiar. E os espetáculos são tão variados quanto magnificos.

Observa João Francisco Lisbôa, no jornal de Timon, que os sentimentos experimentados pelos primeiros exploradores do Brasil, ao darem vista das nossas costas, eram de intensa surpresa e admiração.

A tal ponto os maravilhava o aspecto pomposo da terra inculta e selvagem, — continua o eximio literato maranhense — que a todos êles acudia espontaneo o pensamento de que, sem dúvida, nesta abençoada região estivera outrora situado o paraiso terreal.

Tal conjetura foi debatida, com incrivel gravidade, durante bom número de anos.

Americo Vespucio, numa carta publicada em 1504, opina que, a haver aquele paraiso, não devia ser longe das nossas plagas.

Mais tarde e por longo tempo, acreditou-se que no Brasil permanecia o fabuloso Eldorado.

No documento mais venerando da nossa história colonial, segundo Porto Seguro, a epistola de Pero Vaz de Caminha a el-rei d. Manoel, noticiando o descobrimento de Cabral, diz o insigne cronista que a praia é muito formosa, com arvoredo tanto, tamanho e tão basto e de tantas plumagens que não póde homem dar conta.

Entre os escritores dos tempos coloniais, o padre jesuita Simão de Vasconcelos, nas Notícias Curiosas, declara que capitães e cosmografos não viam cousa igual no universo todo, á perspectiva da nova terra que é um espanto da natureza e faz vantagem aos campos elisios, hortos pênsiles e ilha de Atlanta.

(Afonso Celso).

Segunda exploração

3.ª lição **1503**

Dois anos depois d. Manoel resolveu mandar outra esquadrilha, sob as ordens de **Gonçalo Coelho**, acompanhado de **Americo Vespucio** e **Fernando de Noronha**, talvez com o fim de fundar algumas feitorias em pontos favoraveis da costa.

Partiu a expedição do porto de Lisbôa e, dias passados, chegou a umas ilhas que denominou de **S. João** (hoje Fernando de Noronha). Veiu, depois, ancorar na baía de **Todos os Santos**, onde sofreu hostilidades dos selvagens. Continuou a percorrer a costa e entrou em **Porto Seguro.** Aí fundou Gonçalo Coelho a feitoria de **Santa Cruz**, mandando levantar algumas rusticas edificações e um fortim, no qual deixou pequena guarnição.

Prosseguiu sua derrota e foi levantando marcos e padrões em diversos sitios.

Veiu ao Rio de Janeiro e demorou-se algum tempo. Foi bem recebido pelo selvagem e lançou os fundamentos da feitoria de **Carioca**, chegando até a iniciar a cultura da cana de assucar.

Continuou a explorar o litoral até ao Cabo das Virgens.

Gonçalo Coelho levou para a Europa, como já o fizera Cabral, amostras de certa madeira vermelha, côr de **brasa**, que dava excelente tinta.

Daí veiu a denominação — **Terras do Brasil** — ou simplesmente — **Brasil**, — nome que prevaleceu.

Terceira exploração

1526

Chegara a Portugal a notícia de que armadores franceses preparavam uma expedição destinada ao Brasil.

D. João III

D. João III — sucessor de d. Manoel, — mandou **Cristóvão Jaques** com uma armada de cinco caravelas e uma nau, afim de guardar as costas e impedir o trafico com os indigenas.

Cristóvão Jaques veiu ancorar entre a ilha de **Itamaracá** e o continente. Aí, num ponto favoravel do litoral, creou uma feitoria para regular o comércio do **brasil.**

Deixando uma caravela para garantia do novo estabelecimento, seguiu com as outras para o sul a percorrer as costas.

Nada achou que lhe tolhesse o passo.

Na volta entrou na **Baía de Todos os Santos**, onde encontrou três navios franceses. Travou combate com êles durante um dia inteiro e venceu-os. A maior parte da tripulação caíu prisioneira e foi conduzida para Europa.

Daquí por diante nada mais se sabe da expedição de Cristóvão Jaques.

O procedimento de Cristóvão Jaques contra navios e marinheiros franceses originou uma reclamação diplomatica de parte da França, cujo govêrno, nada tendo conseguido por este meio, procurou embaraçar a ação do Portugal, concedendo cartas de corso a diversos armadores franceses.

Resumo cronologico da 3.ª lição

1503

24 de junho — A expedição de Gonçalo Coelho chega a umas ilhas que denomina de S. João.

1506

Gonçalo Coelho regressa para Portugal.

1526

Vem ao Brasil a expedição de Cristóvão Jaques.

1527

Cristóvão Jaques aprisiona três navios franceses na Baía.

Leitura — Brasil

Condecorou Cabral esta nova terra com o belo nome de **Vera Cruz**, principalmente em memoria da semana santa, que acabava de passar, porque tomou posse erguendo o simbolo da nossa redenção, e acaso também, porque estava a chegar o dia 3 de maio em que se celebra a festa da Invenção da Cruz.

Mudou, dentro em breve, o rei este nome de **Vera Cruz**, para o de **Santa Cruz.**

Começou a Terra de Santa Cruz a ser oficialmente denominada Brasil desde 1504 em consequencia da grande quantidade de madeira côr de brasa que nela se encontrou, e dentro em breve constituiu um ramo importante de comércio.

Segundo Muratori a palavra brasil foi pela primeira vez usada no ano de 1128 em um tratado entre os povos de Bolonha e de Ferrara; pois em uma resenha de mercadorias dêsse tratado figura a **grana de brasile.**

A madeira era, todavia, conhecida na Europa, desde o seculo IX, como observa o ilustre J. Mendes de Almeida, citando Renaudt e Albufeda, e dizendo que dela se tirava a côr vermelha ou escarlate para as vestimentas regias e as capas dos cavaleiros.

Provinha essa madeira das ilhas Malaias e formava um dos artigos do comércio do mar Vermelho.

Os tupis chamavam a árvore **Araboutan**, e com lavadura da sua cinza sabiam dar uma côr vermelha muito duravel; a madeira, porém, denominava-se **ibira-pitanga, pau vermelho.**

Quem se dedicava ao trafico do pau-brasil começou a chamar-se **brasileiro**, como se apelidavam **negreiros, pimenteiros, baleeiros, livreiros** os que se entregavam ao comércio dos negros, da pimenta, das baleias, dos livros, etc.

Aplicou-se, portanto, o epiteto de **brasileiros** a todos os colonos dêste país em geral, porque muitos dêles praticavam o comércio do pau-brasil.

O nome **brasiliense**, que seria propriamente o patronimico do Brasil, ficou para indicar os indigenas. A denominação de **brasis**, introduzida pelos jesuitas, caíu em desuso, suplantada pela mais seguida, posto que inexata, de **indios.**

Esse último nome deve a sua origem ao engano pelo qual no princípio se supôs que o país descoberto por Colombo fôsse a costa oriental da India. Quando, mais tarde, se conheceu o êrro, deu-se ao Novo Mundo o nome de **India Ocidental**, e acrescentou-se á verdadeira **India** o qualificativo de **Oriental.**

(Padre Galanti).

Primeira tentativa de colonização

4.ª lição **1530**

Em fins de 1530, partia do porto de Lisbôa a grande expedição colonizadora de **Martim Afonso de Souza,** com a ardua incumbencia de implantar a civilização e promover o povoamento do Brasil.

Para tanto vinha aquele fidalgo português investido de amplos poderes: devia tomar posse de toda a terra, organizar o govêrno, administrar a justiça; podia conceder terras e até sentenciar á morte.

Em princípio de 1531 estava a armada nas ilhas **Canarias** e dalí veiu em direção ao cabo de **S. Agostinho,** onde encontrou navios franceses, que aprisionou.

Pouco depois chegou a Pernambuco e restaurou a feitoria que alí fundara Cristóvão Jaques.

Destacando o navio de **Diogo Leite,** a explorar a costa do norte, prosseguiu Martim Afonso para o sul e entrou na **Baía de Todos os Santos,** onde se lhe apresentou Caramurú.

No Rio de Janeiro demorou-se a expedição alguns dias.

Da ilha de **Cananéa** saíu **Pero Lopo** para o interior, a explorar o sertão.

Esta expedição perdeu-se totalmente.

Seguindo a armada para o sul, uma grande tempestade lhe arrebatou dous navios.

Resolveu Martim Afonso retroceder, afim de cumprir a parte mais importante de sua comissão, que era iniciar a fundação de colonias agricolas.

E assim chegou a instalar, á beira-mar, a povoação de **São Vicente,** a primeira que se erguia no sólo brasileiro, e mais tarde no interior, a de **S. André da Borda do Campo,** cujo govêrno confiou ao português **João Ramalho,** que alí vivia ha muitos anos.

As duas primeiras povoações

Martim Afonso fez prosperar rapidamente a colonia de S. Vicente e, quando mais tarde voltou para a Europa, confiou o seu govêrno a João Ramalho e Gonçalo Monteiro.

Resumo cronologico da 4.ª lição

1530

3 de dezembro — Partida de Martim Afonso do porto de Lisboa.

1531

31 de janeiro — A armada chega a vista de terras do Brasil e aprisiona um navio francês.

19 de fevereiro — Reune-se toda a armada em Pernambuco.

13 de março — Chega Martim Afonso á Baía e se lhe apresenta o Caramurú.

3 de abril — Chega a expedição ao Rio de Janeiro.

1.º de agosto — Partida do Rio de Janeiro em direção a Cananéa.

12 de agosto — Chegada á Cananéa.

1532

22 de março — Ancóra a expedição em S. Vicente.

Fundação das duas primeiras povoações: S. Vicente e S. André da Borda do Campo.

1533

Martim Afonso segue para Lisboa.

Leitura — O Caramurú

Diogo Alvares, natural de Viana do Minho, em Portugal, foi arrojado ás praias do Brasil vítima do naufragio de uma caravela que se presume ter-se perdido sôbre os parcéis de Mairapé, o caminho do estranjeiro, na linguagem poetica de seus antigos habitantes. Aí, ainda com os vestidos úmidos e pesados, curvou-se sôbre as praias encantadoras; seus olhos se alçaram para os céus; e a invocação de Salvador, que dirigiu a Divindade, deu nome á magnifica baía que se desdobrava a seus olhares.

Segundo o costume dos barbaros era o naufrago seu prisioneiro, e devia servir-lhe de pasto nos seus festins antropofagicos; gozava, porém, o misero cativo de certas homenagens até a aproximação do dia fatal. Quís, porém, a bôa fortuna de Diogo Alvares que com êle fossem regeitadas pelo mar armas e polvora, que recolheu cuidadosamente; era o céu que lhe confiava no seu terrivel mosquete o raio que devia subjugar os seus senhores e dar-lhe um predomínio absoluto sôbre os seus animos. Explica-lhes a serventia de seu instrumento belico, e prova-o com o exemplo que tem nas suas mãos a punição de seus inimigos que lhe ousem fazer o mais pequeno dano; e o tiro disparado do mosquete, cujos projéteis vão abater a ave que paira nos ares, enche de assombro os selvagens, que fogem espavoridos bradando na sua lingua: Caramurú! Caramurú!

Episodio de Caramurú

Desde então tornou-se Diogo Alvares o verdadeiro Caramurú, o ente sobrenatural, que devia guiá-los á vitória nas guerras que pelejavam.

(Joaquim Norberto).

Ensaio de divisão administrativa

5.ª lição **1534**

Segundo o sistema empregado já em outras dependencias de Portugal, resolveu d. João III distribuir as terras do Brasil a pessôas que se tivessem distinguido no serviço do Reino, e que, além de tudo, estivessem no caso de promover o seu povoamento, a sua defesa, o seu cultivo.

A costa seria dividida em partes mais ou menos iguais, com fundo indeterminado.

Cada donatario tinha o titulo de **capitão** e **governador** e daquí o nome de **capitania** dado a cada porção de territorio.

As capitanias não podiam ser vendidas pelos donatarios; eram, porém, hereditarias, isto é, passavam, como herança, de pais a filhos.

Os donatarios gozavam de certas prerrogativas concedidas pela corôa; cobravam impostos, podiam escravizar os indios e vendê-los, em número limitado, nos mercados de Lisbôa; nomeavam os empregados necessarios, julgavam os criminosos, podendo até, em casos especiais, aplicar a pena de morte a determinadas pessôas; creavam vilas, concediam sesmarias, podiam comerciar livremente.

Reservava a corôa o monopolio do pau brasil, drogas e especiarias, o dizimo das colheitas e da pesca, o quinto de todos os metais e pedras preciosas.

Os colonos tinham tambem para com o capitão certas obrigações, entre as quais avultava a de servirem com êle, como soldados, em caso de guerra.

Ha ainda dúvidas sôbre o número de capitanias creadas por d. João III. Conhecem-se as seguintes pela ordem cronologica das doações:

Espirito Santo — 1.º de janeiro de 1534.

S. Vicente — 1534.

Pernambuco — 10 de março de 1534.

Baía — 5 de abril de 1534.

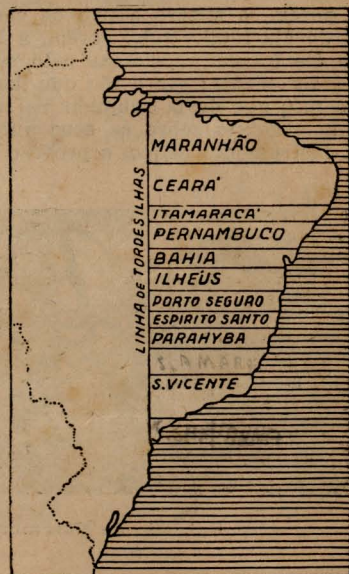
Ilhéos — 26 de junho de 1534.

Porto Seguro — 7 de outubro de 1534.

Itamaracá — 1535.

Paraíba do Sul — 28 de agosto de 1536.

Maranhão.

Ceará.

Primeira divisão territorial do Brasil

Resumo cronologico da 5.ª lição

1534

1º. de janeiro — Capitania do Espirito Santo.
10 de março — Capitania de Pernambuco.
5 de abril — Capitnaia da Baía.
26 de junho — Capitania de Ilhéos.

1535

Capitania de Itamaracá.

1536

28 de agosto — Capitania da Paraíba do Sul.

Leitura — As capitanias

Foi então que d. João III resolveu dividir as suas novas terras em capitanias hereditarias.

Começou dêsse modo a colonização do Brasil.

Os donatarios, que tinham direito de transmitir aos filhos as terras havidas da munificencia real, receberam o titulo de capitães generais, e ficaram sendo os senhores absolutos das capitanias.

Deviam apenas ao rei a obediencia de subditos e parte dos lucros que auferissem.

Assim foi retalhada a nossa costa, já então toda conhecida pelas explorações que a ousadia dos navegantes realizara.

Começou a constituir-se o país de onde tinha de saír mais tarde a Patria Brasileira.

No sólo virgem, principiaram a caír as sementes dos cereais; os machados entraram a violar as matas espêssas, que até então só animais e indios bravios tinham cruzado; os troncos seculares despedaçados, exportados para a Europa, iam lá mostrar a excelencia das nossas madeiras; e, no fundo da terra e do leito dos rios, onde dormiam havia seculos sem conta, começaram a saír o ouro e as pedras preciosas, que de tanta desgraça e de tanta luta iam ser causa.

Infelizmente, os colonizadores não eram apenas donos da terra e da agua, dos peixes e das féras que as habitavam, eram donos também dos homens primitivos, que, rudes e independentes, altivos e barbaros, tinham visto perturbada a sua liberdade e atacado o seu dominio absoluto, logo á chegada dos primeiros navegadores.

As cartas de foral que investiam os donatarios da autoridade de capitães generais, davam-lhes o direito de cativar o gentio, para o serviço dos seus navios e das suas lavouras, podendo mandá-los a Lisbôa, afim de alí serem vendidos.

Como sempre, a terra tinha de progredir á custa das lagrimas de seus filhos.

Amarrados e domados, sem compreender a violencia de que eram vítimas, os indios, reduzidos á escravidão, eram arrancados á fôrça das brenhas que os tinham visto nascer...

(O. Bilac e Coelho Neto).

As capitanias do norte

6.ª lição

Partindo do norte para o sul, temos a notar no mapa geral das capitanias, pela sua ordem de situação, as seguintes:

Maranhão

Ceará

Itamaracá

Pernambuco

Baía

Maranhão — 100 leguas de costa — a mais setentrional do país, era situada nas proximidades da embocadura do **Amazonas**, então chamado **Maranhão.** Foi doada ao historiador **João de Barros,** que se associou a **Fernão Alvares** e **Aires da Cunha** para colonizá-la. A tentativa, porém, malogrou-se, em virtude de se ter perdido completamente a expedição organizada pelo donatario.

Ceará — 40 leguas de costa — ao sul do Maranhão, coube a **Antonio Cardoso de Barros,** que nunca tratou da sua colonização.

Itamaracá abrangia três territorios muito distanciados entre si: 1) Itamaracá, ao norte; 2 e 3) Santo Amaro e Terra de Santa Ana, ao Sul.

Seu donatario foi **Pero Lopes de Souza,** que nunca veiu ao Brasil.

O nucleo de Itamaracá desenvolveu-se enquanto dirigido por **João Gonçalves,** o qual fundou a vila da **Conceição de Itamaracá,** animou a agricultura e soube captar a amizade do selvagem.

Santo Amaro, sob a direção de **Gonçalo Monteiro,** teve tambem a sua povoação — **Santo Amaro,** — mas decaíu depois pela agressão dos tamoios.

Terra de Santa Ana nunca foi colonizada.

Pernambuco — 60 leguas de costa — foi doada a **Duarte Coelho Pereira.**

Trabalhador, energico e perseverante, o donatario elevou a sua capitania a um alto grau de prosperidade. Aliou-se aos tabajáras, venceu os caetés, desenvolveu a lavoura e a criação, creou a vila de **Olinda,** destinada a ser a séde do govêrno da capitania.

Baía — 50 leguas de costa — a parte mais conhecida do litoral, por ser o ponto onde assistia **Diogo Alvares,** o **Caramurú,** coube a **Francisco Pereira Coutinho.** Este estabeleceu-se na **Vila Velha** e viveu em harmonia com o selvagem. Violencias praticadas pelos colonos, provocaram a inimizade dos tupinambás e Coutinho viu-se obrigado a fugir. Voltando depois, naufragou e foi devorado pelos selvagens.

Leitura — Os primeiros colonos

Podem-se calcular em mais de 2.000 os colonos estabelecidos nos diferentes nucleos maritimos, o maior número dêles cuidando de lavoura e de algumas industrias do país. Não se inclúe aí naturalmente uma já consideravel porção de indigenas agregados e em algumas povoações os individuos do novo tipo que vai aparecendo destinado a ser o vinculo das duas raças, porque de ambas descende. Em muitos nucleos estes elementos — o indigena convertido ou subjugado e o **mameluco** — já eram importantes, pois em número excediam os adventicios e pelo seu valor fazem prevêr de que vantagem serão na obra que se tem de construir. Não estamos ainda em pleno regimen colonial, é claro; em tão poucos anos nada se fixa na vida e menos na indole de colono. Hoje mal se imagina o que devia ser a existencia naqueles tempos.

O europeu tinha aquí, no dia seguinte ao da chegada, de renunciar aos seus usos, seus costumes, seus processos de trabalho, seu regimen alimentar, mesmo ás suas relações sociais, até os seus sentimentos, suas idéas, sua propria lingua.

Passava a viver num meio, onde tudo era inteiramente estranho, desde o aspecto da terra, a natureza, o clima, as estações, até a gente. Tinha de afazer-se ás contingencias a que se via reduzido.

Não havia por enquanto propriamente comércio interno, nem mesmo, o pequeno varejo local.

O unico meio de vida era a lavoura.

Os mais abastados fundavam engenhos, e faziam, em grande escala, a cultura de alguns produtos de mais valor.

Esse trabalho dos campos era feito a custa do braço indigena, e em seguida tambem do braço africano, cuja introdução começou a fazer-se já no tempo das donatarías.

As fazendas, por mais cuidado que se tivesse em evitar o afastamento e dispersão, não podiam ficar muito proximas dos nucleos; e tinham necessidade, portanto, de provêr á propria defesa, como faziam os povoados.

Um engenho era um verdadeiro castelo ou uma praça forte.

Os mesmos moradores que se lhe agregavam incumbiam-se de guarnecê-lo e de o defender nos momentos de perigo.

Para isso deviam todos armar-se, apercebidos, dia e noite, para resistir a assaltos de indios bravios.

Não se viajava entre um e outro povoado, não se ia para a roça, nem mesmo se trabalhava sinão de caravana e todos armados. E' simples fazer idéa das virtudes novas que semelhante genero de vida tinha de crear.

A tudo isso acrescente-se ainda que no meio daquela ordem tão vaga e instavel, em formação tão lenta e indecisa, cada qual tem de garantir a propria liberdade, de defender os seus direitos fazendo justiça por si mesmo e que, portanto, tudo isso depende da fôrça e da coragem de cada um.

Não era assim a vida, no tempo das donatarias, uma quasi perfeita renovação da antiga vida heroica?

(Rocha Pombo).

As capitanias do sul

7.ª lição

Para o sul da Baía era o territorio dividido também em cinco capitanias, a saber:

Ilhéos

Porto Seguro

Espirito Santo

Paraíba

S. Vicente

Ilhéos — 50 leguas de costa — doada a **Jorge de Figueiredo Correia.**

O donatario confiou sua capitania a **Francisco Roméro.** Este fundou a povoação de **S. Jorge dos Ilhéos** (1535), mas malquistou-se com os colonos e os aimorés e viu-se obrigado a abandonar a capitania.

Porto Seguro — 50 leguas — concedida a **Pero de Campos Tourinho.**

Existia aí, no antigo ancoradouro de Cabral um começo de povoado, que não agradou ao donatario, de maneira que este foi fixar a sua residencia na margem do rio Buranhen.

Enquanto vivo o donatario, a capitania prosperou com a industria da pesca, cultura da cana e fabríco do assucar.

Depois foi destruida pelos aimorés.

Espirito Santo — 50 leguas — seu donatario, **Vasco Fernandes Coutinho,** fundou a vila de **N. S. da Vitória.**

Foi a nascente colonia prosperando com a industria do assucar até que, atacada pelos goitacazes, decaíu e seu donatario veiu a morrer em completa miseria.

Vasco Fernandes Coutinho, que possuia no Reino grandes bens de fortuna, desfez-se de tudo para vir tomar conta de sua capitania e, em vez de tornar-se um potentado como era de seu desejo, terminou seus dias vivendo de esmolas.

Paraíba do Sul — 21 leguas — doada a **Pero Góes da Silveira,** que fundou a vila da **Rainha** e animou a plantação da cana de assucar.

Atacado pelos indigenas, o donatário viu-se obrigado a abandonar suas terras.

S. Vicente — 100 leguas de litoral, em dous lotes — coube a **Martim Afonso de Souza** e foi organizada por seu representante **Gonçalo Monteiro.**

A vila de **S. Vicente** era o nucleo principal da capitania. A princípio floresceu com a industria do assucar e mais tarde decaíu.

Começou então a aumentar-se rapidamente a vila de **Santos,** fundada por **Braz Cubas** e cuja origem fôra um hospital e casa de caridade, a primeira que existiu no Brasil.

RECAPITULAÇÃO

Descobrimento do Brasil **1 5 0 0**	Pedro Alvares Cabral, navegando para as Indias, avistou uma terra desconhecida (22 de abril), que, supondo ser uma ilha, denominou de ilha da Vera Cruz. Desembarcou e apoderou-se dela em nome do rei de Portugal (1.º de maio).
Primeira exploração **1 5 0 1**	Percorreu a costa e descobriu o cabo de S. Agostinho, rio de S. Francisco, cabo de S. Tomé, rio de Janeiro, angra dos Reis, ilhas de S. Sebastião e de S. Vicente, cabo de Santa Maria. Reconheceu que a terra não era uma ilha; daí o nome de Terra de Santa Cruz.
Segunda exploração **1 5 0 3**	Gonçalo Coelho descobriu as ilhas de S. João, visitou alguns pontos da costa; fundou a feitoria de Santa Cruz, em Porto Seguro, a da Carioca, no Rio de Janeiro. Verificou a existencia do pau brasil, donde se derivou o nome de Terras do Brasil.
Terceira exploração **1 5 2 6**	Cristóvão Jaques veiu guardar as costas do país. Fundou uma feitoria, combateu e aprisionou navios franceses.
Primeira tentativa de colonização **1 5 3 0**	A grande armada de Martim Afonso de Souza visitou muitos pontos da costa, restaurou a feitoria fundada por Cristóvão Jaques, fundou as duas primeiras povoações brasileiras — S. Vicente e S. André da Borda do Campo, iniciou a agricultura.
Ensaio de divisão administrativa **1 5 3 4**	A costa foi dividida em lotes, e estes doados a pessoas de merito. O donatario tinha o titulo de **capitão,** e o lote de **capitania.** Os donatarios exerciam o govêrno e distribuiam a justiça. Os colonos recebiam terras do donatario e a êle ficavam sujeitos.
Capitanias do norte	Maranhão — João de Barros; Ceará — Antonio Cardoso de Barros; Itamaracá — Pero Lopes de Souza; Pernambuco — Duarte Coelho Pereira; Baía — Francisco Pereira Coutinho.
Capitanias do sul	Ilhéos — Jorge de Figueiredo Correia; Espirito Santo — Vasco Fernandes Coutinho; Paraíba do Sul — Pero Góes da Silveira; S. Vicente — Martim Afonso de Souza.

Creação do govêrno geral

1.ª lição **1548**

O ensaio de divisão administrativa do Brasil em capitanias não deu o resultado satisfatorio esperado pela metropole, porque

cada capitania vivia como que independente das outras e não tinha fôrças para repelir não já as agressões dos indios, mas os possiveis ataques de uma nação estranjeira;

ainda mesmo que estivesse muito bem organizada a capitania, o donatario não podia extender a sua autoridade a todo o vastissimo territorio.

Daí a necessidade de um govêrno geral, cuja autoridade fôsse respeitada em todo o país.

Além disto dous fatos graves

a) levante dos indigenas da Baía e morte do donatario Coutinho;

b) tentativa de conquista de diversos pontos pelos franceses.

determinaram d. João III a crear o govêrno geral do Brasil.

O local escolhido para o estabelecimento do novo govêrno era a capitania da Baía, onde devia ser edificada a cidade que lhe serviria de séde.

O govêrno seria exercido por três órgãos: o **governador geral, o procurador mór da real fazenda, o ouvidor geral.**

O governador geral, como chefe do govêrno, tinha em suas mãos o supremo poder. Todos os donatarios se lhe deviam subordinar; cumpria-lhe extender a conquista e a colonização, promover a defesa das capitanias contra os indigenas e os estranjeiros.

O provedor mór da fazenda era encarregado de arrecadar os direitos e dizimos que competiam á metropole.

Povoações existentes na época da creação do govêrno geral

O ouvidor geral administrava a justiça.

Estas três autoridades, se bem que independentes, deviam agir de acôrdo, formando uma como junta, cuja autoridade suprema era o governador geral.

Leitura — Reflexões sôbre as primeiras épocas da história do Brasil

Em 1549, por um dia do mês de março, desembarcava na Baía Tomé de Souza, governador geral que vinha para a colonia do Brasil.

O que se tinha passado neste intervalo? O que dizia a experiencia da exploração da terra e da instituição das capitanias? Como é que, 18 ou 19 anos depois, o mesmo d. João III, mudava o sistema colonial e sujeitava a um governador geral todos os capitães-móres que fizera tão poderosos e que tornava agora subalternos?

A experiencia neste periodo tinha proclamado que os designios de Deus se cumprem infalivelmente; que a civilização semeara numa terra fertil, abundante e riquissima o germen de um grande imperio; que esta semente brotara cheia de viço e de futuro, e que já não eram um misterio os tesouros infindos da terra de Santa Cruz, em outro tempo tão funesta e impoliticamente abandonada! A experiencia, porém, proclamara também que uma instituição, filha do tempo, devia acabar com quem lhe dera o nascimento. O homem, por isso mesmo, que é dotado de razão, é talvez dos entes creados o que carece mais de corretivos.

A regalia da razão degenera sempre em exorbitancia do que lhe foi prescrito pelo seu Creador, isto é, que se chama imperfectibilidade humana. Aqueles a quem se tinha dado tanto poder e dominio que lhes enchesse a taça da ambição, abusavam de um e outro; entenderam que conquistar era assolar, que enriquecer era extorquir e que possuir era escravizar.

A paz com os indigenas do país, diz o veneravel Simão de Vasconcelos, só durou enquanto durou a paciencia dêles, porque não houve comércio vil, barbaridade, violencia, extorsão e imoralidade que os portugueses não praticassem em todas as capitanias com aqueles a quem chamavam selvagens, mas a quem neste ponto excediam em selvajaria. A liberdade natural ateando as chãmas do amor da patria derreteu os ferros da escravidão americana e dêsse dia em diante os interêsses de Portugal não poderam progredir mais debaixo da fórma de administração até então adotada.

Cumpria, pois, modificá-la: essa mesma independencia e ampla autoridade dos capitães-móres em outra época tão imperiosamente reclamadas tornavam-se nocivas á bôa marcha do regimen colonial, e como as provas disso repetiam-se, cada dia, em breve o mesmo d. João III compreendeu a necessidade de cortar as papoulas que as razões do Estado lhe tinham feito plantar, numa estação mais favoravel.

Era tempo de remediar o que só a necessidade exigira. O Brasil já não era a terra dos contos exagerados, um cofre de riquezas fabulosas: era, pelo contrário, uma mina estupenda e inexhaurivel que os povos estranjeiros cubiçavam e que os espanhóis e holandeses tratavam já de comprimir debaixo de suas garras.

(Caetano Filgueiras).

O 1.º governador geral

2.ª lição **1549-1553**

Em 17 de dezembro de 1548, foi escolhido para governador geral do Brasil **Tomé de Souza,** fidalgo português que, na Asia e na Africa, já pusera em prova o seu tino governativo, valor e prudencia.

Foram ao mesmo tempo nomeados: **Antonio Cardoso de Barros** — para provedor-mór; **Pero Borges de Souza** — para ouvidor geral; **Pero Góes da Silveira** — para capitão da costa.

Chegada de Tomé de Souza á Baía

Em 1.º de fevereiro de 1549, saíu de Lisboa a expedição, trazendo além do governador e seus auxiliares, empregados e operarios, mais 300 soldados, 600 colonos, 400 degredados e 6 jesuitas, tendo por chefe o padre Manoel da Nobrega.

Em 29 de março, aportou á Baía, onde foi recebida pelo Caramurú e indigenas seus aliados.

O governador tratou logo de escolher o local e começar a edificação da cidade, que foi solenemente instalada em 1.º de novembro de 1549.

Nesse dia Tomé de Souza prestou juramento e assumiu oficialmente o cargo de governador geral do Brasil.

Enquanto os jesuitas se entregavam á catequese dos selvagens, prosseguia o governador na organização, distribuindo sesmarias aos colonos, abrindo estradas e caminhos, estabelecendo engenhos e estaleiros, mandando vir gado das ilhas de Cabo Verde para iniciar a criação.

Em janeiro de 1553, partiu o governador a inspecionar as capitanias do sul.

Alí tomou diversas providencias para a defesa das povoações e dos engenhos e fundou a vila de **S. André da Borda do Campo** nomeando a **João Ramalho** para alcaide-mór da mesma.

No govêrno de Tomé de Souza tiveram lugar as primeiras **entradas** pelo sertão, a procura de ouro e pedras preciosas, que os indios diziam existir em abundancia, principalmente nos terrenos adjacentes ao rio S. Francisco.

A primeira **entrada** foi comandada por Jorge Dias e nenhum resultado teve.

A segunda teve por comandante Sebastião Fernandes Tourinho e chegou sem resultado, a uma serra que denominou das **Esmeraldas.**

Em 1552 terminou o periodo governativo de Tomé de Souza, mas este esperou pelo seu sucessor até 1553, ano em que deixou o govêrno e retirou-se para Portugal.

Resumo cronologico da 2.ª lição

1548

17 de dezembro — Tomé de Souza é nomeado governador geral do Brasil.

1549

1.º de fevereiro — Parte de Lisboa a expedição que conduzia o governador geral.

29 de março — Tomé de Souza chega á Baía.

1.º de novembro — Instala-se a cidade do Salvador e Tomé de Souza assume oficialmente o govêrno geral.

1553

Janeiro — O governador visita as capitanias do sul.

Tomé de Souza retira-se para a Europa.

Leitura — A fundação da cidade

A fundação de uma cidade não era problema novo para os portugueses; muitas viram êles nascer nas ilhas e na Africa, ao redor dos fortes ou ao pé das feitorias; aqui na America dar-se-ia o mesmo mais tarde, e as cidades surgiriam umas das missões e aldeias dos indios, outras das feiras do sertão, dos pousos de passagem e travessía dos grandes rios, e ainda muitos ao pé dos fortes que asseguravam as entradas pelo interior.

Em todas elas, a primeira consideração intuitiva foi a da defesa contra a ameaça externa.

Tomé de Souza hesitou na escolha entre diferentes pontos e decidiu-se pelo local que é hoje o da cidade.

Transferiu o nucleo de portugueses que já aí estavam e habitavam quasi ao pé da barra, na Vila Velha, mais para dentro do golfo, e para o alto da montanha que, ingreme ao lado do mar, por isso mesmo seria facil de defender.

Na praia, que mais tarde o comércio povoou, havia excelente aguada para os navios.

E com firmeza meteu mãos á obra.

Foi aberta uma estrada pela montanha que conduzia ao sitio escolhido na esplanada; fez logo uma grande cêrca de pau a pique a modo de trincheira provisoria, que depois melhorou, fazendo-a de taipa para que a sua gente toda e soldados que trabalhavam na edificação ficassem ao abrigo de qualquer surpresa do gentio; foram depois arruadas as casas, que eram cobertas de palmas de coqueiro, e abertas as praças onde se foram fazendo as casas maiores do governador, a da camara, a cadeia, alfandega e casa dos contos do tesouro, etc.

No meio da praça, como de costume, elevara-se o pelourinho.

Ao mesmo tempo construiram-se o Colegio dos padres jesuitas e outras igrejas.

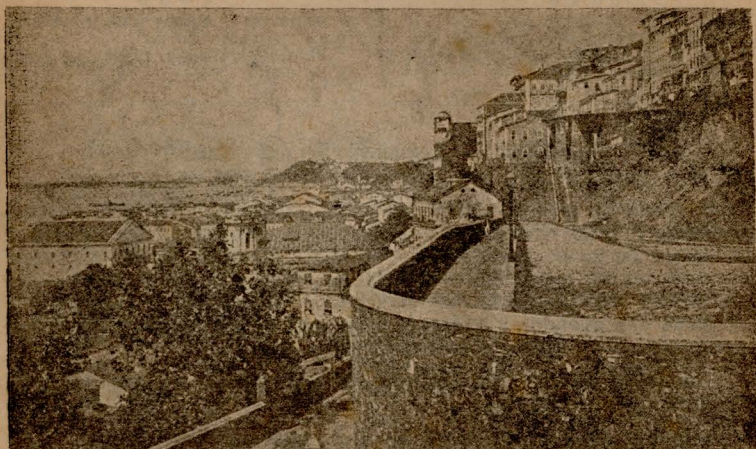
Toda a gente aí trabalhava e se improvisava de mecanico, afóra os mestres de oficio que tinham vindo.

Os degredados e demais colonos portugueses que estavam na Vila Velha, foram transferidos para a nova povoação, agora cheia de vida e movimento.

(João Ribeiro).

Catequese dos selvagens

3.ª lição

Com o primeiro governador vieram os padres Manoel da Nobrega, Leonardo Nunes, Aspicuelta Navarro, Antonio Pires, Vicente Ro-

Vista atual da cidade da Baía, fundada por Tomé de Souza

drigues e Diogo Jacome, com o fim de empreender a catequese e civilização dos selvagens.

Pertenciam todos á Companhia de Jesus, instituida em 1534 e aprovada pelo papa Julio III, na recente bula de 27 de setembro de 1540.

Estabeleceram-se, a princípio, na cidade do Salvador e daí irradiaram para as diversas capitanias.

Os meios de civilização empregados pelos padres eram:

> Estabelecimento de casas e colegios para ministrar educação e instrução ás crianças indigenas, juntamente com os filhos dos colonos;
> Formação de **reduções**, isto é, aldeamentos de indios em diversos pontos do sertão, afim de, pouco a pouco, os ir industriando nos usos e costumes da vida civilizada.

O primeiro colegio fundado foi o de S. Vicente, pelos padres Leonardo Nunes e Diogo Jacome, que tinham a seu cargo aquela capitania.

Mais tarde, em 1553, Nobrega fundou o de Piratininga.

As reduções foram-se multiplicando pelo sertão e concorrendo para o desenvolvimento do país, pois, póde-se afirmar que cada um dêsses nucleos foi origem de uma povoação.

Em seu trabalho de catequese não se limitavam os jesuitas tão sómente a converter os indios e a combater os seus vicios, mas ensinavam-lhes principios de lavoura, o manejo dos instrumentos agrarios, e várias artes necessarias á vida.

Leitura — Foi proveitosa a influência dos padres da Companhia de Jesus nos destinos do Brasil, após o descobrimento?

Sim, como doutrinadores de povos ignorantes e barbaros, cujos costumes conseguiram modificar por meio da religião cristã.

Só homens vinculados por uma disciplina austera, subjugados pela obediencia á vontade de seus superiores, inflamados pelo sagrado entusiasmo inspirado pela fé, podiam em nosso país trazer ao gremio da civilização tribus errantes e indomaveis, agrupá-las em aldeamentos e fazê-las compreender os deveres que ligam os homens entre si, para se constituirem sociedades cultas.

Seria de nossa parte condenavel ingratidão, si deixassemos de reconhecer, nesta hora em que se apuram verdades, os importantes e imorredouros serviços que pela catequese prestaram ao nosso progresso, sem outra recompensa que a satisfação do dever cumprido em face da religião de que se constituiram devotados apostolos.

O padre Nobrega salvando catecúmenos das mãos dos gentios

Homens de inteligencia esclarecida, ao chegarem a esta terra, assenhorearam-se desde logo da lingua geral ou tupi-guarani, submeteram-na a regras gramaticais; uniformizaram-na em dicionario como si fôra um idioma culto, e, tendo apenas por armas a cruz e o breviario, internaram-se pelas florestas e foram ás tabas indianas pregar o Evangelho na imaginosa linguagem dos proprios indios.

Catequizados e aldeados os selvagens, eram os jesuitas os arquitetos dos templos e dos colegios que levantavam, oferecendo a seus alunos exemplos de contínuo trabalho, tanto de ordem moral como de ordem fisica; daí a veneração, a espécie de fanatismo que os selvicolas lhes consagravam.

....

O periodo florescente, a época denominada aurea na história dos jesuitas no Brasil, foi essa, em que figuravam os Nobregas, os Aspicueltas e os Anchietas — extraordinarios vultos que, esquecidos da propria personalidade, espalhavam em tôrno de si a maior somma de beneficios que homens de sentimentos podem distribuir, em favor da felicidade de seus semelhantes e da gloria de uma religião.

(Damasceno Vieira).

2.º governador geral

1553-1557

4.ª lição

O 2.º governador geral do Brasil foi d. Duarte da Costa, nomeado pela carta régia de 1.º de março de 1553.

A 13 de julho deste ano, chegava êle á Baía e nesse mesmo dia tomou posse do cargo.

Em sua companhia vieram cêrca de 250 pessoas e 16 jesuitas, entre os quais **José de Anchieta**, que, mais tarde, se devia celebrizar.

Não era **Duarte da Costa** um homem prudente e habil como **Tomé de Souza.**

Altivo e sôbre si, desprezou o auxílio que lhe podiam prestar os padres e não tratou de conservar a amizade dos indigenas.

Resultaram daí graves males para o seu govêrno.

O primeiro foi a desavença com o bispo **d. Pedro Fernandes Sardinha**, o primeiro que teve o Brasil e que viera para cá em 1552. Deu causa á contenda ter o bispo censurado acremente a conduta de **d. Alvaro da Costa**, filho do governador. Em 1556, foi o prelado chamado á côrte, para onde embarcou a 2 de junho. Acompanharam-no muitas pessoas.

Depois de alguns dias de tormentosa viagem, veiu o navio a naufragar nos baixios de **d. Rodrigo**, perto do rio **S. Francisco.** Salvaram-se todos ao furor das ondas e conseguiram chegar á terra, mas foram mortos e devorados pelos indios **Caetés.**

Houve tambem no govêrno de **d. Duarte** levantes de indios nas capitanias de **Espirito Santo, Pernambuco** e **Baía.**

Nesta última, os tupinambás em aliança com os tapuias, atacaram o engenho de **Pirajá** e puseram em grave risco a nascente cidade, que foi defendida por **d. Alvaro da Costa**, filho do governador.

Em **S. Vicente**, onde os padres haviam fundado, em 1549, um colegio que mais tarde foi origem da cidade de **S. Paulo** (1554), levantaram-se os indios e atacaram o estabelecimento, sendo repelidos.

Finalmente em **Pernambuco** tambem acendeu-se a guerra, sendo contidos os indios por **Jeronimo de Albuquerque.**

Assoberbado por todas estas dificuldades, não pôde **d. Duarte da Costa** impedir que os franceses, comandados por **Nicolau Durand de Villegaignon**, tomassem conta da baía do **Rio de Janeiro** e aí se estabelecessem em aliança com os tamoios, cujas tribus tinham formado uma temivel confederação, sob a chefia de **Cunhambebe** e **Aimbiré**, a qual tinha por fim expulsar os portugueses do sul do Brasil.

Quasi no fim do govêrno de d. Duarte deu-se, na Baía, o falecimento do célebre **Caramurú**; em Portugal, o do rei **d. João III**, a quem sucedeu **d. Sebastião**, apenas com 3 anos de idade. Em seu nome governou **d. Catarina d'Austria**, como regente, em companhia do velho cardeal **d. Henrique.**

No meio de perturbações extingiu-se o govêrno de d. Duarte de maneira que, em 1557, nenhum progresso tinha experimentado o país.

Resumo cronologico da 4.ª e 5.ª lição

1553

1.º de março — D. Duarte é nomeado governador geral do Brasil.
8 de maio — Parte de Lisboa.
13 de julho — Aporta á Baía e assume o govêrno.

1554

Fundação de S. Paulo.

1555

Os selvagens atacam diversos pontos da capitania da Baía. — Os franceses estabelecem-se no Rio de Janeiro. — Começa a formar-se a confederação dos tamoios.

1556

Embarca o bispo d. Pedro Fernandes Sardinha para Lisboa e naufragando, é devorado pelos indigenas, em 16 de junho.

1557

† Caramurú.
† D. João III.
D. Duarte deixa o govêrno e segue para a Europa.

Leitura — O bispo martir

Perdidas as esperanças de reconciliação, deram o bispo e o governador parte de suas desavenças á côrte de Lisboa, que pareceu inclinar-se pelo segundo, se atendermos á ordem que expediu ao primeiro de passar-se com brevidade ao reino, afim de justificar-se das graves acusações que lhe eram feitas.

Convencido de que faria triunfar a verdade e a justiça, deu-se pressa o bispo de embarcar-se na náu "N. Sra. da Ajuda" que dava á vela para Lisboa levando consigo o deão e mais dous conegos da Sé.

Com prosperos ventos navegaram até á foz do rio Cururipe, onde a inexperiencia dos pilotos, ou a correnteza das aguas, levou o navio de encontro a uns recifes, que aí existem, conhecidos pela denominação de baixios de d. Rodrigo, salvando-se os passageiros e a tripulação pela grande vizinhança da terra.

Cruel sorte, porém, aguardava aos miseros naufragos: por essas paragens costumavam fazer suas correrias os ferozes Caetés, que enchiam de terror as povoações que margeavam a costa setentrional do Brasil, os quais, apenas presentiram aqueles a quem as ondas haviam poupado, precipitaram-se sôbre êles, e amarrando-os com suas fortissimas mussuranas (cordas), arrastaram-nos até as margens de um rio, hoje apelidado de S. Miguel, onde fizeram o mais cruel morticinio. De mais de cem pessoas que na não se haviam embarcado, apenas se salvaram três, dous indigenas e um português, que deveu a vida á circunstancia de falar-lhes a lingua.

Saciado o furor homicida, seguiu-se o satanico poracé (festim), no qual foram devoradas as vítimas por esses monstros, que só de homens tinham a fórma.

Consta pelo testemunho dos que sobreviveram que em tão doloroso transe mostrou o primeiro bispo do Brasil uma coragem e resignação que a todos edificou. Fortalecido com os sacramentos da igreja, abençoou o rebanho que a seus pés se prostrára, perdoou aos seus perseguidores, e, pedindo a Deus a conversão de seus algozes, esperou com os olhos no céu que a terrivel tangapema lhe esmagasse o crâneo.

(Fernandes Pinheiro).

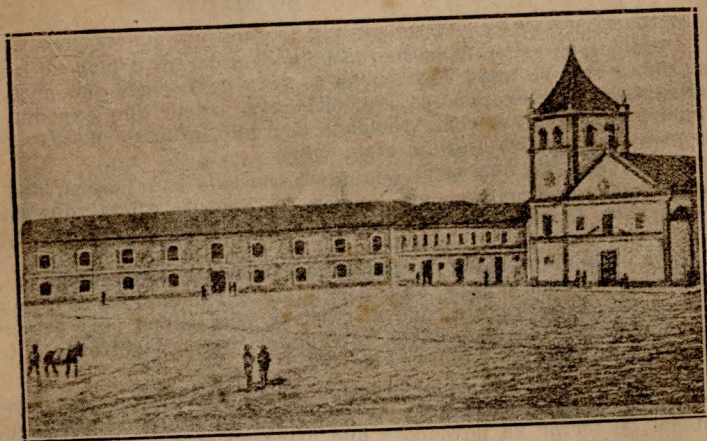
Fundação de S. Paulo

5.ª lição **1554**

O padre Nobrega veiu á capitania de S. Vicente afim de inspecionar os trabalhos da catequese. Visitou a vila principal, e, achando tudo em ordem, resolveu extender o serviço de civilização até o interior, onde viviam muitas tribus.

Foi resolvido mudar o colegio de Piratininga.

Tratou-se de procurar uma paragem conveniente e escolheu-se para nova séde um lugar elevado, entre os riachos Anhangabaú e Tamanduateí, perto da vila de **Santo André da Borda do Campo.**

Lançados os fundamentos do colegio, começou tambem a formar-se a nova povoação com o concurso dos indios de Tibiriçá e Caiubi, caciques que alí tinham vindo estabelecer as suas tendas.

O colegio de S. Paulo, nos Campos de Piratininga

A estes juntaram-se outros indios do sertão e colonos de diversas procedencias.

A inauguração teve lugar em 25 de janeiro de 1554, dia em que a igreja catolica comemora a Conversão de S. Paulo, recebendo, por isso, a nascente povoação, o nome dêste santo.

Os padres empregaram todos os esforços para o progresso de **S. Paulo**; os mamelucos de **João Ramalho** desenvolviam a maior atividade em pról do aumento de **S. André.**

E não parou aquí a rivalidade. S. Paulo sofreu repetidos ataques a mão armada, dos quais sempre saíu-se vitorioso.

Enfim, em 1560, tiveram termo essas lutas. Pelo esfôrço dos padres jesuitas o governador Mem de Sá extinguiu a vila de S. André e ordenou a transferencia de seus moradores para S. Paulo.

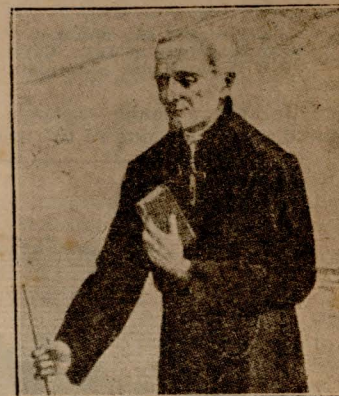
Leitura — José de Anchieta

A vida de José de Anchieta mostra um lado exterior e público e uma face mais particular e íntima.

Ambas foram em proveito geral da sociedade brasileira, que se começava a formar.

A parte exterior é mais apreciada geralmente; porém a outra face merece mais interêsse para a história social de nossa patria.

Os fatos gerais e mais exteriores da vida do grande missionario são, — além da vinda ao Brasil e da fixação em S. Vicente e Piratininga, sua viagem em 1556, á Baía e consequente volta no mesmo ano, acompanhando Nobrega; sua presença em 1565, á tomada e fundação do Rio de Janeiro; a viagem á Baía nesse mesmo ano para ordenar-se e a volta imediata; seu reitorado em S. Vicente em 1559, seu provincialato em 1577 a 1588 na Baía, o reitorado, em 1589, na Vitória; sua catequese no Espirito Santo, até 1597, data de sua morte.

Padre Anchieta — Quadro de B. Calixto

Esta é a vida oficial, por assim dizer, em suas datas principais.

O que falta aí é lembrar os duros trabalhos e sofrimentos, quando, sem roupas, e quasi sem recursos para a simples manutenção material da existencia, teve de fundar o colegio de Piratininga; é lembrar a energica defesa dessa povoação quando foi atacada pelos selvagens vizinhos; é lembrar o heroismo do padre quando ficou de refem entre os indios de Iperoig sublevados, enquanto Nobrega negociava as condições de paz com os colonos de S. Vicente; é lembrar o esfôrço para a creação do Colegio e da Misericordia do Rio de Janeiro; é lembrar as penosas viagens pelas aldeias de S. Paulo, Espirito Santo e Baía no serviço obscuro da catequese; é lembrar o cuidado com que aprendeu a lingua dos selvagens para lhes falar nela e nela lhes ensinar a doutrina e a leitura; é lembrar os hinos e comedias que em português, espanhol e tupi escreveu para divertimento e ensino dos colonos e aborigenes catequizados; é, finalmente, lembrar os estudos que fez das coisas de nosso país, de suas riquezas naturais, dos feitos de seus primitivos organizadores para os transmitir á companhia nessas interessantes cartas anuais e informações, que ainda hoje são o melhor repositorio para o estudo da vida brasileira no seculo XVI.

E ainda aí, meus meninos, falta recordar-vos o tesouro de bondade, de mansuetude, de devotamento, de caridade, que enchia o coração do jesuita canarim, virtudes que fizeram dêle quasi um santo, e o apontarão sempre a nós como uma espécie de patriarca que presidiu o alvorecer da nossa patria e a quem cobriremos sempre de bençãos e veneração.

(Silvio Romêro).

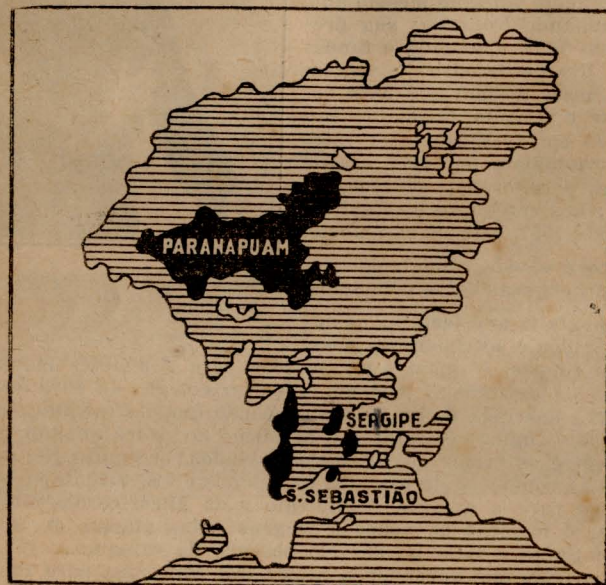
França Antartica

6.ª lição **1555**

Uma expedição francesa, ao mando de **Nicolau Durand de Villegaignon,** chegou ao **Rio de Janeiro** em 10 de novembro de 1555 e estabeleceu-se na ilha de **Sergipe,** levantando o forte de **Coligny.**

Foi alí fundada a **França Antartica,** destinada a abrigar os calvinistas que então eram perseguidos na Europa.

Calvinistas são chamados os que seguem a religião propagada pelo reformador João Calvino que viveu em França de 1509 a 1564. O chefe dos calvinistas franceses era o almirante Coligny.

Villegaignon soube captar a amizade dos indigenas, principalmente dos tamoios, que se tornaram seus fieis aliados.

França Antartica

Por outro lado pôde obter de Henrique II, da França, por intermedio do almirante Coligny, os recursos e reforços de que necessitava para o estabelecimento definitivo da colonia.

Em 1556, recebeu o novo estabelecimento um poderoso auxílio trazido por **Bois le Comte,** sobrinho de Villegaignon. Para mais de 400 colonos vieram nessa ocasião reforçar os já existentes.

Os tamoios continuaram aliados aos franceses e a nascente colonia se foi extendendo pela ilha de **Paranapuam** e pela margem ocidental da baía de **Guanabara.**

Navios franceses cruzavam os mares; o pau brasil e os produtos do país eram levados para a França, estabelecendo assim o comércio.

Leitura — Origem da expedição francesa ao Rio de Janeiro

O estabelecimento dos Espanhóis e Portugueses causou grande ciume a todas as potencias maritimas da Europa; todas se arrependeram de não terem prestado ouvidos ás proposições do navegador genovês. A Inglaterra reparou em breve o êrro que cometera apoderando-se da parte mais setentrional do novo continente, e a França tê-la-ia imitado fundando algum estabelecimento duradouro nas regiões recentemente descobertas, si, como muito bem observa Cantu, não se mostrasse alheia ás grandes empresas, absorvida como estava pelas guerras de religião e intrigas da côrte. Todavia alguns aventureiros normandos e bretões, seguindo a trilha dos Colombos e dos Cabrais, exploraram, "os mares nunca dantes navegados" e, segundo pensa o sr. Ferdinand Denis, já desde 1508 os marinheiros d'Honfleur visitaram o nosso porto.

Os normandos, assás conhecidos pelo seu espirito audacioso, foram os que se avantajaram nessas expedições: travaram estreita aliança com os selvagens, aprenderam a sua lingua, e muitos dêles renunciaram á vida civilizada para vagarem pelas florestas, á imitação dos indigenas. Lucrativo comércio faziam êles permutando o precioso **ibirapitanga** por vidrilhos e outros objetos de nenhum valor. Hans-Stadens, que residiu por muito tempo entre os Tupinambás, nos pinta o estado degenerado de muitos dêsses transfugas da civilização, que não escrupulizavam, para se tornarem benquistos a seus hóspedes, de tomarem parte nos horrendos festins de antropofagia. A's narrações dêsses primeiros viajantes, exageradas pelo gôsto romanesco da sua nação, deveu a Europa o conhecimento do nosso país, cuja existencia o suspeitoso Portugal desejava ocultar aos olhos do mundo inteiro.

A princípio tinham essas expedições caráter particular: eram os armadores que enviavam os seus navios para negociarem com os naturais do Brasil; nenhuma idéa de conquista, nenhum pensamento de colonização, ou de permanencia existia. Mas quís o governo francês intervir e sustentar os seus pretendidos direitos sôbre as costas do Brasil e da Guiné.

Temos a este respeito um precioso documento, citado pelo sr. Ferdinand Denis. E' uma comunicação de Marino Cavalli, embaixador de Veneza junto á côrte d'Henrique II, que em data de 1546 assim se exprimia:

"Com Portugal não póde haver boa inteligencia; pois que ha uma guerra surda entre os dous paises. Os Franceses pretendem poder navegar para Guiné e o Brasil, e os Portugueses pensam o contrário. Si se encontram no mar e, sendo os franceses os mais fracos, os outros atacam e metem ao fundo os seus navios: o que até certo ponto justifica as crueis represalias que se cometem contra os navios portugueses."

Não havia declaração alguma de guerra; as relações diplomaticas não se tinham interrompido, e um embaixador d'el-rei d. João III não duvidava levar a sua condescendencia ao ponto de assistir á uma extravagante festividade, em que se simulava um combate naval terminado pelo incendio dum navio português.

(Varnhagen).

3.º governador geral

1557-1572

7.ª lição

Estado do país — O terceiro governador geral do Brasil foi o energico, criterioso e justiceiro **Mem de Sá**, que, sendo nomeado em 1556, aquí chegou em 1557, vindo achar o país em situação gravissima.

De um lado era o relaxamento de costumes dos colonos; de outro a rebelião dos indigenas nas capitanias e uma nação estranjeira estabelecida e forte num ponto importante do litoral.

Primeiros atos — Começou Mem de Sá o seu proveitoso govêrno tomando medidas tendentes a normalizar a situação interna do país.

Regulou o exercicio da justiça, proibiu rigorosamente o jôgo, que se tinha generalizado, protegeu a lavoura, procurou aumentar as rendas do Estado e iniciou diversas obras de utilidade pública.

Civilização dos indios — Com os indios mostrou-se forte e generoso, procurando melhorar as suas condições, proteger a sua liberdade e promover a sua civilização.

Combinou com os padres a formação de grandes aldeias de indigenas nas circunvizinhanças da cidade; proibiu severamente a antropofagia e as guerras entre as tribus. Para dar mostras de seu espirito de justiça, considerou a todos, colonos ou indigenas, iguais perante a lei. Ordenou que se restituissem á liberdade os indios que estivessem como escravos em poder dos colonos.

Guerra com os indigenas — Apesar de seu proceder justiceiro, recebeu o governador geral notícia de um levante de indigenas na capitania do Espirito Santo. Expediu seu proprio filho, **Fernão de Sá** (1558), com fôrças para batê-los. Grande era o número dos indigenas, e pequenas as fôrças de que dispunha Fernão de Sá, de modo que, obrigado a retirar-se para as embarcações, perdeu a vida juntamente com cinco de seus companheiros, salvando-se os outros a nado.

Tambem na capitania dos Ilhéos os indigenas atacaram e saquearam alguns engenhos, cercando e pondo em grande perigo a povoação principal. O proprio Mem de Sá foi em socorro da capitania atacou as aldeias e venceu os indios em terra e no mar, na chamada **batalha dos Nadadores** (1559).

Na capitania da Baía alçaram-se os indigenas de Paraguassú, que foram submetidos por **Vasco Rodrigues de Caldas**.

Ataque aos franceses — Por este tempo chegou do Reino a armada de **Bartolomeu Vasconcelos da Cunha** (30 de novembro de 1559) e Mem de Sá determinou ir contra os franceses que estavam ocupando a bacia do Rio de Janeiro.

Saíu a expedição da cidade do Salvador, em 16 de janeiro de 1560, recebeu alguns refôrços em Ilhéos, Porto Seguro e Espirito Santo e chegou ao Rio de Janeiro em 21 de fevereiro. Aquí ainda foi aumentada com alguns reforços vindos de S. Vicente.

No dia 15 de março, começou o ataque pela tarde. No dia imediato continuou encarniçado, mas sem vantagens para os portugueses. Afinal, em 17, começa o inimigo a ceder e por fim é desbaratado e foge.

Celebra Mem de Sá as festas da vitória, arrasa as fortificações e retira-se, deixando em abandono aquelas paragens.

Resumo cronologico da 7.ª lição

1556

Mem de Sá é nomeado governador geral do Brasil.

1557

O novo governador chega á Baía e assume o govêrno.

1558

Expedição contra os indigenas do Espirito Santo e morte de Fernão de Sá.

1559

Revolta de indios nos Ilhéos e na Baía.

30 de novembro — Chega do Reino a armada de Bartolomeu Vasconcelos da Cunha.

1560

16 de janeiro — Sai a expedição de Mem de Sá contra os franceses.

21 de fevereiro — Chega ao Rio de Janeiro.

15 de março — Ataque geral ás fortificações.

17 de março — Vitória dos portugueses e arrasamento das fortificações.

Leitura — Mem de Sá

Era complicada a situação da colonia no momento em que chegava ao Brasil o novo governador.

Era mesmo necessario que viesse um homem de pulso forte e seguro, de grande prestígio, de subido valor moral e de alta confiança, como se desvanecia o proprio rei de ver um Mem de Sá. Com efeito, pelo seu bom senso prático, pelo seu espirito de conciliação aliado a uma energia e firmeza que nunca vacilaram, e sobretudo pelo profundo sentimento de justiça e ao mesmo tempo de sincera piedade e de clemencia, do que deu provas durante todo o seu longo prazo de govêrno — Mem de Sá póde ser considerado como um verdadeiro modêlo de administrador colonial.

A sua grande obra, valendo por um complemento da de Tomé de Souza, fez mais do que rehabilitar na conciência da colonia a fé na autoridade e na fôrça da metropole; pois se o primeiro governador iniciou aquí a politica portuguesa, Mem de Sá instituiu-lhe definitivamente a soberania legitimando-a pela posse exclusiva e pela efetividade da ocupação. E, si no govêrno, como delegado diréto da corôa, foi êle o consolidador do dominio, na esfera puramente administrativa o influxo do seu espirito e a ação da sua capacidade de homem público ficaram aquí perfeitamente assinalados. Em perto de quinze anos de trabalho conseguiu êle regularizar as questões e serviços, que mais intimamente entendiam com a sorte da colonia.

Quanto á catequese, que era questão capital, estabeleceu, de acôrdo com os padres, o único sistema que a experiencia provou ser eficaz, e mediante o qual, atraindo uns e rechassando outros selvagens para o interior, desoprimiu de lutas interminaveis e sangrentas as populações adventicias que se fixaram no litoral.

Dêste modo, normalizou, quanto era possivel, a vida, o trabalho, as relações de comércio em toda parte povoada do país, preparando-lhe assim os grandes recursos para o largo incremento do periodo que se vai instalar com o seculo XVII.

(Rocha Pombo).

3.° governador geral

1557-1572

(Conclusão)

Expedição de Braz Cubas — Vencidos os franceses, fez-se Mem de Sá de vela para a capitania de S. Vicente, fundeando em 31 de março no porto de Santos. Aí, entre as várias providencias tomadas, sobresai a de mandar **Braz Cubas** e **Luiz Martins** explorar o sertão em busca de ouro e pedras preciosas, de que enviou amostras para o Reino.

Volta para a Baía — Voltando o governador para a Baía, esteve na capitania do Espirito Santo, abandonada pelo donatario, e tomou conta dela para a corôa de Portugal. Chegou á capital em 29 de agosto e foi recebido entre festas. Dentro em pouco, porém, teve de marchar contra os ferozes Aimorés, que tinham atacado Porto Seguro (1560).

Confederação dos tamoios — Ao sul do país um sério perigo ameaçava o dominio português; aos tamoios haviam-se reunido inumeraveis outras tribus, formando uma terrivel confederação. Estes indigenas, chefiados por **Jaguanharo** e **Ararai**, atacaram a vila de S. Paulo, defendida valorosamente pelos indios convertidos de Tiberiçá, secundados pelos padres (1562).

Paz de Iperoig — Não podendo tomar S. Paulo, retiraram-se os inimigos, foram reunir mais fôrças para um ataque geral. Então os padres **Nobrega** e **Anchieta** ofereceram-se ao governador para tratar da paz. Foram procurar os selvagens, no aldeamento de **Iperoig**, e conseguiram restabelecer a concordia entre êles e os portugueses (1563).

Expulsão dos franceses — Tambem os franceses não tardaram a se estabelecer de novo na baía do **Rio de Janeiro**, fortificando-se em **Uruçumirim**, e daí cometendo toda a sorte de tropelias contra os colonos portugueses.

Aproveitou Mem de Sá a chegada de seu sobrinho Estacio de Sá, em 1563, trazendo dous galeões bem armados e municiados. Reuniu mais algumas embarcações e gente de combate e formou uma expedição, para ir contra os franceses. Em principio de 1564 estava a expedição na baía do Rio de Janeiro, e, sentindo-se fraca para atacar com êxito o inimigo, dirigiu-se para S. Vicente em busca de socorros. Em março de 1565 chegou de novo Estacio de Sá ao Rio de Janeiro, e, fortificando-se junto ao **Pão de Assucar**, alí lançou os fundamentos de uma cidade e deu começo ás hostilidades. Prolongando-se a guerra, veiu Mem de Sá em pessôa, trazendo numerosos reforços d'armas e embarcações, que obtivera na capital, em Ilhéos, em Porto Seguro e Espirito Santo. Em 20 de janeiro de 1567 realizou-se a batalha decisiva, sendo o inimigo completamente derrotado. Estacio de Sá, ferido neste combate por uma flecha envenenada, veiu a perder a vida dentro de alguns dias.

Fim do govêrno — Voltando para a Baía, continuou Mem de Sá a insistir com o govêrno da metropole acêrca de seu pedido de demissão, feito desde 1550.

Havia já quinze anos que era governador do Brasil, quando a côrte de Lisboa nomeou-lhe sucessor em 1570.

Mem de Sá morreu na Baía, em 2 de março de 1572.

Resumo cronologico da 7.ª lição

1560

Os aimorés atacam a Baía.

1562

Os tamoios confederados atacam S. Paulo e ameaçam todas as capitanias do Sul.

1563

Os padres Nobrega e Anchieta conseguem dos tamoios a paz de Iperoig.

Estacio de Sá chega á Baía com uma pequena esquadra.

1564

Estacio de Sá chega ao Rio de Janeiro.

1565

Estacio de Sá começou a edificar a cidade do Rio de Janeiro.

1567

20 de janeiro — Os franceses são vencidos depois de encarniçado combate, em que Estacio de Sá perdeu a vida.

1572

2 de março — Morte de Mem de Sá, na Baía.

Leitura — Batalha das canôas

Era em julho de 1556, Estacio de Sá, firme no seu posto, batia-se com denodo. Aquela alma de combatente era uma sentinela perdida nos arraiais da defesa e da lealdade.

Os franceses e tamoios o observavam, com as cautelas que inspiram os grandes desastres, com os receios que geram os persistentes azares. Imaginando um ardil, armam êles cento e oitenta canôas de guerra e as ocultam num braço de mar, legua e meia distantes do acampamento inimigo. A' frente, na mais agil e guarnecida de quarenta remeiros por banda, Guixara, indio antropofago e senhor de Cabo-Frio, campeava como chefe, adornando-lhe o peito amplos colares de dentes de cem tribus vencidas. O seu corpo é listado de genipapo e urucú, e o seu cocar é de plumas variadas e magnificas. E o que significava aquilo? Uma cilada, mandarem pela madrugada quatro daquelas ligeiras embarcações oferecer combate aos portugueses, chamá-los ao largo, e quando êles viessem, afluirem as da reserva, caindo dest'arte prisioneiros ou mortos os que de improviso acudirem em socorro dos primeiros acometidos. Assim combinados, eis que recorta as ondas a jangada de Francisco Velho, mordomo de S. Sebastião, que ia buscar madeira para a construção de uma igreja consagrada ao Santo. Ao percebê-la, três das referidas canôas dobram de uma ponta de pedra, indo-lhe ao encalço. Estacio de Sá, descortinando o incidente, dá pressa a que soltem quatro canôas com escolhida guarnição, entra em uma delas e corre a salvar o lenhador devoto. Apenas dispara alguns tiros, os inimigos fingem retirada, indo juntar-se ás outras que lhes vêm ao encontro, empenhando-se desde logo uma briga violenta e desesperada. E uma floresta de remos afunda-se, relampeia nos mares... E uma nuvem de setas, formando no espaço uma asa escura e compacta, aninha os alaridos barbaros daquele povo que julgava antecipar-se a vitória. O fogo dos arcabuzes, o sibilo das flexas voadoras e os golpes pesados e surdos das massas dos selvagens inquietam a superficie do mar, que entôa um canto funebre, transportando no esquife ensanguentado de suas vagas os cadaveres que tombam...

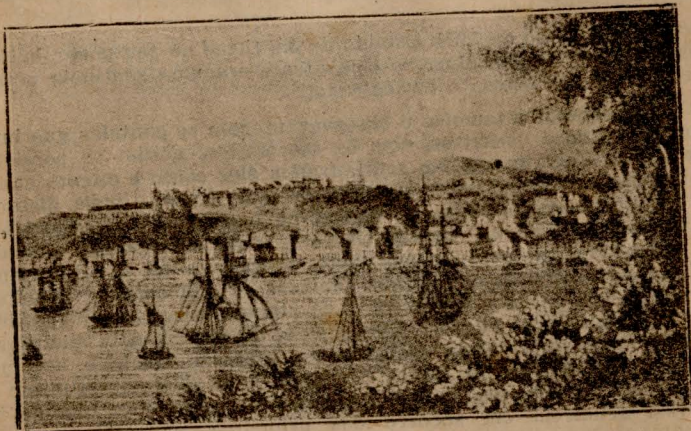
(Dr. Melo Moraes).

Fundação do Rio de Janeiro

8.ª lição 1565

A expedição de **Estacio de Sá**, que vinha com o titulo de capitão-mór, chegou á baía do Rio de Janeiro em 1.º de março de 1565 e fundeou perto de um morro que, pela sua fórma original, recebeu o nome de **Pão de Assucar.**

Tratou logo o capitão-mór de cuidar da fundação de uma cidade fortificada, provendo-a de todos os cargos de justiça e instituindo o conselho de vereadores e, até parece certo, dando-lhe o nome de **S. Sebastião do Rio de Janeiro.**

A area da nascente cidade extendia-se, segundo um historiador, "pela varzea entre a colina de S. João, do lado do mar, e a Urca e o Pão de Assucar, do lado de terra."

O Morro do Castelo com o Largo do Paço e a Praça do Mercado

Vencidos os franceses e morto Estacio de Sá, reconheceu Mem de Sá a necessidade de mudar a séde da nova cidade para o morro do Castelo (1567).

Proveu os cargos administrativos ainda vagos e empossou com todas as formalidades o novo alcaide-mór Francisco Dias Pinto (1567).

Com o zêlo que lhe era caracteristico atraíu muitos colonos, tratou de iniciar a criação de gado e desenvolveu a lavoura.

Deixando assim organizados todos os serviços, retirou-se Mem de Sá para a séde do seu govêrno.

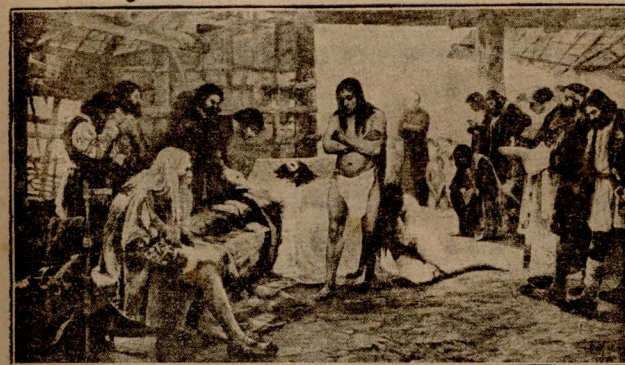
No Rio de Janeiro ficou Salvador Correia de Sá, que o governador nomeara capitão-mór da nova cidade.

Resumo cronologico da 8.ª lição

1565	1567
1.º de março — Estacio de Sá lança os fundamentos da cidade do Rio de Janeiro.	**1.º de março** — Mem de Sá transfere a séde da cidade e empossa solenemente o alcaide-mór da mesma.

Leitura — Morte de Estacio de Sá

Foi no dia de S. Sebastião, padroeiro da sua cidade, que o grande Estacio de Sá recebeu, em combate, o ferimento que o devia matar. Os franceses e os indios seus aliados estavam fortificados em dois pontos da baía. Um era o forte de **Uruçúmirim,** no fim da **praia do Flamengo,** o qual tinha sido construido por **Bois-le-Comte.** O outro era a **ilha de Maracaia,** que hoje tem o nome de **ilha do Governador.**

O dia 20 de janeiro amanhecera lindo. O sol rutilava sôbre toda a baía. **Mem** e **Estacio** atacavam o forte de **Uruçúmirim,** que pouco resistiu. Os franceses admiravelmente servidos pelos indios, utilizando-se das suas ligeiras canôas de guerra, passaram-se para a ilha, onde se concentraram, esperando o assalto.

A morte de Estacio de Sá, quadro de Antonio Parreiras

Por todo o dia, as serras de em tôrno ecoaram o medonho fragor da batalha. Estalavam as descargas da mosqueteria; os pesados canhões troavam sem cessar; silvavam as flechas certeiras; e, sôbre todo este clamor guerreiro, elevava-se mais forte, o clamor das buzinas dos indios. O combate, travado por fim á arma branca, terminou pelo desbarato completo dos franceses.

Mas, no mais acêso da refréga, **Estacio de Sá,** que se batera sempre com bravura irrefletida, recebeu no rosto uma seta.

Dera êle por armas á cidade um molho de setas, recordação das armas com que fôra martirizado S. Sebastião. Também uma seta tinha de matar o fundador do **Rio de Janeiro.**

Penou ainda dois dias o herói. No dia 22 cerrou os olhos á luz da vida. E, antes de os cerrar, o seu olhar derradeiro foi dado á esplendida baía, teatro da sua gloria e berço da sua fama.

(C. Neto e O. Bilac).

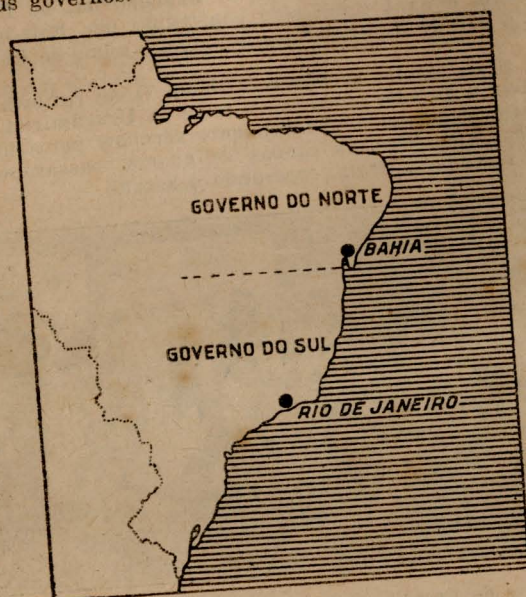
Divisão do país em dous govêrnos

1572

9.ª lição

Para suceder a **Mem de Sá** foi nomeado d. **Luiz Fernandes de Vasconcelos**, em 6 de fevereiro de 1570.

A expedição que o conduzia não conseguiu chegar ao Brasil. Em caminho foi destroçada pela frota do pirata **João Capdeville**, perecendo no combate quasi todos os que a tripulavam, inclusive o proprio governador.

Foi então nomeado d. **Luiz de Brito e Almeida**, em 10 de dezembro de 1572. Ao mesmo tempo resolveu a côrte de Lisboa dividir o país em dous governos.

Divisão administrativa

O govêrno do Norte, compreendendo as capitanias da **Baía** ao **Maranhão**, com séde na cidade do **Salvador**, ficaria a cargo de d. **Luiz de Brito**.

O do Sul abrangia as capitanias de **Ilhéos** para o sul, teria por séde o **Rio de Janeiro** e por governador o dr. **Antonio Salema**.

Pouco durou, porém, esta separação, pois, em 12 de abril de 1577, d. **Lourenço da Veiga** reuniu de novo em suas mãos o govêrno geral do Brasil, com séde na cidade do **Salvador**. Por este tempo deram-se em Portugal importantes acontecimentos politicos. Com a morte do rei d. Sebastião, a 4 de agosto de 1578, na batalha de **Alcacer-Kibir**, passou o reino a ser governado pelo cardeal d. **Henrique**, já muito adiantado em anos e que faleceu em 1580.

D. Felipe II, de Espanha, reuniu então as duas corôas, passando assim o Brasil a ser colonia espanhola.

Resumo cronologico da 9.ª lição

1570

6 de fevereiro — Nomeação do novo governador d. Luiz de Vasconcelos, que não chegou ao Brasil.

1572

10 de dezembro — O Brasil foi dividido em dous governos gerais.

1577

12 de abril — Volta o Brasil a ter um só governador geral, que foi Lourenço da Veiga.

1578

4 de agosto — Morte de d. Sebastião na batalha de Alcacer-Kibir.

1580

Por morte do cardeal d. Henrique, Portugal caíu em poder da Espanha juntamente com o Brasil.

Leitura — Foi vantajosa a anexação á Espanha?

Quanto ao Brasil particularmente é incontestavel que a anexação trouxe vantagens que seria injusto desconhecer:

I — Continuou sob a guarda ou pelo menos a responsabilidade de uma grande potencia;

II — Teve sempre portugueses como governadores;

III — Constituiu-se o refugio do sentimento nacional durante aqueles sessenta anos em que a soberania da Espanha, lá na peninsula, andava melindrando em todas as almas a conciência da velha patria, cada vez mais inolvidavel nos seus infortunios. E isto é que convem não esquecer do nosso ponto de vista: si a submissão áquele designio do destino era, para Portugal, o único expediente, por mais doloroso que fôsse, na conjuntura em que se viu, para o Brasil foi incontestavelmente de um enorme alcance.

Felipe I

Felipe II

Primeiro, aumentou aquí a imigração lá do reino. O português no Brasil sentia-se mais na sua patria do que lá. Sentia-se que isto aquí era tambem terra portuguesa e que por mais longe da majestade tutelar, aquí passavam mais desafogadas as almas em que não tinha morrido a esperança da ressurreição.

(Rocha Pombo).

RECAPITULAÇÃO

Creação do govêrno geral **1548**	Em vista da hostilidade dos selvagens e das tentativas de conquistas por parte dos estranjeiros, d. João III creou o govêrno geral do Brasil. Os três órgãos do govêrno eram o governador geral, o procurador-mór e o ouvidor geral.
1.º governador geral **1549-1553**	Tomé de Souza: fundou a cidade do Salvador — animou a lavoura — iniciou a creação de gado — promoveu a catequese dos indios — fundou várias vilas.
Catequese dos selvagens	Os jesuitas que tinham vindo com o 1.º governador, iniciaram desde logo a catequese, estabelecendo casas e colegios e fundando reduções.
2.º governador geral **1553-1557**	Duarte da Costa — inimizou-se com o primeiro bispo — levante de indios nas capitanias — estabelecimento de franceses no Rio de Janeiro.
Fundação de S. Paulo **1554**	Origem: Colegio fundado pelos jesuitas Leonardo Nunes e Diogo Jacome. — Rivalidade com os moradores de S. André.
França Antartica **1555**	Nicolau Durand Villegaignon estabelece no Rio de Janeiro a França Antartica. — Funda o forte Coligny — recebe reforços — alía-se aos tamoios.
3.º governador geral **1557-1572**	Mem de Sá. — Moralização dos costumes — Regularização da justiça — Medidas de proteção e civilização dos selvagens — Repressão dos ataques ás capitanias — Expulsão dos franceses — Fundação do Rio de Janeiro — Confederação dos tamoios.
Fundação do Rio de Janeiro **1565**	Estacio de Sá vem combater os franceses e funda a cidade — Mem de Sá, mais tarde, transfere-a para o morro do Castelo.
Divisão em dous governos **1572**	Govêrno do Norte — capital cidade do Salvador — governador d. Luiz de Brito e Almeida. Govêrno do Sul — capital Rio de Janeiro — governador dr. Antonio Salema. Medidas de proteção aos indios — exterminio dos aimorés. Volta ao govêrno geral — D. Lourenço da Veiga.

QUADRO DE CIVILIZAÇÃO

1500 a 1580

EXPANSÃO GEOGRAFICA

Uma extensa faixa do litoral, desde o rio Potengí até á baía de Paranaguá, achava-se, a bem dizer, colonizada. As duas cidades **Baía** e **Rio de Janeiro** iam em franco progresso, desenvolviam-se as vilas e povoações do litoral e novos nucleos se formavam. A população européa e mestiça andava já por uns 100.000 habitantes.

INDUSTRIA

Tinha-se desenvolvido em todo o país a industria de assucar; existiam cêrca de 200 engenhos e a produção era de 3 milhões de arrobas. Tomava incremento a lavoura do algodão, do tabaco e dos cereais. A industria pastoril progredia, principalmente ao sul.

COMÉRCIO

Os principais artigos de exportação eram o pau brasil, assucar, algodão, tabaco, cereais, artefatos indigenas, etc.

A importação consistia em instrumentos para as artes e industrias, tecidos, quinquilharias, etc.

LETRAS

Os colegios fundados pelos jesuitas foram os primeiros passos na vida literaria do Brasil.

As mais remotas manifestações literarias no país cabem aos padres:

Aspicuelta Navarro — com os seus sermões na lingua indigena;

José Anchieta — com os seus autos em português e tupí, a sua gramatica e o seu poema á Virgem, em latim.

O primeiro escritor brasileiro, parece ter sido o pernambucano **Bernardo Teixeira Pinto,** nascido talvez em 1540 ou 1545, autor da **Prosopopéa** e do **Dialogo das Grandezas do Brasil.**

Govêrno geral de Teles Barreto

As juntas governativas

1582-1589

1.ª lição

Tendo se dado o falecimento de **Lourenço da Veiga**, em 4 de junho de 1581, sem sucessor previsto por lei, assumiu o govêrno uma Junta composta da camara, o bispo e o ouvidor geral.

Lavrava já a discordia entre seus membros, quando a metropole resolveu nomear o governador geral **Manoel Teles Barreto**, que aqui chegou a 20 de maio de 1582, restabelecendo desde logo a concordia na colonia e mandando reconhecer em todas as capitanias a autoridade de d. Felipe, como rei.

Achava-se na baía do Salvador a armada de **Diogo Flores Valdez** (1584), a quem o governador mandou tornar efetiva a conquista da **Paraíba**, já por vezes tentada, sem resultado imediato, desde o govêrno de **Luiz de Brito**. A esquadra seria auxiliada por fôrças de terra ao mando de d. **Felipe de Moura.**

Conquista da Paraíba

Esta expedição encontrou alí franceses em aliança com os indigenas e afinal conseguiu tornar-se senhora do territorio, onde **Martim Leitão**, lançou os fundamentos do povoado de **N. S. das Neves** (1586).

Por este tempo (1587) faleceu Teles Barreto, ficando outra vez o govêrno entregue a uma Junta formada pelo bispo, o ouvidor-mór e o provedor-mór.

Valiosos serviços prestou esta Junta á colonia, e entre êles a conquista e colonização de Sergipe, levada a efeito por **Cristóvão de Barros** (1589), o qual, depois de uma guerra tenaz, conseguiu repelir os indigenas e os franceses, seus aliados, e fundar a cidade de **S. Cristóvão**, na foz do rio **Sergipe**, em 1590.

Também na Baía conseguiu **Alvaro Rodrigues** dominar os ferozes **Aimorés** e fixá-los na margem do rio, fundando alí a cidade de **Cachoeira.**

Foi por este tempo que começaram os piratas ingleses a atacar as povoações do litoral.

Resumo cronologico da 1.ª lição

1581

4 de junho — † Governador Lourenço da Veiga — Junta governativa.

1582

20 de maio — Chegou ao Brasil o novo governador Manoel Teles Barreto.

1584

Diogo Flores Valdez e Felipe de Moura tentam a conquista da Paraíba.

1586

Martim Leão funda o povoado de N. S. das Neves.

1587

† Teles Barreto — Junta governativa.

1589

Conquista e colonização de Sergipe.

1590

Fundação da cidade de S. Cristóvão.

Leitura — As conquistas portuguesas

Nas mais longinquas paragens do universo, sempre os portugueses tinham vencido com gloria infinitos trabalhos, fadigas sem conta, perigos assustadores, subjugando nações, humilhando reis, dominando as cóleras dos homens e dos elementos, adquirindo pelo preço de heroicas façanhas, "mais memoraveis que criveis", uma gloria imortal que não apagará a carreira longa do tempo.

"Mas estes mesmos homens dominantes, no ponto vertical das suas prosperidades e grandezas, para que os não exalte a jactancia sôbre a face da terra, vão viver durante sessenta anos sujeitos, debaixo de jugo alheio, com a sua coragem pasmada, a sua gloria abatida, e em figura de outros homens que não parecem portugueses."

Em menos de um século ruia a arquitetura imperialista de D. Manuel, que tanta despesa e canceira custara a sustentar a D. João III. Porém, na banda austral do Novo Mundo, voltada para a Africa, alguns milhares de portugueses perdidos entre as selvas fundavam os alicerces solidissimos de um novo e imperecivel imperio, que sobreviveria aos séculos, e para onde os desterrados haviam transportado com os arados e as lanças aquela robusta concepção de patria batalhadora e rural, que até á aventura do Oriente mantivera, resoluta e vivaz, energica e insuplantavel, a pequena nação da peninsula Iberica. — C. MALHEIRO DIAS.

Os Ingleses no Brasil

1583-1595

2.ª lição

Edwards Fenton

Contra as desprotegidas colonias da America começaram desde logo os ataques das nações inimigas de Espanha.

Em 1583, teve lugar a primeira tentativa. O corsario inglês **Edwards Fenton,** com dous galeões bem armados e guarnecidos, arribou a **Santos** com o pretexto de abastecer-se de víveres. Procurava assim captar a amizade dos habitantes para mais facilmente assaltar a povoação. Disso se convenceram os colonos e trataram desde logo de reunir elementos para a resistencia.

Preparava Fenton o desembarque de sua gente, quando chegou inesperadamente a armada luso-espanhola de **Diogo Flores Valdez** (24 de janeiro de 1583), que o obrigou a retirar-se.

Roberto Withrington

Poucos anos depois repetia-se de novo o ataque. Outro corsario inglês, **Roberto Withrington,** atacou de surpresa a Baía, apresando os navios que se achavam no porto.

Os habitantes fugiram, mas o bispo **Antonio Barreiros** e o jesuita **Cristóvão de Barros,** organizaram a resistencia, de modo que os ingleses não conseguiram tomar a cidade.

Seguiram para outros pontos do litoral e por mais de um mês saquearam os engenhos desprevenidos.

Tomaz Cavendish

Em 1591, era de novo atacado o Brasil por piratas ingleses, ao mando de **Tomaz Cavendish.** Este viera á America com uma esquadrilha de 5 velas e aprisionara em Cabo Frio um navio mercante português. Da altura de S. Sebastião destacou duas embarcações com 100 marinheiros para saquear a vila de **Santos.** Os piratas chegaram de surpresa na madrugada de 25 de dezembro e encontraram todos os moradores na igreja ouvindo a missa de Natal e impediram-lhes a saída, enquanto outros saqueavam as casas. No dia seguinte chegou Cavendish com o resto da expedição e foi logo incendiando os navios portugueses surtos no porto e algumas casas da vila. Conservaram-se alí os piratas por espaço de dous meses, recolhendo os despojos e depois fizeram-se de vela, tendo antes incendiado a vila de **S. Vicente.** Acossados por uma tempestade arribaram de novo a **Santos** e desembarcaram cêrca de 20 homens, que foram mortos pela população. Dirigiram-se para o Espirito Santo, mas também foram repelidos, perdendo o capitão **Morgan.** Desanimado, Cavendish afastou-se do Brasil, vindo a morrer em alto mar.

James Lancaster

Em 1595, nova expedição armou-se em **Londres,** com destino ao Brasil. Em **Cabo Verde** encontrou-se esta expedição com a de **Venner** e fazendo junção com ela, zarpou para Pernambuco, onde tivera notícia de existirem as riquezas salvas de um galeão que naufragara. Pela alta noite os piratas atacaram **Recife,** de que se apoderaram apesar da desesperada resistencia dos habitantes. Estiveram alí quasi um mês saqueando, sempre acossados pelos colonos. O capitão **Barker,** com 300 homens, seguiu para Olinda, mas perdeu a vida, de modo que a expedição fracassou. Em vista de tais desastres, resolveu retirar-se para a Europa.

Resumo cronologico da 2.ª lição

1583

Edwards Fenton tenta atacar o porto de Santos.

1587

Roberto Withrington ataca de surpresa a Baía.

1591

A expedição de Tomaz Cavendish saqueia a vila de Santos, e incendeia a de S. Vicente.

1595

A expedição de James Lancaster e Venner apodera-se de Recife e entrega-a ao saque.

Leitura — Os corsarios

Vida errante e arriscada, pelas aguas do mar...

Esses navios que partiam, sem destino certo, confiando no acaso em busca de prêsas, não tinham lei, nem reconheciam nenhum poder na terra. O corsario, dentro da sua embarcação veleira, era mais poderoso do que um rei dentro de seu reino. Aquele pequeno espaço, aquela embarcação, aquele bocado de taboas e panos, eram, um dominio, que, além do poder do ousado marinheiro que o comandava, só temia o poder da Natureza, — senhora das tempestades que cavam no seio das aguas a sepultura dos naufragios, e senhora dos furacões que, com um único sôpro, despedaçam, como cascas de noz, as mais arrogantes naus.

Levantar ancora, soltar panos, e partir... Para onde? para onde soprasse o vento! O resto, o acaso o faria. Navegavam por dias longos e noites espêssas, á espera de que a sorte os conduzisse ao encontro de alguma embarcação de comércio, que contivesse tesouros. Quando a avistavam, corriam sôbre ela a todo o pano. E começava, sôbre as ondas desertas, a caçada fantastica. Quasi sempre, as naus procuravam fugir...

A sua tripulação não queria nunca aceitar o combate dos corsarios, gente sem fé nem lei, que não duvidava arriscar pela fortuna a vida, porque a vida sem a riqueza lhe parecia um fardo intoleravel. Mas, ligeiros e prontos, construidos propositalmente para poder sustentar essas carreiras vertiginosas, os navios de corso alcançavam facilmente as cobiçadas prêsas. Então, era forçoso aceitar a batalha.

Os canhões, de um e outro bordo, vomitavam fumo e ferro. De repente o navio corsario, arremessava-se, agil e veloz, sôbre o inimigo: caia sôbre êle, como um milhafre sôbre a vítima, arpoava-o, lançava sôbre a sua amurada as pranchas de abordagem, e despejava dentro as ondas ávidas da sua gente destemida. Então, as machadinhas e as espadas revoluteavam no ar, sem repouso. Os vencidos eram sem piedade arrojados ao mar; alí mesmo, sôbre as tábuas cobertas de sangue quente, fazia-se o inventario das riquezas conquistadas; e a nau saqueada era metida a pique, ou, abandonada á mercê das ondas, ficava, desarvorada e sem rumo, vagando na extensão do mar...

Toda a costa do Brasil era frequentemente visitada por esses ladrões do Oceano. E as grandes caravelas, que voltavam a Portugal, carregadas de ouro, assucar e pau brasil, mal viam aparecer no horizonte o vulto de um navio suspeito, aparelhavam-se para a fuga, e deitavam a correr sôbre a agua, batendo e alargando as grandes velas brancas como aves espantadas com a aproximação de um perigo...

(Olavo Bilac).

Conquista e colonização do norte

1591-1615

3.ª lição

Govêrno de d. Francisco de Souza

O novo governador d. Francisco de Souza, chegado ao Brasil, em 1591, tornou-se logo benquisto de todos, por ser de ânimo generoso e bom, e veiu a prestar o importante serviço da conquista e colonização do territorio do Rio Grande do Norte. As glórias desta expedição cabem a Jeronimo de Albuquerque, que, sofreu hostilidades de indigenas e franceses, mas conseguiu fundar um forte e fazer as pazes com os potiguares por intermedio do chefe **Potí,** consolidando a conquista e fundando a cidade de **Natal,** em 25 de dezembro de 1599.

Enquanto ao norte se davam estes fatos, visitava o governador geral as capitanias do sul. Em S. Vicente empregou toda a diligencia para a descoberta de minas e nomeou Diogo Gonçalves **capitão das que fôssem descobertas.** Alí aprisionou também uma nau holandesa.

Govêrno de d. Diogo Botelho

Em 1602, d. Felipe III, sucessor de d. Felipe II, nomeou o novo governador geral d. Diogo Botelho, que arribou a Pernambuco e alí demorou-se cêrca de um ano, dando providencias para a arrecadação das rendas e ocupando-se de uma gravissima insurreição dos aimorés, que punham em perigo as capitanias da Baía e de Ilhéos.

Felipe III

Por este tempo (1603), Pero Lopes de Souza empreendeu a conquista e colonização do territorio do **Ceará.** Na expedição tomou parte o sargento-mór do Estado **Diogo de Campos Moreno** que viera com o governador. Conseguindo a paz com o indigena, fundou Pero de Souza uma povoação que chamou **Nova Lisboa** e que pouca duração teve.

Govêrno de d. Diogo de Menezes

D. Diogo de Menezes, novo governador, chegado em 1607, extendeu a conquista até ao Maranhão, confiando a empresa a Martim Soares Moreno. Este só pôde chegar até o Ceará, onde, aliado ao morubixaba Jacaúna, fundou a povoação de **N. Sra. do Amparo** que é hoje a cidade de Fortaleza (1611).

Govêrno de d. Gaspar de Souza

D. Gaspar de Souza, homem de reconhecida capacidade civil e militar, que sucedeu a d. Diogo Menezes, levou a efeito a conquista do **Maranhão** que estava sendo ocupada pelos franceses em aliança com os indigenas.

Também por este tempo (1615), **Francisco Caldeira** fundou em frente da ilha **Marajó** o forte do **Presepio,** origem da cidade de **Belém,** incorporando á colonia o territorio do **Pará.**

Resumo cronologico da 3.ª lição

1591

Chegada do novo governador d. Francisco de Souza.

1599

Jeronimo de Albuquerque conquista o Rio Grande do Norte e funda a cidade de Natal.

1602

D. Diogo Botelho assume o govêrno.

1603

Fundação de Nova Lisboa no territorio do Ceará.

1607

Chega o governador D. Diogo de Menezes.

1611

Conquista do Ceará e fundação do povoado de N. Sra. do Amparo, hoje Fortaleza.

1613

Assume o govêrno d. Gaspar de Souza, que mandou colonizar o Maranhão.

1615

Conquista do territorio do Pará por Francisco Caldeira.

Leitura — As Minas de Prata

Pelos fins do seculo XVI vivia na cidade do Salvador da Baía de Todos os Santos um abastado fazendeiro chamado Roberio Dias, que no número dos seus avós contava a formosa Paraguassú. Proverbial era a sua opulencia, e a vóz pública apregoava que de finissima prata era a sua baixela, assim como todo o serviço das capelas que tinha em suas fazendas, em uma das quais encontrara êle o precioso metal. Receando ser constrangido pela autoridade a designar o sitio onde reconditos existiam tão poderosos tesouros, resolveu Roberio ser êle o proprio quem os revelasse. Neste designio tomou passagem em um navio que estava a partir para Lisboa, e aí chegando, apressou-se em trilhar a estrada de Madrid, esplendida côrte de d. Felippe II, que reinava então sôbre Portugal e Brasil. Benignamente acolhido pelo ambicioso filho de Carlos V, expôs-lhe o fim da sua viagem, prometendo-lhe, em troca do titulo de Marquês das Minas, mostrar um sitio mais abundante em prata do que a Biscaia em ferro. Folgou el-rei católico com semelhante notícia; não julgando porém conveniente conferir a Roberio o elevado titulo que ambicionava, nomeou-o apenas administrador das minas, como aditamento de algumas graças realizaveis depois de prestado o serviço a que se propunha. Talvez que com isso contente regressasse a seus lares o neto de Paraguassú, se não lhe houvesse d. Felipe II ferido os brios prometendo a d. Francisco de Souza, que na côrte se achava, provido no emprêgo de governador-geral do Brasil, a posse do titulo que lhe recusara. Dissimulou Roberio, e, em companhia do novo governador, voltou á Baía, onde aportando, pediu venia para visitar as suas terras, e dispôr tudo para a cubiçada empresa. Nenhum embaraço opôs d. Francisco a semelhante desejo, que sumamente justo lhe pareceu. Com arte aproveitando-se do pouco tempo de que ainda podia dispôr, empregou-o o astuto fazendeiro em apagar todos os vestigios que poderiam servir de norte aos exploradores, e quando se convenceu de havê-los inteiramente extinto, volveu á cidade para servir de guia ao seu poderoso rival. Por impervias veredas e alcantilados montes transitou o governador com a sua comitiva sem que o menor indicio pudesse descobrir das almejadas minas.

(F. Pinheiro).

Os Franceses no Maranhão

4.ª lição — 1594-1615

Desde 1594, **Jaques Riffault** aceitara a aliança do morubixaba **Ovirapiré** e estabelecera-se na **Ilha Grande**. Ao depois, seguindo para França, entregara o govêrno da colonia a **Charles des Vaux**. Este comunicou-se com o rei Henrique IV, que mandou **Daniel de la Touche**, senhor de **La Ravardiére**, estudar as condições do país, afim de ser fundada uma colonia francesa.

La Ravardiére voltou á Europa entusiasmado pela nova terra e de lá trouxe uma expedição para tornar efetiva a conquista (6 de agosto de 1612).

Fundou o forte de **S. Luiz** e começou a edificar a povoação do mesmo nome que foi prosperando rapidamente, graças á aliança dos indigenas.

Estabelecimento dos Franceses

Entretanto, em Espanha, tratara-se também de conquistar o Maranhão para o que o governador **Gaspar de Souza** já trouxera ordem de residir em Olinda, afim de ficar mais perto.

Jeronimo de Albuquerque, encarregado desta empresa, em 1613, nada conseguiu na primeira tentativa.

Nova expedição foi preparada sob as ordens de **Diogo de Campos** e **Jeronimo de Albuquerque**, a qual obteve completo êxito.

Depois de alguns ataques parciais, feriu-se a batalha decisiva, em 19 de novembro, sendo a muito custo desalojados os franceses.

A conquista definitiva só se realizou a 3 de novembro de 1615, seguindo La Ravardiére e seus oficiais para a Europa e ficando Jeronimo de Albuquerque como governador da capitania, que, em 1621, passou a constituir o Estado do Maranhão, juntamente com o Ceará e Pará.

RECAPITULAÇÃO

Govêrno de Teles Barreto **1582-1589**	Sucede a uma junta governativa e promove a concordia da colonia. — Faz reconhecer a autoridade de d. Felipe como rei. — Torna efetiva a conquista da Paraíba. — Combate os piratas que atacam o litoral. — Morre sem sucessor, ficando o govêrno entregue a uma junta que conquista o Sergipe e domina os aimorés.
Os ingleses no Brasil **1583-1585**	**Edwards Fenton** — Tenta assaltar Santos, sendo impedido por Diogo Flores Valdez. **Roberto Withrington** — Ataca de surpresa a Baía e, sendo repelido, devasta os engenhos da costa. **Tomaz Cavendish** — Saqueia a vila de Santos, incendeia a de S. Vicente. Volta a Santos e ao Espirito Santo e é repelido. — Morre em alto mar. **James Lancaster** — Toma á viva fôrça e saqueia o Recife. — Não consegue apoderar-se de Olinda.
Conquista e colonização do norte **1591-1615**	**Governador Francisco de Souza** — Conquista do Rio Grande do Norte por Jeronimo de Albuquerque. **Governador Diogo Botelho** — Pero Lopes de Souza intenta colonizar o Ceará. **Governador Diogo Menezes** — Efetua-se a conquista do Ceará e começa a do Maranhão. **Governador Gaspar de Souza** — Conquista do Maranhão e do Pará.
Os franceses no Maranhão **1594-1615**	**Jaques Riffault** — Começou o estabelecimento na Ilha Grande. — **La Ravardiére** tornou efetiva a conquista. **Jeronimo de Albuquerque** — Encarregado de expulsar os invasores, nada consegue na primeira expedição. Na segunda expedição vence o inimigo e obriga-o a abandonar o país.

1.ª invasão dos Holandeses

1624-1625

1.ª lição

Companhia das Indias Ocidentais

Andava a Espanha em luta aberta, principalmente com a França, a Inglaterra e a Holanda, então as mais poderosas nações da Europa. Com esta última estabelecera-se uma tregua de 12 anos (1609-1621), finda a qual, fôra autorizada a creação da **Companhia das Indias Ocidentais,** destinada a operar nas possessões espanholas da America, á semelhança de Companhia já existente, que operava com sucesso em Africa e Asia.

A grande expedição

Ficou desde logo resolvida a conquista da Baía. Para tal fim organizou-se em 1623 uma poderosa frota de 26 navios com 509 bocas de fogo, da qual era comandante em chefe o almirante **Jacob Willekens,** guarnecida de 3.000 homens, dos quais 1.700 de desembarque, sob o

A esquadra holandesa de Willekens bombardeia e toma a cidade da Baía

mando de **João van Dorth.** Esta expedição partiu de Holanda em princípio de 1624. A 9 de maio de 1624, aparecem inesperadamente os inimigos.

Tomada da Baía

O governador **Mendonça Furtado** reuniu, ás pressas, a gente que pôde e tomou as providencias necessarias, o que, entretanto, não impediu que a cidade fôsse tomada, depois de desesperada resistencia.

Reação dos colonos

O bispo d. Marcos Teixeira, reuniu fôrças e fez nascer o entusiasmo, intentou-se tomar de assalto a cidade, mas, fracassando o plano, estabeleceu-se o sitio e iniciou-se a guerra de recursos, da qual foram vítimas o governador van Dorth e seu sucessor Alberto Schouten.

Restauração da cidade

Estavam os inimigos senhores da cidade quando chegou a grande expedição luso-espanhola, ao mando de d. **Fadrique de Toledo Osorio** (29 de março de 1625). Os holandeses resistiram tenazmente, mas foram vencidos e obrigados a capitular.

Em 1.º de maio de 1625, d. Fadrique fez sua entrada triunfal na cidade restaurada.

Resumo cronologico da 1.ª lição

1609

Comêço da tregua de 12 anos entre a Espanha e a Holanda.

1621

Fim da tregua. — Creação da Companhia das Indias Ocidentais.

1623

Prepara-se na Holanda uma grande expedição para atacar o Brasil.

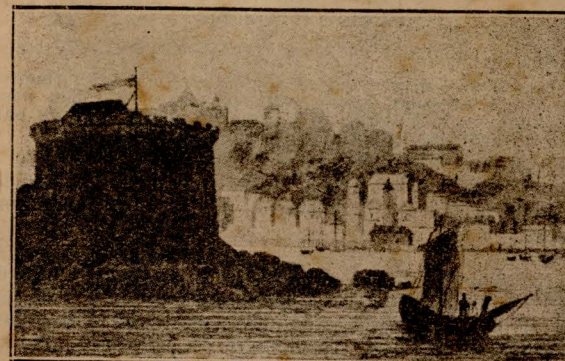
1624

Ataque e tomada da cidade da Baía.

1625

Restauração da cidade pela expedição ao mando de d. Fadrique de Toledo Osorio.

Leitura — Entrada da esquadra holandesa na Baía

Com a luz do dia seguinte apareceu a armada inimiga que, repartida em esquadras, ia entrando. Tocavam-se em todas as naus trombetas bastardas ao som de guerra, que com o vermelho dos paveses vinham ao longe publicando sangue, divisavam-se as bandeiras holandesas, flamulas e estandartes, os quais, ondeando das antenas e mastaréos mais altos, desciam até varrer o mar com tanta majestade e graça que a quem não se temera podiam fazer uma ale-

Cidade da Baía

gre e formosa vista. Nesta ordem se vieram chegando muito a seu salvo, sem lho impedirem os fortes, porque, como o porto é mui largo, tinham lugar para se livrar dos tiros. Tanto que emparelhou com a cidade, a almirante salvou sem bala, e despediu um batel com bandeira de paz; mas á salva e ás indicações pacíficas responderam os nossos com pelouros. O que vendo os inimigos, puseram-se todos a ponto de combater; viraram logo as suas naus enfiadas sôbre a terra e, perpassando, descarregavam os costados na cidade, forte e navios que estavam abicados na praia. Continuaram nesta lida segunda e terceira vez, até que, depois do meio dia, puseram, todas as prôas em terra, e as três dianteiras com determinação de abalroar a fortaleza, mas, impedidas dos baixios, lançaram ferro e, a árvore sêca, como si o foram todas de fogo e ferro, começaram a se desfazer nêle, que parecia pelejava nelas o inferno.

(Padre A. Vieira).

2.ª invasão dos Holandeses

2.ª lição **1626-1630**

Primeiros ataques

O novo governador, **Diogo Luiz de Oliveira**, receoso de algum assalto, tratou de aumentar os meios da defesa. Achava-se nesta faina quando, inesperadamente o holandês **Pieter Heyn** atacou a cidade e aprisionou alguns navios que estavam no porto.

Pieter Pieterszoon Heyn

Hendrik C. Lonck

Pouco depois o mesmo Pieter Heyn aprisionava, em aguas do Atlantico a **frota de prata** que se dirigia do Mexico para a Espanha, com incalculaveis riquezas (1627).

As **frotas de prata** eram as expedições que anualmente levavam para a Espanha as grandes riquezas das suas possessões americanas. Compunham-se de galeões carregados de barras de ouro e de prata e protegidos por navios de guerra.

Também **Cornelio Jol**, o Perna de Pau, apoderou-se das ilhas de **Fernando Noronha** (1629), onde chegou a lançar os fundamentos de uma povoação.

Expedição contra Pernambuco

Tais sucessos despertaram na Companhia das Indias Ocidentais o projéto da conquista de Pernambuco. Para tal fim preparou-se, durante todo o ano de 1629, uma formidavel expedição de mais de 50 navios, com 1.100 canhões e perto de 8.000 homens.

O general **Hendrick Corneliszoon Lonck** tinha o comando em chefe; ás suas ordens vinham **Diederick van Waerdenburch**, comandante das tropas de desembarque, e **Pieter Adriaanzoon Ita**, almirante da armada. Os preparativos não se limitaram a armamento: trazia a expedição operarios e artigos de todos os generos e vinha preparada para desenvolver sob todos os pontos de vista a terra de que se apoderasse.

Perda de Olinda e do Recife

Em fevereiro de 1630, recebeu-se aviso da aproximação dos holandeses, a 14 estava a esquadra á vista de Pernambuco e a 15 mostrava-se diante do Recife, gerando o terror na população.

Embalde opôs Matias de Albuquerque desesperada resistencia. O inimigo desembarcou fôrças na enseada do **Pau Amarelo** e, em ação combinada com a esquadra, tomou Recife, em 15 de fevereiro, e Olinda, no dia seguinte.

Resumo cronologico da 2.ª lição

1626

Assume o govêrno d. Diogo Luiz de Oliveira.

1627

Pieter Heyn aprisiona a frota de prata.

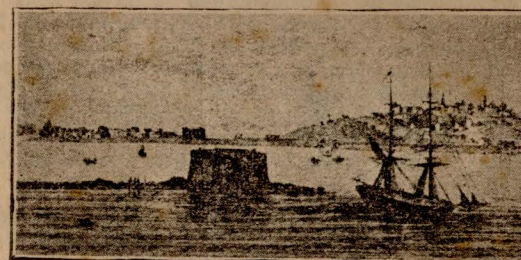
1629

Cornelio Jol apodera-se de Fernando Noronha. — Prepara-se na Holanda uma forte expedição contra o Brasil.

1630

Ataque e tomada de Olinda e do Recife. — Estabelecimento do govêrno holandês em Pernambuco.

Leitura — Episodios memoraveis da guerra holandesa

Entre as embarcações com que o inimigo saía pelo Recôncavo, a melhor em ligeireza de remos e concertos de falcões era um bergantim que fôra do sr. governador Diogo Furtado de Mendonça; por ser tal se determinou um novo capitão a lhe tirar das mãos; e, tendo

Pernambuco e Olinda em 1630

já de dia marcado o lugar em que entre as naus estava, no meio do silêncio da noite toma a espada na boca, vai nadando a êle, e não sentindo gente, volta a chamar quatro soldados de esfôrço que para o oficio trouxera. Começaram, então, todos a levá-lo a sirga, e, depois que se viram apartados, saltam dentro com as espadas empunhadas; mas, faltando em que as empregar em lugar delas empunham os remos, e trazem o bergantim a um porto nosso.

Depois da cidade tomada, ao quarto dia vieram doze ou treze indios, parentes de alguns que na bateria do forte foram mortos, deliberados a tomar vingança de suas mortes nas vidas dos holandeses; e assim o fizeram em alguns que, andavam desgarrados por fóra. Um dêstes, porém, em cujo peito vivia a memoria do pai morto, e o amor do mesmo, o obrigava a mais; vai-se com seu arco e flechas á porta da cidade, com ânimo avantajado ao do outro Plutão Penense na guerra da Italia, porque si este rompeu por meio dos inimigos para livrar a vida ao pai cativo, o nosso para vingar a do pai morto, acomete a cidade, desafiando a todos, e depois de ter bem vendida a sua vida, e melhor vingada a morte do pai, acompanhou-o com a sua, caindo, traspassado de uma bala.

2.ª invasão dos Holandeses

1630-1634

3.ª **lição** (continuação)

Arraial do Bom Jesus

Escolheu Matias de Albuquerque um magnifico ponto estrategico entre os rios **Beberibe** e **Capiberibe** e fundou alí uma verdadeira praça de guerra, a que deu o nome de **Arraial do Bom Jesus.**

Pensaram os holandeses que lhes fôsse facil tomar este Arraial e o tentaram em vão.

Matias de Albuquerque, sempre ativo e vigilante, dividiu a sua gente em **companhias de emboscadas.** Ficaram assim de tal maneira cercados os holandeses que só com grandes perdas podiam saír de suas posições a fazer aguada e faxina.

Armada de Oquendo

Apesar destas vantagens, ia-se já tornando dificil a posição dos patriotas pernambucanos, pela falta de víveres e munições, quando a Espanha deliberou mandar ao Brasil uma armada comandada por d. **Antonio de Oquendo** (5 de maio de 1631), comboiando 12 navios com fôrças de desembarque, ao mando de **Marcos de S. Felice,** conde de **Bagnuoli.** Em 13 de julho chegou a expedição á Baía, e desembarcou parte da guarnição. Levantou ferros a 3 de setembro, conseguindo desembarcar fôrças no **Cabo de S. Agostinho** e na **Paraíba.** Entretanto de Recife saíra a esquadra holandesa de **Adrian Pater,** a 31 de agosto. Em 12 de setembro encontraram-se as duas esquadras, travando renhida batalha naval, cujo resultado ficou indeciso pela morte do almirante Pater.

Desânimo dos holandeses

Apesar disto, os holandeses, julgando formidaveis os recursos vindos de Espanha, tomaram-se de panico, incendiaram **Olinda** (24 de novembro de 1631) e concentraram-se no Recife.

Resolvem-se os invasores a conquistar outros pontos; o coronel **Callenfis** atacou, com insucesso, a Paraíba (5 de dezembro); o mesmo aconteceu no Rio Grande do Norte (27 de dezembro), em Rio Formoso e Pontal do Nazaré. Estes revezes desanimaram os holandeses.

Deserção de Calabar

Estavam as coisas neste ponto, quando a deserção de **Domingos Fernandes Calabar** (20 de abril de 1632) vem mudar completamente a face da guerra. Conhecedor do terreno, habil na emboscada, Calabar guiou os holandeses vitoriosos a **Iguarassú** (11 de maio de 1632), ao forte de **Rio Formoso,** comovente episodio em que aquele baluarte só é tomado depois de toda a guarnição morta (7 de fevereiro de 1633). Os holandeses ganhavam terreno palmo a palmo; apoderaram-se da varzea do **Capiberibe,** levantam o forte **Willem,** que põe em perigo o Arraial, ao qual logo de seguida levam terrivel assalto (24 de março de 1633). O resultado foi-lhes, desta vez, desfavoravel, pois perderam o governador **Rembach,** assumindo **Segismundo van Schkoppe** o supremo mando.

Em junho de 1633 apoderaram-se da ilha de **Itamaracá** e pouco depois atacaram diversos pontos de Alagôas e em novembro destruiram a armada de **Francisco Vasconcelos da Cunha,** que trazia reforços para os pernambucanos. Em 1634 receberam os invasores novas fôrças e conseguiram extender a conquista até a Paraíba.

Resumo cronologico da 3.ª lição

1630

Matias de Albuquerque funda o Arraial do Bom Jesus.

1631

Chega ao Brasil o conde de Bagnuolo. — Batalha naval entre a armada de Oquendo e a holandesa. — Incendio de Olinda.

1632

Deserção de Calabar. — Tomada de Iguarassú pelos holandeses.

1633

Tomada do forte de Rio Formoso. — Assalto ao Arraial. — Tomada de Itamaracá e de diversos pontos de Alagôas. — Destruição da armada de Francisco Vasconcelos da Cunha.

Leitura — Episodios memoraveis da guerra holandesa

Como os holandeses supusessem que os socorros vindos na armada fôssem muito mais importantes do que realmente eram, resolveram concentrar-se no Recife abandonando Olinda, á que deitaram fogo no dia vinte e quatro de novembro de 1631.

Cêrco do Recife pelas fôrças luso-brasileiras

Mandaram antes disto dizer a Matias de Albuquerque que a resgatasse, do contrário a entregariam ás chamas.

"Si não a podeis conservar, respondeu Matias, abandonai-a muito embora ao fogo, porque nós depois sabemos construir outra mais bonita."

Sendo no tempo do assedio impossivel introduzir socorros no forte por terra, era mistér levá-los pelo rio passando por baixo das baterias inimigas. Aproveitavam para isso os portugueses a noite, cobrindo-se com couros o melhor que podiam. Aconteceu numa dessas viagens que uma bala partiu o braço direito a Antonio Pires Calháo, que governava uma lancha, a qual ia atravessando de Santo Antonio para o Cabedelo. Apresentou-se-lhe, imediatamente, o seu irmão, Francisco Pires, afim de tomar o lême; mas êle, mostrando o braço esquerdo, disse-lhe que para suceder-lhe no posto, ainda tinha outro parente mais chegado. Tendo-lhe uma bala de mosquete varado o peito, acudiu Francisco Calháo ao lême, porém, não se demorou em ter a mesma sorte nos dois braços e no peito. A lancha, todavia, forçou a passagem e ambos os irmãos restabeleceram-se dos seus ferimentos.

2.ª invasão dos Holandeses

4.ª lição (continuação) **1635-1636**

Capitulação do Bom Jesus Os holandeses tinham avançado de tal modo que, em comêço de 1635, restavam em poder dos pernambucanos apenas o **Arraial do Bom Jesus, Nazaré** e **Porto Calvo.** Perdido este último ponto, em março de 1636, a falta de víveres tornou insustentavel a posição do Arraial que veiu a cair em poder dos inimigos (8 de junho) depois de uma heroica resistencia de 5 anos. A 2 de julho, os inimigos apoderaram-se tambem de Nazaré.

Retirada de Matias de Albuquerque Começa então a famosa retirada de **Matias de Albuquerque** para Alagôas (3 de junho de 1635), protegido pelo **Camarão,** com seus indios, e **Henrique Dias,** com seus negros.

Em **Porto Calvo,** por onde devia passar Matias de Albuquerque, havia uma guarnição holandesa, comandada por **Piccard.**

Achava-se também alí o traidor **Calabar.** Matias de Albuquerque conseguiu apoderar-se desta praça com a respectiva guarnição (19 de julho de 1635), sendo Calabar enforcado (22 de julho). Depois continuou a sua marcha para o sul, chegando a Alagôas.

Estavam os holandeses senhores absolutos de toda a costa, desde o Rio Grande do Norte até Pernambuco.

D. Luiz de Rojas y Borja A princípio em Portugal e na Espanha não se ligara importancia á perda do Recife, confiando nos esforços dos pernambucanos. Depois com as vantagens que os holandeses foram auferindo, começou a despertar-se o zêlo das duas metropoles.

Os invasores, a seu turno, tinham tratado de acumular fôrças e elementos de defesa, de modo a tornar inexpugnavel a sua posição.

A retirada dos pernambucanos, em 1635, produziu o alarme em Portugal e principalmente na Espanha que via sériamente ameaçados os seus ricos dominios do **Mexico** e do **Perú.**

O ministro espanhol, **duque de Olivares,** tratou de organizar uma expedição ao mando de d. **Luiz de Rojas y Borja,** duque de Lerma.

Este desprezou desdenhosamente os conselhos de Matias de Albuquerque e Soares Moreno, tomou a ofensiva e foi morto na batalha da **Mata-Redonda** (18 de janeiro de 1636).

O conde de Bagnuoli Assumindo o **conde de Bagnuoli** o comando em chefe, fortificou-se em **Porto Calvo,** onde estabeleceu o seu centro de operações, formando companhias de emboscadas ao mando de Camarão, Henrique Dias, Rebelinho e outros que hostilizavam com vantagem o inimigo.

Apesar de haver ainda alguma reação de parte dos pernambucanos, podia-se dizer firmado o poder holandês no Brasil. Faltava apenas um homem capaz de consolidar a conquista. Esse foi o conde **Mauricio de Nassau.**

Teatro da guerra holandesa

2.ª invasão dos Holandeses

1636-1640

5.ª lição (continuação)

Govêrno de Mauricio de Nassau

A Companhia das Indias **Ocidentais** encarregou a **João Mauricio, conde de Nassau-Siegen**, de governar a colonia e consolidar o poder holandês no Brasil (23 de agosto de 1636). Neste mesmo ano deixava o conde a Holanda e chegava a Pernambuco em 23 de janeiro de 1637.

O seu primeiro cuidado foi assegurar a tranquilidade aos holandeses, livrando-os das hostilidades dos pernambucanos. Conseguiu em breve o seu intento e, apoderando-se de **Porto Calvo**, que resistiu heroicamente (5 de março de 1637), obrigou **Bagnuoli** a retirar-se para a Baía. Nassau perseguiu o inimigo até Alagôas e fundou, na margem esquerda do S. Francisco, o **forte de Mauricio**, destinado a assinalar a fronteira sul das posições holandesas.

Auge do poderío Holandês

Voltando para o Recife, reforçou Nassau as fortificações da ilha de **Santo Antonio** e uniu-a ao continente. Edificou suntuoso palacio para sua moradia e tratou de administrar o país com a maior liberdade politica e religiosa.

Creou em todas as vilas as camaras municipais encarregadas da administração, protegeu as letras, ciências e artes e cercou-se de artistas e sábios.

Ataque á Baía

Organizada a administração, preparou-se Nassau para atacar a Baía. Em 8 de abril de 1638, saíu do Recife a grande expedição. O ataque, começado a 20 dêsse mês, póde-se dizer que só terminou a 25 de maio, quando os holandeses, desbaratados, embarcaram-se na esquadra. As suas consequencias principais foram indispôr o conde de Nassau com a Companhia das Indias Ocidentais e deliberar a Espanha a vir em socorro do Brasil.

A expedição do conde da Torre

Preparou-se para tal fim uma grande expedição, comandada pelo conde da Torre, d. **Fernando de Mascarenhas**, nomeado também governador geral do Brasil. Esta expedição saíu de Lisboa em 7 de outubro de 1638 e chegou á vista de Pernambuco em 23 de janeiro de 1639. Depois de delongas, o conde da Torre deixou-se atacar pela esquadra de **Willelm Cornellissen Loos**, em **Pau Amarelo** (12 de janeiro de 1640) e depois de seis dias de combate, foi desbaratado. Alguns navios que se tinham dispersado da esquadra espanhola, conseguiram desembarcar no Rio Grande do Norte as tropas de **Luiz Barbalho**, as quais em posição crítica, cercadas de inimigos, tiveram de operar a famosa retirada de 400 leguas pelo sertão, afim de se recolherem á Baía.

O desastre do conde da Torre fortaleceu o poderío holandês e lançou os colonos no mais completo desânimo. Foi neste estado de cousas que chegou o novo governador d. **Jorge de Mascarenhas**, com o titulo de vice-rei e capitão-general de mar e guerra e da conquista e restauração do Brasil (5 de junho de 1640).

Resumo cronologico da 4.ª e da 5.ª lição

1635

O Arraial cai em mãos dos holandeses. — Retirada de Matias de Albuquerque para Alagôas. — Tomada de Porto Calvo e morte de Calabar.

1636

Derrota e morte de d. Luiz de Rojas y Borja.

1637

O conde de Nassau assume o govêrno do Brasil holandês.

1638

O Conde Nassau ataca, sem resultado, a Baía.

1639

Chega ao Brasil a armada do conde da Torre.

1640

Grande batalha naval sendo derrotada a armada do conde da Torre. — D. Jorge de Mascarenhas assume o govêrno geral do Brasil.

Leitura — O Conde Mauricio de Nassau

Dest'arte se viu, como por encanto, durante o govêrno de Nassau, levantar-se na ilha de Santo Antonio um novo bairro, tendo pessoalmente o mesmo Nassau o cuidado de traçar e alinhar as ruas.

Por todo o Brasil não houvera anteriormente obras tão consideraveis, e tão habilmente executadas; nem podiam encontrar-se para as obras melhores engenheiros do que na Holanda, que á ciência hidraulica deve a existencia de algumas de suas provincias. As obras públicas empreendidas levavam em si mesmas o cunho da bôa administração; e essas páginas do livro da civilização de um país que primeiro lê o forasteiro, eram em Pernambuco, todas em abono do chefe holandês.

Mauricio de Nassau

E não só a arquitetura foi protegida por Nassau, como também a pintura; e de seu tempo são talvez os primeiros quadros a oleo, que do natural se fizeram acêrca de assuntos do Brasil, e talvez da America.

Da literatura era cultor **Francisco Plante**, capelão de Nassau, e autor de um poema em latim a este dedicado, que depois se publicou.

Foi porém nas ciências que se fizeram mais recomendaveis os serviços prestados pela influência de Mauricio de Nassau, no Brasil. O seu sábio médico **Willem Piso** angariara para o acompanhar dois jovens alemães: um matematico **H. Cralitz**, e outro botanico **G. Marcgrav**. Infelizmente **Cralitz** faleceu, pouco depois de chegar a Pernambuco, e a geografia ficou privada de seus auxílios. E' certo que não poucos recebêra antes do cosmografo **Ruiters**, de quem vimos cartas hidrograficas originais em Amsterdam.

Em lugar das nossas camaras municipais, com seus juizes e vereadores, se instalaram, desde 1636, em todas as vilas, com analogia ao que tinha lugar na provincia de Holanda, camaras de escabinos.

O esculteto era a autoridade executiva ou delegado da administração e promotor público do lugar; e ao mesmo tempo exator da fazenda.

(Segundo o Visconde de Porto Seguro).

2.ª invasão dos Holandeses

1640-1641

6.ª lição (continuação)

Restauração de Portugal

Acabava de ser negociada uma espécie de tregua entre o novo governador e o inimigo, quando chegou a notícia da restauração de Portugal, em 1.º de dezembro de 1640.

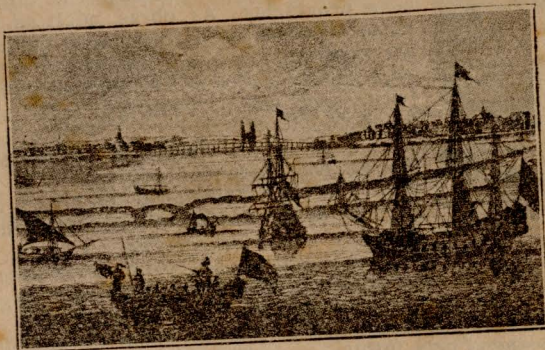
Nesse dia rompeu, em Lisboa, uma revolução contra o dominio espanhol. Foi aclamado rei de Portugal o **duque de Bragança,** que tomou o titulo de d. João IV.

"No dia 1.º de dezembro de 1640, os conspiradores, que se haviam reunido no palacio de d. Antão d'Almada, soltaram o grito da revolução, a que o povo se associou com indescritivel entusiasmo, sendo freneticamente aclamado rei de Portugal o **duque de Bragança.**

"A revolução alastrou-se pelo Reino, e, tendo decorrido seis dias sem que as fôrças de Espanha a sufocassem, o **duque de Bragança,** saíu de **Vila Viçosa** para **Lisboa,** aceitando a corôa que lhe não custara ganhar."

Candido de Figueiredo.

Esta notícia foi recebida com jubilo pelos pernambucanos, pensando que os holandeses logo abandonariam o Brasil, visto como cessara o motivo das hostilidades.

O proprio vice-rei, **Marquês de Montalvão,** chegou a dirigir-se

Recife em 1640

ao conde de Nassau, comunicando-lhe a bôa nova e fazendo votos pela paz. Nassau respondeu-lhe dando a compreender que não pretendia abandonar a conquista.

Este procedimento do governador, tratando de conciliar-se com o conde de Nassau, provocou a sua deposição, sendo o govêrno entregue a uma junta composta do bispo **Sampaio, Luiz Barbalho** e **Lourenço de Brito Correia.**

Também Portugal trabalhou para rehaver a sua opulenta colonia; os holandeses tergiversaram e o mais que se conseguiu foi uma tregua de 10 anos (12 de junho de 1641).

Apesar disto, Nassau achou meios de extender ainda a conquista até Sergipe e Maranhão.

Resumo cronologico da 6.ª lição

1640	1641
Revolução em Lisboa; Portugal recupera a independencia sob o cetro de d. João IV (1.º de dezembro).	Em 12 de junho negocia-se uma tregua de 10 anos entre Portugal e Holanda.

Leitura — Episodios memoraveis

Conservava-se em pé sôbre os muros da fortaleza do Cabedelo, atacada pelos holandeses, o capitão Manoel Godinho, homem de estatura meã e sêco de carnes; fazia fogo ao inimigo, mas, por vêr o perigo em que se achava, disseram-lhe alguns dos nossos que se retirasse. "Não é preciso, pois não póde haver destreza tão grande que acerte pontaria tão pequena", respondeu Manoel Godinho gracejando. Infelizmente logo após caíu vítima de uma bala inimiga.

(Dr. M. de Azevedo).

Pedro de Albuquerque assistia com apenas vinte soldados, no forte de Rio Formoso.

Agrediram os bátavos o reduto na madrugada do dia 7 de fevereiro de 1633. Posto que em número de seiscentos, foram repelidos quatro vezes. Assenhoreando-se finalmente do reduto, viram com espanto que dezenove soldados jaziam mortos; um, parente do capitão, fugira a nado com três feridas, e o comandante, com duas, gemia no chão. Fizeram-no prisioneiro, mas, admirando o seu heroismo, trataram-no com muito respeito, curaram-lhe as feridas, e, depois de são, enviaram-no para as Antilhas, donde o nosso herói regressou para a Europa.

(Relação Anual).

Henrique Dias, sendo ferido no colo da mão esquerda por uma bala, e receando-se do veneno, visto como correra o boato de que os holandeses atiravam com balas hervadas, mandou cortar a mão, dizendo — "que, si os holandeses lhe haviam tirado a mão esquerda, ainda lhe ficava a direita para se vingar."

(Fr. Calado).

A temeridade dos patriotas chegou a conceber o plano de incendiar a frota holandesa que guardava o porto do Recife. Dous destemidos pernambucanos, aproveitando-se da noite, foram numa jangada, pôr fogo em duas naus inimigas. Uma destas ardeu tão depressa que a veemencia das labaredas produziu panico geral na cidade. Enquanto a população, apavorada, corria para a cidade Mauricia, os soldados e marinheiros, com grande esfôrço, atalhavam o incendio. Os dous desafrontados heróis retiraram-se com toda calma, atravessando o istmo junto ao forte do Brum, conduzindo ás costas a jangada, e vencendo o Beberibe até chegar ao primeiro posto dos nossos.

(Rocha Pombo).

2.ª invasão dos Holandeses

7.ª **lição** (continuação) **1640-1644**

Insurreição do Maranhão Entretanto, nas capitanias, acendia-se o espirito patriotico contra os invasores. E' o sentimento patrio, em começo de formação, que vai produzir a célebre insurreição contra o dominio estranjeiro, a qual, com o exemplo da metropole, começara a se preparar desde 1640.

A revolta começou no Maranhão. Os conjurados, 50 mais ou menos, sob o comando de **Antonio Muniz Barreiros,** foram vencendo, uma a uma, as guarnições holandesas (30 de setembro de 1642) e tomaram o forte do Calvario na margem esquerda do Itapicurú. Os patriotas, agora já em maior número, investiram contra a cidade de S. Luiz. Morto Muniz Barreiros, Teixeira de Melo, com auxílio de gente do Pará, conseguiu tomar a cidade. Em princípio de 1644 estava já toda a ilha em poder dos patriotas. Os holandeses sem meios de resistencia, haviam-se retirado para o Recife.

Preparativos para a insurreição em Pernambuco Este heroico exemplo dado pelo Maranhão, muito atuou no espirito dos pernambucanos, fazendo germinar a idéa de uma revolução geral contra o dominio estranjeiro. A ocasião parecia mais do que nunca propícia. O conde de Nassau resolvera retirar-se para a Europa e deixara o govêrno entregue ao Supremo Conselho, que não soube continuar a politica de tolerancia iniciada e mantida pelo conde (6 de maio de 1644).

Por outro lado estava o govêrno geral, desde 1642, entregue a **Antonio Teles da Silva,** homem de extraordinario tino politico e como que de proposito escolhido para o momento. Em tôrno de **André Vidal de Negreiros,** natural da Paraíba, concentrara-se todo o movimento, que no Recife encontrava apôio em homens de alta consideração social como **João Fernandes Vieira, Amador de Araujo,** e outros.

Já em 1640 seguira Vidal de Negreiros para a Europa a sondar o ânimo de d. João IV. De lá voltara, em 1642, em companhia do governador Teles da Silva. Por mandado dêste seguira logo para o Recife, aparentemente em missão junto ao conde Mauricio, mas com o fim de entender-se com os chefes da insurreição. Sobrevindo embaraços imprevistos, ia o rompimento cada vez mais demorado. De novo seguiu Vidal para Pernambuco e Paraíba, e achou meios de, iludindo a vigilancia dos inimigos, entregar armas e munições aos patriotas e concertar com êles o plano da revolução.

Começara já a faina de aliciar gente, quando André Vidal foi nomeado comandante da fronteira do norte. Dalí despachou êle primeiramente **Dias Cardoso,** com alguma fôrça, depois **Henrique Dias,** e mais tarde o **Camarão.** Estas são as fôrças que, reunidas aos patriotas do Recife, vão iniciar a grande campanha libertadora, a primeira em que se vai pôr em prova o heroismo dos filhos do Brasil.

Resumo cronologico da 7.ª lição

1640

Vidal de Negreiros segue para a Europa afim de expôr a d. João IV o estado do Brasil.

1642

Volta Vidal de Negreiros em companhia do novo governador Teles da Silva. — Em 30 de setembro, os insurgentes do Maranhão vencem as guarnições holandesas.

1644

Em janeiro os patriotas maranhenses têm já em seu poder toda a ilha. — Em 6 de maio, o conde de Nassau retira-se do Brasil e deixa o govêrno entregue ao Supremo Conselho, o qual inicia uma politica de intolerancia.

Leitura — Os heróis da guerra brasilica

As lutas com os holandeses, sem falar na primeira invasão da Baía, em 1624, extenderam-se por vinte e quatro anos desde a tomada de Olinda e do Recife, em 1630, até a capitulação da Campina do Taborda, em 1654. E' o periodo épico da história do Brasil. Os atuais Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande, Ceará, Maranhão, para o norte do Recife, que o inimigo tomou para sua capital e centro de suas operações, e os de Alagôas, Sergipe e Baía, para o sul, foram sucessivamente invadidos e ocupados com maiores ou menores vantagens para os nossos adversarios. Muitos foram nesse tempo os nossos feitos de valor em terra e no mar. No céu de nossa história deverão sempre brilhar os nomes de **Matias de Albuquerque, Vidal de Negreiros, Fernandes Vieira, Camarão** e **Henrique Dias,** os incomparaveis heróis das lutas e da restauração pernambucana.

Henrique Dias

O maior titulo, porém, dessa memoravel campanha, cheia dos mais duros sacrificios, consiste na afirmação nitida e conciente do patriotismo brasileiro.

Enquanto a metropole, depois da elevação dos Braganças ao trono, pensava em abandonar Pernambuco aos conquistadores estranjeiros fazendo pazes com a Holanda, os colonos sentiram crescer-lhes n'alma o sentimento da patria, que os estimulou á resistencia e os levou á vitória. E' a primeira afirmação de nossa autonomia que se ergue iniludivel das páginas da história.

Abençoados heróis, meus jovens compatriotas, dignos de ser por nós eternamente imitados!

Bem diferente deve ser o nosso sentimento para com o traidor **Calabar,** alma de bandido, posta ao serviço do estranjeiro contra sua patria. Esse infeliz põe-se ás ordens dos holandeses e foi o verdugo dos seus compatriotas.

Esqueçamo-lo e vejamos passar a turma dos heróis.

(Segundo Silvio Roméro).

2.ª invasão dos Holandeses

8.ª lição (continuação) **1644-1647**

Insurreição em Pernambuco — **João Fernandes Vieira** estabelecera o seu quartel em **Camaragibe.** As suas fôrças, ao princípio diminutas, foram aumentando rapidamente e inspiravam já certo respeito aos inimigos que se não animavam a afastar-se para longe de seus povoados.

O rompimento estava marcado para 24 de junho de 1645, mas, por efeito de uma rixa, insurgiram-se antes dêsse dia os soldados de **Amadeu Araujo,** senhor do engenho de Tabatinga, que foram os primeiros a soltar o grito de liberdade.

Vitória dos patriotas — Reunidas todas as fôrças, foi o exercito libertador acampar, sob o comando em chefe de **João Fernandes Vieira,** no monte das **Tabocas,** onde obteve a memoravel vitória de 3 de agosto de 1645, contra as fôrças de Haus. Levantando o acampamento em 10 de agosto, no dia seguinte o exército libertador fez junção com as fôrças de **Camarão** e **Henrique Dias,** tomou a fortaleza de Santo Antonio e foi encontrar-se com **André Vidal de Nagreiros** e **Soares Moreno,** que tinham vindo com o falso pretexto de bater os revolucionarios e que a êles se uniram em defesa do territorio patrio.

Começou então a marcha vitoriosa do exército libertador. O inimigo foi surpreendido e batido completamente no engenho de **Ana Paes** ou **Casa Forte** (17 de agosto), a que seguiu-se a rendição de **Nazaré** (3 de setembro).

A seu turno, revoltam-se as povoações do sul e retomam **Porto Calvo** (17 de setembro); ao norte estala a revólta em Paraíba e Rio Grande.

O exército libertador veiu acampar perto do Recife, e alí fundou o **Arraial Novo do Bom Jesus** (1.º de janeiro de 1646), destacando logo reforços em socorro das capitanias do norte.

Resistencia dos holandeses — Os revolucionarios atravessavam um periodo dificil. D. João IV, não podendo romper com os holandeses, ordenara ao governador **Teles da Silva** que sufocasse a revolução. Os patriotas resistiram ás ordens do rei e continuaram a guerra. Em 1646, todo o Brasil holandês estava revolucionado. Olinda tinha caido em mãos dos insurgentes e o Recife estava em apertado cêrco quando chegaram os coroneis **Segismundo van Schkoppe** e **Hinderson,** com reforços de mais de 2.000 homens. O plano de **van Schkoppe** era vir atacando os revolucionarios do norte para o sul, a começar da Paraíba. Os chefes da insurreição compreenderam, porém, o perigo e ordenaram a retirada geral para Pernambuco. Então tentou **Schkoppe** retomar Olinda, em 5 de agosto de 1646. Repelido pelos patriotas nesta e em outras tentativas, **Schkoppe** mudou de tática e foi atacar a Baía, em 18 de fevereiro de 1647. **Teles da Silva,** apesar de desprevenido, resistiu heroicamente e impediu a tomada da cidade.

Os patriotas, a seu turno, atacaram o Recife, com tal furia que os holandeses viram-se obrigados a pedir o auxílio de **van Schkoppe.** Este, diante do perigo iminente que corria o Recife, abandonou a Baía (14 de dezembro de 1647).

Resumo cronologico da 8.ª lição

1645

Em 24 de junho devia ser o início da insurreição dos pernambucanos contra os holandeses. — Em 3 de agosto o exército dos independentes obteve a vitória do monte das Tabocas. — Em 10 de agosto incorporaram-se-lhe as fôrças de Henrique Dias e Camarão. — Em 17 de agosto, tomada da Casa Forte. — Em 3 de setembro, rendição de Nazaré. — Em 17 de setembro, retomada de Porto Calvo.

1646

Em 1.º de janeiro é fundado o **Arraial Novo de Bom Jesus,** proximo de Recife. — Em 5 de agosto, o general Segismundo van Schkoppe tenta em vão tomar Olinda aos patriotas.

1647

Em 18 de fevereiro van Schkoppe ataca a Baía. — Em 14 de dezembro, van Schkoppe abandona a Baía para vir defender o Recife atacado pelos insurgentes.

Leitura — Os heróis da guerra brasilica

Vidal de Negreiros
Fernandes Vieira
Camarão
Henrique Dias

são os mais afamados batalhadores do grande poema da guerra holandesa.

Uma pretenciosa maneira de explicar a história do Brasil tem intentado fazer distinções e estabelecer paralelos entre estes homens ilustres.

Uns dão a preferencia a Vidal sôbre Vieira, a Camarão sôbre Henrique Dias. Não devemos entender assim, meus jovens patricios. O mérito, quando atinge a certa altura, torna-se incomparavel, impõe-se á veneração geral e não deve estar sujeito a medidas mais ou menos caprichosas.

Sem Vidal de Negreiros não se teria adiantado aquela agitação dos espiritos dos colonos brasileiros que os levou á sublevação, atraindo ao seu seio o proprio Vieira, até então amigo dos holandeses.

Sem Vieira não teriam os revoltosos á sua frente um homem de enorme prestígio pela sua fortuna e por suas relações particulares.

Sem Camarão e sem Henrique Dias não haveriam os nacionais obtido a vitória naquelas pelejas em que os dois cabos de guerra praticaram prodigios de tenacidade e valor.

Deixemos as preferencias injustificadas. O que não devemos esquecer é a circunstancia de se acharem representadas nessa luta sagrada pela independencia da patria todas as classes da população, tendo á sua frente os respectivos chefes; os brancos filhos da metropole representados em Fernandes Vieira, os brancos, oriundos do país, representados em Vidal de Negreiros; os indios tendo á sua frente Felipe Camarão; os negros guiados por Henrique Dias.

Como separar as biografias dêsses ilustres brasileiros, que trabalharam em comum para o mesmo fim, sofreram as mesmas dôres, tiveram os mesmos entusiasmos, ganharam os mesmos triunfos? Êles aparecem no mesmo plano e têm a mesma altura.

(Segundo Silvio Romèro).

2.ª invasão dos Holandeses

9.ª lição (conclusão)

1648-1654

1.ª vitória dos Guararapes — Entretanto preparava-se na Holanda um forte auxílio de navios e gente, sob o comando de **Witte Corneliszoon de With**, que chegou ao Recife em 18 de março de 1648.

Satisfeitos com este poderoso auxílio, os holandeses mandaram oferecer anistia aos patriotas, o que foi altivamente recusado.

Em vista da recusa, Schkoppe moveu-se do Recife, em 17 de abril de 1648, empreendendo um movimento destinado a envolver os patriotas.

Estes, a seu turno, tinham também marchado e tomado posição, num desfiladeiro dos montes **Guararapes** (18 de abril de 1648). No dia seguinte foi esta posição atacada pelos holandeses e feriu-se a grande batalha, cujo resultado foi favoravel aos pernambucanos. Este acontecimento fez crescer ainda mais o entusiasmo no exército libertador. Apesar da perda de **Olinda** e de **Asseca** e da morte de **Camarão**, duros golpes sofridos pelos patriotas, estavam estes cada vez mais confiantes na vitória.

Primeira batalha dos Guararapes

2.ª vitória dos Guararapes — Os holandeses tomaram, a seu turno, medidas energicas e autorizaram o corso contra os navios portugueses.

Em desespêro de causa, resolveram dar um golpe decisivo no **Arraial do Bom Jesus**, para o que tomaram a ofensiva. Um exército forte de 4.000 homens, comandado por **Brincke**, foi acampar nos **Guararapes**, sendo alí completamente destroçado pelos patriotas (19 de fevereiro de 1649).

Fim da guerra holandesa — Se esta vitória veiu produzir o mais completo desalento nas fileiras inimigas, a creação da **Companhia de Comércio** (1650), e a guerra com a Inglaterra (1652) cortaram-lhes todos os recursos.

Compreenderam os patriotas que estavam contados os dias do poder holandês no Brasil e resolveram apressar o seu termo, dando o golpe decisivo sôbre a praça de Recife. Para isso aproveitaram a chegada da esquadra de **Pedro Jaques de Magalhães** (1653).

Foi tal o êxito do ataque, que a 23 de janeiro de 1654 entregavam-se os holandeses pela capitulação da **Campina do Taborda**, a 26 de janeiro assinava-se a paz e o exército dos independentes entrava solenemente no **Recife**.

Resumo cronologico da 9.ª lição

1648

Em 23 de janeiro, o general Francisco Barreto consegue fugir do acampamento holandês, onde estava prisioneiro, e assume o comando dos insurgentes. — Em 18 de março, os holandeses recebem grandes reforços. — Em 17 de abril, vão em marcha contra os insurgentes. — Em 19 são derrotados na grande batalha dos Guararapes.

1649

Em 19 de fevereiro, os insurgentes obtem a segunda vitória dos Guararapes.

1650

Creação da Companhia de Comércio para o trafico e defesa do Brasil.

1652

Guerra entre Inglaterra e Holanda.

1653

Chegada da esquadra de Pedro Jaques de Magalhães.

1654

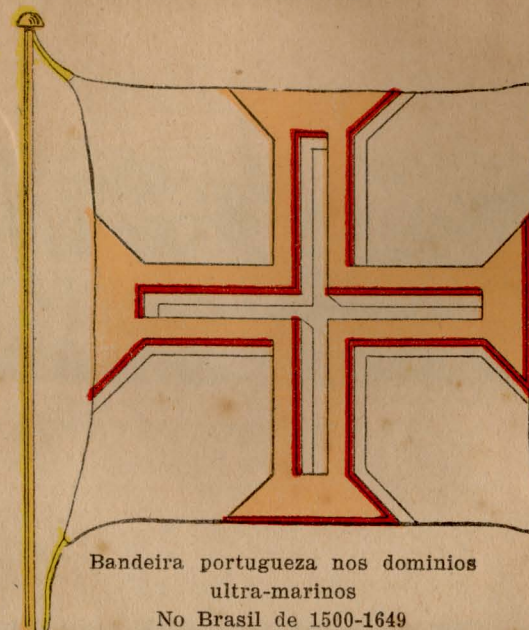
Em 23 de janeiro, tomada de Recife. — Em 26, assina-se a paz e o exército entra triunfante no Recife.

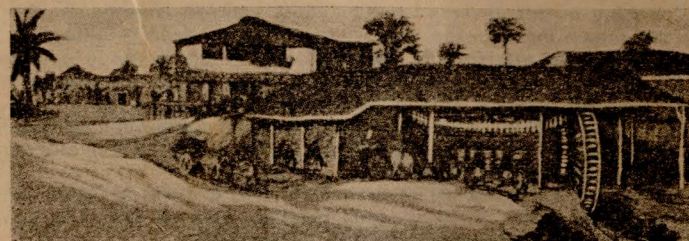
Leitura — Beneficios da guerra holandesa

A guerra estranha produziu resultados beneficos. O perigo comum fez aproximar-se mais do escravo o senhor, e o soldado europeu do brasileiro, ou do indio amigo. Com as honras e condecorações concedidas, mediante o beneplacito da curia romana, ao Camarão e a Henrique Dias, libertos, aquele da barbaria, este da escravidão, se honraram todos os indios e todos os africanos, na idéa de que certo desfavor, em que se julgavam, não provinha de suas côres, mas sim da falta de meritos para serem melhor atendidos. Por outro lado também o perigo comum aumentou muito a tolerancia dos povos de umas capitanias para as outras e estabeleceu maior fraternidade, de modo que quasi se póde assegurar que desta guerra data o espirito público mais generalizado por todo o Brasil. Pelo que respeita á tolerancia religiosa, cumpre dizer que desde a invasão holandesa era muito menor, como sucede sempre que a antiga religião é posta em contacto com outra nova, sobretudo trazída por conquistadores. O vicio de certa indiferença religiosa converteu-se em fanatismo contra os protestantes e judeus. Infelizmente, porém, a civilização humana assemelha-se em tudo ao homem: nasce chorando, e chorando e sofrendo passa a grande parte da infancia até que se educa e se robustece. Se, pois, nos conformarmos com esta lei indeclinavel, reconheceremos que o Brasil pagava então grande parte do seu tributo... Não ha dúvida que passados esses choros e esses sofrimentos, se apresentou mais crescido e mais respeitavel, havendo para isso concorrido poderoamente os grandes e continuados reforços de colonos ativos e vigorosos de vários terços ou regimentos que vieram da Europa, e cujos individuos pela maior parte ficaram no Brasil, o que perfez um número superior ao dos mortos nos campos de batalha. Por outro lado, o genio do padre Vieira, desenvolvido já no meio dos embates desta guerra, recomendara á Europa o Brasil, apresentando-se até na Holanda feito oficiosamente agente diplomatico, e os holandeses levavam aos mares do norte da Europa os nossos produtos, e os faziam aí conhecidos e desejados. O assucar, a aguardente de cana, até a tapioca, deveram ao consumo por êles promovido os aumentos de seu fabrico no Brasil.

(Segundo Porto Seguro).

RECAPITULAÇÃO

1.ª invasão holandesa **1624-1625**	A Espanha estava em guerra com a Holanda. Passando o Brasil a ser colonia espanhola, viu-se logo atacado pelos holandeses. Uma grande expedição ao mando de **Jacob Willekes** apoderou-se da Baía. — No ano seguinte uma armada luso-espanhola ao mando de d. **Fadrique de Toledo** retomou a cidade e expulsou os invasores.
2.ª invasão holandesa **1630-1654**	A Companhia das Indias Ocidentais mandou uma grande expedição comandada por **Hendrick Cornelioozon Lonck,** que se apoderou de Recife e Olinda (1630) apesar da desesperada resistencia oposta por **Matias de Albuquerque.** — Este fundara o **Arraial do Bom Jesus** e iniciara já a guerra de emboscadas contra os holandeses, quando veiu da Espanha uma esquadra comandada por d. **Antonio Oquendo** (1631) e fôrças ao mando do **conde de Bagnuoli.** Feriu-se uma grande batalha naval, na qual morreu o almirante holandês **Pater.** Ia Matias de Albuquerque colhendo alguns resultados, quando a deserção de **Domingos Fernandes Calabar** (1632) trouxe toda a vantagem para o lado dos holandeses. — Perdidos todos os pontos, Matias de Albuquerque teve de retirar-se para Alagôas. Em vista dêstes desastres veiu de Espanha uma nova expedição ao mando de d. **Luiz de Rojas y Borja,** que se deixou logo derrotar (1636). — Estando consolidado o poderío holandês, assumiu o govêrno o **conde de Nassau** (1637-1644) que fez um brilhante govêrno e tentou tomar a Baía. Em vista desta tentativa a Espanha mandou uma grande esquadra tendo por chefe o **conde da Torre,** a qual foi completamente derrotada (1639). — A restauração de Portugal (1640) parecia vir pôr termo á conquista, mas apesar disso os holandeses continuavam a extender os seus dominios. — Vendo que se tratava de uma conquista definitiva os patriotas brasileiros resolveram insurgir-se contra os holandeses. Foi **André Vidal de Negreiros** a alma do movimentó. Este rompeu no Maranhão (1642) e em seguida em Pernambuco (1645). O exército libertador, comandado por **João Fernandes Vieira,** fez junção com as fôrças de **Camarão** e **Henrique Dias,** e foi de vitória em vitória até fundar o **Arraial Novo do Bom Jesus** (1646). Embalde tentou o rei de Portugal, d. João IV, sufocar a revolução. Os patriotas continuavam sempre vitoriosos apesar dos grandes reforços recebidos pelos holandeses. — As duas grandes vitórias dos **montes Guararapes,** a primeira em 1648 e a segunda em 1649, foram os últimos episodios da grande luta. O Recife foi tomado e os holandeses obrigaram-se a abandonar o Brasil pela capitulação da **Campina do Taborda,** em 1654.

Bandeira portugueza nos dominios ultra-marinos
No Brasil de 1500-1649

Bandeira particular do Brasil
1649-1808

Engenho de Assucar no seculo XVII

Como se fazia o comércio do algodão

Entradas e bandeiras

1.ª lição **1531-1772**

O sertão, cercado de misterios, desafiou, desde os primeiros tempos da descoberta, o espirito aventureiro. Assim é que, a seguir daquela primeira **entrada** de 4 homens, em 1531, por ordem de Martim Afonso, outras se vão sucedendo, sempre com pouco resultado, em busca de riquezas entrevistas ou para **descer** indios.

A's entradas, que foram, por assim dizer, desbravando o sertão, seguiram-se as pequenas **bandeiras**, isto é, pequenas expedições exploradoras, sob o comando de um chefe.

De 1623 até 1750, pouco mais ou menos, tornou-se um verdadeiro desvairamento esta exploração. Tomar parte nela era a maior prova de heroismo que se podia dar.

As bandeiras, agora já grandes e fortes, cruzavam o país para o norte, oéste e sul, desvendavam riquezas, iam a pouco e pouco promovendo o seu povoamento.

Os indios aprisionados, muitas vezes fugiam e iam asilar-se nas

Bartolomeu Bueno da Silva, o "Anhangoera", entre os selvagens de Goiaz

reduções dos jesuitas. Daí o ataque e a destruição das **missões de Guaíra,** em 1623, pelo paulista **Antonio Raposo,** e a guerra que lhe declararam os bandeirantes.

Em 1674, a grande bandeira de **Fernão Dias Paes Leme** chega á famosa **serra das Esmeraldas.** No ano seguinte, **Lourenço Castanho Taques** descobre o primeiro ouro das futuras **minas gerais** e **Francisco Pedro Xavier** destrói os povos jesuitas entre o Paraná e o Uruguai.

Bartolomeu Bueno da Silva, o célebre **Anhangoera,** explora o territorio de Goiaz, em 1682, e descobre minas de ouro.

Antonio Pires de Campos percorre o Mato Grosso em busca de minas.

Afinal, em 1718, **Pascoal Moreira Cabral,** acha ouro em Cuiabá.

Bartolomeu Bueno da Silva, filho de **Anhangoera,** com uma bandeira, em 1772, completou a exploração iniciada por seu pai e fundou um arraial, que é hoje a cidade de **Goiaz.**

Assim, pelo esfôrço dos bandeirantes, estavam dilatados os nossos limites de oéste até onde atualmente se acham.

Resumo cronologico da 1.ª lição

1 5 3 1

Primeira entrada no sertão a mandado de Martim Afonso de Souza.

1 6 2 3

A grande bandeira de Antonio Raposo ataca e destrói as missões de Guaíra.

1 6 7 4

Fernão Dias Paes Leme chega á serra das Esmeraldas.

1 6 7 5

Lourenço Castanho Taques descobre ouro nas futuras minas gerais. — Francisco Pedro Xavier destrói as reduções entre o Paraná e o Uruguai.

1 6 8 2

Bartolomeu Bueno descobre ouro em Goiaz.

1 7 1 8

Pascoal Moreira Cabral acha ouro em Cuiabá.

1 7 7 2

Bartolomeu Bueno, filho de Anhangoera, funda o arraial de Goiaz.

Leitura — Os bandeirantes

Ha poesia e grandeza imensas, indomavel energia, tenacidade incomparavel, nesses bandos de aventureiros, que, sem itinerario, sem bussola, sem abrigo, guiando-se pelo curso dos rios, pelas altas montanhas ou á lei do acaso, alimentando-se dos produtos da caça e da pesca, dormindo ao relento, navegando em jangadas, transpondo cachoeiras, paúes, abismos, florestas invias, sitios quasi inacessiveis, arrostando féras, reptis, selvagens antropofagos, astutos e vingativos, debelando perigos mil vezes mais formidaveis que os do oceano desconhecido, através febres, naufragios, desastres, ferimentos, guerras, sacrificios constantes, lá se iam á conquista do remoto sertão misterioso!

Não os detem ou amedrontam barreiras e contratempos: chuvas, sêcas, frios. Si não encontravam para comer, roiam raizes que não raro, toxicas, os matavam no meio de sofrimentos atrozes. Disputavam o terreno palmo a palmo. Mascavam hervas, sugavam o sangue de animais mortos, quando a agua faltava.

Uma ou outra vez acampam; semeam cereais; fazem a colheita, e prosseguem na aspera jornada, sem destino certo. E' uma cidade que viaja, observa um escritor.

E, obstinados, sem desanimar ante inumeras catastrofes, percorrem o interior do Brasil, durante um século inteiro, descortinam regiões enormes, realizam excursões, dificeis ainda hoje, com todos os recursos da civilização, fazem vêr a face dos brancos onde ela jamais aparecera e nunca mais apareceu. Atravessam o continente, chegam aos Andes, ao norte do Paraguai, ás cordilheiras do Perú, quebrando extraordinarias resistencias, reduzindo os indigenas á escravidão, expulsando os espanhóis do territorio português, sustentando longas e sanguinolentas campanhas, descobrindo o ouro e os diamantes.

Minas Gerais, Goiaz, Mato Grosso, o oéste de S. Paulo foram explorados, sem intervenção do govêrno, graças á audaz iniciativa dêles.

Quantos uteis roteiros não organizaram! A quantos lugares, montes, rios, não deram nome! Que de formosas lendas, provenientes das suas façanhas, não ataviam a imaginação popular!

Os bandeirantes — eis a nota galharda e rubra dos nossos anais.

(Afonso Celso).

Revólta no Maranhão

2.ª lição — 1684-1685

De muito se vinha acentuando o desgôsto no Maranhão pelas medidas tomadas pela metropole. Em 1673, fez-se a transferencia da séde do govêrno para Belém; em 1680, a lei declarando livres os indios e dando aos jesuitas amplos poderes sôbre as missões, com exclusão das outras ordens; e, em 1682, além de tudo, a creação de uma **Companhia** para o Maranhão e Grão-Pará, com o privilegio exclusivo do comércio, que não mais poderia ser exercido por um particular.

As ordens religiosas não viam com bons olhos as regalias dos jesuitas e faziam causa comum com o povo no seu desgôsto.

A ausencia do governador e o descaso do capitão-mór **Baltasar Fernandes** animavam cada vez mais os descontentes, que se reuniam no convento dos Capuchinhos e tramavam a revólta, com o auxílio dêstes padres.

Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela

Havia um homem que, pelas suas qualidades e posição, impunha-se para chefe: era **Manoel Beckmann.**

Na noite de 24 de fevereiro de 1684, os sediciosos prenderam o capitão-mór e, ao amanhecer, estavam senhores de tudo.

Reuniu-se então na casa da Camara uma junta composta do clero, nobreza e povo e resolveu expulsar os jesuitas, abolir a Companhia de Comércio, depôr o governador.

Constituiu-se um novo govêrno composto de **Manoel Beckmann** e **Eugenio Maranhão,** com o titulo de procuradores do povo.

Celebraram-se festas. Seguiu para o Pará um emissario e Tomaz Beckmann foi mandado a expôr ao govêrno de Lisboa o que se passara.

Apenas alí chegado, esse emissario dos revoltosos foi encarcerado numa prisão, e a côrte resolveu tomar severas medidas. Nomeou o tenente-general **Gomes Freire de Andrade** para governar o Maranhão e reprimir a revólta.

Nesse intento deixou Gomes Freire o porto de Lisboa em 25 de março de 1685 e a 15 de maio seguinte desembarcou em S. Luiz. Encontrou já quasi terminada a revólta e assumiu o govêrno sem a menor oposição.

Apesar disto iniciou-se um processo sumarissimo, cujo resultado foi a condenação de Manoel Beckmann e outros á pena última.

O chefe da revólta, que se tinha refugiado no interior do Maranhão, atraiçoado por um seu afilhado chamado **Lazaro de Melo,** deixou-se prender. No dia 2 de novembro de 1685 foi êle enforcado, tendo antes declarado, do alto do patibulo, que morria contente por se ter sacrificado pela liberdade de seu país.

Resumo cronologico da 2.ª lição

1673

Transferencia da séde do govêrno do Maranhão de S. Luiz para Belém.

1680

E' declarada a liberdade dos indios e dadas aos jesuitas as missões com exclusão das outras ordens.

1682

Creação de uma companhia de comércio com o privilegio do tráfego no Maranhão.

1684

Na noite de 23-24 de fevereiro estala a revólta no Maranhão.

1685

Em 15 de maio, Gomes Freire assume o govêrno do Maranhão. — Em 2 de novembro morreu na fôrca Manoel Beckmann, chefe da revólta.

Leitura — Manoel Beckmann

No mesmo instante em que, como verdadeiro cristão, pedia do alto do patibulo o perdão de todas as ofensas feitas ao próximo, declarou que pelo povo do Maranhão morria contente. Grito derradeiro e sublime de um coração altivo e generoso, admiravel contudo naqueles tempos, em que as revoluções, simples fato material, não constituiam doutrina nem direito e em que os condenados, ordinariamente humilhados diante da justiça, morriam protestando o seu arrependimento e beijando a mão que os punia.

Assim terminaram, feridas do mesmo golpe, esta singular revolução, e a nobre existencia que fôra ao mesmo tempo a sua fôrça e o seu lustre. A história, imparcial e severa, mas não dura e insensivel, apraz-se em recordar tantos atos de desinterêsse, lealdade e abnegação, a sua eloquencia persuasiva e forte, e aquela coragem serena e firme que sem nunca abandoná-lo durante a vida, brilhou com mais vivo fulgor em face da morte; raro conjunto de grandes qualidades que, acareando e subjugando o amor e o odio dos contemporaneos, imprimiu á revolução um caráter de honestidade e moderação, que faria a glória dos melhores tempos, e que mesmo então lhe permitiu atravessar as suas fases mais perigosas, tão pacificamente como póde sê-lo uma comoção popular pura e extreme de quaisquer excessos, e tão respeitadora da vida e da fazenda, como de todos os outros interêsses e direitos dos seus adversarios. Mas o coração não póde deixar de contristar-se quando vemos este homem notavel dissipar em vãos esfôrços todo aquele tesouro de virtudes e altas faculdades, numa época de ignorancia, egoismo e corrupção, que não era a sua, e abismar-se por fim numa empresa temeraria e insensata, sem êxito provavel, iniqua em alguns dos seus fundamentos, e tão efemera que da sua passagem nem deixaria vestigios si infelizmente não tivesse servido para consolidar a mesma influência que se propunha destruir.

Mas, pois, na noite dos tempos, brilham tão raros os caractéres desta têmpera, que, mesmo condenando os erros, e lastimando o extemporaneo e inutil do sacrificio, não deve a história recusar-lhes, quando acaso os encontra, a expressão ardente das suas simpatias e o tributo de admiração e de piedade, que sobretudo lhes é devido si um grande infortunio vem no fim coroar e consagrar um grande merecimento.

(J. F. Lisboa).

Os Palmares

3.ª lição 1695

Entre todos os **quilombos** que existiram em diversos pontos do Brasil, tornaram-se sobremaneira notaveis os dos **Plamares**, cujo nome se derivou do grande número de palmeiras que nêles existiam.

Situados desde o rio São Francisco até o sertão de Pernambuco, começaram a se formar, talvez, no tempo da invasão dos holandeses (1630) e foram se avolumando e fortalecendo de tal maneira que os proprios holandeses tiveram de empreender contra êles diversas expedições.

Domingos Jorge Velho e seu ajudante de campo Antonio Fernandes de Abreu.—Quadro de B. Calixto

Em 1678, constavam os Palmares de vários nucleos, entre os quais: o do **Macaco**, o do **Sucupira**, o das **Tabocas**, o de **Bambiagonga** e alguns outros, aldeias fortificadas, que, reunidas, abrigavam uma população de 30.000 almas.

Governava os Palmares, o **Gangazuma**, uma espécie de monarca eleito para toda vida. A este subordinavam-se os chefes das diversas aldeias. Reinava em todos os nucleos a mais perfeita ordem.

Terminada a guerra holandesa, os governadores voltaram as suas vistas para esses quilombos, que constituiam um sério perigo para o comércio e os engenhos das circunvizinhanças. Numerosas expedições foram organizadas, mas nenhuma obteve resultado satisfatorio. Apenas o sargento-mór **Manoel Lopes Galvão** (1675) e **Fernão Carrilho** (1677) obtiveram alguma vantagem. Tentou o governador **Pedro de Almeida**, por meios pacificos, chamar os negros á obediencia e chegou até a celebrar com êles um tratado nesse sentido (1678).

Dentro em pouco, porém, foi preciso mandar outra expedição contra os Palmares (1679), a qual sofreu tremenda derrota.

Afinal, em 1687, organizou-se uma nova expedição sob o comando de **Domingos Jorge Velho.**

Após uma luta de 8 anos, os Palmares foram vencidos, em 1695, precipitando-se o rei de cima de um alto rochedo, afim de não cair prisioneiro.

Resumo cronologico da 3.ª lição

1630
Com a desordem causada pela invasão dos holandeses, começa a formar-se o quilombo dos Palmares.

1675
O sargento-mór Manoel Lopes Galvão ataca os Palmares.

1677
Expedição de Fernão Carrilho.

1678
O governador Pedro d'Almeida celebra um tratado de paz com os negros.

1687
Expedição de Domingos Jorge Velho contra os Palmares.

1695
Destruição do quilombo.

Leitura — Destruição dos Palmares

Rolava o sol, abria-se a noite, e sempre o inimigo a tentar a escalada, a persistir sem descanço! Mas, êles deviam ir-se porque também faziam alcatéa á caça, buscavam o alimento. Um dia, em maio...

As chuvas tinham cessado, as pereiras revestiam-se de folhagem nova, quando da atalaia dos Palmares se avistou a chegada de outro exército. As matas encheram-se da rutilação de espadas, da alegria de seus vestuarios coloridos. Chegavam boiadas mugidoras, cargueiros lestos com munições...

O Zumbi parou a olhar no horizonte, rilhando os dentes com o desespêro da sua impotencia.

E as mulheres, lá por baixo, no círculo do povoado, em tôrno do cruzeiro tôsco, pareciam escuras panteras famintas, numa arena deserta, farejando os cantos, esfrangalhadas e ansiantes. Na frescura do ar, sob o céu tranquilo do Equador, nesse tempo de alento, pairava um cheiro nauseante de decomposição. O olfato assava. Uma tristeza nostalgica crepusculava as almas, e o olhar pressentia na terra fôfa a putrefação das vítimas.

Enfim, chegou a hora da decisão. Soam cornetas, rufam tambores. As matas retumbam o clangor dos sons.

O inimigo reune a gente, forma os pelotões, desenvolve as fileiras, arremete contra o quilombo. O assalto é desesperado. As coortes brancas avançam; a gente dos Palmares repele-as com os ultimos recursos.

O dardo zimbra e abate, a flecha zune e crava-se; os braseiros espadanam das estacadas como um enxame diabolico de rubins fumegantes. Mas os grandes troncos das entradas rangem, desligam-se, voam em estilhaços, desabam como colunas.

No alto da atalaia o Zumbi, com os seus chefes, olha petrificado para a devastação da taba que o branco pisa, domina, massacra e desbarata.

No meio da confusão dos assaltantes um grito parte: — **O Zumbi!** Cem, duzentos homens forcejam por vencer o outeiro para a conquista dessa cabeça que os fita com desprêzo.

E, antes que os brancos galguem o pinaculo, antes que as suas mãos de odio toquem os ombros herculeos dêsses homens negros como a pedra esculpida de um obscuro século de incendios, a heroicidade rasga-lhes uma crispação sardonica na dentuça branca e seus corpos rolam para o abismo do despenhadeiro que os acolhe numa informe massa ensanguentada.

(Gonzaga Duque).

Guerra dos Emboabas

4.ª lição **1708-1709**

A notícia de riquezas prodigiosas atraira para as **minas gerais** gente de todas as procedencias.

Os paulistas, que tinham sido os seus descobridores, mantinham as minas em seu poder, a despeito da concorrencia dos naturais de outras capitanias e dos **emboabas.**

Emboaba — Eis o que diz Teodoro Sampaio a respeito dêste termo: "Seria o vocabulo primitivo empregado pelos gentios para designar o europeu que se fixava entre êles, se aliava com êles em familia como aconteceu com João Ramalho, com o Caramurú e outros? Será simples corruptela de **amoaba** que se traduz: — o de fóra, o de longe, o forasteiro, o estranjeiro?" Outros opinam que emboabas quer dizer — pernas calçadas.

Desde 1706 começara a acentuar-se a rivalidade entre os naturais do país e os reinóis, entre os quais era **Manoel Nunes Viana** o principal.

A luta, que já por vezes estivera iminente entre as duas facções, achou no assassinato de **José Pardo,** paulista muito estimado, um pretexto para romper.

Espalhando-se o boato de que os paulistas premeditavam o massacre dos contrários, estes reuniram-se e investiram **Manoel Nunes Viana** das funções de ditador.

Os paulistas, a seu turno, armaram-se e esperaram o inimigo.

O primeiro encontro foi em Sabará, cabendo a vitória aos emboabas (1708).

O segundo encontro desta lamentavel guerra civil, no arraial de Cachoeira do Campo, mais sangrento ainda do que o primeiro, trouxe nova vitória aos emboabas.

Não desanimaram os paulistas. Sob o comando de **Valentim Pedroso de Barros** e de **Pedro Paes de Barros** intentaram tomar a desforra. Coube ainda a vitória aos reinóis de **Bento do Amaral Coutinho,** homem sanguinario, que fez um enorme morticinio nos inimigos.

A vinda do novo governador **Antonio Albuquerque de Carvalho,** mudou a face dos acontecimentos.

Nunes Viana retirou-se e os paulistas mais uma vez foram mal sucedidos na revindita que intentaram sob o comando de **Amador Bueno da Veiga.**

A creação de uma nova capitania, a de São Paulo e Minas, independente da do Rio de Janeiro e a anistia aos dous bandos, terminaram aquela nefasta luta civil (1709).

Mais tarde, em 1718, o govêrno da metropole decretou que fôsse reduzido a barra todo o ouro extraido das minas. E mandou estabelecer casas de fundição para cobrança dos quintos.

Esta medida prejudicial aos interêsses dos mineradores, provocou duas sedições, em 1720.

Uma teve por teatro a vila de **Pitangui** e foi logo sufocada em sangue.

A segunda foi em **Vila Rica** e teve por chefe **Felipe dos Santos.** Os revoltosos, que chegaram a declarar a independencia da capitania, renderam-se a falsas promessas do **conde de Assumar** e Felipe dos Santos foi condenado a ser atado vivo á cauda de um cavalo bravo.

Resumo cronologico da 4.ª lição

1706

Começa a acentuar-se a rivalidade existente entre paulistas e emboabas.

1708

Manoel Nunes Viana assume a chefia dos emboabas e dão-se diversos recontros desfavoraveis aos paulistas.

1709

Chegada do novo governador Coelho de Carvalho. Creação da capitania de S. Paulo e Minas. — Anistia aos dous bandos e fim da guerra civil.

1720

Martirio de Felipe dos Santos.

Leitura — Felipe dos Santos

Era a tarde de 16 de julho de 1720, em Vila Rica, opulenta capital de Minas. Todo o trabalho, por ordem do governador, fôra suspenso.

Toda a população correra, a vêr o espetáculo terrivel que se preparava. Tinham vindo os fidalgos com os seus vestuarios de gala, — coletes de setim, casacas de veludo, camisas de rendas, cabeleiras de rabicho; tinham vindo as fidalgas, cobertas de sedas e joias; tinham vindo os homens abastados da vila; tinham vindo os trabalhadores livres das minas e os negociantes; tinham vindo os escravos, quasi nús, ainda carregando os martelos de quebrar o cascalho aurifero e as bateias de sacudir o ouro...

Não era uma festa que se esparava. A tarde era de terror. O conde de Assumar, dom Pedro de Almeida Portugal, cercado do seu regimento de Dragões d'El-Rei, ia presidir a execução de Felipe dos Santos, réu de rebelião, que tivera a ousadia de incitar o povo de Vila Rica á desobediencia e ao motim.

O conde de Assumar queria dar ao povo uma lição tremenda. Para isso, era necessario aniquilar, torturar e deshonrar á sua vista o mais simpatico, o mais popular dos chefes da revólta. O escolhido foi Felipe dos Santos. Adorava-o o povo, que a sua palavra eloquente fascinava. Homem justo, meigo e caridoso; alma feita para o amor da liberdade e da justiça, Felipe dos Santos, num tempo em que ainda não tinha explodido o vulcão da Revolução francesa, já sonhava a Republica. E foi por isso a Felipe dos Santos que o conde de Assumar escolheu para vítima da sua sêde de vingança.

Era a tarde de 16 de julho de 1720. Felipe dos Santos, calmo e belo na sua resignação, foi á vista de todo o povo, amarrado vivo á cauda de um fogoso cavalo. Nem uma voz se levantou para interceder pelo herói. A multidão apavorada e trêmula, subjugada pela tirania do governador, assistiu em silêncio áquele hediondo crime. Açoutado, o animal partiu a galope. E, pelas pedras asperas e ponteagudas das ruas, ensanguentado, ensopando com o seu sangue precioso o pó da sua amada cidade, via-se o herói, saltando e ressaltando, ao trote vivo do cavalo, sem um gemido...

A noite descia, Felipe dos Santos expirava. Mas, ainda por largo tempo, á luz viva que tingia o céu avermelhado pelo pôr do sol, a multidão, apinhada nas colinas que rodeavam a cidade, viu passar, arrastado de ladeira em ladeira, espatifado e sangrento, aquele corpo sagrado, que estava santificando o chão de Vila Rica...

(Coelho Neto).

Guerra dos Mascates

5.ª lição **1710-1711**

Depois que os naturais de Pernambuco obtiveram a memoravel vitória contra os holandeses, acentuou-se cada vez mais a rivalidade já de antes existente, entre os brasileiros de Olinda, já então elevada á vila, e os portugueses estabelecidos no Recife e, por desprêzo, chamados de — **mascates.**

Almotacéis

Estes iam empregando todos os seus esfôrços para elevar também o Recife á vila e torná-lo independente de Olinda e já tinham conseguido, em 1703, concorrer á eleição do **almotacé** e da camara de Olinda.

Acentuara-se cada vez mais esta rivalidade, quando, em 1707, chegou o novo governador da capitania, **Sebastião de Castro Caldas** que, manifestando desde logo a sua simpatia pelos **mascates,** conseguiu a elevação do Recife á vila.

A instalação solene deu-se no ano seguinte (1710) com o protesto do senado e povo de Olinda.

Castro Caldas foi vítima de uma emboscada que quasi lhe roubou a vida e, em represalia, tomou medidas severas que provocaram a guerra civil.

As fôrças de Olinda tomaram Recife, pondo em fuga o governador. Reunida a camara, um dos chefes olindenses, **Bernardo Vieira de Melo,** propôs a independencia da capitania, estabelecendo-se alí o govêrno republicano. Vencendo afinal a opinião dos mais moderados, assumiu o govêrno da capitania o bispo **Manoel Alves da Costa,** que era o sucessor legal do governador.

Este tentou, em vão, restabelecer a harmonia, mas os ânimos estavam por demais exaltados para o conseguir.

Os do Recife, animados e protegidos, pelo governador da Paraíba, **João da Maia da Gama,** reuniram tropas sob o comando do capitão **João da Mota.**

O bispo resignou o govêrno nas mãos do mestre de campo **Cristóvão de Mendonça Arraes,** que se colocou á frente das fôrças de Olinda, marchou contra o Recife e o cercou.

Neste interim chegou o novo governador **Felix José Machado de Mendonça,** que captou a amizade dos dous partidos e pôde declarar terminada a luta civil (1711).

Apesar da anistia concedida pelo governador em nome do rei, abriu-se logo devassa afim de apurar os responsaveis pelas desordens havidas. Toda a culpa recaíu sôbre **Bernardo Vieira de Melo** que foi posto a ferros e remetido para a cadeia de Lisboa onde terminou seus dias (1712).

RECAPITULAÇÃO

Entradas e bandeiras **1531-1772**	A primeira **entrada** ou pequena exploração do sertão, de que se tem notícia, foi em 1531, por ordem de Martim Afonso. Outras se foram sucedendo. Veiu depois a época das **bandeiras,** isto é, bandos ás ordens de um chefe para explorar o sertão em busca de indios e riquezas. Bandeiras principais: a de Antonio Raposo; a de Fernão Dias Paes Leme; a de Lourenço Castanho Jaques; a de Francisco Pedro Xavier; a do **Anhanguera.** Os bandeirantes tornaram conhecido o país.
Revólta do Maranhão **1684-1685**	Causas: transferencia do govêrno para Belém; lei dando liberdade aos indios e fixando o predominio dos jesuitas sôbre as missões; creação de uma companhia de comércio. Chefe: Manoel Beckmann. Os revoltosos assenhorearam-se do govêrno, expulsaram os jesuitas, aboliram a companhia de comércio. O novo governador Gomes Freire de Andrade venceu facilmente a revólta. Manoel Beckmann condenado á morte.
Os Palmares **1695**	Entre todos os **quilombos** que se formaram no Brasil, o mais célebre foi o de Palmares, em Alagôas.—Constava de várias aldeias fortificadas, formando uma espécie de confederação governada por um chefe eleito por toda a vida. Diversas expedições foram mandadas contra os Palmares, desde 1630 até 1695. — A última foi comandada por Domingos Jorge Velho, que conseguiu destruir o quilombo.
Guerra dos Emboabas **1708-1709**	As minas descobertas pelos paulistas atrairam grande concorrencia, principalmente de portugueses, apelidados de **emboabas,** cujo chefe era **Manoel Nunes Viana.** — Começou a luta em **Sabará,** sendo os paulistas derrotados. Seguiram-se outros combates sangrentos, sendo a vitória dos emboabas. — O novo governador Coelho de Carvalho, pôs termo á luta em 1709.
Guerra dos Mascates **1710-1711**	Causas: a rivalidade que existia entre os brasileiros de Olinda e os portugueses do Recife (mascates). Sendo o Recife elevado á vila, rompeu a guerra: os do Recife eram comandados pelo capitão João da Mota e os de Olinda, pelo mestre de campo Cristóvão de Mendonça Arraes. A luta civil terminou em 1711, com a chegada do novo governador Machado de Mendonça.

Fundação da Colonia do Sacramento

1.ª lição **1680**

Portugueses e espanhóis, a porfia, tratavam de aumentar o seu patrimonio.

Neste intento a camara do Rio de Janeiro dirigiu, em 1676, uma representação á metropole no sentido de fixar-se no **Rio da Prata** o limite sul do Brasil e levantar-se alí uma fortaleza.

Atendida a solicitação, o governador d. **Manoel Lobo** fundou, em janeiro de 1680, no ponto indicado a **Colonia do Sacramento.**

Este ato não agradou a d. **José Garro,** governador de Buenos Aires, que investiu e tomou o estabelecimento, no mesmo ano de sua fundação.

O tratado de 7 de maio de 1681, restituiu a Colonia aos portugueses, que restauraram as suas fortificações. Outro tratado, em 1701, confirmou o primeiro, de modo que os portugueses se conservaram na posse da margem esquerda do Rio da Prata.

A Colonia ia em franca prosperidade, devido principalmente aos esforços de d. **Francisco Napier de Lencastro.**

A guerra de Sucessão da Espanha veiu alterar este estado de coisas.

> A guerra de Sucessão da Espanha (1700-1714) teve por causa a disputa da corôa dêste país pelo arquiduque Carlos, apoiado pela Austria, Inglaterra, Holanda e Prussia, contra Felipe V, sustentado pela França, Baviera e Espanha.
> Portugal tomou o partido do primeiro e daí as hostilidades de espanhóis e franceses contra o Brasil.

Estavam quasi despercebidos os portugueses, quando foram atacados por um forte exército ao mando de d. **Alonso Valdez** (1704).

A Colonia resistiu heroicamente e caíu em poder do inimigo sómente quando o comandante **Veiga Cabral** recebeu do governador ordem de abandoná-la e recolher-se ao Rio de Janeiro.

Pelo tratado de Utrecht (1715) voltou aos portugueses a Colonia com as terras adjacentes até a distância de um tiro de canhão, conforme interpretação dada pelos espanhóis áquele tratado.

Com o fim de conter os portugueses nessa posse d. **Bruno de Zabala,** fundou o presidio de Montevidéo (1723).

Apesar disto subsistiu a harmonia até que d. **Miguel Salcedo** tomou conta do govêrno de Buenos Aires e combateu a Colonia dous anos (1735 e 1737) sem poder tomá-la em vista dos reforços trazidos por d. **Alvaro de Brito.**

Resumo cronologico da 1.ª lição

1676

A camara do Rio de Janeiro propõe que seja o Rio da Prata o limite sul do Brasil.

1680

Fundação da Colonia do Sacramento por d. Manoel Lobo. — Tomada da Colonia por d. José Garro.

1681

Tratado entregando aos portugueses a Colonia.

1704

D. Alonso Valdez toma a Colonia.

1715

Tratado de Utrecht restituindo a Colonia aos portugueses.

1735

D. Miguel Salcedo ataca a Colonia, que resiste até 1737.

Leitura — As fronteiras

No século XVIII tornou-se inevitavel definir a configuração exata do Brasil. Quão longe estavamos já do tratado de Tordesilhas! Os brasileiros paulistas e os jesuitas haviam, pela ocupação e conquistas triplicado a area da antiga colonia. Todo o oéste meridional até os confins do Paraguai e da Bolivia e o oéste setentrional, por quasi todo o curso do Amazonas, formavam o imenso sertão continental, aumentado ao patrimonio do meridiano da demarcação. Além disto o Brasil, do seu extremo em Santa Catarina levou a ocupação a centenares de milhas até o estuario do Prata.

Com essa extraordinaria expansão, veiu o país a entrar em conflitos de duas origens: — uns, com a Espanha, que cercava de quasi todos os lados terrestres a Colonia com o seu dominio sul-americano; outros, com a Guiana, a região do menosprêzo, onde repousavam afinal as garras dos europeus, contendores e inimigos do imperio colonial iberico.

E' curioso que onde Colombo colocara a **Estrada do Paraiso** e onde mais ou menos colocou a lenda o **El-Dorado,** maior aí fôsse o abandono dos dous altos senhores da America Meridional.

Espanhóis e Portugueses pouco se ocupavam da região: os primeiros nem sequer dela tomaram posse efetiva e, vindos do Pacífico, lançaram os ultimos padrões no Orinoco. A região abandonada tornou-se a compensação para os ingleses, franceses e holandeses que não conseguiram fixar-se no Brasil.

As questões de limites ao oéste e sul, podiam então resolver-se só com tratar com a Espanha.

Também nesse tempo o dominio espanhol limítrofe estava dividido em três vice-reinados: **Buenos Aires, Lima** e **Santa Fé de Bogotá** eram os seus nomes e abrangiam respectivamente os Estados do Prata, sul e sudoéste, os Estados do Perú e os Estados da Colombia. Esta divisão, todavia, não prejudicara a unidade da questão diplomatica naquele tempo.

Hoje, com a independencia das republicas sul-americanas, ressurgiu e complicou-se a questão dividida entre reclamações da Argentina, Paraguai, Bolivia, Perú, Colombia e mesmo do Equador.

(João Ribeiro).

Os corsarios franceses

2.ª lição **1710-1711**

Expedição de du Clerc

Desde os primeiros tempos da colonia, os franceses vinham tentando apoderar-se de algum porto da costa.

Afinal, ainda a Guerra de Sucessão da Espanha forneceu pretexto para novos ataques.

A princípio foi o corso contra os navios portugueses. Por fim armou-se em Brest uma forte expedição, que, ao mando de **Jean François du Clerc** forçou a barra do Rio de Janeiro e veiu ancorar no porto da ilha Grande. Tentado o desembarque em diversos pontos, sempre repelidos pelas fôrças de terra, afinal o conseguiram os franceses, na Guaratiba. O governador geral **Francisco de Castro Moraes,** apesar de ter recursos suficientes, não tratou de impedir a marcha.

Du Clerc atacou a cidade, mas os estudantes, ao mando de **Bento do Amaral Coutinho,** e as fôrças do padre **Francisco de Menezes** obrigaram-no a retroceder e refugiar-se no trapiche da cidade, onde se rendeu a discrição.

Du Clerc, que tivera a cidade por menage, foi misteriosamente assassinado no seu proprio leito (1711).

Expedição de Duguay-Trouin

Não tanto, talvez, para vingar a derrota dos patricios, senão pelo intento de lucros fabulosos, preparou-se em França nova e mais forte esquadra, com 70 canhões e 5.764 marinheiros e soldados, ao mando do almirante **Duguay-Trouin.**

Esta expedição partiu do porto de Rochela, em 1711, e em pouco estava á vista do Rio de Janeiro.

Era ainda o Brasil governado por Francisco de Castro Moraes, o qual recebendo por um patacho inglês a notícia do planejado ataque, tratou de tomar algumas medidas.

Aproveitando-se do cerrado nevoeiro, Duguay-Trouin forçou a entrada da barra, debaixo do fogo das fortalezas, apoderou-se da ilha das Cobras e aí fortificou se. Desembarcou a sua gente, depois de desbaratar os poucos homens de Amaral Coutinho, que morreu heroicamente, sem encontrar mais resistencia, pois Castro Moraes, que tinha fôrças superiores as do invasor, não se movera do seu acampamento. E temendo a chegada das fôrças do interior, Duguay-Trouin intimou o governador, debaixo da ameaça de incendiar a cidade, a resgatá-la por 600.000 cruzados, 100 caixas de assucar e 200 bois.

Apenas assinado o vergonhoso convenio (10 de outubro de 1711), chegou **Antonio de Albuquerque** com quasi 6.000 homens. Nada mais pôde fazer.

Demoraram-se os franceses até 4 de dezembro, dia em que receberam a última prestação.

Duguay-Trouin animado pelo facil triunfo, resolveu ir atacar a Baía, mas desistiu de seu intento em vista dos temporais que o assaltaram no mar.

O governador Castro Morais foi punido de sua criminosa desidia com o degredo perpétuo para a India.

Resumo cronologico da 2.ª lição

1710

A primeira expedição francesa ataca o Rio de Janeiro e cai prisioneira.

1711

Du Clerc é misteriosamente assassinado. — Segundo ataque dos franceses. Tomada do Rio de Janeiro, vergonhosamente resgatado pelo governador Castro Morais.

Leitura — Rasgo de heroismo

No ataque do trapiche deu-se uma ocorrencia que poderia ter tido funestas consequencias: refiro-me ao incendio dos armazens da alfandega e o da contigua casa dos governadores, motivado pela explosão de alguns barris de polvora.

Ouvindo do campo do Rosario a medonha detonação e avaliando por ela da gravidade do perigo, expediu o governador o seu irmão, mestre de campo Gregorio de Castro Moraes, a frente de seu regimento.

Reforçando a sua tropa com a dos estudantes acometeu o referido mestre de campo os franceses que queriam assenhorear-se do tesouro, então chamado — Casa dos contos —; e quando mais acesa ia a peleja uma bala disparada por mão certeira pôs termo á sua honrada existencia.

Encontrando uma resistencia com que por certo não contava, conheceu por fim, du Clerc o êrro que cometera vindo com tão minguadas fôrças atacar uma cidade, que, apesar de mal guardada, ainda assim tão vigorosa defesa lhe apresentava. Em reiterados e quasi que incessantes combates, havia perdido quasi que a metade de sua gente, sem que nenhuma vantagem real lhe compensasse tal sacrificio.

Parece que a consideração do mau passo em que se colocara turvou-lhe o entendimento; porquanto adotou o mais desesperado partido que poderia abraçar, encerrando-se no trapiche e fazendo-se nêle forte com a sua infantaria e seis peças de artilharia que conseguirá tomar ao inimigo. Folgou Francisco de Castro com o êrro cometido pelo comandante francês, e, prevalecendo-se logo dêle, mandou-o intimar que se rendesse á discrição do vencedor! Recusou du Clerc fazê-lo, iludido por uns repiques de sinos que na mesma ocasião ouviu, e que pensou serem tangidos pelos seus compatriotas já senhores da cidade.

Não tardou em desenganar-se, maximé quando se viu cercado por fôrças muito superiores ás suas, e bombardeado pela artilharia mandada vir da ilha das Cobras. O que porém mais que tudo determinou-o a pedir capitulação foi a ameaça do governador de mandar lançar fogo ao trapiche onde imprudentemente se havia fortificado.

Por essa ocasião deu-se um rasgo de heroismo digno de passar á mais remota posteridade. Praticou-o um alferes de ordenanças, cujo nome sinto ignorar, que habitando a casa próxima ao trapiche com sua mulher, filhos, mãe e irmãs, ofereceu-se para ser o primeiro que lhe lançasse fogo, embora, sucumbisse com tudo o que na terra possuia de mais precioso!

Como os gregos e romanos, também os antigos portugueses, nossos gloriosos antepassados, imolavam á patria as mais santas e puras afeições de familia.

(E. de Menezes).

Tratado de Madrid

3.ª lição — 1750

Em 13 de janeiro de 1750, de novo reuniram-se embaixadores espanhóis e portugueses (entre estes o brasileiro **Alexandre de Gusmão**), e fizeram o tratado de Madrid, fixando definitivamente a linha divisoria entre os dominios das duas nações.

Limites de 1750

Esta linha começava ao sul, da fóz do arroio **Chuí** até suas nascentes no monte **Castilhos Grandes**, seguia pelas serras até as cabeceiras do rio **Negro** e do **Ibicuí**, indo por este até o **Uruguai** e pelo Uruguai até o **Pepirí**, donde continuava para o norte.

Os jesuitas tinham fundado, entre o **Ibicuí** e o **Uruguai** sete povoados com a designação de **missões**, onde viviam para mais de 30.000 indios mansos, sujeitos ao seu dominio.

Estes sete povoados eram: **S. Borja, S. Nicolau, S. Miguel, S. Luiz Gonzaga, S. Lourenço, S. João Batista** e **Santo Angelo.**

Pelo novo tratado, Portugal abandonaria a Colonia do Sacramento, recebendo em troca o territorio das missões.

Foram encarregados da demarcação o espanhol **Marquês de Valdelirios** e o português **Gomes Freire de Andrade.**

Em 29 de outubro de 1752 ficou assentado o primeiro marco em **Castilhos Grandes** e os trabalhos foram continuando em ordem. Ao chegar ás missões, porém, em **Santa Tecla,** os indios começaram a hostilizar os demarcadores, de modo que estes se retiraram e resolveram empregar a fôrça para chamá-los á obediencia (1753).

Após muitas delongas, em 1756, romperam as hostilidades. Apesar da excelente posição dos indios no outeiro de **Caibaté,** foram debandados logo aos primeiros tiros. Seguiram-se outras refregas até que os demarcadores separaram-se sem nada ter conseguido, o que equivalia a uma verdadeira vitória dos jesuitas.

Em Lisboa estas notícias causaram funda impressão e o ministro **Sebastião de Carvalho,** marquês de Pombal, resolveu tomar severas medidas, ao que o aconselhavam ainda outros acontecimentos em Lisboa.

Foi assim que se deu a expulsão dos jesuitas de todos os dominios de Portugal (1759).

Resumo cronologico da 3.ª lição

1750

Tratado de Madrid determinando os limites entre Portugal e Espanha, de modo que a Colonia do Sacramento ficava para Espanha e o territorio das Missões para Portugal.

1752

Os demarcadores portugueses e espanhóis assentam o primeiro marco da linha divisoria, em Castilhos Grandes.

1753

Os indios das missões atacam a comissão demarcadora.

1756

Rompem as hostilidades entre o exército dos demarcadores e os indígenas. — Ação do outeiro de Caibaté.

1759

O marquês de Pombal promove a expulsão dos jesuitas de todos os dominios portugueses.

Leitura — O Marquês de Pombal e o Brasil

Na instrução e obras públicas, no comércio, lavoura e industria, na navegação, na arrecadação da Fazenda e na governação do Estado, na organização militar, em uteis reformas judiciais, em providencias beneficas e caritativas o dedo giganteo de Pombal ficou assinalado neste imperio.

Marquês de Pombal

Beneficios legitimos do reinado de José I experimentou também o Brasil na instrução pública, em primeiro lugar pela admiravel reforma da Universidade de Coimbra, que levou a cabo, pondo-a, como se vê dos seus Estatutos, especialmente nas faculdades de direito, filosofia e matematicas, a par das primeiras do seu tempo. A esta reforma, em que trabalharam muito dois benemeritos brasileiros, o bispo conde reformador d. **Francisco de Lemos** e seu irmão **João Pereira Ramos,** deveram depois outros brasileiros a ilustração, com que serviram com tanta distinção nesse reinado, que muito os protegia, e com que ainda nos ultimos tempos poderam bem servir o seu país. Para realizá-la, o ministro Pombal não hesitou, como patriota superior a prevenções, de fazer vir até de fóra capitais de inteligencia e de atividade nas pessoas dos **Vandelis, Franzinis, Dallabellas, Blascos,** e outros. Não foi menor o beneficio que resultou da reforma dos estudos das escolas menores, o restabelecimento do colegio dos Nobres, tudo debaixo da inspeção da Mesa Censoria, tribunal encarregado da censura dos livros, que ficaram isentos de passar pelas três censuras, da inquisição, do desembargo do paço e do ordinario.

Os edificios monumentais da cidade do Pará, levantados desde que ideou, em 1761, preparar aí um refugio, em caso de necessidade, ao trono da casa de Bragança, recomendam a sua previsão. Pela maior parte foram delineados pelo arquiteto **Antonio José Lande,** que para esse fim despachou. O palacio, hoje ocupado pela presidencia da provincia, com quinze janelas de frente, três das quais no corpo do meio, é um dos mais esplendidos do Brasil. A sé e as igrejas de S. João e Santana são identicos testemunhos do favor real que presidiu á sua ação.

(Varnhagen).

Novas lutas ao sul

4.ª lição **1761-1763**

Convenção de 12 de fevereiro — A oposição dos indigenas viera ao encontro dos desejos dos espanhóis que, de pronunciada má vontade, estavam dando cumprimento ás clausulas do Tratado de Madrid.

Tomando como pretexto os fatos ocorridos, declararam nulo aquele tratado, voltando as Missões para o poder da Espanha e a Colonia ao dominio de Portugal (Convenção de 12 de fevereiro de 1761).

Dentro em pouco, por efeito do célebre **pacto de familia** (15 de agosto de 1761), romperam de novo as hostilidades.

O **pacto de familia** foi uma aliança estabelecida contra a Inglaterra pelos soberanos da França, Espanha, Duas Sicilias e Parma, os quais eram da familia dos Bourbons.

Portugal, sendo aliado da Inglaterra, teve de tomar parte na luta, que repercutiu também no Brasil.

Perda da Colonia — Quebrada a paz na Europa, d. **Pedro de Zeballos**, governador de Buenos Aires, avisou ao vice-rei do Brasil, **Gomes Freire de Andrade**, conde de Bobadela, que ia romper as hostilidades.

E logo saíu, com uma forte expedição de terra e mar, a pôr em cêrco a Colonia do Sacramento (5 de outubro de 1762).

Bem provida de víveres e recebendo reforços que Gomes Freire não cançava de lhe mandar, parecia que a Colonia resistiria por largo tempo, quando, com surpresa geral, o comandante **Vicente da Silva Fonseca** a entregou ao inimigo (30 de outubro).

Este fato produziu tão grande abalo no conde de Bobadela que ocasionou a sua morte.

Invasão do Continente — Satisfeito com o bom êxito da sua empresa, Zeballos invadiu o territorio do Continente de São Pedro, onde o coronel de dragões **Tomaz Luiz Osorio** entregou-lhe sem resistencia o forte de **Santa Teresa**, e em seguida o de **S. Miguel**, em 19 de abril de 1763.

Daquí seguiu o coronel **José Molina** com alguma fôrça para atacar a **vila de S. Pedro** do Rio Grande do Sul, a qual, abandonada precipitadamente pelo governador **Inacio Eloi de Madureira** e por toda a população, caíu-lhe nas mãos sem a menor resistencia, em 24 do mesmo mês.

Uma vez senhor dêstes pontos, guarneceu-os Zeballos convenientemente e tratou de continuar a conquista.

Atravessou o canal que impropriamente é chamado Rio Grande, desembarcou na estreita faixa de terra fronteira, apoderou-se da Guarda do Norte (hoje S. José do Norte) e foi avançando para o interior.

Paz de Paris — Por este tempo cessou a guerra na Europa, assinando-se a paz em Paris pela qual ficou assentado que se deviam restituir as conquistas de guerra.

Zeballos, entretanto, apenas entregou aos portugueses a **Colonia**, ficando com os territorios ocupados no **Continente de S. Pedro**.

O govêrno português tratou então de reivindicar pelas armas o que não conseguira por meio da diplomacia.

Resumo cronologico da 4.ª lição

1761

Em 12 de fevereiro assina-se uma convenção declarando nulo o tratado de Madrid.

Em 15 de agosto, realiza-se o **pacto de familia** que acende de novo a guerra.

1762

5 de outubro — D. Pedro de Zeballos põe em cêrco a Colonia do Sacramento.

30 de outubro — Rendição da Colonia.

1763

Invasão do Continente de S. Pedro e tomada da vila do Rio Grande.

Terminação da guerra pela paz de Paris.

Leitura — Rafael Pinto Bandeira

Nasceu em 1738, nas imediações da Capela Grande de Viamão. Seu pai, Francisco Pinto Bandeira, fôra dos primeiros povoadores do Continente de S. Pedro, como então se chamava o Rio Grande do Sul, ainda em começo de organização.

General Rafael Pinto Bandeira

Era o periodo das guerras provocadas pela fundação da Colonia do Sacramento.

Vivia-se então no Continente a vida aventureira dos combates e assim a juventude de Rafael passou-se no meio dos acampamentos, recebendo de seu valente pai os mais frisantes exemplos de temeraria bravura.

A invasão de Zeballos veiu encontrá-lo já moço e trouxe-lhe o posto de tenente de dragões. Daí por diante a sua vida é um lindo poema de bravura e de altos feitos.

As suas temiveis **arriadas** tal terror infundiam aos espanhóis que o herói apenas com um punhado de aventureiros, 100 ao muito, depois de destroçar por completo Vertiz y Salcedo, atreveu-se a ir contra o grosso do mesmo exército e tomar-lhe valiosa prêsa.

"O chefe rio-grandense, tinha a fibra do guerreiro; não era um caudilho vulgar ou um guerrilheiro simplesmente audaz e afortunado", diz um escritor que temos á vista.

E assim Camaquam e Tabatingaí, S. Martinho e Santa Tecla são os élos dessa cadeia de glórias que o levaram, primeiro entre os rio-grandenses, a conquistar os bordados de general e o govêrno de sua terra natal e que fizeram o seu nome subir tão alto que ultrapassou os limites do país para ser admirado na propria Lisboa.

(A. G. Lima).

Paz de Santo Ildefonso

5.ª lição

1777

Medidas dos portugueses — A côrte de Lisboa transferiu para o **Rio de Janeiro** a séde do govêrno geral (1763), nomeou vice-rei o **conde da Cunha**, o qual providenciou imediatamente para que os espanhóis não extendessem a conquista.

Tendo Zeballos deixado o govêrno de Buenos Aires, o governador do Rio Grande, **José Custodio de Sá e Faria**, aproveitou os reforços trazidos por **José Marcelino de Figueiredo** e conseguiu retomar S. José do Norte.

Invasão Vertiz — O novo governador de Buenos Aires, d. **Juan José de Vertiz**, invadiu o Rio Grande, fundando o forte de Santa Tecla, nas cabeceiras do Rio Camaquam (novembro de 1763), e marchando sôbre Rio Pardo e Viamão. Abateu-se, porém, a sua soberba diante do forte do Rio Pardo, donde viu-se obrigado a contramarchar para Buenos Aires.

Concentração de tropas no Continente — Irritada com este insucesso de suas tropas deliberou a Espanha a conquista de todo Continente de S. Pedro.

Era então vice-rei do Brasil o marquês de Lavradio que, sem perda de tempo, tomou as providencias que o caso exigia. Reuniu sob o comando do coronel **Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara** todas as tropas disponiveis e concentrou-se em S. José do Norte juntamente com as que tinham vindo da metropole ás ordens do tenente-general **João Henrique Böhm.**

Em 1775, estavam os inimigos em frente um do outro: os portugueses nas suas posições, os espanhóis no Rio Grande.

Grande invasão de Zeballos — Depois de várias tentativas fracassadas, o Rio Grande foi retomado pelos portugueses (2 de abril de 1776).

Dias antes (26 de março) o heroico continentino **Rafael Pinto Bandeira** apoderara-se também do forte de Santa Tecla.

Estes desastres apressaram a vinda da grande expedição espanhola comandada pelo marquês de **Casa-Tilly**, e que trazia o vice-rei d. **Pedro de Zeballos.**

Tomada facilmente a ilha de Santa Catarina, Zeballos mandou logo a Vertiz ordem de invadir o Rio Grande, o que este fez, estabelecendo o seu quartel-general em Santa Teresa.

Enquanto isto, Zeballos acometia a **Colonia do Sacramento** que, não se podendo defender, entregava-se sem condições.

Arrasadas as fortificações da colonia, Zeballos empreendeu a marcha pela costa de Maldonado, afim de vir apoderar-se de novo da vila de S. Pedro.

Já perto de seu destino recebeu, porém, a notícia do Tratado de Santo Ildefonso (1.° de outubro de 1777) restabelecendo a paz e fixando a nossa linha divisoria entre as possessões espanholas e portuguesas na America, de modo que a Colonia e as Missões ficaram em poder da Espanha.

Resumo cronologico da 5.ª lição

1763

Mudança da capital para o Rio de Janeiro. — D. Juan Vertiz invade o Rio Grande, funda o forte de Santa Tecla e chega até Rio Pardo. — Os portugueses concentram-se em S. José do Norte.

1776

Rafael Pinto Bandeira toma o forte de Santa Tecla (26 de março). — Os portugueses retomam a vila do Rio Grande.

1777

A grande invasão de Zeballos. — Perda e destruição da Colonia do Sacramento. — Tratado de S. Ildefonso restabelecendo a paz e fixando os limites entre os territorios espanhol e português.

Leitura — Tratado de Santo Ildefonso

Os teoristas democraticos, que se revoltam contra a supremacia fatal dos grandes homens e pregam que a marcha dos acontecimentos dispensa o concurso de agentes geniais, verificariam aquí o desacerto do peregrino princípio, e quanto se paralisa o curso dos publicos negocios dum país se lhe vem a faltar o impulso do estadista que até então os norteara. Pombal afastado, tudo decai no reino; nesta fronteira do Rio Grande a ação decisiva da guerra última é anulada pela fraqueza da corôa, que cede, pelo tratado de 1.° de outubro de 1777, o que o braço dos nacionais reconquistara.

Nunca o orgulho castelhano, nos conflitos com o vizinho reino, obtivera tão assinalado triunfo; corridas e varejadas as suas hostes dos campos rio-grandenses, voltavam a êles pela fôrça do novo pacto, mais conseguindo ainda do que em 1750. Para isso bastou o desaparecimento dum homem. E nega-se a influência destas culminantes individualidades na vida dos povos!

Portugal consumou a ruina do seu dominio nas terras do Continente, largando mão de territorios de ha muito ocupados por sua gente. Pelo ato diplomatico de 1750, nos ficava toda a bacia da lagôa Mirim (inclusive os rios dela tributarios, hoje entranhados da Republica Oriental), e trocavamos a Colonia do Sacramento pelas Missões Orientais: o tratado de Santo Ildefonso nos reduzia o país ao norte de uma linha indo do mar ao Taim, e ás regiões ao norte do rio Piratiní e das cabeceiras do rio Negro, e á léste da coxilha Grande.

Ainda, por cima de tudo, desistimos graciosamente da Colonia. Felizmente, dezessete anos de disputas não lograram pôr de acôrdo os demarcadores. No primeiro ensejo foi anulado o celeberrimo pacto, que nos imolava ás ambições de Castela.

Malogravam-se as esperanças rio-grandenses, sacrificando-se o solo, sagrado pelo sangue desta valida geração apenas adolescente; não foram em pura perda, todavia, tantos esforços. Os guerrilheiros voltavam conhecendo melhor o terreno, que amanhã disputariam de novo até á libertação definitiva; os estudos, determinações geodesicas, levantamentos de plantas, aperfeiçoavam a geografia do país; o fluxo e refluxo dos movimentos militares deixava, sôbre o territorio, habitantes espalhados por todas as zonas, contribuindo assim para o seu regular povoamento; o dinheiro dispendido nas guerras, enriquecera o comércio, multiplicando os negocios.

(Alfredo Varela).

Integração do territorio ao sul

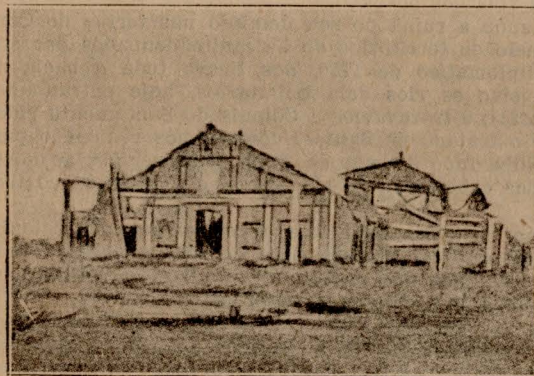
6.ª lição **1801**

Nova guerra O novo tratado de limites era muito desvantajoso para Portugal que perdia não só a Colonia do Sacramento como as **missões** do Uruguai e quasi toda a lagôa Mirim. Estavam já nomeadas as comissões demarcadoras e iam começar seus trabalhos, quando de novo estalou a guerra na Europa (1801). O tenente-general **Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara,** governador do Continente de S. Pedro, organizou dous corpos de exército, um sob o comando do coronel **Manoel Marques de Souza,** outro sob o do coronel **Patricio José Correia da Camara,** e por toda a parte acenderam-se os ânimos contra os espanhóis.

Mantiveram-se estas fôrças em constantes ataques contra o inimigo que por fim se tinha fortificado em **Cerro Largo,** última posição que lhe foi tomada em 1801.

Expulsão dos espanhóis Com esta vitória os espanhóis abandonaram definitivamente as guardas de **Batoví** e **Taquarembó,** fronteiras a Rio Pardo, e a fortaleza de **Santa Tecla,** que haviam reconstruido, deixando assim livre de inimigos todo o territorio do sul.

Havia apenas um territorio espanhol entre o Ibicuí e o Uruguai; era o das Missões, a cuja entrada estava postada a guarda de **São Martinho.**

Conquistas das Missões **Manoel dos Santos Pedroso** e **José Borges do Canto,** dous valentes continentinos, tomaram a si a empresa de incorporá-lo ao dominio português. Com uma pequena fôrça de 40 homens avançaram contra o posto de São Martinho e tomaram-no de surpresa. A mesma sorte tiveram os povos de **S. Inacio** e **S. João Mirim.**

Ruinas missioneiras

Posto cêrco a São Miguel, considerado como capital das Missões, por ser a residencia do governador delas, rendeu-se este ponto no fim de dias.

Os outros povos missioneiros foram sendo tambem, pouco a pouco, incorporados ao dominio português.

Dêste modo pelo esfôrço dos filhos do país, foi conquistado todo o territorio que forma atualmente o Rio Grande do Sul.

Estabelecida a paz de Badajoz (6 de junho de 1801), debalde intentaram os espanhóis reivindicar aqueles territorios, que ficaram definitivamente constituindo patrimonio do Brasil.

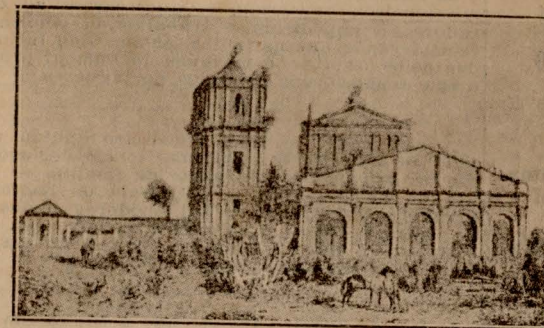
Resumo cronologico da 6.ª lição

1801

Ateou-se de novo a guerra na Europa, repercutindo no Brasil. — Tomada do Cerro Largo pelos portuguesès. — Os espanhóis abandonaram as suas posições no Rio Grande do Sul.

José Borges do Canto e Manoel dos Santos Pedroso, conquistam e incorporam ao Brasil o territorio das Missões. — Paz de Badajoz, ficando os portugueses com as suas conquistas.

Leitura — As Missões

Alargando os dominios espanhóis, os jesuitas vieram fundar, na margem esquerda do Uruguai e pela maior parte entre Piratiní e Ijuí Grande, as Missões ao noroéste da região rio-grandense, compostas dos povos de S. Borja, S. Nicolau, S. Miguel, S. Luiz Gonzaga, S. Lourenço, S. João Batista e Santo Angelo. Destes povos, o mais antigo era o de S. Nicolau, que foi fundado em 1627, e o mais moderno o de Santo Angelo, cuja fundação data de 1707. As Missões passaram logo, por exigencia dos jesuitas e concessão da Espanha, a ser governadas de acôrdo com as determinações da Companhia. Entregues a si proprios, os jesuitas começaram a cimentar um vasto poderío, subtraindo pouco a pouco as Missões ao dominio espanhol. Em 1631, êles contavam vinte povoações, com mais de cem mil almas, falando todas um só idioma, o guaraní. Nos Sete Povos de Missões foi reunida a maior parte das populações indigenas do Rio Grande do Sul, formando um efetivo de cêrca de trinta mil almas. Não havia leis civis nas Missões. O direito de propriedade era quasi imperceptivel. Os indios, entregues aos labores da agricultura e da industria, eram obrigados a trabalhar para os padres, levando á risca aos depositos publicos os produtos que colhiam, vivendo em comum. As precisões de cada um eram providas pelos Religiosos Diretores com os Magistrados do Povo. A fôrça da industria e do comércio consistia no preparo e na exportação da herva-mate; mas os indios empregavam tambem a sua atividade em plantações de cana de assucar, milho, feijão, etc., que se vendiam nas praças de Buenos Aires e Assunção, produzindo avultados cabedais; estes eram absorvidos pela côrte espanhola, a titulo de pagamento de impostos de capitação e dizimos.

Ruinas missioneiras

(João Maia).

RECAPITULAÇÃO

Fundação da Colonia do Sacramento **1680**	D. Manoel Lobo fundou na margem esquerda do Rio da Prata a Colonia do Sacramento. — D. José Garro apoderou-se logo dela. — Por um tratado a Colonia foi restituida aos portugueses e prosperou. — D. Alvaro Valdez, depois de muita resistencia, tomou-a de novo e de novo veiu ela para o dominio português pelo tratado de Utrecht. — Por este tempo o brigadeiro Paes fundou ao sul da barra do Rio Grande o forte de Jesus, Maria, José.
Os corsarios franceses **1710-1711**	**Expedição de du Clerc** — Forçou a barra do Rio de Janeiro, desembarcou tropas na Guaritiba. Vencido no ataque á cidade, rendeu-se. — Du Clerc foi misteriosamente assassinado. **Expedição de Douguay-Trouin** — Muito mais forte do que a primeira. — Fortificou-se na ilha das Cobras. — Desembarcou e apoderou-se da cidade sem resistencia. O governador Castro Morais capitulou vergonhosamente, resgatando a cidade. Chegando reforços numerosos, nada puderam fazer.
Tratado de Madrid **1750**	Este tratado estabeleceu nova linha de limites, ficando a Colonia do Sacramento para a Espanha e as Missões orientais para Portugal. — Os indios missioneiros opuseram-se, guerrearam os demarcadores e impediram o trabalho da comissão. — Considerando que os indios tinham sido influênciados pelos jesuitas, o marquês de Pombal promoveu a sua expulsão dos dominios portugueses.
Novas lutas ao sul **1761-1763**	A convenção de 12 de fevereiro anulou o Tratado de Madrid. — Ao mesmo tempo declarou-se a guerra provocada pelo **pacto de familia**. — D. Pedro de Zeballos tomou a Colonia do Sacramento, invadiu o Rio Grande do Sul, apoderou-se dos fortes de Santa Teresa e S. Miguel e da povoação de São Pedro. — A paz de Paris terminou a guerra, restituindo os espanhóis apenas a Colonia.
Paz de S. Ildefonso **1777**	O Rio de Janeiro foi elevado á capital do Brasil e o vice-rei conde da Cunha tomou providencias para rehaver pelas armas o territorio conquistado pelos espanhóis. — D. Juan Vertiz, governador de Buenos Aires, invadiu o Rio Grande chegando até Rio Pardo e daí contramarchou. Os portugueses concentraram-se em S. José do Norte. — D. Pedro de Zeballos com uma grande expedição tomou a Ilha de Santa Catarina, arrasou a Colonia e vinha sôbre o Rio Grande, quando se negociou na Europa a paz de Santo Ildefonso.
Integração do territorio ao sul **1801**	Os portugueses trataram de reivindicar pelas armas os seus territorios. — Repeliram os espanhóis até Cerro Largo e tomaram esta posição. — Borges do Canto e Santos Pedroso, dous rio-grandenses, empreenderam e levaram a efeito a conquista das **Missões**. — Paz de Badajóz pôs termo á guerra, mas os portugueses não restituiram as conquistas feitas.

QUADRO DE CIVILIZAÇÃO
Fins do século XVIII

EXPANSÃO GEOGRAFICA

Estava já conhecida toda a costa, desde o Oiapoque até o Prata. Os bandeirantes tinham explorado o interior do país e descoberto as suas opulentas minas, o que concorrera para atraír grande número de forasteiros ávidos de riquezas. — A população era orçada em 3 a 4 milhões de habitantes. Os principais centros eram: **Baía**, com 100.000 habitantes; **Rio de Janeiro**, com 50.000 habitantes; **Recife**, com 30.000 habitantes; **Belém**, com 15.000 habitantes; **S. Luiz**, com 12.000 habitantes; **S. Paulo** e outros.

ADMINISTRAÇÃO

O Brasil dividia-se então em 10 capitanias gerais: **Pará** (com a do Rio Negro); **Maranhão** (com a de Piauí); **Pernambuco** (com Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba); **Baía; Rio de Janeiro; S. Paulo; Rio Grande do Sul; Minas Gerais; Goiaz; Mato Grosso.** Cada capitania era administrada por um **Governador** e **Capitão-General**, nomeado pelo rei e todos êles obedeciam ao Vice-Rei, Capitão-General de Mar e Terra, governador do Rio de Janeiro. — A justiça era distribuida pelos juizes e pelos dous tribunais de relação, da Baía e Rio de Janeiro.

PROGRESSO MATERIAL

Existia uma linha de navegação entre a metropole e o Brasil, com uma viagem mensal para o Rio de Janeiro e Baía, e outra para o Pará.

No país eram insuficientes os meios de transporte, o tráfego se fazia em animais de carga, por estradas muitas vezes quasi intransitaveis. No interior, a navegação dos rios já prestava bons serviços.

O movimento comercial do país era orçado em 20.000:000$000 anualmente, sendo os principais generos de comércio: assucar, algodão, café, xarque, arroz, cacau, tabaco, anil, goma elastica, salsaparrilha, pau brasil, madeiras, etc. — Iniciara-se a construção de navios no Rio de Janeiro e Maranhão. — Estava já regularizado o serviço dos correios, começado em 1663.

CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES

A instrução do povo era dada nas escolas elementares, se bem que em número insignificante. Nas cidades e vilas mais importantes existiam cadeiras de latim, de filosofia, de gramatica, de aritmetica, de desenho, etc. Não havia bibliotecas, pois era vedado introduzir livros na Colonia, não existia imprensa nem teatros. Se bem que de vida efemera, existiam diversas Associações com o nome de Academias, tais como: a **Brasilica dos Esquecidos**, a **dos Felizes**, a **dos Selectos**, a **dos Renascidos**, a **Academia Cientifica**, a **Sociedade Literaria**. Havia, entretanto, brasileiros notaveis, na metropole ou na Colonia, tais como: na **história** — Vicente de Salvador (1564-1631); Rocha Pita (1660-1738). Na **oratoria** — Euzebio de Matos (1629-1692); Antonio de Sá (1620-1678). Na **poesia** — Gregorio de Matos (1633-1696); Manoel Botelho d'Oliveira (1636-1711); Frei Manoel de Santa Maria (1700); Claudio Manoel da Costa (1729-1789); Santa Rita Durão (17...-1754); Basilio da Gama (1741-1795); Tomaz Antonio Gonzaga (1744-1805); Caldas Barbosa (1740-1800); Alvarenga Peixoto (1744-1793); d. Angela do Amaral. Nas **ciências:** Bartolomeu de Gusmão, inventor do **aerôstato,** (1685-1724); Conceição Veloso (1742-1811); Azeredo Coutinho (1743-1821); Arruda da Camara (1752-1810); Rodrigues Ferreira (1756-1815); Silva Lisboa (1756-1835); José Bonifacio de Andrade e Silva (1763-1838); Vilela Barbosa (1769-1846). Na **diplomacia:** Alexandre de Gusmão (1695-1753). No **teatro:** Antonio José da Silva (1705-1739). Na **filologia:** Antonio de Moraes e Silva (1755-1824). Na **pintura:** Valentim da Fonseca e Silva; José d'Oliveira; Manoel da Cenna (1757); Leandro Joaquim (1768).

Inconfidencia Mineira

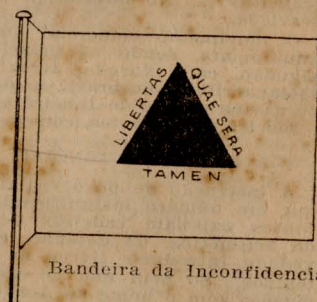
1.ª lição

1789

A Inconfidencia Mineira foi talvez uma resultante das idéas de liberdade que agitavam a França e que, penetrando na America, já tinham produzido a independencia dos Estados Unidos. Parece que no Brasil os primeiros a propagá-las foram os poetas **Claudio Manoel da Costa, Tomaz Antonio Gonzaga** e **Inacio José d'Alvarenga Peixoto,** que viviam na capitania de Minas.

Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes

Iniciou-se assim a conspiração, que já contava com valioso auxílio e na qual se foi destacando, pelo seu entusiasmo e devotamento, o alferes de cavalaria **Joaquim José da Silva Xavier,** alcunhado — **o Tiradentes.** A revolução devia romper quando o govêrno mandasse cobrar os impostos atrasados (1789), o que tornaria ainda mais desesperadora a situação do povo.

Formar-se-ia então um govêrno provisorio que proclamaria a republica, cuja capital devia ser **S. João d'El-Rei.** As capitanias vizinhas, seriam convidadas a aderir, perdoar-se-iam as dividas do povo e libertar-se-iam todos os escravos. A bandeira do novo Estado seria toda branca com um triangulo verde no centro e a legenda **Libertas quae sera tamen** (Liberdade ainda que tardia). Entretanto, o visconde de **Barbacena** já estava informado de todo o segrêdo pelo traidor **Joaquim Silverio dos Reis,** e de tudo informara o vice-rei **Luiz de Vasconcelos.** Tiradentes, cada vez mais abrasado no seu ideal patriotico partira para o Rio, e alí foi prêso com grande aparato de fôrças (10 de maio de 1789). Em Minas encheram-se os calabouços. Iniciou-se logo a devassa, mas a sentença final só foi lavrada em 19 de abril de 1792.

Bandeira da Inconfidencia

Tiradentes, considerado chefe, foi condenado á forca: teria a cabeça cortada e o corpo dividido em quatro pedaços; seria arrasada a casa em que morava e deitado sal sôbre o terreno; teria os seus bens confiscados e os seus filhos e netos declarados infames. Mais 10 réus morreriam na forca, teriam a cabeça cortada, confiscados os bens e infamados os descendentes. Os restantes foram condenados a degredo.

Esta sentença foi comutada em degredo para todos os réus, menos para o Tiradentes.

A sua execução teve lugar no dia 21 de abril de 1792, no **Campo da Lampadosa.** Para disfarçar a funda impressão que estes acontecimentos causaram no povo, ordenaram-se festas públicas, sendo os moradores obrigados a iluminar as frentes de suas casas.

Resumo cronologico da 1.ª lição

1788

Neste ano devia o govêrno mandar arrecadar a divida atrasada dos mineradores. Romperia então a revolta para proclamar a independencia da capitania sob a fórma republicana.

1789

Em 10 de maio foi prêso o Tiradentes.

1792

Foi lavrada a sentença final (19 de abril). Execução de Tiradentes (21 de abril).

Leitura — O martirio de Tiradentes

Eram onze horas de um dia primaveril, brilhante de sol e de um azul intenso, quando os tambores rufaram anunciando o saímento do supliciado.

A multidão apertou-se fazendo alas. Soaram matracas. E a marcha começou numa lentidão processional. A' frente vinha arvorado o pendão do Senado da Camara, vinham os ouvidores em suas togas, o clero com o palio aberto, as irmandades com seus guiões e distintivos... Depois passaram as oparlandas escuras dos franciscanos, os habitos negros dos beneditinos, os bureis côr de barro dos carmelitas. Esmoléres estendiam as sacólas ao povo, para missas por alma do supliciado... e as sacólas pesavam, repletas de óbulos, cheias de dobras de ouro. Populares acompanhavam a passo o funebre desfilar do prestito. Após um enxame de ciganos maltrapilhos apareceu a alta figura da vítima, em alva, custodiada por baionetas. Caminhava firme, olhos postos no crucifixo que trazia nas mãos algemadas; seus labios, por vezes, tremiam no fervor das orações; de seu pescoço pendia o baraço infamante cuja extremidade o carrasco negro segurava; dois frades de Santo Antonio ladeavam-o. A espaços as matracas batiam e, de quando por quando, o prestito parava, um meirinho lia com voz rouquenha a sentença; mas, tambores rufavam e a marcha continuava lenta, seguida de povo, num sussurro arrastado de passos.

Martirio de Tiradentes

Em algumas janelas mulheres persignavam-se, de outras caiam moedas para as missas. A' passagem do palio a multidão dobrava os joelhos; um gemido chorava no ar; era o Bendito que os genuflexos entoavam. O martir, alçando o olhar para a Capela da Lampadosa, manifestou o desejo de orar diante de seus altares. Consentiram-no. Depois, retornou ao caminho. A procissão seguiu-o. Quando o carrasco passou o laço ao poste, o herói da Inconfidencia quís falar á multidão, mas a corda o estrangulou ao pêso do algoz; por momentos os estrebuchos sacudiram seu corpo... e, no espaço, á vista do povo, ficou oscilando lentissimo o cadaver desse grande brasileiro que a História glorificou por toda a eternidade.

(Gonzaga Duque).

Vinda da familia real

2.ª lição 1808

Sem meios de resistencia contra os franceses, que haviam invadido Portugal, d. João VI, então regente daquele reino, viu-se obrigado a buscar abrigo no Brasil, transferindo para cá a séde da monarquia portuguesa.

Napoleão I, imperador da França, para impedir o comércio com a Inglaterra e privá-la de todos os recursos, decretou o **bloqueio continental**, isto é, o fechamento de todos os portos da Europa ao comércio inglês. Portugal, entretanto, recusara-se a cumprir esta ordem, pelo que Napoleão celebrou com a Espanha o **tratado de Fontainebleau** (27 de outubro de 1807), pelo qual era o Reino dividido entre as duas nações e ao mesmo tempo ordenou ao general **Junot** que se apoderasse dêle pelas armas.

Em 29 de novembro de 1807 embarcou-se com toda a côrte, em número de 15.000 pessoas, mais ou menos, em demanda das terras do Brasil.

Ao passar pela esquadra inglesa que fazia o cruzeiro das costas portuguesas, destacaram-se dela três navios que acompanharam a frota real.

D. João VI

Uma forte tempestade dispersou os navios em alto mar. Alguns arribaram ao Rio de Janeiro e outros á Baía. Num dêstes vinha o principe regente d. João (22 de janeiro de 1808).

Recebido com as maiores demonstrações de alegria, logo nos primeiros dias praticou o principe certos atos que foram de grande alcance para o futuro do país. Entre êles destaca-se **a abertura dos portos** do Brasil ao comércio das nações amigas (28 de janeiro), medida aconselhada por **José da Silva Lisboa,** mais tarde **visconde de Cairú.**

D. João demorou-se um mês na Baía. No dia 8 de março aportava êle ao Rio de Janeiro, e era alí recebido com grandes festas.

Tratou-se logo da organização do govêrno. Em 11 de março d. João organizou o seu ministerio, no qual veiu a tornar-se notavel a figura de **Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares.**

Creou-se também o Conselho de Estado e diversas outras corporações. Instituiram-se escolas superiores, a imprensa régia, academia de belas-artes, biblioteca pública, um jardim botanico, etc.

Em 1.º de abril declarou-se a liberdade de industria, assim como já se havia declarado a do comércio.

Tratou-se de melhorar os meios de comunicação para o interior e de desenvolver a colonização.

Em 1.º de maio d. João publicou um manifesto declarando guerra á França e tropas portuguesas apoderaram-se da **Guiana Francesa.**

Dentro em pouco vieram para o Rio de Janeiro os diplomatas das nações amigas, os quais deram a esta cidade a feição de uma verdadeira côrte, de modo que, em 16 de dezembro de 1815, d. João decretou a elevação do Brasil a reino unido com o de Portugal e Algarves.

Resumo cronologico da 2.ª lição

1807

A familia real portuguesa embarca para o Brasil (27 de novembro).

1808

D. João desembarca na Baía (22 de janeiro). — Decreto declarando os portos do Brasil abertos ao comércio das nações amigas (28 de julho). — D. João chega ao Rio de Janeiro (8 de março). — Organiza-se o govêrno e diversas corporações (10 de março). — E' declarada livre a industria (1.º de abril).

1815

E' decretada a elevação do Brasil a reino unido com Portugal e Algarves.

Leitura — Abertura dos portos

Facil é compreender o alcance daquela carta régia nos destinos do Brasil. Não era só o fato de vir estimular-se toda a economia interna com a vasta expansão que se assegurou ao comércio; o que deu ao decreto as proporções de alta medida politica foram os seus efeitos sôbre a vida geral do país. Em contacto agora com o mundo é que a Colonia vai sair daquele tolhimento em que vivia. A reforma foi uma verdadeira revolução operada em todas as esferas e mais fecunda naquele instante do que tudo que se fizesse diretamente na ordem politica e administrativa. Com a entrada da nova gente, vieram novas idéas; e a sociedade colonial, saindo do seu isolamento, sentiu que respirava outros ares e começou a ter uma concepção mais exata e mais larga do seu destino. Aquela sábia providencia foi um como gesto amplo e heroico do Principe dizendo tudo que o futuro em breve iria definir. Não ha, de que as relações com outros povos, processo mais prático e seguro de pôr um povo no caminho de sua história. Não foi menos do que isso o que fez d. João no dia em que se encontrou com os seus subditos da America. Sem se aperceber, com aquele simples ato de administração que lhe impôs a propria conjuntura em que se viu, póde-se dizer que êle vinha completar o esfôrço da raça em três seculos aquí fechada, ensinando a Colonia a ser nação. — Franquear os nossos portos ao comércio foi, portanto, o mesmo que despertar a larva do povo que vivia aquí, rasgando-lhe horizontes, abrindo-lhe mais vastos cenarios, e chamando-o á função que lhe destinara. Para apanhar toda a extensão da reforma, não se ha de restringir o exame ás estatisticas, ao movimento dos portos, ao cálculo das receitas, ao acrescimo da riqueza: ha de estudar-se a propria sociedade em cujo seio se operou a revolução. E' sôbre o povo da Colonia em geral que se fez principalmente sentir aquela providencia. Mudaram-se os costumes, os habitos, os usos; transformou-se-lhe a vida, o proprio espirito social, o sentimento de convivio e comunhão, pelo influxo das relações que geram novas tendencias e aspirações mais nobres e elevadas. De tudo isso tinham de decorrer consequencias sociais e politicas que seguramente naquele instante nem o Principe, nem mesmo os seus conselheiros poderiam prevêr.

Visconde de Cairú

(Pereira da Silva).

Revolução republicana em Pernambuco

3.ª lição

1817

Com o estabelecimento da côrte portuguesa no Brasil, Pernambuco progredira notavelmente. O sentimento patrio desenvolvia-se cada vez mais e a independencia era a aspiração geral.

Domingos José Martins

Dous patriotas — **Domingos José Martins** e **Domingos Teotonio Jorge** — constituiram-se arautos dessas idéas, que, em 1817, estavam de tal modo adiantadas que a revolução parecia inevitavel.

O governador da capitania, **Caetano Pinto de Miranda Montenegro,** tendo denúncia de tudo, reuniu em palacio um conselho dos oficiais superiores, no qual resolveu-se efetuar a prisão dos principais patriotas.

O brigadeiro Barbosa de Castro conseguiu prender o capitão **Domingos Teotonio,** mas ao dar voz de prisão ao capitão **José de Barros Lima,** o **Leão Corôado,** este matou-o a estocadas (6 de março de 1817). Declarou-se francamente a revolução e o governador fugiu para o Rio de Janeiro. Instituiu-se um govêrno provisorio de que faziam parte o padre **João Ribeiro, Domingos Teotonio Jorge,** dr. José Luiz de Mendonça, Manoel Correia de Araujo e Domingos José Martins. Este proclamou a independencia da capitania, que passou a constituir uma republica. O govêrno provisorio conseguiu a adesão da Paraíba e do Rio Grande do Norte. No Ceará o emissario dos revoltosos foi prêso, sem nada ter conseguido. Na Baía o **padre Roma** tambem nada conseguiu, sendo prêso e fuzilado.

No Rio de Janeiro tomaram-se logo medidas para combater a nascente republica. Saíu sem perda de tempo uma expedição naval ao mando do chefe de divisão **Rodrigo José Ferreira Lobo** e numerosas tropas ás ordens do tenente-general **Luiz do Rego Barreto.**

Enquanto no Rio Grande do Norte e Alagôas se fazia a restauração monarquica, foram as tropas republicanas derrotadas pelo general **Cogominho de Lacerda** que viera com as fôrças da Baía. Domingos Martins caiu prisioneiro e foi remetido para um navio da esquadra bloqueadora (13 de maio).

Diante dêsses revezes, Domingos Teotonio foi aclamado ditador e resolveu abandonar o Recife e concentrar as suas fôrças em Olinda (18 de maio). Restaurou-se a monarquia no Recife (20 de maio) e dentro em pouco em toda a capitania, pois os patriotas, sem meios de resistencia, tinham caido nas mãos dos realistas (21 de maio).

Uma comissão militar encarregada de julgá-los, condenou á morte Domingos Martins, José Luiz de Mendonça e outros. Outra comissão mandou enforcar Domingos Teotonio, José de Barros Lima e alguns mais. Finalmente, o tribunal da alçada condenou ainda á pena última mais alguns patriotas, até que em 1821 se deu fim ao interminavel e cruel processo.

Resumo cronologico da 3.ª lição

1817

6 de março — O governador Miranda Montenegro tendo denúncia de que alguns patriotas conspiravam para a independencia da capitania mandou prender os principais. Ao dar execução á ordem, o brigadeiro Barbosa de Castro foi morto pelo capitão Barros Lima e a revolução explodiu.

7 de março — Instituiu-se o govêrno provisorio que proclamou a republica pernambucana independente.

29 de março — Fuzilamento do padre Roma, na Baía.

2 de abril — Sai do Rio de Janeiro a esquadra do almirante Rodrigues Lobo.

20 de maio — O Recife volta ao poder das tropas monarquistas.

12 de junho — Fuzilamento do patriota Domingos José Martins.

Leitura — Episodio comovente

Entre os que foram presos e lançados em carcere, sujeitos á fome e á sêde, meses e meses, menciona-se Joaquim José do Rego Barros, coronel do regimento miliciano de infantaria da cidade do Natal do Rio Grande do Norte, cavaleiro professo na ordem de Cristo e casado com d. Maria Angelina da Conceição e Vasconcelos.

Vivia esse cidadão na sua fazenda denominada Ferreiro Torto, cinco leguas distante da capital da provincia, na margem do Rio Grande, quando, acusado do crime da revolução, foi perseguido e prêso.

Era Rego Barros estremecido por uma filha chamada d. Antonia Maria do Rego Barros.

Consagrara essa menina ao pai seu coração juvenil, e se o via ausentar-se de casa, sentava-se na porta da rua, e aí quedava-se horas e horas até Rego Barros voltar; então dava-se uma cena de afagos e carinhos: beijava o pai, radiante de alegria, á filha estremecida, abraçava-a e entregava-lhe um mimo, uma fruta, um doce, uma flôr, e a menina alegre, vivaz, corria, saltava, sorrindo e falando com a garridice propria da idade.

Se lhe perguntavam se amava sua mãe tanto como a seu pai respondia ela ingenuamente:

— Não.

— Porque? redarguiam-lhe.

— Por crêr que Nossa Senhora me aconselha que ame mais a meu pai, pois não o terei muito tempo comigo; e a menina ficava pensativa e triste, silenciosa e recolhida como parece ficar triste a flôr quando fecha as suas petalas.

Penetraria no peito dessa menina algum raio de luz que lhe esclarecesse o futuro? Levantaria Deus a ponta do véu que encobre os acontecimentos, para que avistassem os olhos desse anjinho o que outros não viam? Ou o intenso amor que ela dedicava ao pai trazia-lhe receio, susto em perdê-lo? Logo que Rego Barros foi descoberto e conduzido prêso, sua filhinha, que ainda não contava doze anos, desmaiou e, ao voltar em si estava tão abatida e passada de dôr, que se não levantou mais do leito.

Pendera a florinha na haste fragil que a sustentava, e emurchecida, sem côr, sem viço, e sem perfume e sem vida, desfolhou-se e caíu.

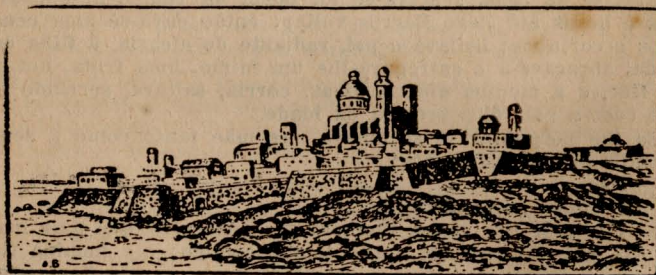
(Dr. Moreira de Azevedo).

Incorporação da Cisplatina

4.ª lição **1821**

D. João VI, aproveitando-se da fraqueza a que os repetidos ataques dos ingleses tinham reduzido os Estados do Prata, tentou, sem resultado, reuní-los ao Brasil, ou formar com êles uma monarquia sob o cetro de d. **Carlota Joaquina.**

Buenos Aires proclamou a sua independencia em 25 de maio de 1810. Montevidéo ficou, porém, fiel á Espanha sob o govêrno de **Elio.** Ao passo que **Vieira** e **Benavidez** levantavam o **"Grito de Asencio", José Gervasio Artigas** arvorava o estandarte da revolução libertadora. **Elio,** cercado e sem recursos, pediu auxílio ao govêrno do Brasil.

Vendo a ocasião oportuna para realizar seus desejos, o principe regente ordenou ao capitão-general d. **Diogo de Souza** que invadisse a **Banda Oriental** e marchasse sôbre **Montevidéo** (1811). O embaixador inglês **lord Strangford** conseguiu a retirada destas fôrças. D. Diogo veiu acampar na fronteira do Rio Grande ao passo que Artigas permanecia em Entre Rios (1812). Caindo Montevidéo de novo em poder do partido dos independentes argentinos (1814), Artigas soube habilmente extender o seu dominio, ameaçando tanto Buenos Aires como o Brasil. Com o fim de resguardar as nossas fronteiras, o tenente-general **Carlos Frederico de Lecór** teve ordem de invadir a Banda Oriental e tomar Montevidéo. O exército invasor, forte de 5.000 homens, dividiu-se em colunas, apoderou-se sem resistencia do forte de **Santa Teresa,** derrotou as fôrças de **Rivera** em **India Muerta** (19 de novembro de 1816) e entrou triunfante em Montevidéo (20 de janeiro de 1817).

Montevidéo em 1810

Animado pelos conselhos da Inglaterra, d. João VI resolveu incorporar a Banda Oriental ao Brasil. Para tal fim expediu ordens ao tenente-general Lecór e ao **conde de Figueira,** então capitão-general do Rio Grande do Sul. Neste interim **Artigas** perde a batalha de **Taquarembó** (22 de janeiro de 1820) e **Rivera** batido em **Três Arboles** (21 de março), submete-se aos portugueses, que ficaram senhores de toda a Banda Oriental. Artigas, desalentado, recolhera-se ao Paraguai, onde o ditador Francia o internou em **Curuguatí.** Pouco depois um congresso de representantes do povo uruguaio, resolveu a incorporação da Banda Oriental ao Brasil, com o nome de **Provincia Cisplatina** (31 de julho de 1821).

Resumo cronologico da 4.ª lição

1816

Em 19 de novembro, o exército de Lecór, que invadira a Banda Oriental, derrota Rivera em India Muerta.

1817

Ocupação de Montevidéo pelo exército de Lecór, em 20 de janeiro.

1820

Batalha de Taquarembó (22 de janeiro), ficando o exército senhor de toda a Banda Oriental.

1821

O congresso do povo uruguaio decide incorporar a Banda Oirental ao Brasil com o nome de Provincia Cisplatina (21 de julho).

Leitura — Ultimos esforços de Artigas

A guerra feroz, as operações bem combinadas do exército invasor, acabaram por abalar a confiança dos cabecilhas da resistencia: Ramirez foi o primeiro a trair. Artigas, que fizera frente aos espanhóis, aos portenhos e aos portugueses, sem desanimar — não fraqueou diante do golpe que recebia pelas costas, vibrado pelo seu maior prestigio. Voou a Entre Rios, para castigar o infiel, mas a sorte das armas lhe foi adversa. O mau-fado o perseguia. Verdun e Lavalle haviam caido prisioneiros; Rivera, Lapido e outros, soltavam as armas, eram já sob o jugo odiado do lusitano... O desalento generalizara-se; poucos restavam sob as bandeiras! O heroico Artigas ainda tentou um esfôrço supremo em favor dêsse povo que o abandonara. Mudou o teatro da luta, invadindo o Rio Grande, á frente de 3.000 bravos. Latorre foi enviado sôbre Abreu, logrando derrotá-lo no Ibirapuitãchico e atirá-lo do outro lado do Santa Maria; mas, dias depois, o comandante rio-grandense, reforçado por gente ao mando do brigadeiro Camara, levou de vencida o oriental até quasi o campo de Artigas. Este caudilho compreendeu que lhe era preciso dar combate aos de Abreu, antes que se lhe viesse incorporar o capitão-general, conde da Figueira, que com fôrças avançava direito ao passo de Samborja, no referido Rio Santa Maria. Para isto, simulou marcha sôbre Santana, na esperança de se vêr seguido pelo inimigo, sôbre o qual voltaria com celeridade, esmagando-o de surpresa. Não se deixou colher no laço o experimentado Abreu; só avançou quando reunido ao conde. O novo general português seguiu nas pegadas do republicano; topando com êle, em Taquarembó, onde Artigas deu sua última batalha; 40 oficiais e 795 soldados seus morreram alí, com a independencia da terra natal, porque se batiam sem armas quasi, e desprovidos de tudo havia perto de dez anos!

Artigas

Não houve mais resistencia, tudo abaixou a cerviz; não Artigas! O indomavel lidador preferiu passar a solo estranho, onde lhe não fôsse dado a miseria dos seus patricios: vêr tranquilo e submisso o povo a quem ensinara o primeiro dos deveres, que manda preferir mil mortes, a suportar que a Patria gema no cativeiro!

(Alfredo Varela).

Volta da côrte para Lisboa

5.ª lição 1821

No dia 12 de outubro de 1820, recebeu d. João VI a notícia de uma revolução em Portugal, com o fim de organizar o govêrno constitucional.

As novas idéas de liberdade propagadas por toda a parte aliadas a causas internas tais como o predominio dos ingleses, produziram em Portugal uma revolução, que começou no Porto e extendeu-se vitoriosa por todo o país. Em Lisboa, formou-se uma junta governativa que proclamou um regimen constitucional analogo ao de Espanha.

Esta notícia, divulgada no Pará e na Baía, causou alvoroço.

O pronunciamento destas capitanias obrigou d. João VI a agir. No dia 24 de fevereiro, determinou êle que o principe d. Pedro, seu filho, seguisse para Portugal, afim de assumir o govêrno, e ao mesmo tempo convocou uma Junta de côrtes, no Rio de Janeiro, para estudar as reformas que deviam ser feitas.

Divisão territorial do Brasil em 1808

A tropa e o povo insurgiram-se, porém, obrigando o rei a demitir o ministerio e jurar a futura Constituição (26 de fevereiro).

Decidiu-se em reunião ministerial a volta da côrte para Lisboa. O decreto de 7 do mesmo mês resolveu definitivamente o caso, devendo o principe d. Pedro ficar como regente do Brasil. Convocou-se também uma assembléa de representantes do povo, afim de eleger os deputados ás côrtes de Lisboa.

No dia aprazado (20 de abril) reuniram-se os eleitores e, exorbitando de suas funções, exigiram que o rei adotasse a constituição espanhola e ordenaram que as fortalezas da barra não deixassem saír os navios que deviam conduzir a familia real.

Este procedimento provocou medidas violentas da parte do govêrno: a assembléa foi dispersada á fôrça de armas.

No dia 26, o rei embarcou-se com sua familia na nau "D. João IV" e as demais pessoas, em número de quasi 4.000, seguiram em outros navios, deixando para sempre o Brasil.

Em terra ficara o principe **d. Pedro,** na qualidade de regente do reino.

RECAPITULAÇÃO

Inconfidencia Mineira 1789	As idéas de liberdade que se espalhavam no mundo, o exemplo da independencia dos Estados Unidos e ainda as condições precarias da capitania de Minas — foram as causas da inconfidencia mineira. — A princípio alguns estudantes em Coimbra e depois um grupo de patriotas naquela capitania projetaram a independencia e o estabelecimento da republica. Entre estes distinguia-se pelo seu devotamento o alferes Silva Xavier — o Tiradentes. — Estando tudo preparado, o traidor Silverio dos Reis descobriu o segrêdo. Os conjurados foram presos. O Tiradentes sofreu pena de morte e os outros foram degredados.
Vinda da familia real 1808	Tendo os franceses invadido Portugal, d. João VI embarcou-se com toda a côrte para o Brasil. Arribando á Baía, decretou a abertura dos portos do país a todas as nações amigas. Em seguida, transferiu-se a côrte para o Rio de Janeiro, onde organizou-se o ministerio, fundaram-se tribunais, repartições e escolas, decretou-se a liberdade de industria e instituiu-se a imprensa régia. Em 1815, o Brasil, já então em alto grau de prosperidade, foi elevado á categoria de Reino.
Revolução republicana 1817	Em Pernambuco predominavam as idéas de independencia, propagadas principalmente por Domingos José Martins e Domingos Teotonio Jorge. — O governador Miranda Montenegro, para evitar a revolução, mandou prender alguns patriotas. Nessa ocasião o brigadeiro Barbosa foi morto pelo capitão Barros Lima, a tropa e o povo insurgiram-se e tomaram conta da capitania. A republica foi proclamada e a revolução extendeu-se pelas capitanias vizinhas. Fôrças monarquistas de terra e mar, comandadas pelo tenente-general Rego Barreto e chefe de divisão Lobo, sufocaram a revolução, sofrendo os chefes a pena de morte.
Incorporação da Cisplatina 1821	D. Carlota Joaquina, consorte de d. João VI, planejara reunir sob seu cetro os Estados do Prata. — Aproveitando-se da desordem que alí lavrava, aquele rei fez d. Diogo invadir a Banda Oriental, mas em breve este voltou para a fronteira. Uma outra expedição ao mando do general Lecór apoderou-se de Montevidéo, e um congresso alí reunido decretou a incorporação desse país ao Brasil, com o nome de Provincia Cisplatina.
Volta da côrte para Lisboa 1821	Tendo rompido em Portugal uma revolução favoravel ao govêrno constitucional, repercutiu no Brasil causando grande agitação no Pará, na Baía e em outras capitanias. No Rio de Janeiro, convocaram-se eleitores para eleger os representantes ás côrtes de Lisboa; mas, tomando êles outras medidas violentas, foram dispersados a fôrça d'armas. D. João VI regressou com a côrte para Portugal, ficando o principe d. Pedro como regente do Brasil.

Regencia de d. Pedro

1.ª lição **1821-1822**

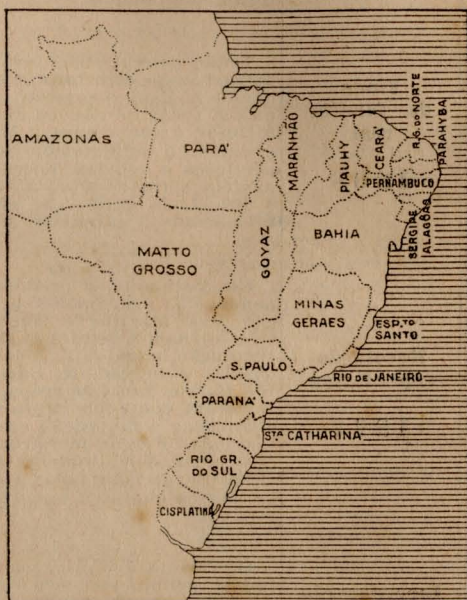
D. Pedro teve de lutar, no principio de seu govêrno, com as maiores dificuldades, entre as quais a revolta das tropas portuguesas (5 de junho de 1821), que o obrigaram a jurar a futura constituição e tomar outras medidas.

Além de tudo as côrtes de Lisboa abriram em decidida hostilidade contra o Brasil. Primeiro ordenaram que se instituissem juntas governativas nas provincias com obediencia direta ás mesmas côrtes, extinguiram os tribunais e repartições do Rio de Janeiro, determinaram que d. Pedro fôsse viajar pela Europa.

O partido da independencia, á frente do qual se achavam os patriotas Joaquim Gonçalves Lédo, José Joaquim da Rocha, Januario da Cunha Barbosa, frei Francisco de Sampaio, José Clemente Pereira, Luiz Pereira da Nobrega, Domingos Alves Branco Muniz Barreto e alguns outros, já bastante fortalecido, tratou de tomar medidas profiquas e nesse sentido o senado da camara, com toda solenidade, representou ao principe por intermedio de **José Clemente Pereira** para que se não retirasse do Brasil, D. Pedro respondeu: **Como é para bem de todos e felicidade da nação, diga ao povo que fico** (9 de janeiro de 1822).

As tropas portuguesas, porém, sairam de seus quarteis, ocuparam o morro do Castelo e intimaram d. Pedro a obedecer á côrte. O principe, apoiado pelos batalhões brasileiros e pelo povo, obrigou o general Avilez, comandante das tropas portuguesas, a embarcar-se com elas, para a Europa (15 de fevereiro).

Desde 16 de janeiro, fôra nomeado ministro do Reino **José Bonifacio de Andrada e Silva,** ao qual se devem os decretos ordenando que as provincias elegessem um conselho de procuradores (16 de fevereiro), que nenhuma ordem das côrtes portuguesas fôsse cumprida no Brasil sem o visto do principe regente (21 de fevereiro).

Entretanto, em algumas provincias, como a de Minas, havia elementos perturbadores. O principe lá foi em pessôa e serenou os ânimos. De volta para o Rio, recebeu o titulo de — **Defensor perpétuo do Brasil** (13 de maio). Em 4 de junho, deliberou convocar uma assembléa constituinte. Pouco depois organizou a marinha de guerra brasileira sob o comando de **lord Cochrane,** publicou também a célebre proclamação redigida por Gonçalves Lédo, concitando os brasileiros a se unirem para conseguirem a sua independencia (1.º de agosto).

Resumo cronologico da 1.ª lição

1821

5 de junho — As tropas portuguesas obrigam d. Pedro a jurar a futura constituição de Portugal.

1822

9 de janeiro — O principe declara que fica no Brasil.

16 de janeiro — José Bonifacio entra para o ministerio.

15 de fevereiro — Os batalhões protugueses embarcam para Europa.

21 de fevereiro — Decreto declarando que nenhuma ordem das côrtes será cumprida sem o visto do principe.

13 de maio — D. Pedro aceita o titulo de — Defensor perpétuo do Brasil.

4 de junho — Convocação de uma constituinte.

1.º de agosto — Proclamação aconselhando união aos brasileiros, afim de conseguirem a sua independencia.

Leitura — Um homem da independencia

Gravado ficou nas páginas da história do Brasil o nome de José Clemente Pereira.

Teve subido alcance a adesão por êle prestada á causa do Brasil, porque fez simpatizar por ela outros nascidos na Europa, dando valor e fôrça ao partido da independencia nacional; como presidente do senado da camara, foi José Clemente o vulto proeminente do dia do **Fico,** dia radiante e fatidico que anunciou a época do nascimento de um povo; foi êle quem iniciou o sistema parlamentar no país, pedindo ao principe d. Pedro a convocação de uma assembléa geral das provincias do Brasil.

Dera o primeiro passo para a liberdade e procurara com o segundo firmar as garantias sociais. Está seu nome escrito entre os de Joaquim Gonçalves Lédo, Januario da Cunha Barbosa, Joaquim da Rocha, Luiz Pereira da Nobrega, frei Francisco de Sampaio e José Bonifacio que com êle foram as colunas que ergueram o imperio americano.

Foi José Clemente autor de um projeto de codigo criminal que, refundido com outro de Bernardo Pereira de Vasconcelos, produziu a promulgação do codigo criminal que está em execução; foi obra sua o codigo comercial e foi êle o primeiro que se sentou na cadeira de presidente do tribunal de comércio; três provincias o elegeram deputado e outras três senador.

Como provedor da Santa Casa de Misericordia levanta-se seu vulto entre os dos apostolos da humanidade.

Em recompensa de tão caridosos serviços mereceu, três dias depois de sua morte, a honra que ainda não coube a outro homem no Brasil: mandou o imperador d. Pedro II erigir-lhe uma estatua de marmore á custa do seu bolsinho e concedeu á viuva dêsse homem o titulo de Condessa da Piedade.

Essa corôa colocada na cabeça de uma mulher pelas virtudes de um morto, não foi só uma distinção honorifica, mas uma glorificação; foi o primeiro diploma que assinaram os vivos sancionando a imortalidade de José Clemente Pereira.

(Dr. Moreira de Azevedo).

A independencia

2.ª lição **1822**

Os paulistas haviam solicitado ao principe a honra de uma visita. E, como ainda houvesse divergencias naquela provincia, d. Pedro apressou-se a satisfazer o pedido.

A sua viagem foi uma verdadeira marcha triunfal e com a sua presença cessaram todas as desharmonias.

Por este tempo chegaram ao Rio de Janeiro os ultimos decretos das côrtes de Lisboa reduzindo o Brasil ao primitivo estado de colonia.

O ministro **José Bonifacio** escreveu imediatamente a d. Pedro comunicando-lhe estas notícias e suplicando-lhe que pusesse termo ás angústias dos brasileiros e proclamasse alí mesmo a separação.

Os mensageiros foram encontrar o principe e a sua comitiva nas margens do **Ipiranga**, em viagem de Santos para S. Paulo (7 de setembro de 1822).

D. Pedro leu as cartas e exclamou arrebatadamente, tirando da

O grito do Ipiranga

espada: **Independencia ou morte!** E depois, mais calmo, dirigiu-se aos da comitiva e disse: **Camaradas! as côrtes de Lisboa querem mesmo escravizar o Brasil; cumpre, portanto, declarar já a nossa independencia; estamos definitivamente separados de Portugal. De ora em diante traremos um outro laço de fitas verdes e amarelas, que serão as côres do Brasil!**

A estas palavras todos arrancam o tope português e o arrojam á terra.

Toda a comitiva seguiu para S. Paulo, onde, na mesma noite, no teatro, no meio do delirio popular, foi cantado o hino da independencia e d. Pedro saudado com o grito de: **Viva o rei do Brasil!**

Logo voltou para o Rio, onde chegou a 14, recebido com delirantes aclamações.

Vultos da Independencia

Joaquim Gonçalves Lêdo

José Clemente Pereira

Frei Francisco Sampaio

José Bonifacio de Andrade e Silva

Domingos Alves Branco Muniz Barreto

José Joaquim da Rocha

Conego Januario

Bandeira do Reino Unido de Portugal,
Brasil e Algarves 1816-1822

Bandeira e armas do Imperio
1822-1889

Resumo cronologico da 2.ª lição

1822

14 de agosto — D. Pedro parte para S. Paulo.

25 de agosto — Chega a S. Paulo e é recebido entre festas.

1.º de setembro — Partem os mensageiros do Rio de Janeiro levando as cartas de José Bonifacio para o principe.

5 de setembro — D. Pedro parte para Santos.

7 de setembro — O principe volta para S. Paulo. Em caminho encontra os mensageiros e solta o **Grito de Ipiranga.**

14 de setembro — Volta para o Rio de Janeiro.

Leitura — O grito do Ipiranga

No Ipiranga foram os emissarios encontrar a guarda de honra e a comitiva, descansando debaixo de um arvoredo; e sabendo que o Principe não podia estar longe, vão ao seu encontro. Seriam quatro a quatro e meia horas da tarde do belissimo sabado 7 de setembro, quando a meia legua do Ipiranga, Bregaro e Cordeiro se encontraram com o Principe, a quem fizeram entrega da correspondencia. Montava S. A. um cavalo zaino; e vestia pequeno uniforme, farda azul, botas de verniz justas e altas, chapéu armado com tope azul e branco. Lê o Principe alí mesmo os despachos (além de outros papeis, cartas da Princesa e de José Bonifacio). Sente-se que êle experimenta subita e estranha emoção. Depois, calmamente, como quem medita em angustia, entrega as cartas ao seu ajudante de ordens, major Canto e Melo, e diz a meia voz, como si quisesse reprimir a forte agitação: **Tanto sacrificio feito por mim e pelo Brasil inteiro... e não cessam de cavar a nossa ruina!...** E num largo movimento de alma: **E' preciso acabar com isto!...** Arranca da espada e grita: **Independencia ou morte!** — como se gritasse alí para o Brasil inteiro. Esporeia o animal, e, a grande galope, avança para o lugar em que o sequito se achava. A sentinela brada ás armas, forma a guarda precipitadamente; faz as continencias, e ninguem póde dissimular o espanto que causa a atitude do Principe e dos que o seguem todos de espadas desembainhadas e annunciando, nas alteradas feições e no fulgor dos olhares, a gravidade do que se estava passando.

E para toda aquela gente, que tem nêle os olhos em pasmo, exclama d. Pedro: **Camaradas! as côrtes de Lisboa querem mesmo escravizar o Brasil; cumpre, portanto, declarar já a nossa independencia; estamos definitivamente separados de Portugal!** E extendendo a espada, repete com toda a fôrça dos seus robustos pulmões: **Independencia ou morte!** Este grito, como num acesso de delirio, é por todos muitas vezes repetido, e rebôa naquelas tranquilas paragens, dêste então sagradas por aquela voz. Em seguida ordena o Principe: **Laços fóra!** E arranca do chapéu o tope português que arroja ao chão, sendo por todos imitado com indiziveis transportes de alegria.

(Rocha Pombo).

Organização do Imperio

1.ª lição **1822-1823**

D. Pedro foi entusiasticamente recebido pelo povo do Rio de Janeiro e delirantemente aclamado quando, á noite, se apresentou no teatro, tendo no braço esquerdo a legenda — **Independencia ou morte!** —

A 12 de outubro aceitou o titulo de **imperador constitucional** do Brasil que **José Clemente Pereira,** em nome do povo, lhe ofereceu com toda a solenidade. Entretanto a luta dos partidos ia cada vez mais acesa. José Bonifacio saira do ministerio e, a êle voltando de novo por vontade do povo, desenvolvera tremenda reação contra os adversarios, a maior parte dos quais foram presos e desterrados (30 de outubro).

D. Pedro

A sagração e coroação do imperador realizou-se com toda a pompa no dia 1.º de dezembro de 1822.

Apesar de tudo, a autoridade de d. Pedro ainda não era reconhecida em algumas **provincias,** nas quais dominavam as tropas portuguesas.

O general **Labatut,** ao serviço do Brasil, conseguira submeter o Sergipe e marchava sôbre a Baía, onde os portugueses estavam fortes sob o comando do general **Madeira de Melo.** O combate de **Pirajá** (8 de novembro), encorajou ainda mais o exército da independencia, o qual, com o novo comandante **Lima e Silva** e auxiliado pela esquadra de **lord Cochrane,** pôde expulsar os portugueses, em 2 de julho de 1823.

Dalí seguiu Cochrane para o Maranhão e seu preposto **Pascoal Greenfell** para o Pará, sendo as duas provincias submetidas ao govêrno imperial.

Tambem as tropas portuguesas de d. **Alvaro da Costa** não tardaram a abandonar a **Cisplatina.**

Reconhecida de norte a sul a independencia, tratou-se de constituir o novo imperio.

No dia 3 de maio de 1823, instalou-se solenemente a assembléa constituinte.

Não demorou, porém, a luta dos partidos, que na tribuna e na imprensa rudemente se degladiavam.

O espancamento de **David Pamplona** por oficiais portugueses exaltou os ânimos principalmente no seio da assembléa, o que determinou o imperador a dissolvê-la no dia 12 de novembro de 1823, prendendo os Andradas e vários outros deputados que, ao depois, foram deportados.

Este ato violento do imperador repercutiu nas provincias, causando desordens e dando lugar a que algumas, como a de Pernambuco, Alagôas, Paraíba e Rio Grande do Norte, proclamassem a sua independencia, adotando o govêrno republicano.

Resumo cronologico da 1.ª lição

1822

Em 12 de outubro, d. Pedro aceita o titulo de imperador constitucional que a camara municipal lhe ofereceu em nome do povo. — Em 30 de outubro, foram presos e desterrados alguns politicos influentes. — Em 1.º de dezembro, realizou-se a sagração e coroação do imperador. — Em 8 de novembro, combate de Pirajá, entre portugueses e brasileiros, na Baía.

1823

Em 2 de julho, expulsão das tropas portuguesas da Baía. — 3 de maio, abre-se a assembléa constituinte. — Em 12 de novembro, dissolução violenta da constituinte, prisão e deportação de alguns deputados. — 23 de novembro, as últimas tropas portuguesas, que guarneciam a Cisplatina, seguem para Europa.

Leitura — A primeira constituinte

O ano de 1823 é o periodo mais importante da nossa história constitucional. E' a primeira palavra do sistema representativo entre nós. 1825 é a crença pura da primeira idade, como 1831 é a idade heroica da nossa história. Aquí o civismo brasileiro ostentou toda a sua potente virilidade. Alí a pureza de uma fé robusta, um patriotismo cheio de grandeza, alguma coisa da inocencia das primeiras impressões, selaram com uma gloria eterna os trabalhos da constituinte.

Entretanto, periodo nenhum da história do Brasil tem sido tão desfigurado, tão desapiedadamente caluniado, como o da constituinte de 1823.

. . . .

O que havia de mais ilustrado no país achou-se reunido no seio da constituinte. Todas as classes elevadas e importantes da sociedade estavam aí dignamente representadas: o clero, a alta magistratura, a administração superior do Estado, os jurisconsultos, literatos e militares haviam sido contemplados em uma eleição livre e expontanea.

Inteligencias vigorosas, homens de estudos feitos, alguns versados na administração, apareceram então: entre estes podemos com segurança citar os três irmãos Andradas, os doutores José da Silva Lisboa, Luiz José de Carvalho e Melo, José Joaquim Carneiro de Campos, Antonio Luiz Pereira da Cunha, Antonio Carlos, sobretudo, mostrou-se na constituinte um parlamentar consumado, e foi decididamente o primeiro vulto da assembléa.

Ao lado dêstes, alguns deputados mais jovens faziam-se notar por seu talento nas discussões, por suas dedicações aos novos principios e mesmo pelo ardor de uma causa santa; entre estes Montezuma, Vergueiro, Alencar, Araujo Lima, Carneiro da Cunha, Rodriques de Carvalho, Moniz Tavares e outros. Todos os deputados mostravam-se animados dos mais sinceros desejos de promover o bem estar da patria.

E' um êrro supôr, como levianamente o diz Armitage, que a constituinte só se compunha de mediocridades e de inteligencias acanhadas.

As discussões da nossa constituinte dão pleno testemunho desta verdade, e provam exuberantemente que havia nela a soma de luzes suficientes para a confecção da constituição. Algumas materias foram aí tratadas com grande erudição, entre outras a liberdade religiosa e a instituição do Juri.

(Barão H. de Melo).

Confederação do Equador

2.ª lição **1824**

A dissolução da Constituinte provocou protestos e desordens em algumas provincias do norte.

A de Pernambuco, principalmente, que nunca se mostrara satisfeita com d. Pedro, desde 1823 apresentava grande exaltação de ânimos.

Neste ano a junta governativa presidida por **Francisco Paes Barreto,** que se tornara impopular, resignou o seu mandato e foi eleita uma nova junta presidida por **Manoel de Carvalho Paes de Andrade** (8 de janeiro de 1824).

Logo, em meiados de fevereiro, Paes Barreto foi nomeado presidente da provincia de Pernambuco. Não pôde, porém, tomar conta do cargo, porque um congresso das municipalidades resolveu manter Paes de Andrade no govêrno.

A bandeira do novo estado

Contra essa decisão revoltaram-se alguns batalhões. Paes de Andrade chegou a ser prêso e encerrado na fortaleza do Brum. Porém a guarnição desta insurgiu-se e soltou-o. Paes de Andrade resolveu então vir para Alagôas com as fôrças com que contava.

Por este tempo, chegou ao Recife uma esquadrilha comandada por **J. Taylor,** incumbida de sustentar o presidente Paes Barreto.

Depois de várias tentativas de reconciliação, Paes de Andrade publicou um manifesto explicando os motivos que levavam Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba a insurgirem-se contra o govêrno imperial, formando uma republica com o nome de **Confederação do Equador** (2 de julho de 1824).

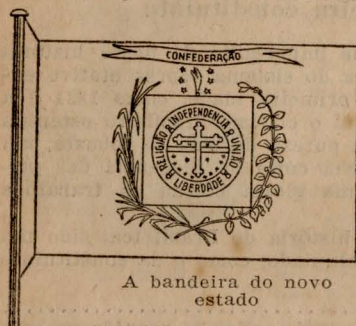
Organizou-se o novo Estado, adotando provisoriamente a constituição da Colombia, creando a sua bandeira, arregimentando fôrças de terra e mar.

A bandeira do novo Estado independente era azul, branca e encarnada. No centro tinha um quadrado com dois circulos concentricos inscritos e no meio do menor uma cruz. O quadrado tinha aos lados ramos de algodão e de cana. No círculo maior a legenda: **Religião, independencia, união e liberdade.**

O govêrno imperial não perdeu tempo: organizou logo uma divisão naval ao mando de lord Cochrane e tropas de terra sob o comando do coronel Lima e Silva.

Em Maceió reuniram-se estas fôrças ás de Paes Barreto e avançaram sôbre o Recife, já bloqueado pela esquadra. A 14 de setembro, depois de renhido combate, os republicanos viram-se obrigados a retirar-se para Olinda, e daí para o interior do Estado, onde continuou a guerra até que, baldos de recursos, tiveram de capitular.

Instalaram-se comissões militares para o julgamento dos revolucionarios.

No Rio foram logo executados **João Guilherme Ratcliff** e outros; em Pernambuco morreram enforcados oito revolucionarios e foi fuzilado **frei do Amor Divino Caneca;** no Ceará subiram ao cadafalso mais oito réus.

Resumo cronologico da 2.ª lição

1823

As idéas liberais começam a circular em Pernambuco, produzindo exaltamento de ânimos.

1824

Paes de Andrade é eleito presidente da junta governativa. — Em 2 de julho, Paes de Andrade proclama a Confederação do Equador composta de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. — Em 14 de setembro, o Recife cai em poder dos imperialistas.

1825

Em 13 de janeiro, execução de frei do Amor Divino Caneca.

Leitura — José Bonifacio de Andrada e Silva

José Bonifacio é o mais notavel agente de nossa emancipação, como individualidade, como tipo representativo das aspirações nacionais. A independencia foi a elaboração do trabalho e do vigor de muitas gerações; foi uma obra popular; teve porém seus corifeus; e Andrada foi o maior dêles. Os fatos historicos não brotam do chão como a erva dos campos; não descem também das nuvens como as deidades da poesia. Êles são antes o vai-vem das paixões, o fluxo e o refluxo das idéas; estas rompem dos cérebros, e põem-se ao serviço do braço dos que lutam e trabalham.

Não foi só nos dias da Independencia e da Constituinte que José Bonifacio teve de arcar com a chicana e a intriga dos partidos; mais tarde o odio de seus adversarios, não saciados com os seis anos de destêrro do velho paulista, atingiu proporções maiores nos tempos da Regencia. Daí, a série de escritos contra o antigo ministro de Pedro I, oriundos de inimigos. Os Andradas eram inteligentes, altivos e ousados. Antonio Carlos tinha sido parte poderosa na revolução de 1817 em Pernambuco e mais tarde valente deputado brasileiro ás côrtes de Lisboa; punha José Bonifacio a par dos acontecimentos da metropole e o estimulava a ajudar a independencia patria. Andrada entrou oportunamente na ação e foi o espirito organizador da formação do novo imperio, desde que d. Pedro declarou ficar no Brasil até que foi corôado imperador, desde janeiro a dezembro de 1822. A 17 de julho do ano seguinte, desceu do poder para não mais voltar a êle. Dissolvida a Constituinte a 13 de novembro dêste ano, foi deportado para a França. As idéas capitais dêste homem de Estado eram: preparada a emancipação, organizar o país quasi federalmente, e aplicar-se logo á solução dos mais magnos problemas, que por muito tempo depois dêle ficaram aguardando uma resposta. Quero falar da colonização, aproveitando o elemento indigena, e da emancipação dos escravos.

São dois pequenos escritos de inestimavel valor; revelam o genio prático do homem e sua opinião sôbre o lado sombrio da vida social brasileira.

Não foram aquilatados devidamente.

(Silvio Roméro).

Guerra platina

3.ª lição 1824-1828

O govêrno de Buenos Aires dirigira uma nota ao do Brasil reclamando a restituição do territorio da Cisplatina e, vendo burlados os seus desejos, rompera as relações oficiais com o govêrno brasileiro (5 de fevereiro de 1824).

Entretanto **Lavalleja** e um grupo de trinta e dois patriotas orientais (os célebres trinta e três), invadiram a Cisplatina (19 de abril de 1825). **Fructuoso Rivera,** despachado a embargar-lhes o passo, faz causa comum com os patriotas, que estabelecem o seu quartel-general em **Florida** e proclamam a independencia da Cisplatina (25 de agosto).

As fôrças de Rivera obtem a vitória do **Rincão das Galinhas** (24 de setembro) e Lavalleja vence o general **Bento Ribeiro** no combate de **Sarandí** (12 de outubro).

Animada por estes triunfos, a Republica Argentina anexou a Cisplatina a seus territorios e declarou guerra ao Brasil (10 de dezembro de 1825).

A esquadra brasileira, ao mando de **Rodrigo Lobo** e ao depois de **Pinto Guedes,** estabeleceu o bloqueio de Buenos Aires e travou diversos combates com a esquadra argentina, que era comandada pelo irlandês **Brown.**

A guerra terrestre não apresentava vantagem para os brasileiros; quasi todo o territorio oriental estava em poder dos revolucionarios. Além de tudo, por causa do bloqueio de Buenos Aires, o imperio via-se em sérios embaraços principalmente com a França e os Estados Unidos.

Todos estes fatos determinaram a vinda de d. Pedro I ao teatro da guerra, tendo chegado a Porto Alegre nos fins de 1826. Viu-se, porém, obrigado a voltar logo para o Rio de Janeiro, por ter recebido a notícia da morte da imperatriz.

Seguiu-se a batalha naval de Corales entre os navios do almirante Brown e a esquadrilha brasileira de **Francisco Roque** (9 de fevereiro de 1827).

Por este tempo foi o general **Marquês de Barbacena** nomeado comandante em chefe do exército brasileiro em operações e veiu achá-lo nas mais deploraveis condições, de tudo carecendo. Ainda assim viu-se obrigado a travar a batalha campal de **Ituzaingo** (20 de fevereiro de 1827), e a efetuar uma retirada que lançou o exército no mais deploravel desânimo.

Ituzaingo é o nome de um pequeno arroio formado pelas aguas de um banhado e tributario do rio Ibicuí Grande.
O campo de batalha era muito vasto, cercado de coxilhas, cortado por uma sanga e coberto de macega tão alta que encobria os soldados.

Além de tudo o desastre da expedição mandada á Patagonia, sob o comando de Pinto Guedes, trouxe ainda maior desânimo aos brasileiros, de nada valendo a derrota de Brown pelo capitão Norton.

Este estado de coisas levou o govêrno imperial a reconhecer a independencia da Cisplatina, que, sob a presidencia do general Rondeau, constituira a **Republica Oriental do Uruguai** (25 de agosto de 1828).

Resumo cronologico da 3.ª lição

1825

Em 19 de abril, Lavalleja com 32 companheiros invade a Cisplatina. — Em 25 de agosto, proclama a independencia. — Em 10 de dezembro, a Republica Argentina declara guerra ao Brasil.

1826

Em 24 de novembro, d. Pedro parte para o Rio Grande.

1827

Em 20 de fevereiro, batalha de Ituzaingo.

1828

O Brasil reconhece a independencia da Cisplatina.

Leitura — A batalha de Ituzaingo

Esta batalha, travada a 20 de fevereiro de 1827, entre os argentinos, comandados pelo general Carlos d'Alvear, e os brasileiros, chefiados pelo Marquês de Barbacena, não foi uma vitória para os primeiros, como têm assoalhado escritores mal informados ou interesseiros em ambos os paises.

O exército argentino penetra o solo do Brasil e ocupa excelentes posições; Barbacena, com fôrças muito inferiores, famintas, cansadas de longa marcha, topa com esse exército e aceita combate. Pelejam durante 11 horas 5.000 brasileiros, naquelas condições, tendo 12 bocas de fogo, contra 10.500 inimigos repousados, num terreno adrede escolhido e armados de 26 canhões.

Os argentinos perderam mais de 1.000 homens e os nossos pouco além de 200. Já cantavamos a vitória.

Mas o inimigo, do lugar alto onde estava, avista o comboio dos transportes e bagagens que vinha na retaguarda do exército brasileiro, a grande distância.

Dispondo de cavalaria superior, destaca forte coluna para atacar o comboio indefeso. Sem dar um tiro, apreendeu-o, figurando entre os despojos duas velhas bandeiras inserviveis. Sabendo que perdera as bagagens, quasi exhaustas as munições, havendo os argentinos incendiado a macêga sêca do campo, para envolver os brasileiros num círculo de fogo, resolve Barbacena retirar-se. Retira-se na melhor ordem, levando todos os seus feridos e toda a sua artilharia, a exceção de uma peça cujo reparo se quebrara e que deixa encravada. Si não se retirasse, permaneceria sem agua, sem roupa, sem cartuchos, com o inimigo em frente e uma trincheira de chamas atrás. O exército argentino não dispersa, não aprisiona, não aniquila o brasileiro. Manda pedir-lhe licença para recolher o cadaver de um coronel. Longe de perseguir os retirantes, retira-se também, primeiro do campo da luta, depois do territorio brasileiro, desistindo de continuar na invasão que encetara. Eis a batalha. Constituiu vitória para os argentinos? Evidentemente não. Foi uma batalha indecisa. Barbacena acampou onde bem quís. Notavel a sua retirada do campo incendiado! Recuou, mas o inimigo não sustentou as suas posições, também recuou. Os pretensos trofeus, — as duas bandeiras imprestaveis, — não as tomou em combate. Barbacena preencheu o fim que se propunha: repelir a invasão. O invasor, em consequencia do Ituzaingo, perde as suas vantagens, abandona o territorio invadido. Logo, considerando os resultados, Ituzaingo equivaleu para nós a uma vitória. Os argentinos fugiram; os brasileiros, não; mudaram apenas de lugar no solo da patria.

(Afonso Celso).

Abdicação de d. Pedro I

4.ª lição **1831**

Dissolvida a Constituinte, d. Pedro modificou o seu ministerio e nomeou um conselho de Estado, ao qual incumbiu de organizar o projeto de constituição. A 11 de dezembro de 1823 terminou o conselho o seu trabalho e, como o projeto tivesse o apôio das camaras municipais e do povo, foi convertida em leis solenemente jurado no dia 25 de março de 1824.

Apesar de já estar reconhecida a independencia por Portugal e outros paises, nas provincias ainda não reinava a ordem. No Maranhão, lord Cochrane conseguira restabelecer o imperio da lei, mas na Baía dava-se a revolta **dos Periquitos**, da qual foi vítima o coronel Gomes Caldeira (25 de outubro de 1824), e no Pará lavrava a guerra civil.

De toda a parte levantavam-se queixas contra o imperador, ao qual se acusava de querer reunir a corôa do Brasil á de Portugal.

Por este tempo morreu em Portugal o rei d. João VI, cabendo a d. Pedro a corôa do Reino. Porém, este principe, expontaneamente e sem vacilar, abdicou em sua filha d. Maria da Gloria e nomeou seu irmão d. Miguel regente de Portugal (1.º de maio de 1826). Este procedimento, unido ao fato do nascimento do principe herdeiro d. Pedro de Alcantara (2 de dezembro de 1825), grangeou alguma simpatia ao imperador.

Havendo o govêrno contratado muitos estranjeiros para o serviço militar, revoltaram-se êles, tomaram conta da cidade e só a muito custo foram subjugados (9 de junho de 1828).

Logo em seguida apresentou-se no porto do Rio o vice-almirante francês **Roussin,** com uma esquadra e, de morrões acesos, exigiu a indenização de prejuizos causados pela esquadra brasileira no bloqueio do Rio da Prata (6 de julho de 1828). O govêrno, sem meios de resistencia, teve de ceder a esta violenta intimação.

Estes fatos, unidos á luta dos partidos, indispuseram de novo os ânimos contra o imperador. Em tôrno do jornalista **Evaristo Ferreira da Veiga,** concentrou-se toda a oposição. Na provincia de Minas, sobretudo, era grande a agitação, de modo que o imperador resolveu ir em pessôa acalmar os ânimos. Alí chegado, publicou uma proclamação (22 de fevereiro de 1831), que deu ainda peor resultado. Desanimado e desgostoso, voltou d. Pedro para o Rio.

Os portugueses receberam-no com festas, que degeneraram nos conflitos chamados **noite das garrafadas** (14 de março). A guerra civil estava iminente. Diante da gravidade da situação, d. Pedro nomeou novo ministerio, o qual foi logo substituido por outro (6 de abril de 1831).

O povo revoltou-se e fazendo causa comum com a tropa, intimou d. Pedro a reintegrar os ministros.

O imperador não quís ceder e abdicou a corôa no principe d. **Pedro de Alcantara** (7 de abril de 1831), nomeou José Bonifacio de Andrada e Silva tutor de seus filhos e seguiu para a Europa.

RECAPITULAÇÃO

Organização do Imperio 1822-1824	D. Pedro foi aclamado imperador constitucional e como tal sagrado e corôado. — O general Labatut, ao serviço do Brasil, submeteu as provincias de Sergipe e Baía, ainda em poder das tropas portuguesas. Lord Cochrane chamou á obediencia o Maranhão e Pascoal Greenfell, a do Pará. — As últimas tropas portuguesas que deixaram o Brasil foram as da guarnição da Cisplatina. — Reconhecida a independencia do Brasil por algumas nações, reuniu-se a Assembléa Constituinte. A luta dos partidos provocou a dissolução violenta dessa Assembléa e a prisão de alguns deputados, o que causou abalos nas provincias.
Confederação do Equador 1824	Foi uma das consequencias da dissolução da Constituinte. — Francisco Paes Barreto passou o govêrno da provincia a Manoel Carvalho Paes de Andrade. Mais tarde Paes Barreto foi nomeado presidente, porém Paes de Andrade negou-se a entregar-lhe o govêrno. Insurgiu-se o povo e a tropa e foi proclamada a Confederação do Equador, republica formada pelos Estados de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. — O govêrno imperial expediu fôrças de mar e terra, sob o comando de lord Cochrane e do general Lima e Silva. Os revoltosos foram submetidos e dentre êles, Ratcliff, frei Caneca e outros morreram enforcados ou fuzilados.
Guerra platina 1824-1827	O govêrno de Buenos-Aires reclamara em vão a restituição da Banda Oriental. Lavalleja e mais 32 orientais invadiram a Cisplatina e proclamaram a sua independencia. A Republica Argentina declarou guerra ao Brasil. A guerra no mar e em terra foi desastrosa para o Brasíl, o que determinou a vinda de d. Pedro ao Rio Grande, voltando logo para o Rio de Janeiro. A batalha de Ituzaingo, o desastre da expedição á Patagonia desanimaram ainda mais o exército brasileiro. O govêrno imperial reconheceu a independencia da Cisplatina que se constituiu com o nome de Republica Oriental do Uruguai.
Abdicação 1831	Dissolvida a constituinte, o imperador nomeou o conselho de Estado, o qual organizou um projeto de constituição que foi convertido em lei. Apesar disto, lavrava a desordem em algumas provincias e levantavam-se queixas contra o imperador. Embalde este abdicou a corôa de Portugal, que lhe coubera por morte de seu pai d. João VI. Novos fatos vieram agravar a situação: a revólta dos batalhões estranjeiros, a reclamação do almirante francês **Roussin.** A oposição foi crescendo em tôrno de Evaristo Ferreira da Veiga e produziu as desordens conhecidas pelo nome de **noite das garrafadas.** D. Pedro nomeou novo ministerio, o povo e as tropas revoltaram-se. O imperador não quís ceder e abdicou em seu filho d. Pedro de Alcantara.

1.ª lição **Regencia trina** 1831-1835

Ficando o país sem govêrno, reuniram-se os deputados e senadores que estavam na Côrte e elegeram uma **Regencia Provisoria,**

Regencia provisoria

composta do brigadeiro **Francisco de Lima e Silva,** senador **Nicolau Pereira de Campos Vergueiro** e o marquês de Caravelas, **José Joaquim Carneiro de Campos,** para governar o país em nome de d. **Pedro II,** que tinha apenas 6 anos de idade (7 de abril).

Em 18 de junho foi eleita a **Regencia Permanente,** de que fizeram parte o brigadeiro **Lima e Silva, José da Costa Carvalho** e **João**

Regencia permanente

Braulio Muniz, entrando também para o ministerio o padre **Diogo Feijó,** a cuja energia se deve a repressão da grave revólta das tropas em 12, 13 e 14 de julho, e a creação da **Guarda Nacional** (18 de agosto), para evitar novas sedições.

J. J. Carneiro de Campos, Marquês de Caravelas

Agitação nas provincias

Por toda a parte lavrava a desordem: no Pará, a tropa depõe o presidente **Visconde de Goiana** (7 de agosto de 1831); no Maranhão, tropa e povo depõem as autoridades (13 de setembro); em Pernambuco rompe a sangrenta **Setembrizada** (14, 15 e 16 de setembro); no Rio, instigada por Barata Ribeiro, insurge-se a fortaleza da ilha das Cobras (7 de outubro); no Maranhão declara-se um motim popular que se alastra pelo interior (19 de novembro); no Ceará, **Pinto Madeira** revolta-se (14 de dezembro) e luta com as fôrças legais do general Labatut; no Rio de Janeiro, o **partido exaltado** revolta-se e é vencido (5 de abril de 1832); no Pará, a comarca do **Rio Negro** declara-se independente (23 de junho de 1832); no Recife lavra a lamentavel **guerra civil dos Cabanos,** de 1832 a 1835. Na côrte, o povo invadiu a séde da **Sociedade Militar** formada pelo partido restaurador. O conselheiro **José Bonifacio de Andrada e Silva,** um dos chefes do partido, deposto do cargo de tutor do imperador, foi prêso e enviado para a ilha do **Paquetá** (15 de dezembro).

José da Costa Carvalho, Marquês de Monte-Alegre

Novas desordens

Nas provincias continuava a agitação: na capital de Mato Grosso deu-se sangrenta luta (30 de maio a 5 de julho de 1834); no Pará lavrava a guerra civil chefiada por **Malcher** e **Vinagre** (7 de janeiro de 1835); no Rio Grande do Sul rompera a **Revolução dos Farrapos** (20 de setembro de 1835).

Um só regente

Ainda assim o govêrno conseguira pelo **Ato Adicional** fazer algumas reformas na Constituição. Entre elas estava a creação das assembléas provinciais, e a eleição de um só regente, a qual teve lugar em 7 de abril de 1835, recaindo a maioria de votos no padre Diogo Antonio Feijó.

Pedro de Araujo Lima, Marquês de Olinda

Resumo cronologico da 1.ª lição

1831

Em 7 de abril, deputados e senadores elegeram uma regencia trina para governar a nação em nome do imperador ainda menino. — Em 18 de junho, foi eleita a regencia efetiva também de 3 membros. — Em 14, 15 e 16 de setembro a Setembrizada em Pernambuco. — Em 7 de outubro, insurreição da fortaleza da Ilha das Cobras. — Em 14 de dezembro, revolta no Ceará.

1832

Em 15 de abril, revolta dos exaltados no Rio. — 15 de dezembro, José Bonifacio prêso e deportado para a ilha de Paquetá.

1835

Em 20 de setembro, revolução no Rio Grande do Sul. — Em 7 de abril, eleição da regencia una — padre Feijó.

Leitura — Evaristo e Feijó

Adivinhando a missão historica do imperio, Evaristo da Veiga salva o princípio monarquico, identificado, então, com a unidade da patria; prevendo a anarquia que esfacelaria o país, Feijó restaurou, por milagre de energia incomparavel, a autoridade civil. Completam-se. São dois indices de uma época inteira. Ambos apareciam sem linhagens no meio de nomes já tradicionais. O primeiro, vindo do fundo de uma tipografia modesta, constituiria o nosso primeiro modêlo de um jornalista politico, inflexivel e cortês, nunca abdicando a atitude do pensar e do dizer no meio das mais tumultuarias controversias. O segundo, vindo de uma paroquia de S. Paulo, dilataria em pouco tempo a sua individualidade sôbre a amplitude indefinida da patria que se construia. Domina inteiramente o quadro. Recorda o herói providencial, de Tomaz Carlile. Ministro da Justiça na primeira Regencia Permanente Trina, sofreu rijamente todo o impeto da torrente revolucionaria: O seu primeiro golpe foi contra os companheiros da vespera, suplantando (14 e 15 de julho) fortes levantamentos militares que estalaram no Rio. Foi um golpe fulminante. Reprimiu as desordens; dissolveu alguns batalhões indisciplinados, fragmentou os demais, destacando-os para as provincias. Nunca se vira autoridade dêste tope. Êle golpeou de espanto o proprio govêrno, determinando a saída de alguns ministros assombrados e a entrada de Bernardo de Vasconcelos e Lino Coutinho. Diogo Feijó prosseguiu, inflexivel, tendo-se apenas apercebido de estoicismo raro, que o levava intremulo ás decisões mais arriscadas, creou a Guarda Nacional e com ela, logo depois (7 de outubro), reprimiu novo levante do corpo de infantaria de marinha, que foi por sua vez extinto, depois de severamente corrigido, sendo entregues os negocios da marinha a um lente da academia militar destinado a longa carreira, Rodrigues Torres (visconde de Itaboraí). Dêste geito, em poucos meses a anarquia emergente da indisciplina militar, dobrava-se jugulada, sob mãos inermes de um padre. E o govêrno pôde devotar-se á organização administrativa, creando o tesouro nacional e tesourarias provinciais; sancionando e procurando aplicar, ainda que inutilmente, a primeira lei repressiva do tráfico e reorganizando as Escolas.

Evaristo Ferreira da Veiga

Edificava sôbre o solo vibrante da revolução.

(Euclides da Cunha).

Regencia una

2.ª lição **1835-1840**

Prestando juramento como regente do imperio em 12 de outubro de 1835, o padre Diogo Antonio Feijó teve de lutar com grandes

O regente Feijó dificuldades. Além da revolução ao sul e das desordens do Pará, Sergipe e Baía, foi grande a oposição que encontrou na Assembléa. Restabelecida a ordem no Pará, por intermedio do general Soares Andréa (1836), não conseguiu Feijó vencer a animosidade da Assembléa e teve de deixar o govêrno. Nomeou ministro do imperio o senador **Pedro de Araujo Lima** (18 de setembro de 1837) e no dia seguinte entregou-lhe a regencia.

Padre Diogo Antonio Feijó

O regente Araujo Lima Organizando logo ministerio, tomou o novo regente outras medidas para assegurar o seu govêrno, que se tornou efetivo com a eleição de 22 de abril de 1838. Tudo isto, porém, não bastou para restabelecer a ordem nas provincias.

A Sabinada No Rio Grande do Sul a revolução continuava mais forte. Na Baía, repercutiam também as idéas revolucionarias e produziram o motim chamado a **Sabinada,** do nome de seu chefe o dr. **Sabino Vieira.** Este movimento, cujo fim foi proclamar a republica baíense até a maioridade do jovem monarca, teve o seu último episodio em 16, 17 e 18 de março de 1838.

Revólta dos Balaios Também no Maranhão romperam sérias desordens. Em 13 de dezembro de 1839, **Raimundo Gomes** soltou o grito de revólta na vila da Manga. A este reuniu-se logo outro mestiço, chamado **Manoel Francisco dos Anjos Ferreira,** e alcunhado de **Balaio,** e o negro **Cosme,** com mais três mil escravos. Os revoltosos espalharam-se pelo interior do Estado, tomaram a cidade de Caxias e praticaram os maiores horrores.

Por este tempo o govêrno nomeou o coronel **Luiz Alves de Lima e Silva** para presidente e comandante das armas da provincia do Maranhão (4 de fevereiro de 1840). A's suas acertadas providencias se deve a derrota final dos revoltosos e a pacificação da provincia.

A maioridade Como continuasse ainda a luta no sul, onde havia sido proclamada a **Republica de Piratiní,** alguns deputados e senadores pensaram na urgente necessidade de pacificar o país entregando o govêrno a d. Pedro II, antes de completar os 18 anos exigidos pela lei e nesse sentido apresentaram um projeto declarando-o maior e apto para assumir o govêrno.

Debalde se opôs a regencia e o ministro de imperio **Bernardo de Vasconcelos** decretou o adiamento das camaras.

Os deputados partidarios da maioridade reuniram-se, mandaram uma comissão consultar o jovem monarca, o qual anuiu.

Foi então convocada de novo a assembléa e proclamada a maioridade de d. Pedro II (23 de julho de 1840).

Resumo cronologico da 2.ª lição

1835

Em 12 de outubro, o padre Diogo Feijó assume a regencia do Imperio, encontrando logo grande oposição na camara.

1836

O general Soares Andréa pacifica a provincia do Pará.

1837

Em 19 de setembro, Feijó entregou a regencia ao senador Araujo Lima, a quem na vespera nomeara ministro do imperio.

1838

16, 17 e 18 de março, ultimos combates da revolução baiana chamada a Sabinada.

1839

Em 13 de dezembro, começa no Maranhão a revólta dos **Balaios.**

1840

Em 4 de fevereiro, o coronel Alves de Lima pacifica o Maranhão. — Em 23 de julho, é proclamada a maioridade de d. Pedro II, que sóbe ao trono.

Leitura — Serviços da Regencia

Abdicando d. Pedro I a corôa do Brasil, e sendo menor o herdeiro do trono, passou o leme do Estado, ás mãos de uma regencia, que teve de superar graves dificuldades. Em 7 de abril a nação quebrou os ultimos aneis da corrente que parecia trazê-la ainda prêsa ao reino europeu; a monarquia nacionalizou-se, os estadistas brasileiros começaram a trabalhar, tendo só em vista os negocios do novo imperio; despertou-se o espirito público, a nação entrou em nova fase de organização, constituiram-se os partidos politicos, que vieram substituir os partidos liberal e absolutista, separados pelo antagonismo das nacionalidades; houve efervescencia de idéas, de sentimentos, choque de partidos, luta de vencedores e vencidos, do govêrno e da oposição, e dos partidarios do novo regimen contra os do que findara. A imprensa desenvolveu-se e procurou repetir ao povo os axiomas da liberdade, o patriotismo inspirou medidas salutares; engrandeceram-se as virtudes civicas, e um partido forte e poderoso cercou o trono do jovem Imperador, que ainda dormia em berço dourado. O ato adicional, o codigo do processo, a ordem judiciaria e financeira, a creação da guarda nacional, a organização das provincias e a conservação da integridade do Imperio, para só notar os mais salientes, foram os serviços que atestam os atos e conduta daqueles que regeram a nação durante o periodo que separou o primeiro do segundo reinado. O partido moderado, que ganhara o poder no dia da revolução de 7 de abril, soube conservá-lo durante quatro anos; em sua marcha procurara manter a paz, a segurança, a felicidade e integridade da nação, e chegara ao termo da viagem com prestígio e gloria; tivera uma carreira semeada de perigos, mas ao carro do Estado dera sábia direção. Se a ordem pública estremecera em todo o Imperio, o govêrno não vacilara e plantara a paz, firmando as bases do futuro desenvolvimento da nação. Se um partido pretendeu restaurar o antigo regimen foi prontamente esmagado; assim ao mesmo tempo que mantinha a liberdade, combatendo os restauradores, mantinha o partido moderado a ordem, combatendo os anarquistas. Mas, vencidos os perigos, fatigado do mando, começou esse partido a fracionar-se.

(Dr. Moreira de Azevedo).

Revolução no Rio Grande do Sul

3.ª lição **1835**

A revolução que ensanguentou o solo do Rio Grande do Sul por espaço de dez anos, foi em seu começo apenas um levante contra o presidente dr. **Antonio Rodrigues Fernandes Braga,** o qual era acusado pelos liberais de prestar apôio ao partido restaurador e á Sociedade Militar.

A Sociedade Militar procurava restaurar o trono de d. Pedro I. A de Porto Alegre fôra fundada pelo conde do Rio Pardo, em 1833.

No dia 20 de setembro de 1835, pela manhã, os chefes revolucionarios **José Gomes de Vasconcelos Jardim** e o coronel **Onofre Pires do Canto,** aos quais logo se reuniu o coronel **Bento Gonçalves da Silva,** tomaram conta de Porto Alegre. O presidente Braga, sem meios de resistencia, fugiu para o Rio Grande (29 de setembro) e alí estabeleceu o govêrno. Dentro em pouco, porém, teve de abandonar esta vila e fugir para o Rio, ficando toda a provincia em poder dos revolucionarios.

Em Porto Alegre, a camara municipal empossara o vice-presidente dr. **Marciano Ribeiro** e tudo parecia terminado.

A nomeação do presidente **Araujo Ribeiro** acendeu de novo a luta. O chefe revolucionario **Corte Real** foi batido no **Rosario,** ao passo que **Lima e Silva** derrotava e prendia em Pelotas o major **Marques de Souza** e o remetia para Porto Alegre (7 de abril). Este chefe legalista soube tramar uma habil conspiração que restituiu essa praça aos legalistas (15 de junho). Bento Gonçalves, que andava na campanha, correu em socorro de Porto Alegre, mas teve de estacionar em **Viamão.**

Procurando reanimar o espirito das tropas, o coronel **Antonio de Souza Neto** após a vitória do **Seival** proclamou a **Republica Rio-Grandense** (12 de setembro de 1836), tendo por séde a vila de **Piratiní** e por chefe supremo o coronel Bento Gonçalves da Silva.

Entretanto, a posição dêste em Viamão, tornara-se insustentavel e fôra necessario seguir em rumo da campanha. Ao atravessar o Jacuí, na ilha do **Fanfa,** teve de aceitar batalha com as fôrças do imperialista Bento Manoel e caíu prisioneiro dêste (4 de outubro de 1836).

Logo, porém, voltou-se a sorte das armas para a nascente republica. **Bento Manoel** reuniu-se ás fôrças republicanas, aprisionou o novo presidente **Antero Ferreira,** colheu a vitória de **Caçapava** (8 de abril), estabeleceu o sitio de **Porto Alegre,** venceu o combate do **Triunfo** (12 de agosto).

Também Bento Gonçalves conseguira evadir-se do **Forte do Mar,** na Baía, onde se achava prêso (11 de setembro de 1837) e viera assumir o comando das fôrças que sitiavam Porto Alegre.

Depois da grande vitória republicana de **Rio Pardo** (30 de abril de 1838), Bento Gonçalves assumiu a presidencia em **Piratiní** e transferiu a capital para **Caçapava;** e os republicanos de **David Canabarro,** auxiliados do patriota italiano **José Garibaldi,** invadiram Santa Catarina (12 de junho de 1839).

Pouco depois foi proclamada a maioridade de d. Pedro II, que assumiu o govêrno do Imperio e nomeou o general Soares Andréa para presidir a provincia e promover a sua pacificação.

RECAPITULAÇÃO

Regencia trina **1831-1835**	Deputados e senadores reuniram-se e elegeram uma regencia para governar em nome do imperador ainda menino. — A regencia teve de reprimir a revólta das tropas na côrte e diversos movimentos nas provincias, dos quais o mais longo foi a **Guerra dos Cabanos.** — O partido restaurador também concorreu para a desordem, o que deu lugar á prisão do conselheiro José Bonifacio na ilha do Paquetá. — Apesar destas desordens o govêrno conseguiu fazer algumas reformas liberais, passando a administrar o país um só regente. — Entretanto, a desordem continuava nas provincias e no Rio Grande do Sul rompera a revolução.
Regencia una **1835-1840**	Passando o govêrno ás mãos de um só regente, foi eleito o padre Diogo Antonio Feijó. Apesar de energico e audaz, não conseguiu Feijó pacificar as provincias, nem vencer a grande oposição da assembléa legislativa e teve de deixar o govêrno. — O novo regente, senador Pedro de Araujo Lima, teve também de lutar com muitos embaraços. Na Baía, deu-se a **Sabinada;** no Maranhão, houve a revólta dos Balaios, debelada pelo coronel Luiz Alves de Lima e Silva; no Rio Grande do Sul, os revolucionarios haviam fundado a **Republica de Piratiní.** — Diante da gravidade dêstes fatos, alguns deputados e senadores procuram entregar o govêrno a d. Pedro II. — Reunida a assembléa, esta proclamou a maioridade do imperador e entregou-lhe o govêrno.
Revolução no Rio Grande do Sul **1835**	A princípio foi apenas um levante contra o presidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga, acusado de restaurador. — Os revolucionarios, ao mando de José Gomes de Vasconcelos Jardim, Onofre Pires do Canto e Bento Gonçalves da Silva, tomaram Porto Alegre. — Braga fugiu para o Rio Grande e daí para o Rio de Janeiro, quando toda a provincia caíu em poder dos revolucionarios. — O novo presidente Araujo Ribeiro reacendeu a luta. — Na campanha houve alguns combates e Porto Alegre voltou ao poder dos legalistas, ao passo que os revolucionarios estabeleciam o seu quartel-general em Viamão. — O coronel Antonio de Souza Neto proclamou a republica, tendo por chefe supremo o general Bento Gonçalves. — Entretanto, este foi pouco depois aprisionado na **ilha do Fanfa** e remetido para a Baía. — Com o auxílio do imperialista Bento Manoel, os republicanos colheram algumas vitórias. — Também Bento Gonçalves conseguiu fugir e assumiu o govêrno da Republica, ao passo que David Canabarro e José Garibaldi invadiam a provincia de Santa Catarina.

Reinado de d. Pedro II

1.ª lição **1840-1845**

No mesmo dia em que foi declarado maior, prestou d. Pedro II juramento perante o senado (23 de julho de 1840). No dia ime-

Primeiros atos

diato nomeou o seu primeiro ministerio, escolhido dentre os que mais se distinguiram na maioridade, e mandou proclamar a anistia para todos os crimes politicos (29 de agosto), o que produziu logo a pacificação no Maranhão. No sul, porém, esta medida não deu resultado satisfatorio, pois os revolucionarios recusaram-se a aceitá-la.

Conforme o antigo uso das côrtes portuguesas, foi d. Pedro II coroado e sagrado com toda a solenidade, no dia 18 de julho de 1841.

Neste mesmo ano foi apresentado á assembléa o projeto de creação do Conselho d'Estado e logo convertido em lei apesar da grande oposição que encontrou (23 de novembro). Daquí originou-se perturbação da ordem pública em São Paulo e Minas.

D. Pedro II aos 14 anos

Revólta paulista

A revólta de S. Paulo, auxiliada pelo padre **Feijó**, começou em Sorocaba, onde o brigadeiro **Rafael Tobias de Aguiar** foi aclamado presidente da provincia (13 de maio de 1842).

O govêrno imperial expediu logo tropas sob o comando do **barão de Caxias**, os revoltosos foram batidos em **Venda Grande** (17 de junho) e a provincia pacificada.

Revólta mineira

Também em Minas, na cidade de Barbacena, estalou uma revolta com os mesmos intuitos da paulista (10 de junho), sendo aclamado presidente **José Feliciano Barreto Coelho.** Coube ainda ao barão de Caxias a pacificação da provincia, depois de vencidos os revoltosos em **Santa Luzia** (20 de agosto).

A anistia concedida em 14 de março de 1844, concorreu para o completo esquecimento destas revoltas.

Revolução no Rio Grande do Sul

Entretanto, no sul, continuava a guerra civil, o que levara o govêrno a nomear o barão de Caxias para comandante em chefe do exército imperial no Rio Grande (29 de outubro de 1842). Depois de vários episodios, cessou a renhida luta que durava quasi dez anos.

Satisfeito por este fato, que restabeleceu a paz em todo o Imperio, d. Pedro II, já então casado, partiu com a imperatriz em visita ás provincias do sul, onde esteve de 1845 a 1846.

Bill Aberdeen

Em outubro de 1845 o govêrno publicou um protesto contra o **bill Aberdeen** votado pela camara de Inglaterra. Esse **bill** atentatorio da soberania brasileira, era uma lei sujeitando ao julgamento dos tribunais ingleses navios e subditos brasileiros que se empregassem no tráfico de escravos africanos.

Apesar do energico protesto do govêrno, manifestou-se de sul a norte uma grande agitação contra a Inglaterra, a qual perdurou por algum tempo.

Resumo cronologico da 1.ª lição

1840

Em 23 de julho d. Pedro II presta juramento perante o senado e sóbe ao trono. Em 22 de agosto anistia a todos os criminosos politicos.

1841

Em 18 de julho, sagração e coroação do imperador. — Em 23 de novembro, creação do Conselho de Estado.

1842

Em 13 de maio, rompe a revólta em S. Paulo. — Em 7 de junho, os revolucionarios paulistas foram batidos pelo barão de Caxias na Venda Grande. — Em 10 de junho revólta de Minas. — Em 20 de agosto, os revoltosos mineiros são batidos em Santa Luzia. — Em 29 de outubro, o barão de Caxias foi nomeado general em chefe das tropas do Rio Grande do Sul.

1844

Em 14 de março, anistia a todos os revoltosos.

1845

Em outubro, grande agitação contra o bill Aberdeen.

Leitura — Duque de Caxias

Nas mais diversas aplicações da sua inteligencia, soube êle permanecer sempre o mesmo. Por mais alto que subisse, em cada degráu da sua esplendida vida, nunca foi visto vacilar. Soube administrar, combater, governar, tudo em máxima escala, ficando sempre simples e modesto. Distinguiu-o invariavelmente a austera simplicidade de um Cincinato, mas a quem nunca o Estado permitiu voltar do triunfo para a charrúa, pois não tem sido dadas férias a tão constante lidar.

Duque de Caxias

Por mais que barafuste a inveja, a história não aceitará que o nome de outro algum dos nossos cidadãos se sobreponha ao dêste; e ao nosso compatriota passará também o cognome de Duque de Ferro, com que outro general foi saudado. — Já lhe conheceis as qualidades morais e fisicas. Duma sobriedade exemplar, suporta as maiores fadigas, sem demonstrar cansaço. Nunca foi visto desmentir-se-lhe o vigor do ânimo ou a placidez do espirito, nem nos mais criticos momentos, que a responsabilidade de um comando em chefe devia converter em seculos de ansiedade. Sempre achou tempo para Deus, para a Patria, para os amigos, para a humanidade. Essa estrela que lhe atribuem, acredita nela não como os fatalistas, mas sim como o predominio da inteligencia sobre as ações, caso esse em que a sorte, como diz Vieira, não está nas mãos dos fados, senão nas nossas. Se o acaso venturoso entra por um decimo nos grandes resultados obtidos, nove decimos são devidos ao cálculo, á inteligencia, á perspicacia, á prontidão. Sim, homens dêstes não deviam morrer. São esteios da Patria, farol seu, sua gloria, sua esperança. Se um Caxias, durante meio seculo tem prestado toda a casta de serviços a este país na sua separação, no seu organizar-se, na sua pacificação, na sua segurança interna e externa, quem sabe se d'ora avante, mais que nunca, essa coadjuvação possante não virá a ser-nos necessaria e urgente? Não se tem a Patria costumado, em todos os seus transes angustiosos, a apontar para este homem, invocando-o com o brado: **Tu és ille vir?**

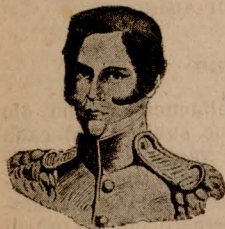
(Pinto de Campos).

Pacificação do Rio Grande do Sul

1845

2.ª lição

Soares Andréa recuperou Santa Catarina e tentou embalde pacificar a provincia. Conseguiu, entretanto, retirar **Bento Manoel** das fileiras republicanas, com o que causou grande prejuizo á revolução.

De novo tentou o govêrno imperial, por meios brandos, a submissão dos republicanos, enviando-lhes, com emissario, o deputado **Alves Machado,** ao qual depois nomeou presidente da provincia (30 de outubro de 1840).

Nada conseguindo, Alves Machado resolveu prosseguir as operações belicas e nomeou o general **Santos Barreto** para comandante das fôrças imperiais, agora reforçadas com uma coluna de paulistas ao mando do general Labatut.

Bento Gonçalves da Silva

Bento Gonçalves e David Canabarro tiveram de abandonar as suas posições em **Viamão** (27 de novembro de 1840) e procurar saída para a campanha através da **Serra,** sempre perseguidos pelas fôrças de Santos Barreto, que nunca conseguiu batê-los.

Um novo presidente, o dr. Saturnino de Souza e um novo general, o conde de Rio Pardo, não foram mais felizes que os precedentes (17 de abril de 1841).

Afinal resolveu o govêrno imperial confiar o comando de suas armas e a presidencia da provincia ao Barão de Caxias, já vencedor de outras revoluções (28 de setembro de 1842), o qual chegou a Porto Alegre a 9 de novembro do mesmo ano.

Entretanto, os republicanos prosseguiram em seus trabalhos de organização do govêrno. Em 1.º de dezembro de 1842 reunia-se a Constituinte da Republica Rio-Grandense, perante a qual o presidente Bento Gonçalves lia a sua **Fala.** Infelizmente surgiram logo sérias divergencias entre os deputados e Bento Gonçalves viu-se obrigado a resignar a presidencia da Republica, que passou a ser exercida por **José Gomes de Vasconcelos Jardim.**

Caxias, com o seu grande tino militar, organizou o exército e distribuiu-o de tal fórma que bateu os republicanos em diversos combates. Estes, entretanto, conseguiram ainda com vantagem travar renhida batalha com Bento Manoel, de novo ao serviço imperial, em **Ponche Verde** (26 de maio de 1843).

No fim dêste ano o exército republicano tinha perdido todas as suas posições.

A aliança do govêrno imperial com Manoel Oribe, do Estado Oriental, veiu cortar-lhe o último recurso.

Feriram-se ainda alguns combates, como o do **arroio Candiota** (16 de maio de 1844), desvantajoso para os imperialistas, e a surpresa do **Serro dos Porongos,** com grandes perdas para **as** republicanos (14 de novembro).

Em 28 de fevereiro de 1845 firmou-se a paz, em condições honrosas para os republicanos, que, além de ampla anistia, tiveram os seus postos reconhecidos pelo govêrno imperial.

Resumo cronologico da 2.ª lição

1840

Em 30 de outubro, assume a presidencia da provincia o deputado Alves Machado que viera como emissario do govêrno promover a paz. — Em 27 de novembro, Bento Gonçalves e Canabarro abandonam as posições de Viamão.

1842

Em 17 de abril, assume o govêrno o novo presidente dr. Saturnino de Souza. — Em 28 de setembro, é nomeado o barão de Caxias comandante em chefe do exército imperial. — Em 1.º de dezembro, inauguração da Assembléa Constituinte em Piratiní.

1843

Em 26 de maio, batalha de Ponche Verde.

1844

Em 16 de maio, combate do Candiota. — Em 14 de novembro, surpresa do Serro dos Porongos.

1845

Em 28 de fevereiro, tratado de paz.

Leitura — Homenagem aos heróis de 35

Dissipadas as paixões, desfeitos os rancores, desaparecidos os atritos, apagados os odios que, todos juntos, formavam uma espécie de névoa densa em tôrno da gigantesca obra dos lutadores de 35, envolvendo-lhe a estrutura, confundindo-lhe os contornos, velando-lhe as linhas gerais — podemos hoje, graças ao labor tenaz e incessante da vanguarda benemerita que iniciou a obra altamente meritoria da reivindicação vigorosa das glorias indestrutiveis da homerica geração extinta, contemplar o alteroso monumento nas suas proporções admiraveis.

General Néto

Ei-lo, mocidade do meu tempo, esperança sorridente desta Patria nossa querida, despertada sob as impulsões vibrantes do civismo redivivo de uma geração de fortes para o cumprimento de uma transcendente missão no seio deslumbrante e liberrimo do continente sul-americano. Contempla-o em reverencia, da base granitica á cuspide diamantina — pois que só á distância é que pódem ser contemplados os monumentos ciclopicos — e sentirás como, nesse peito varonil, pulsa com mais fôrça o teu coração rio-grandense, vibrando na emoção estranha que o evocar sincero das tradições da Patria causa nos seus filhos estremecidos.

Graças á obra meritoria dos abnegados reivindicadores do nosso opulento passado histórico, já não ha, hoje, rio-grandense que se constranja de fazê-lo peanha solida do seu civismo e de inculcar-se, nem sempre com legitimidade, aliás, continuador da jornada grandiosa dos batalhadores de 35. Já não são um bando de caudilhos a correrias, sem fortuna, sem ideal e sem valor, os farrapos legendarios que se bateram temerariamente durante um largo decenio, sacrificando haveres opulentos, vida, bem estar da familia, afrontando provações de toda espécie, para nos legarem a tradição mais brilhantemente republicana e organica que a história da nossa patria assinala nas suas páginas edificantes e soberbas. Não eram homens vulgares, dêsses que não fazem questão de meios para atingir os fins que visam, os lutadores inquebrantaveis que desprezavam altivamente os beneficios sedutores com que lhes acenaram caudilhos orientais e o sanguinario Rosas, para prosseguir intemeratamente na campanha contra o imperio.

(João Maia).

Revolução praieira em Pernambuco

3.ª lição **1848**

O partido liberal tinha em Pernambuco a denominação de praieiro e daí vem o nome dado á revolução por êle promovida em 1848, e cuja causa principal foi o sentimento nativista principalmente contra os protugueses.

Os **praieiros** chegavam ao excesso de querer a nacionalização do comércio de varejo e pregavam a expulsão de todos os portugueses que não constituissem familia no Brasil.

O presidente **Chichorro da Gama** (1845-1848), praieiro exaltado, fortaleceu o partido com o seu apôio, fornecendo-lhe até armas e munições.

Os motins contra os portugueses, ao grito de **mata marinheiro** repetiram-se tanto na capital como no interior.

Sendo os liberais substituidos no govêrno pelos conservadores, estes nomearam um novo presidente, **Herculano Ferreira Pena** (15 de outubro de 1848), contra o qual os praieiros revoltaram-se sem demora. Sublevaram os guardas-nacionais de Olinda e Pau Amarelo, os quais foram acampar em Nazaré, ao passo que o chefe Abreu Roma entrincheirara-se com a sua gente em Casa Forte.

O presidente, sem perda de tempo, tratou de organizar fôrças para a resistencia, cujo comando confiou ao coronel **Amorim Bezerra.** Os revoltosos viram-se obrigados a abandonar **Nazaré** e foram concentrar-se no engenho de **Mussupinho.** Aí os atacou Amorim Bezerra, com reforços que vieram das provincias vizinhas, desbaratando-os após encarniçado combate (14 de novembro de 1848).

A chegada do deputado **Nunes Machado,** chefe praieiro muito estimado, deu novo alento á revolução.

Da côrte chegaram reforços militares comandados pelo brigadeiro **José Joaquim Coelho.** Feriram-se combates em **Apipucos,** em **Nazaré,** no **sitio de Maricota,** todos desastrosos para os revolucionarios. Afinal, estes conseguiram apoderar-se de **Goiana,** e dalí seguiram para **Cruangi,** donde foram obrigados a retirar depois de sangrenta batalha.

Viera, entretanto, para o Recife o novo presidente **Manoel Vieira Tostes,** que tomou medidas severas contra a revolução. O brigadeiro Coelho marchou com suas fôrças contra **Agua Preta,** onde os revolucionarios se achavam fortes de 4.000 homens. Mas estes, abandonando o seu acampamento, vieram atacar inesperadamente o Recife (1.º de fevereiro de 1849). A peleja foi sangrenta e desfavoravel aos revoltosos que perderam o seu chefe **Nunes Machado** e tiveram de dispersar-se.

O valoroso cabo revolucionario **Pedro Ivo** conseguira escapar com parte de sua gente e continuou a luta por longo tempo.

Pedro Ivo salvou-se com trezentos companheiros apenas, operou habil retirada, internou-se nos matos e resistiu tenazmente.

Afinal, vendo escassearem-lhe os meios de resistencia, apresentou-se ao govêrno e foi recolhido á fortaleza da ilha das Cobras, donde fugiu, segundo uns, embarcando para a Europa e morrendo em viagem.

Resumo cronologico da 3.ª lição

1848

Em 15 de outubro, foi nomeado presidente de Pernambuco Herculano Ferreira Pena, contra o qual revoltaram-se os praieiros. — Em 14 de novembro, combate de Mussupinho.

1849

Em 1.º de fevereiro, ataque ao Recife e morte de Nunes Machado.

Leitura — Sôbre a crise de 1848

O que os liberais pleiteam hoje nas margens do Beberibe, debaixo do fogo da metralha, não é um interêsse local; é a causa do direito geral e do interêsse comum; as liberdades do Brasil inteiro estão lançadas na mesma balança, em que ora pesam os destinos de Pernambuco. Êle foi a primeira vítima arrastada ao altar do sacrificio; e, se sucumbir em sua resistencia magnanima, igual sorte aguarda as demais provincias, onde ninguem se reputará seguro contra o furor da proscrição. O país o sabe e é por isso que a fermentação e o alarma derramam-se por todas as classes da população; é por isso que os cidadãos perguntam uns aos outros, cheios de ansiedade, quando e como terminará esta lide horrivel entre o poder e a massa do povo? Onde estão as portas da saida desta desgraçada situação? A imensidade da crise que nos ameaça confunde a imaginação e não deixa aberta a mesma esperança, que em épocas do excesso dos males renascia. O despotismo da triplice aliança, embargando o curso das reformas e dilacerando o país, acabou com todas as soluções regulares do problema social e privou até do remédio ordinario sofrimentos para que são precisos meios heroicos e radicais. Considere-se a lamentavel posição de nossa Patria! Uma constituição nominal, direitos sem satisfação, liberdade sem garantias, ministerio sem dogma, e sem nacionalidade, um senado vitalicio e faccioso em plena revólta contra o princípio de govêrno, pretendendo-o transformar em oligarquia á veneziana; o direito de propriedade sem segurança, porque a justiça civil é distribuida por magistrados politicos, que sacrificam ás paixões de partido a imparcialidade do julgamento; a justiça criminal, a inumeraveis harpias de uma policia que atropela, despoja e escraviza o cidadão pacífico; a industria nacional monopolizada pelo querido português, enquanto o povo, engeitado, geme sob a carga dos tributos que exige a dívida de 400 milhões, despendidos na bela empresa de afogar em sangue seus clamores e de enriquecer seus inimigos; a nação envilecida, desprezada, conculcada por uma côrte que sonha com o direito divino e só respira a aura corrompida da baixeza, da adulação e do estranjeirismo; nada de generoso, de nacional e de grande; nada para a gloria, para a liberdade, para a prosperidade material; o entusiasmo extinto; o torpor do egoismo percorrendo gradualmente, como a frialdade do veneno, do coração ás extremidades e amortecendo as carnes morbidas de uma sociedade que supura e dissolve-se... tal o estado do Brasil!

(Torres Homem).

Guerra contra Rosas

4.ª lição **1851**

Manoel Oribe, sendo eleito presidente da Republica Oriental, em 1835, contra êle sublevou-se **Fructuoso Rivera,** que o venceu e se fez eleger presidente (1839).

Como os partidarios de Oribe usavam divisas brancas e os de Rivera traziam divisas encarnadas, daí nasceram os dous partidos: **blanco** e **colorado.**

Entretanto, **João Manoel Rosas,** ditador de **Buenos Aires,** cujo plano era incorporar a seus dominios a Republica Oriental e a provincia do Rio Grande do Sul, forneceu tropas e munições a **Oribe,** e este estabeleceu o sitio de Montevidéu (1843), ao passo que na campanha continuava a luta ameaçando as fronteiras brasileiras.

Conde de Porto Alegre

Em vista dêste estado de coisas, o Brasil resolveu apoiar os colorados, na defesa de Montevidéu, aliar-se a **Urquiza,** governador de Entre-Rios, que era contrário a **Rosas** e declarar guerra a este.

Rosas, que em seu primeiro govêrno (1829) tomara o titulo de **Restaurador de las Leyes** —, conseguira fazer-se proclamar ditador de Buenos Aires, em 1835.

A sua divisa era: — **Viva la Confederacion Argentina! Mueran los salvajes unitarios!** — lema que devia encabeçar todos os documentos oficiais.

Depois de crear a Masorca, sociedade de bandidos que degolavam os adversarios, o tirano tomou para si o titulo de **Defensor de la Independencia Americana** — (Da Hist. Argentina, de Canepa).

Um exército, sob o comando do **conde de Caxias,** passou a fronteira e marchou sôbre Montevidéu, ao passo que a esquadra do vice-almirante **Greenfell** seguia para o Rio da Prata (6 de setembro de 1861).

Oribe viu-se constrangido a levantar o cêrco de Montevidéu, que resistira quasi dez anos, e a entregar-se prisioneiro com os seus (8 de outubro). Ao passo que a esquadrilha forçava a passagem de **Tonelero** (17 de dezembro de 1851), destacou-se então uma coluna de 4.000 homens ao mando do **conde de Porto Alegre,** a quem se juntaram as fôrças de Urquiza.

D. Manuel Rosas

Os aliados avançaram sôbre Buenos Aires e chegaram ao **Monte Caceros,** onde tomaram posição nas proximidades do **Arroio Moron.**

A 3 de fevereiro de 1852, travou-se a batalha decisiva que pôs fim á tirania de Rosas. Este, ao ver-se perdido, fugiu disfarçado em marinheiro e embarcou em um navio inglês que o conduziu para Europa.

Resumo cronologico da 4.ª lição

1835

Oribe na presidencia da Republica Oriental.

1839

Rivera eleito presidente da mesma Republica.

1843

Oribe, aliado de Rosas, sitia Montevidéu.

1851

O exército brasileiro obriga Oribe a levantar o sitio e a entregar-se; a esquadrilha brasileira fórça a passagem de **Tonelero.**

1852

Em 3 de fevereiro, batalha decisiva de Monte Caceros.

Leitura — Passagem de Tonelero

Principiou desde então o movimento de tropas, e a marinha a prestar os melhores serviços.

Duas divisões da esquadra, composta a primeira dos vapores "Afonso", "Pedro II", "Recife" e "D. Pedro", corvetas "D. Francisca" e "União" e brigue "Caliope"; e a segunda dos vapores "Imperador", "Paraense", "Uruguai" e a corveta "D. Januaria", seguiram imediatamente para a Colonia do Sacramento e alí receberam a seu bordo, para ser transportada ao territorio argentino, uma parte do exército brasileiro ao mando do general Manoel Marques de Souza, conde de Porto Alegre.

Singrava a 1.ª Divisão, dirigida pelo proprio Greenfell, em demanda do Diamante, no dia 17 de dezembro, lugar onde as fôrças brasileiras deviam desembarcar e fazer junção com as de Urquiza, quando se descobriu que no Passo de Tonelero existiam 16 peças de artilharia, colocadas na barranca do Acevedo, guarnecidas por numerosa fôrça e parecendo querer impedir por alí a passagem dos navios brasileiros. Era meio-dia, pouco mais ou menos, quando da bateria de Acevedo romperam fogo contra os primeiros navios que se aproximavam. O chefe Greenfell não se fez esperar com a resposta. E esses foram os primeiros tiros que como inimigos trocavam brasileiros e argentinos, depois de 24 anos de perfeita paz entre os dois paises. Os navios, entretanto, foram seguindo caminho e, embora vagarosamente pudessem os vapores romper a correnteza das aguas, porque levavam a reboque os navios de vela, em pouco mais de uma hora conseguiu a 1.ª Divisão pôr-se longe da artilharia do inimigo. Durante a passagem, uma nuvem de fumo envolvia todos os navios; tal era a presteza com que os tiros se seguiam. Passado assim o Tonelero, dirigiu-se a 1.ª Divisão ao lugar do Ramalho e aí desembarcou a fôrça que estava a bordo ás ordens do general Marques de Souza.

Fazendo imediatamente volta, com o fim de prestar socorros á 2.ª Divisão em sua passagem pelas baterias do Tonelero, Greenfell aproximou-se da barranca do Acevedo; e as fôrças inimigas aí existentes, acreditando um desembarque, abandonaram precipitadamente a posição que ocupavam e a artilharia que estavam guarnecendo, e fugiram, deixando passar incólume toda a fôrça do exército brasileiro que vinha embarcada nos navios da 2.ª Divisão da esquadra; o que tudo ficou efetuado no dia 18.

A passagem de Tonelero custou a vida de 6 homens e o ferimento grave de outros tantos, além de algumas avarias importantes no aparelho e no cano de diversos navios.

(Meireles da Silva).

Questão inglesa

5.ª lição **1861**

Em junho de 1861, naufragou na **costa do Albardão,** ao sul da provincia do Rio Grande do Sul, a barca mercante inglesa "Prince of Wales", em viagem de Buenos Aires para a Europa. Grande parte da carga veiu ter á praia e foi roubada por pessoas desconhecidas que se internaram logo no Estado Oriental.

Circulando o boato do desastre, as autoridades do Rio Grande tomaram todas as providencias e o consul inglês em Porto Alegre apressou-se a dar conhecimento do fato ao ministro inglês residente no Rio de Janeiro, **sir William Douglas Christie.**

Este, sem demora, enviou nota ao ministro dos estranjeiros (25 de outubro) reclamando providencias e, em outra nota (17 de março de 1862), exigiu uma avultada indenização por danos e perdas.

> Pretendia o ministro inglês que se permitisse a um agente de seu país intervir nos processos instaurados aos criminosos, ao que replicou energicamente o nosso ministro que a legislação brasileira não consentia estranjeiros a dirigir processos no Brasil.

Ainda não estava resolvida esta questão, quando alguns oficiais ingleses da fragata "Ford", ancorada no porto do Rio de Janeiro, desembarcaram á paisana e, um tanto embriagados, promoveram grande desordem, insultando a sentinela de um posto policial. Presos e recolhidos ao xadrez, só na manhã seguinte, quando requisitados pelo vice-consul inglês, é que foram reconhecidos e postos em liberdade (18 de junho de 1862).

O ministro Christie reclamou logo (19 de junho) contra o que êle chamava uma violencia e exigiu descabidas satisfações. Respondeu-lhe o ministro dos estranjeiros e ao cabo de uma longa troca de correspondencias, **Christie** mandou um **ultimatum** (5 de dezembro) ao govêrno brasileiro, reunindo as duas questões em uma só e exigindo resposta até 20 de dezembro.

No dia 18, o ministro dos estranjeiros replicou que a chancelaria brasileira de Londres estava encarregada de resolver o assunto diretamente com o govêrno inglês. Porém, Christie não se deu por satisfeito e ordenou ao vice-almirante **Warren** que praticasse represalias contra o Brasil. Este, com efeito, apoderou-se de alguns navios mercantes brasileiros (30 de dezembro).

Este ato de hostilidade provocou, de norte a sul, os mais calorosos protestos e uma guerra parecia iminente.

Afinal, os dous governos resolveram submeter a questão á arbitragem do Rei da Belgica, que deu laudo a favor do Brasil (18 de janeiro de 1865).

Em vista disto, o govêrno brasileiro pediu satisfação á Inglaterra e não a tendo obtido, rompeu as relações diplomaticas, as quais foram depois reatadas, mediante os bons oficios de Portugal, dando a Inglaterra as satisfações pedidas (23 de setembro de 1865).

Resumo cronologico da 5.ª lição

1861

Naufragio da barca inglesa "Prince of Wales".

1862

Prisão dos oficiais ingleses.

1865

Laudo da Belgica favoravel ao Brasil. — Reatamento das relações, mediante a intervenção de Portugal.

Leitura — A questão inglesa

Ao mesmo tempo que se manifestava cheio de cordura no tocante aos pequenos povos, portou-se sempre o Brasil com suprema hombridade e energia ante a imposição dos fortes.

Em 1862, porque não atendera o nosso govêrno a descabidas reclamações inglesas, ordenou o ministro britanico no Rio de Janeiro, Christie, que a esquadra da sua nação apresasse navios mercantes brasileiros nas aguas territoriais do imperio. Respondeu o Brasil a essa ofensa contra a sua soberania, expedindo passaporte ao insolente diplomata e rompendo as relações com a Inglaterra. A questão foi submetida a arbitragem do rei dos belgas, tio da rainha Vitória, o qual decidiu favoravelmente ao Brasil. As relações só se reataram em 1865, por mediação oficial de Portugal.

Partiu da Inglaterra a iniciativa da reconciliação. Revestiram-se de fina gentileza a ocasião e a fórma em que o efetuou. O Imperador achava-se em Uruguaiana, que as armas brasileiras retomaram aos paraguaios invasores do Rio Grande do Sul. O embaixador inglês lá foi, fazendo longa e penosa viagem. Recebeu-o d. Pedro II em sua barraca de campanha. Eis o significativo discurso alí proferido por Mr. Thornton, a 23 de setembro de 1865: "Senhor, tenho a honra de depositar nas mãos de V. M. I. a carta pela qual S. M. a Rainha se dignou acreditar-me como seu enviado em missão especial junto de V. M. I. e suplico a V. M. I. se digne acolher com a sua reconhecida benevolencia as seguranças de sincera amizade e as expressões que fui encarregado de transmitir por S. M. a Rainha e pelo meu govêrno. Estou incumbido de exprimir a V. M. I. o pesar com que S. M. a Rainha viu as circunstancias que acompanharam a suspensão de relações de amizade entre as côrtes do Brasil e da Gran Bretanha, e de declarar que o govêrno de S. M. nega, da maneira mais solene, qualquer intenção de ofender a dignidade do Imperio do Brasil, e que S. M. aceita completamente e sem reserva a decisão de S. M. o rei dos Belgas, e será feliz em nomear um ministro para o Brasil logo que V. M. I. estiver pronto para renovar as relações diplomaticas. Creio ter fielmente interpretado os sentimentos de S. M. e do seu govêrno, e estou convencido de que S. M. I. terá a bondade de aceitá-los com o mesmo espirito de conciliação que os ditou."

Respondeu nobremente o Imperador:

"Vejo com satisfação renovadas as relações diplomaticas entre o govêrno do Brasil e o da Gran Bretanha. A circunstancia de tão feliz acontecimento se realizar onde o Brasil e seus leais e valentes Aliados acabam de mostrar que sabem unir a moderação á defesa do direito, aumenta o meu prazer, e prova que a politica do Brasil continua a ser inspirada pelo espirito de harmonia justa e digna com todas as outras nações."

(Afonso Celso).

Expedição contra a Republica Oriental

6.ª lição

1864

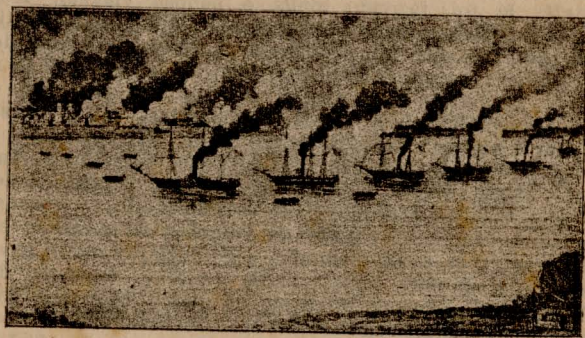
Por diversas vezes o govêrno brasileiro reclamara acêrca de violencias praticadas contra subditos seus pelos partidos em luta no Estado Oriental. E, nada tendo conseguido, resolveu enviar o **conselheiro José Antonio Saraiva** em missão especial junto ao govêrno de Montevidéu (abril de 1864), então exercido por **Atanasio Cruz Aguirre.**

Almirante Tamandaré

Saraiva, vendo que eram baldados os seus esforços, apresentou o **ultimatum** de 4 de agosto, o qual, devolvido pelo govêrno uruguaio, deu lugar ao rompimento das hostilidades.

Entretanto, na Republica Oriental lavrava a guerra civil, entre **blancos** e **colorados,** estando estes ao mando de **Venancio Flores,** senhores de todo o país e tendo aqueles em seu poder só **Montevidéu, Salto** e **Paisandú.**

As fôrças brasileiras uniram-se ás de Venancio Flores (20 de outubro) e o almirante Tamandaré bloqueou os portos de Salto e Paisandú. Salto foi tomado a 22 de novembro de 1864, mas Paisandú resistiu heroicamente, e só veiu a cair em poder dos aliados em 12 de janeiro de 1865, com auxílio das fôrças do general Mena Barreto.

Dalí partiram as fôrças sôbre Montevidéu, cujo assedio estabe-

Ataque a Paisandú

leceram. Depois de alguns dias Tamandaré anunciou que ia começar o bombardeamento da praça. O presidente Aguirre, desamparado dos seus, viu-se obrigado a renunciar o cargo (15 de fevereiro de 1865).

Assumindo o govêrno o senador **Tomaz Vilalba,** nomeou **Herrera y Obes** para tratar da paz juntamente com o enviado brasileiro **José Maria da Silva Paranhos.**

Reuniram-se os negociadores no quartel general dos aliados, na vila de União, e resolveram entregar provisoriamente ao general Flores o govêrno da Republica.

Resumo cronologico da 6.ª lição

1864	1865
O conselheiro Saraiva vai em missão especial á Republica Oriental. — Ultimatum e rompimento de hostilidades. — Tomada de Salto, em 22 de novembro.	Tomada de Paisandú, em 12 de janeiro. — Sitio de Montevidéu e entrada nesta cidade. — Venancio Flores assumiu o govêrno interino.

Leitura — Tomada de Paisandú

Rôtas as relações diplomaticas entre o Brasil e a Republica do Uruguai em agosto de 1864, e declarada a guerra entre os dous paises, tiveram ordem o almirante barão de Tamandaré e o comandante dos corpos do exército no Rio Grande do Sul para iniciar as operações. Ao mesmo tempo aceitou o Brasil o concurso do general d. Venancio Flores, chefe do partido colorado, que capitaneava alí a revolução contra o govêrno blanco de Montevidéu, e que se comprometeu a oferecer-nos reparação condigna logo que triunfasse a sua causa. A 12 de outubro, entraram as fôrças brasileiras no territorio Oriental; pouco depois rendeu-se a Vila de Melo (capital do departamento de Serro Largo). A 22 de novembro, duas canhoneiras brasileiras bloquearam o porto do Salto. Leandro Gomez, comandante da vila, vendo que não podia resistir e sabendo da aproximação das tropas do general Flores, retirou-se para Paisandú. No dia 28 a praça capitulou. Paisandú, importante cidade da Republica Oriental, foi então o objetivo do exército brasileiro; defendiam-na 15 bocas de fogo colocadas em boas posições, e cêrca de 1.300 praças de tropa de linha comandadas por Leandro Gomez. No dia 6 de dezembro o almirante Tamandaré mandou atacar a cidade, por mar e por terra; mas esta investida não surtiu o desejado efeito pela escassez do número dos nossos. Foi mistér aguardar a chegada de reforços, limitando-se o exército brasileiro a manter o cêrco precavendo-se contra possiveis sortidas do inimigo intrepido.

A 15, chegou o general Antonio de Souza Neto com 1.500 voluntarios da cavalaria rio-grandense, e na tarde de 29 o marechal João Propicio Mena Barreto á frente de uma divisão composta de cêrca de 1.500 homens, com 12 peças de campanha, resolveu então dar o assalto decisivo a 31 de dezembro. Naquela madrugada rompeu o vivissimo bombardeio da esquadra e das baterias assestadas na coxilha fronteira a Paisandú. Quando cessou o fogo de artilharia, Mena Barreto mandou carregar e as duas brigadas brasileiras com impeto extraordinario atacaram, uma pelo Norte, outra pelo lado de Léste da cidade. A luta foi tremenda; conquistou-se o terreno palmo a palmo, porque o inimigo o disputou com grande bravura. Batalhou-se todo o dia, toda a noite, todo o dia 1.° de janeiro de 1865, tomando os nossos bravos sucessivamente trincheiras, ruas, barricadas, pontes, soteias e casas transformadas em redutos. No dia 2, rendeu-se a praça de Paisandú, sendo aprisionado Leandro Gomez. Logo em seguida foi posto sitio á cidade de Montevidéu, a qual no dia 20 de fevereiro capitulou, terminando assim de modo honroso para as armas do Brasil esta breve campanha.

Guerra do Paraguai

7.ª lição **1865-1870**

Em 30 de agosto de 1864, o presidente do Paraguai **Francisco Solano Lopez,** protestara contra a intervenção do Brasil na **Republica Oriental.** Pouco depois, sem prévia declaração de guerra, aprisionara no porto de **Assunção,** o vapor brasileiro **Marquês de Olinda** que conduzia o presidente do Mato Grosso, coronel **Carneiro de Campos,** e confiscara toda a sua carga. Logo uma coluna paraguaia ao mando de **Barrios e Resquin** invadiu a provincia brasileira de Mato Grosso (27 de dezembro de 1864), e outra, ás ordens de **Robles,** internou-se pela Republica Argentina (14 de abril de 1865).

Almirante Barroso

Estes fatos levaram o Brasil, a Argentina e o Uruguai a estabelecerem o **Tratado da Triplice Aliança** contra o Paraguai (1.º de maio de 1865). As operações belicas começaram em seguida, com a batalha naval de **Riachuelo** (11 de junho), em que se cobriu de glórias o chefe da divisão **Francisco Manoel Barroso,** e com as passagens de **Mercedes** (18 de junho) e **Cuevas** (12 de agosto).

Enquanto a nossa esquadra colhia estes louros, o exército de **Estigarribia,** invadia o Rio Grande, saqueava **São Borja** (12 de julho) e **Itaquí** e entrava em **Uruguaiana** (5 de agosto).

Invadido o Rio Grande, d. Pedro II veiu em pessôa ao teatro da luta e alí assistiu á rendição e aprisionamento de todo exército invasor (18 de setembro).

Daí voltou o imperador para o Rio de Janeiro e os aliados atravessaram o Uruguai para invadir o territorio paraguaio, e tomar a ofensiva, pois Lopez ordenara a retirada de todas as suas fôrças.

Protegidos pela esquadra, foram os brasileiros, com o general Osorio á frente, os primeiros a forçar o **Passo da Patria** e ficar em terra inimiga (16 de abril de 1866).

Depois da vitória de **Estero Bellaco** (2 de maio), os aliados acamparam perto de **Tuiutí** onde, em 24 de maio, feriu-se a grande batalha, cujos louros pertencem ao **general Osorio,** o qual, entretanto, adoeceu e demitiu-se do comando (15 de julho).

Na posição de Tuiutí, tendo pela frente as formidaveis linhas de **Sauce,** chave do famoso **quadrilatero,** permaneceram por longo tempo os aliados. Com a junção do corpo de exército do conde de Porto Alegre apoderaram-se do fórte de **Curuzú** (3 de setembro), uma das sentinelas avançadas das grandes fortificações de Humaitá, e experimentaram depois o tremendo revez de **Curupaití,** que nos custou mais de 4.000 homens fóra de combate e causou a retirada de Bartolomeu Mitre, general em chefe dos aliados.

Theatro da guerra do Paraguay

Resumo cronologico da 7.ª lição

1864

Em 27 de dezembro, os paraguaios invadiram Mato Grosso.

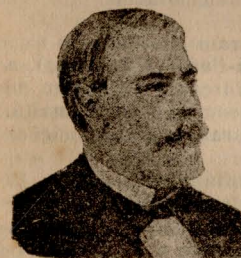
1865

Em 1.º de maio, tratado da triplice aliança. — Em 11 de junho, batalha naval do Riachuelo. — Em 5 de agosto, tomada de Uruaguaiana. — Em 18 de setembro, rendição do exército paraguaio em Uruguaiana.

1866

Em 16 de abril, invasão do Paraguai pelo Passo da Patria. — Em 24 de maio, batalha de Tuiutí. — Em 15 de julho, o general Osorio deixa o comando do exército brasileiro. — Em 3 de setembro, tomada do Curuzú.

Leitura — O general Osorio

Os batalhões avançavam; a artilharia rugia rapida, infatigavel, a revólver; era um contínuo trovejar. Parecia uma tempestade. Cornetas soavam a carga; lanças se enristavam, cruzavam-se as baionetas; rasgavam-se os corpos sadios dos heróis; espadas brandidas a duas mãos, como os montantes dos pares de Carlos Magno, abriam crânios, cortavam braços, decepavam cabeças. Quadrados formavam-se aquí; além, ouvia-se o toque de assembléa e as linhas de atiradores se reuniam, ora em círculo, ora formando os quatro camaradas de combate, de baioneta cruzada contra a cavalaria que vinha a galope: era uma confusão imensa e cheia de fortes impressões. A batalha atingia o momento decisivo. De quem seria a vitória?

General Osorio

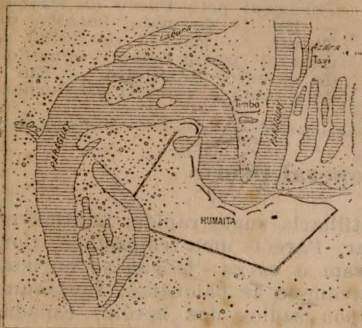
Surge, no seu belo cavalo de combate, o general Osorio, com o largo chapéu de feltro negro, o ponche flutuante deixando vêr a góla bordada, a lança de ébano incrustada de prata na mão larga e robusta, e o olhar fascinante dominando aquele cenario tragico da glória e da morte. Ouviu-se um viva retumbante. De todos aqueles labios sêcos, daquelas gargantas roucas saíu imenso, entusiastico, um viva ao general Osorio! Tudo se transformou ao tremular magico da bandeirola da lança legendaria. A nossa infantaria avançou galvanizada por aquele homem, imensamente amado, e levou de vencida, até ás profundezas densas da mata, os guerreiros inimigos, que sobreviveram á horrorosa hecatombe. A batalha estava ganha.

A derrota foi completa. O campo de batalha ficou, literalmente, juncado de inimigos mortos. Lopez empenhara, nesse dia, quasi todo o seu exército, e atirou-se contra nós por todos os lados. O ataque foi fulminante. As fôrças eram quasi iguais. Tinhamos, felizmente, á nossa frente, o grande Osorio, que surgia como um semi-Deus, nos momentos mais criticos, levando consigo a vitória. Vi, e narro com ufania: soldados feridos, estorcendo-se nas vascas da agonia, levantaram-se a meio, com a auréola da morte doirando-lhes os cabelos empastados de sangue, murmurarem em voz desfalecida, quando êle passava: Viva o general Osorio! viva Osorio!

(Dionisio Cerqueira).

Guerra do Paraguai

7.ª lição (continuação)

O marquês de Caxias, nomeado comandante em chefe em 28 de novembro de 1866, veiu achar o exército em condições desanimadoras, dizimado pelo **colera-morbus.**

Posição da fortaleza de Humaitá

Com a chegada do **general Osorio,** á frente do 3.º corpo do exército, o efetivo das fôrças elevou-se a 40.000 homens, sendo 3.000 argentinos e 1.000 orientais, e iniciou-se a famosa **marcha de flanco,** planejada pelo general em chefe (22 de julho).

Esta marcha através de terrenos desconhecidos é um dos feitos militares mais memoraveis.

Ocuparam os aliados o forte de **Tuiú-Cué** (28 de julho), a esquadra forçou a passagem de **Curupaití** (15 de agosto) e começou o bombardeamento de **Humaitá.** Em terra era repelido o vigoroso ataque dos paraguaios ás posições de **Tuiutí** (2 de novembro).

A passagem do famoso **baluarte de Humaitá** realizou-se a 19 de fevereiro de 1868, sob o comando do almirante **Joaquim José Inacio** e no mesmo dia o exército ocupava o reduto do **Estabelemento,** cortando todos os recursos de Humaitá, que veiu a render-se em 25 de julho.

Achava-se agora o exército diante das formidaveis linhas de **Piquirí.** Reconhecidas á viva fôrça e achando impossivel tomá-las de assalto, contornou-as e, vencendo dificuldades julgadas insuperaveis, conseguiu passar o exército através do **Chaco,** sempre protegido pela esquadra.

Batalha de Avaí

O objetivo de Caxias era Assunção e para lá chegar teve de colher a sangrenta vitória da ponte de **Itororó** (6 de dezembro), vencer a porfiada batalha campal de **Avaí** (11 de dezembro) e pelejar 6 dias seguidos em **Lomas Valentinas** (21, 22, 23, 24, 25 e 26 de dezembro), residencia de Lopez, que se viu obrigado a fugir para **Serro-Leon.** Afinal a tomada de **Angostura** (30 de dezembro) abriu-lhe as portas da capital paraguaia (1.º de janeiro de 1869).

O marquês de Caxias deixou então o comando do exército e, recolhendo-se ao Brasil, foi agraciado com o titulo de duque.

Resumo cronologico da 7.ª lição

1866

Em 28 de novembro, o marquês de Caxias assumiu o comando em chefe do exército aliado.

1867

Em 22 de julho, marcha de flanco. — Em 28 de julho, ocupação de Tuiú-Cué. — Em 15 de agosto, passagem de Curupaití. — Em 3 de novembro, 2.ª batalha de Tuiutí.

1868

Em 19 de fevereiro, **passagem de Humaitá.** — 5 de dezembro, batalha de Itororó. — 11 de dezembro, batalha campal de Avaí. — 21 a 26 de dezembro, batalha de Lomas Valentinas. — 30 de dezembro, tomada de Angostura.

1869

Em 1.º de janeiro, entrada do exército em Assunção.

Leitura — A passagem de Humaitá

Um tiro de peça partido da esquadra foi o sinal de que seis encouraçados brasileiros iam tentar a passagem julgada irrealizavel pelos almirantes e generais europeus.

De repente... Uma chuva de granadas incendiadas cortou o espaço descrevendo curvas de fogo, indo cair no bojo colossal da tremenda cidadela. O estampido foi medonho. A terra tremeu sob as plantas dos homens; os écos quebraram o silêncio da noite e ouviu-se repetido por muitos segundos o estrondo dos canhões, que repercutiam nos vales e na espessura dos bosques vizinhos. Sentimos o calefrio das grandes sensações; como se a mão do desconhecido viesse tapar a boca daquela multidão armada, ou se enorme pêso comprimisse o coração. O espirito de todos murmurava em um pensamento: Que será da esquadra? Foi pronta, admiravelmente pronta, a resposta do inimigo! A féra, tomada do mesmo calefrio, sacudia os membros experimentando tambem as fôrças. Quando caíu dentro do recinto de Humaitá a chuva de granadas aí posta pelas baterias aliadas, igual chuva de ferro fundido, cortando os ares, veiu arrancar do torpor os sitiantes! Cerrou-se o bombardeamento. Era medonho, horrivel, e belo ao mesmo tempo! As bombas, cortando o espaço, assobiavam, como se chiasse uma multidão de monstruosos apitos; riscavam a escuridão da noite, como se cada uma fôsse um fosforo riscado na atmosfera, deixando atrás de si o sulco luminoso dos fogachos das espoletas. O fogo dos aliados partindo da circunferencia para o centro; o do inimigo, do centro para a circunferencia! O bombardeio representava o ribombar contínuo de milhares de trovões sem intervalo, sem treguas e sem descanço. A' crepitação da fuzilaria dos infantes que atacaram o primeiro reduto avançado á direita, o forte Estabelecimento desapareceu sob o troar incessante, ininterrupto dos canhões de ambos os lados. Que haverá? perguntava-nos o coração entre a esperança e a dúvida, entre a confiança e o mêdo! O horror e a morte! respondia-nos o éco medonho de 600 canhões, multiplicados por outros 600 estrondos das granadas e bombas que atordoavam o espaço. O cenario ostentava-se lugubre e pavoroso; e assim corria o tempo, até que cortou o horizonte, subindo, em linha réta, atravessando os ares, como procurando romper o céu, o primeiro foguete de lagrimas verdes. Era a côr da esperança. Um grito unisono, ingente, só comparavel á quéda do raio rasgando as entranhas de formidavel procela, atroou os ares:

A esquadra passou! Viva a Nação Brasileira!

(S. Pimentel).

Guerra do Paraguai

7.ª lição (conclusão)

Tomada Assunção e entregue o país ao govêrno provisorio que o enviado brasileiro **Silva Paranhos** conseguiu formar pela livre escolha da nação paraguaia, parecia terminada a guerra.

Entretanto assim não aconteceu. Lopez recolhera-se á cordilheira das **Ascurras,** onde tratava de reorganizar as suas fôrças, que contavam ainda cêrca de 16.000 homens com mais de 100 bocas de fogo.

Gaston de Orleañs (Conde d'Eu)

Francisco Solano Lopez

Foi então nomeado general em chefe do exército brasileiro o **conde d'Eu,** casado com a princeza imperial d. Izabel, o qual assumiu o comando em 16 de abril de 1869. Logo **Peribebuí,** a nova capital de Lopez, caíu em poder dos brasileiros depois de formidavel resistencia (12 de agosto), e feriu-se o porfiado combate de **Campo Grande** (16 de agosto), sendo derrotados os paraguaios do general **Caballero** que se bateram como leões, e se fortificaram mais adiante,

A batalha de Campo Grande

em **Caraguatí,** onde foram de novo vencidos (18 de agosto). Com a tomada do arsenal de **Caacupê,** estavam aniquilados os meios de resistencia dos inimigos, que se internavam cada vez mais pela cordilheira e iniciavam um sistema feroz de guerrilhas. Organizaram os nossos uma série de expedições em perseguição de Lopez, e uma delas, comandada pelo general **Correia da Camara,** o foi encontrar na margem do **Aquidaban,** no sitio de **Cerro Corá.** Intimado a render-se, Lopez resistiu e foi morto (1.º de março de 1870), terminando assim a guerra.

Resumo cronologico da 7.ª lição

1869

Em 16 de abril, assume o comando em chefe do exército o conde d'Eu. — Em 12 de agosto, tomada de Peribebuí. — Em 16, combate de Campo Grande. — Em 18, combate de Caraguatí.

1870

Em 1.º de março, morte de Francisco Solano Lopez, no combate de Cerro Corá, e terminação da guerra.

Leitura — As Cordilheiras

O marechal Lopez, como se fôra uma féra acossada por caçadores infatigaveis, galga os pincaros das Cordilheiras e, cercado de seus dedicados e fanaticos companheiros, espera os adversarios naquelas alturas quasi inacessiveis.

Aqueles maciços enormes de granito, as Cordilheiras, erguem-se como baluartes inexpugnaveis, construidos pela natureza, e as fórmas sinuosas de alguns assemelham-se aos dorsos de uma fileira de gigantescos dromedarios, condenados ao repouso eterno. O azul, ora claro, ora escuro, com que parecem tintas aquelas serranias colossais, conforme o gráu de limpidez do firmamento, atrai os olhos dos homens contemplativos e não raras vezes, com o auxílio de um oculo, lobrigam-se bandos de sentinelas inimigas que observam o nosso campo, postadas nas mais altas eminencias.

Quando o céu está isento de nuvens e o sol inunda as cumiadas da serra ou ilumina as suas encostas, notam-se cintilações metalicas, como se houvesse ouro incrustado no granito.

E' o bronze polido dos canhões; o bronze que, na febre das batalhas, toma todas as côres do espetro solar, passa por todas as temperaturas e sôbre cuja superficie, muitas vezes, voltejam vertiginosamente inumeras gotas de sangue dos combatentes, como sucede á agua lançada em chapa de metal candente.

Pirajú, vila fronteira ás Cordilheiras, e que devera ter tido outróra alguma importancia, está ocupada pelos aliados, como já vimos. Entre a vila e as Cordilheiras extende-se o grande vale, a vasta planicie de que já tratamos, que vai morrer na base daquela serrania, onde o inimigo teve fôrças acampadas.

Desfiladeiros escarpados comunicam a planicie os vales aos alcantis e pincaros, ocultos nas nuvens nos dias úmidos e sombrios.

Por esse vale, no sentido longitudinal, serpenteia o arroio Pirajú, bastante profundo e que nas enchentes apresenta sérias dificuldades a quem intenta vadeá-lo.

Escalar as Cordilheiras, aquelas posições quasi inacessiveis, é empresa impossivel, tanto mais que os obstaculos naturais que apresentam os desfiladeiros, especialmente o de Ascurra e Cerro Leon, são secundados pelas baterias e fortificações inimigas.

Quem se arrojásse a pretender realizar tão dificil tarefa, teria de algum modo imitado os gigantes filhos de Titan que, procurando recuperar os seus direitos, acumularam montanhas sôbre montanhas para escalarem o céu e expulsarem dalí o senhor do raio.

(D. Cerqueira).

Declinio da monarquia

8.ª lição **1870-1889**

Idéas republicanas

As idéas republicanas que se vinham manifestando isoladamente no país desde Felipe dos Santos, encontraram éco em um grupo de patriotas, **Saldanha Marinho, Aristides Lobo, Cristiano Otoni** e outros que fundaram, no Rio de Janeiro, o **Club Republicano** (3 de novembro de 1870) e publicaram um jornal com o titulo de **Republica,** no qual dirigiram um energico manifesto á nação (3 de dezembro). Estas idéas logo encontraram apôio na côrte e nas provincias, de modo que, no ano seguinte, realizou-se em S. Paulo o primeiro congresso republicano.

Dr. J. Saldanha Marinho

Ministerio Rio Branco

A creação do novo partido trouxe naturalmente a necessidade de algumas reformas e para realizá-las, foi chamado a organizar gabinete o **visconde de Rio Branco** (7 de março de 1871). Os fatos mais notaveis da sua administração foram: a paz definitiva com o Paraguai (27 de março); a viagem do imperador á Europa (25 de maio), ficando como regente do Imperio a princesa d. Izabel; e a lei declarando livres os filhos de mulher escrava (28 de setembro).

Questão religiosa

Esta última lei deu, indiretamente, lugar a uma importante questão. Tendo a maçonaria do Rio de Janeiro celebrado uma festa em homenagem ao visconde do Rio Branco, que era o seu Grão-Mestre, o padre **Almeida Martins** pronunciou um entusiastico discurso (1872). Isto foi causa de ser o mesmo suspenso das ordens pelo bispo do Rio de Janeiro. O povo manifestou-se a favor do padre, deram-se sérias desordens, a questão extendeu-se a outras provincias e agravou-se de modo tal que o bispo de Pernambuco, e o de Pará, que tinham desobedecido á lei, foram condenados á prisão e recolhidos a uma fortaleza, donde sairam, em 1875, indultados pelo imperador.

Visconde do Rio Branco

Os Muckers

Uma outra questão de fanatismo religioso, se bem que de caráter local, teve lugar em S. Leopoldo, na provincia do Rio Grande do Sul, em 1874. Viviam alí no morro do Ferrabraz os falsos profetas **João Jorge Maurer** e **Jacobina Maurer,** os quais conseguiram cercar-se de grande número de fanaticos, trazendo em constante sobressalto os moradores pacificos. Para dispersá-los, seguiu uma fôrça ás ordens do coronel **Genuino Sampaio.** Os **muckers,** que assim se chamavam os fanaticos, foram vencidos depois de diversos combates, num dos quais ficou mortalmente ferido o coronel Genuino (20 de julho de 1874).

Resumo cronologico da 8.ª lição

1870

Fundação do partido republicano.

1871

Em 7 de março, é chamado ao poder o ministerio Rio Branco, ao qual se deve: a paz com o Paraguai (27 de março); a lei do ventre livre (28 de setembro).

1872

Início da questão religiosa.

1874

Revólta dos muckers no Rio Grande do Sul.

1875

Os bispos que estavam recolhidos ás fortalezas foram anistiados e soltos. — Fim da questão religiosa.

Leitura — A verdade democratica

Posto de parte o vício insanavel de origem da carta de 1824, imposta pelo principe ao Brasil constituido sem constituinte, vejamos o que vale a monarquia temperada, ou monarquia constitucional representativa.

Este sistema mixto é uma utopia, porque é utopia ligar de modo solido e perduravel dous elementos heterogeneos, dous poderes diversos em sua origem, antinomicos e irreconciliaveis — a monarquia hereditaria e a soberania nacional, o poder pela graça de Deus e o poder pela vontade coletiva, livre e soberana de todos os cidadãos.

O consorcio dos dous principios é tão absurdo quanto repugnante o seu equilibrio.

Ainda quando, como sonharam os doutores da monarquia temperada, nenhum dos poderes preponderasse sôbre o outro, para que caminhando paralelamente, mutuamente se auxiliassem e fiscalizassem, a consequencia a tirar é que seriam iguais.

Ora, admitir a igualdade do poder divino ao humano é de impossivel compreensão.

A questão é clara e simples.

Ou o principe, instrumento e órgão das leis providenciais, pela sua só origem e predestinação, deve governar os demais homens, com os predicados essenciais da inviolabilidade, da irresponsabilidade, da hereditariedade, sem contraste e sem fiscalização, porque o seu poder emana da Onipotencia infinitamente justa e bôa; ou a Divindade nada tem que vêr na vida do Estado, que é uma comunhão á parte, estranha á todo interêsse espiritual, e então a vontade dos governados é o unico poder supremo e o supremo arbitrio dos governos.

A transação entre a verdade triunfante e o êrro vencido, entre as conquistas da civilização e os frutos do obscurantismo, é inadmissivel.

Atar ao carro do Estado dous locomotores que se dirigem para sentidos opostos é procurar — ou a imobilidade, si as fôrças propulsoras são iguais, ou a destruição de uma delas, si a outra lhe é superior.

E' assim que as teorias dos sonhadores, que defendem o sistema mixto, cabem na prática.

Para que um govêrno seja representativo, todos os poderes devem ser delegações da nação, e não podendo haver um direito contra outro direito, segundo a expressão de Bousset, a monarquia temperada é uma ficção sem realidade.

(Saldanha Marinho).

Declinio da monarquia

8.ª lição (continuação)

Os Quebra-quilos Outro motim houve ainda em algumas provincias do norte, em dezembro de 1875. Tendo o govêrno adotado o sistema metrico decimal e declarado obrigatorio o seu uso em todo o Imperio, o povo de Pernambuco e provincias circunvizinhas, julgou-o prejudicial aos seus interêsses, atacou as casas de negócio e destruiu todos os novos pesos e medidas. Estes motins cessaram logo com as energicas providencias tomadas pelo govêrno.

Imposto do Vintem Outra alteração da ordem, e esta na capital do Imperio, foi provocada pelo imposto de vinte réis em cada passagem de bonde, lei votada pela Camara em 1879. Ao ser ela posta em execução (1.° de janeiro de 1880), o povo amotinou-se e, instigado por tribunos populares, entre os quais muito se salientou **Lopes Trovão,** levantou barricadas nas ruas, travou verdadeiros combates com a policia e resistiu firmemente até que a lei foi revogada.

Questão militar Por este tempo (1883), surgiu a chamada **Questão Militar,** que mais tarde devia ser de sérias consequencias e produzir a quéda da monarquia.

Naquele ano, o **Marquês de Paranaguá** apresentou o projeto de lei creando o **montepio** obrigatorio para os militares. Estes não ficaram satisfeitos e delegaram poderes ao tenente-coronel **Sena Madureira,** para discutir o projeto pela imprensa, o que foi levado a efeito.

O projeto Paranaguá não foi adotado, mas o ministro da guerra publicou um aviso lembrando aos militares que lhes era vedado discutir pela imprensa sem licença sua. Este foi o início da célebre questão militar.

Senador Saraiva

Abolicionismo O movimento a favor da liberdade dos escravos generalizara-se de norte a sul e a propaganda abolicionista era cada vez maior. Nas cidades, nas vilas, nos povoados, por toda parte, existiam sociedades abolicionistas. Na imprensa e na tribuna tinham-se tornado arautos invenciveis **José do Patrocinio** e **Joaquim Nabuco.**

O ano de 1884 foi, sobretudo, notavel, por ter sido a escravatura extinta nas provincias do Ceará e Amazonas, e nos municipios de S. Borja, Viamão, Uruguaiana e Conceição do Arroio, na provincia do Rio Grande do Sul.

Tornando-se a questão de caráter nacional, era necessario que o govêrno viesse em auxílio do povo e, por isso, o gabinete presidido pelo conselheiro **José Antonio Saraiva,** fez a lei de 28 de setembro de 1885, libertando os escravos sexagenarios e tomando outras medidas relativas ao elemento servil.

Em 1884, o gabinete presidido por Souza Dantas apresentara um projeto de lei desenvolvendo o fundo de emancipação, proibindo a venda de escravos dentro do país e fixando o limite de idade para escravidão. Caindo este gabinete, foi substiutido pelo do senador Saraiva que apresentou novo projeto, o qual veiu a ser convertido em lei pelo Barão de Cotegipe.

Resumo cronologico da 8.ª lição

1875 Disturbios provocados pelos Quebra-quilos em algumas provincias.	**1883** Início da questão militar.
1880 Desordens no Rio de Janeiro, provocadas pelo imposto do vintem.	**1884** Amazonas, Ceará e alguns municipios do Rio Grande do Sul libertam todos os escravos.
	1885 Lei Saraiva libertando os escravos sexagenarios.

Leitura — Silva Jardim

Os seus discursos estrelejavam chamas, como um ferro em temperatura branda. Parecia uma maré de fogo avançando contra o trono. Tendo começado o incendio em Santos; extendeu-se á provincia de São Paulo inteira; á capital do Imperio, ás provincias do Rio e Minas Gerais. Falava em três e quatro cidades no mesmo dia, com o relogio na mão, para obedecer ao horario das estradas de ferro.

Após o seu discurso, aparecia no lugar um centro republicano. O imperio, mole e bonacheirão, encolheu, a princípio, os ombros. A propaganda de Silva Jardim tomou, entretanto, tamanhas proporções, era tão evidente a sua eficacia, os seus resultados eram tão imediatos, que a monarquia tomou a deliberação de resistir-lhe.

Dr. Silva Jardim

Cada vez que o orador republicano assomava á tribuna, corria iminente perigo de vida; pedradas, tiros de revólver, tumultos, lutas a mão armada interrompiam-lhe o discurso e êle calmo, de pé na tribuna, com os braços cruzados, o sorriso nos labios, esperava que a tormenta passasse e continuava. Quando era de todo impossivel dominar o tumulto, e se dissolvia a reunião, Silva Jardim se retirava, arriscando tanto a vida como o mais humilde dos seus co-religionarios. Para os que acreditam, na Europa, que o advento da Republica foi exclusivamente devido ao pronunciamento militar dêsse dia, sirva este rapido bosquejo da vida de Silva Jardim para dissuadí-los. A Republica estava feita nas conciencias, precisava apenas de ser consagrada na lei.

Morreu tão tragicamente como tinha vivido e ainda no último momento afirmou a sua extraordinaria fôrça de vontade, muitas vezes temeraria. Queria vêr de perto o Vesuvio. Estava em erupção; tanto melhor, assim era mais belo. Em vão o seu companheiro e amigo reclama; em vão o guia aconselha; em vão o solo, queimando já as plantas dos caminheiros, lhe faz muda advertencia. O homem das grandes audacias caminha sempre, até que uma garganta, subitamente aberta, vomitando fumo, engole-o. Ainda neste momento supremo, o herói não se trai por um grito, limita-se a levar as mãos á cabeça, como unico testemunho da sua agonia silenciosa.

Bela sepultura o vulcão; extraordinario destino do grande brasileiro; até para morrer converteu-se em lava!

(José do Patrocinio).

Declinio da monarquia

8.ª lição (conclusão)

A questão militar Outros fatos vieram ainda dar mais vigor á questão militar. Em 1886, o coronel **Cunha Matos** e o tenente-coronel **Sena Madureira**, defenderam-se pela imprensa de ataques que lhes foram dirigidos por um deputado e um senador. Foram ambos repreendidos pelo ministro da guerra, conselheiro **Alfredo Chaves.**

A favor dêstes militares declararam-se o **marechal Deodoro da Fonseca** e o tenente-general **visconde de Pelotas,** que publicaram um energico manifesto contra o govêrno (14 de maio de 1887).

Princesa D.ª Izabel

Extinção da escravatura O imperador havia seguido doente para a Europa, deixando a princesa imperial d. **Izabel,** como regente do Imperio (1887).

A opinião pública manifestava-se cada vez mais favoravel á abolição da escravatura, no que o govêrno se achava tambem empenhado.

Nestas condições, formou-se o gabinete presidido pelo conselheiro **João Alfredo,** que apresentou um projeto de libertação incondicional e o converteu em lei no dia 13 de maio de 1888, no meio de grande regosijo popular.

Último ministerio A abolição dos escravos veiu fortalecer muito o partido republicano, que recebeu em toda a parte adesões em massa.

Tambem a questão militar agravava-se e o govêrno, aproveitando o boato de uma guerra entre o Paraguai e a Bolivia, mandou para Mato Grosso uma expedição comandada pelo marechal **Deodoro da Fonseca** (janeiro de 1889).

João Alfredo

Visconde de Ouro Preto

O imperador, que voltara da Europa em 22 de agosto de 1888, chamou o partido liberal ao poder, encarregando o **visconde de Ouro Preto** da organização do novo ministerio (7 de junho de 1889), cuja missão, dizia-se, seria reagir contra o exército e as suas idéas republicanas.

Entretanto, era cada vez maior o excitamento de ânimos entre os militares, cujos chefes se reuniam diariamente no **Club Militar** tratando da revolução. Tambem a propaganda republicana pela imprensa e pela palavra crescia de norte a sul e **Silva Jardim** tinha o arrojo de seguir passo a passo o conde d'Eu em sua viagem pelas provincias do norte. Tal era a situação, quando, em 14 de novembro, espalhou-se o boato da ordem de prisão contra o marechal Deodoro e o dr. Benjamin Constant, e da ordem de embarque de alguns corpos.

Este boato fez precipitar os acontecimentos e antecipou a revolução .

Resumo cronologico da 8.ª lição

1886

O tenente-coronel Sena Madureira e o coronel Cunha Matos são repreendidos por se terem defendido pela imprensa sem prévia licença.

1887

Manifesto do Marechal Deodoro e tenente-general visconde de Pelotas. — Viagem do imperador e regencia de d. Izabel.

1888

Em 13 de maio, abolição da escravatura. — Regresso do imperador.

1889

Em janeiro, expedição de Deodoro ao Mato Grosso. — O visconde de Ouro Preto organiza um ministerio, em 7 de junho. — Em 14 de novembro espalhou-se o boato da prisão de Deodoro e outros.

Leitura — O exército negro

Foi pouco antes de 13 de maio de 1888. Das fazendas do interior de São Paulo, tinham fugido em massa os escravos. O calix da amargura tinha sido exgotado até ás fézes. A raça negra, depois de tantos seculos de sofrimento resignado, revoltava-se enfim...

Cada passo dado trazia um novo contingente á leva do desespêro, ao levante da dôr, ao exodo terrivel do sofrimento. Vinham quasi nús, famintos, com os pés chagados pela estrada pedregosa.

E caminhavam... caminhavam... caminhavam, de dia e á noite, á luz do sol ou á luz das estrelas. E cantavam. Aquela melopéa tristissima, repassada da indizivel melancolia das musas africanas, ecoava como um côro de gemidos no vasto seio impassivel da natureza.

E á noite, quando em silêncio desciam a serra negra, sob o olhar de fogo dos astros, os seus passos reboavam surdamente na terra, como rumor de um oceano que se agita.

E era um oceano, um rude oceano que se precipitara do alto da serra... oceano revoltado, para o qual já não havia diques. Já nenhum pensava no castigo, no vergalho, no trônco, na vingança dos senhores... Dalí, para a liberdade ou para a morte!

Foi no quilombo do Jabaguára, em Santos, que o exército negro parou.

O quilombo era um baluarte da propaganda abolicionista.

Alí, algumas almas justas e piedosas, tinham aberto um asilo para os desesperados do cativeiro. Alí — enquanto nas fazendas se castigava escravos, — dava-se aos foragidos pão e carinho, trabalho e liberdade, consôlo e instrução.

Quando o quilombo de Jabaguára recebeu esta última avalanche de negros fugidos, a propaganda estava perto da vitória. A alma brasileira se tinha levantado para protestar contra o crime secular da escravidão. A raça negra ia ser incorporada, no Brasil, á comunhão social. Ia-se apagar da face da America a mancha de lodo e sangue que a deshonrava. Pouco tempo depois da chegada ao Jabaguára, era promulgada a lei 13 de maio.

Todos os asilados do quilombo sairam a caminho de Santos. Aí, na igreja, perto do tumulo de José Bonifacio, ouviram sua primeira missa livre. E a igreja se encheu de um rumor prolongado de soluços, — soluços de alívio, de esperança e de felicidade...

(Coelho Neto).

RECAPITULAÇÃO

Reinado de d. Pedro II **1840**	D. Pedro II subiu ao trono e anistiou os revoltosos. — Apesar disto, revoltaram-se S. Paulo e Minas, que foram pacificados pelo barão de Caxias, o qual foi em seguida, nomeado presidente e comandante das armas no Rio Grande do Sul. — Por este tempo deu-se em todo o imperio grande agitação contra a Inglaterra por causa do bill Aberdeen.
Pacificação do Rio Grande do Sul **1845**	Os republicanos tinham abandonado as suas posições de Viamão e marchado para a campanha, quando Caxias assumiu o comando do exército imperial. — Entretanto reunia-se a constituinte Rio-Grandense, Bento Gonçalves lia a sua primeira "Fala" e entregava o govêrno a Vasconcelos Jardim. — O combate de Ponche Verde e a aliança do govêrno imperial com o Estado Oriental cortaram os últimos recursos dos republicanos que foram forçados a aceitar a paz.
Revolução praieira em Pernambuco **1848**	Levado pelas idéas nativistas, o Partido Liberal revoltou-se. Travaram-se diversos combates, até que no ataque ao Recife morreu o principal chefe revolucionario, o deputado **Nunes Machado.** — A luta esmoreceu, se bem que **Pedro Ivo** continuasse com suas fôrças a lutar no interior da provincia, por quasi dous anos, até ser prêso.
Guerra do Rosas **1851**	Oribe — protegido de Rosas, ditador de Buenos Aires — cercara Montevidéu e ameaçava as fronteiras brasileiras, pelo que o govêrno imperial resolveu auxiliar Rivera, presidente oriental. Oribe viu-se obrigado a levantar o cêrco, a esquadra forçou a passagem de **Tonelero** e o exército brasileiro derrotou Rosas, em Monte Caseros.
Questão inglesa **1861**	O naufragio de uma barca inglesa na costa deserta do Albardão, o desaparecimento da sua carga, a prisão, no Rio de Janeiro, de oficiais ingleses embriagados e á paisana, determinaram o ministro inglês a ordenar represalias contra o Brasil. — A questão foi resolvida por arbitragem e, posteriormente, a Inglaterra deu satisfações ao Brasil.
Expedição contra a Banda Oriental **1864**	Reclamando embalde contra violencias praticadas, o govêrno brasileiro fez invadir a Banda Oriental, onde reinava a guerra civil entre **brancos** e **colorados.** Tomando Salto e Paisandú, os brasileiros investiram contra Montevidéu e entregaram o govêrno ao general Flores.
Guerra do Paraguai **1865-1870**	A guerra do Paraguai divide-se em três periodos. No primeiro, sob o comando em chefe de **Mitre**, distingue-se a **batalha naval de Riachuelo**, a **rendição de Uruguaiana**, a invasão do Paraguai pelo **Passo da Patria**, a **batalha de Tuiutí**, e o **revés de Curupaití.** No segundo, sob o comando de Caxias, o exército chega vitorioso á Assunção, depois das vitórias de **Curupaití, Humaitá, Ito oró, Avaí, Lomas Valentinas** e **Angostura.** No terceiro, sob o comando do conde d'Eu, depois de varios combates, termina a guerra com a morte de Lopez, no ataque de Cerro Corá.

Quadro de civilização — Seculo XIX

ÉPOCA DE D. JOÃO VI

O estabelecimento da côrte portuguesa no Rio de Janeiro muito contribuiu para o progresso do Brasil. — **A abertura dos portos** desenvolveu extraordinariamente o comércio e atraiu os capitais estranjeiros; a **liberdade de industria** determinou o estabelecimento das primeiras fábricas no Rio de Janeiro e São Paulo. — Naturalistas estranjeiros exploram os sertões; iniciou-se a colonização estranjeira; crearam-se as primeiras fazendas em São Paulo, onde o café foi sendo o ramo mais importante; desenvolveu-se a industria pastoril.

Na ordem intelectual, melhorou a instrução elementar no Rio de Janeiro, estabeleceram-se academias e escolas superiores, abriu-se uma biblioteca pública, instalou-se a imprensa régia, donde saíu a "Gazeta do Rio de Janeiro", primeiro jornal que viu a luz no Brasil. Na musica celebrizou-se o padre José Mauricio.

ÉPOCA DE D. PEDRO I

Fóra do regimen colonial, passou o Brasil a expandir-se livremente. As **capitanias-móres** foram substituidas pelas **provincias.** Iniciou-se a fundação das colonias alemãs de **S. Leopoldo** (Rio Grande do Sul), **S. João d'El Rei** e **Mata** (S. Paulo), **S. Pedro de Alcantara** e **Nova Italia** (Santa Catarina), **Petersdorff** (Minas); aldearam-se os indios selvagens. O ensino primario foi completamente reformado e ampliado; regularizou-se o ensino secundario; e crearam-se as faculdades de direito de S. Paulo e Olinda, instituiu-se a Escola de Belas Artes.

A imprensa, sobretudo, desenvolveu-se extraordinariamente e entre os periodicos que mais serviços prestaram á causa nacional, notam-se: o "Reverbero Constitucional Fluminense", o "Tamoio", a "Aurora Fluminense". Não apareceram neste periodo grandes escritores, poetas ou prosadores.

A politica absorvia tudo e os nomes notaveis são: na eloquencia parlamentar — **Antonio Carlos de Andrada, Bernardo Vasconcelos, Maciel Monteiro** e muitos outros; no jornalismo politico — **Cunha Barbosa, Gonçalves Lédo, Evaristo da Veiga** e tantos mais.

ÉPOCA DA REGENCIA

Este curto periodo assinalou-se todavia por serviços valiosos como: a creação do Tesouro Nacional e Tesourarias Provinciais, o estabelecimento do juri, o novo codigo do processo criminal, a creação das assembléas provinciais. — Coube á Regencia sancionar e aplicar a primeira lei para repressão do tráfico dos escravos e autorizar a construção da primeira estrada de ferro, que devia ligar o Rio de Janeiro a Minas e S. Paulo. — Na ordem intelectual reformou-se o ensino superior, desenvolveu-se e liberalizou-se a imprensa e foi creado o Instituto Histórico e Geografico Brasileiro.

ÉPOCA DE D. PEDRO II

"Tendo no começo do reinado, segundo A. Celso, pouco mais ou menos 5 milhões de habitantes, dos quais 2 milhões de escravos, 16 mil contos de rendas, 50 mil de produção total, sem estradas de ferro, — em 1889 apresentava 14 milhões de homens livres, 153 mil contos de rendas, mais de 400 mil contos de comércio; tinha mais de 7.000 kms. de estradas de ferro; os seus portos eram frequentados anualmente por mais de 12.000 embarcações, das quais 6.000 de longo curso; comunicava-se com o resto do mundo pelo cabo submarino e tinha uma rêde telegrafica de 10.775 kms. E tal era a prosperidade que, em 1875, o cambio chegava acima do par (28 ⅜)."

Apareceram grandes nomes na politica, nas ciências, nas artes e na literatura, como: os marqueses **de Olinda, de Paraná, de Paranaguá**; viscondes **de Itaboraí, de Rio Branco**; conselheiros **Saraiva, João Alfredo** e **Barão de Cotegipe** e muitos outros; entre os cientistas: **André Rebouças, Teixeira de Freitas, Clovis Bevilaqua**; na oratoria sacra: **Monte Alverne**; oratoria politica: **José Bonifacio, o moço, Silveira Martins**; na poesia: **Castro Alves, Fagundes Varela, Casemiro de Abreu, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Gonçalves Dias** e muitos outros; no romance: **José de Alencar, Joaquim M. de Macedo, Visconde Taunai**; no teatro: **João Caetano**; na musica: **Carlos Gomes, Francisco Manoel**; na esculptura: **Rodolfo Bernardeli**; na pintura: **Vitor Meireles, Pedro Americo**, etc.

Proclamação da Republica

1.ª lição **1889**

Espalhado o boato da ordem de prisão contra o marechal Deodoro e o tenente-coronel Benjamin Constant, a 2.ª brigada aquartelada em S. Cristóvão, na noite de 14 de novembro, armou-se em guerra e marchou para a cidade. Benjamin Constant e o marechal Deodoro, avisados disso, vieram colocar-se á frente do movimento.

A proclamação da Republica

Todos os ministros, com exceção do da marinha, que era o Barão de Ladario, achavam-se reunidos no ministerio da guerra, em cujo pátio formavam as fôrças fieis ao govêrno.

O marechal Deodoro, á testa de sua coluna, avançou até á frente do ministerio e extendeu-a em ordem de batalha.

Em poucos momentos aproximava-se o carro do Barão de Ladario, que vinha reunir-se aos seus colegas. Deodoro manda prendê-lo pelo tenente **Adolfo Peña.** O Barão resiste e cai ferido por uma descarga.

Abre-se o portão principal do ministerio e Deodoro, á frente da coluna, penetra no pátio onde estavam as fôrças do govêrno e é recebido com as continencias que lhe são devidas, pois a guarnição fizera causa comum com os revoltosos.

Estava triunfante a revolução. Os ministros, sem meios de resistencia e recebendo, pelo tenente-coronel **João Teles,** a intimação de renderem-se á discrição, telegrafaram ao imperador que estava em Petropolis, apresentando-lhe a sua demissão.

Desfilaram as tropas pelas ruas principais da cidade, entre aclamações.

De tarde, a Camara Municipal reuniu-se e **José do Patrocinio** levou a Deodoro uma mensagem declarando que o povo tinha proclamado a Republica e pedia o apôio do exército e da armada.

Instituiu-se um govêrno provisorio e este decretou como **fórma** de govêrno da nação brasileira a **Republica Federativa,** com o nome de **Estados Unidos do Brasil.**

Bandeira e armas da Republica
1889

Leitura — A conspiração

Deodoro hesitava e havia muito tempo que o conciliabulo prosseguia sem que êle proferisse a palavra definitiva, se encabeçaria ou não o movimento para proclamar a Republica. Na sua opinião, a questão era simplesmente militar e bastava ao exército derrubar o ministerio.

Devia haver uma grande fé no valor daquele homem, considerado assim o arbitro da situação, para ser disputada com tal insistencia, naquele momento, a cooperação da sua espada. Parecia que só êle poderia conduzir á vitória; que êle era antes uma bandeira, um sinal de triunfo, que um homem para ir combater. Atirado num sofá, envolto num chambre, sem poder vestir-se, o peito arfava nas ânsias de dispnéa horrivel, que ás vezes o privava de falar. Aquela vida poderia fugir de repente ou, pelo menos, aquele braço tremer por instantes, incapaz de comandar; dir-se-ia, porém, que enquanto luzisse aquele olhar e aquele perfil dominador passasse ante os soldados, correria nas fileiras o fremito de uma sedução irresistivel e ninguem deixaria de seguí-lo.

Mais que outrem, Benjamin Constant assim pensava. Por maior que fôsse a sua confiança nos elementos agremiados, sentia que o golpe era incerto; era preciso uma grande audacia e sobretudo um grande prestígio diante da tropa para arcar contra sessenta e sete anos de tradições monarquicas e quasi cincoenta anos de reinado. Por maior que fôsse entre os oficiais a irritação contra o ministerio, por menos forte que parecessem as probabilidades da sucessão dinastica, conferida a uma princesa, com tudo êle calculava quanto custaria decidir todo o exército e toda a marinha a se entregarem inteiramente ao comando de um chefe revoltado. Se fôsse impossivel evitar a luta, hipotese que entrava muito nos cálculos, a capacidade e a influência do comandante subiriam de ponto.

Benjamin Constant tinha muito bom senso, estava acostumado a raciocinar e era fundamentalmente calmo. Por maior que fôsse no momento a sua exaltação revolucionaria, êle não se podia enganar quanto ao conhecimento dos homens e avaliava na medida justa o valor decisivo dos predicados que só em Deodoro julgava encontrar; bem sabia que não bastava agitar, reunir em tôrno do seu nome devoções e esperanças, encarnar princípios, representar ideais. Naquele instante era indispensavel uma espada numa mão acostumada a comandar e vencer. Benjamin Constant não desesperava. Embora a palavra não lhe fôsse habitualmente viva, teve de repente um verdadeiro rasgo de eloquencia, exortando Deodoro e concitando-o a proclamar a republica. Quando êle se calou, disse o mare-

chal pausadamente: "Eu queria acompanhar o caixão do imperador, que está velho e a quem respeito muito." Depois acrescentou, passando e repassando o dorso de uma mão contra a palma da outra:

"Êle assim o quer, façamos a republica. Benjamin e eu cuidaremos da ação militar; o Sr. Quintino e os seus amigos organizem o resto."

Todos entreviram um sinal de vitória e já então se começou a falar de govêrno novo, como se ela fôsse certa.

(Tobias Monteiro).

Marechal Deodoro — Campos Sales — Aristides Lobo

Benjamin Constant — Quintino Bocaiuva

Demetrio Ribeiro — Dr. Rui Barbosa — Wandenkolk

Govêrno provisorio

2.ª lição 1889-1891

O govêrno provisorio constituido pelo exército e armada em nome da nação, teve por chefe o marechal Deodoro da Fonseca que escolheu para seus ministros o dr. **Benjamin Constant Botelho de Magalhães**, almirante **Eduardo Wandenkolk**, dr. **Rui Barbosa**, dr. **Manoel Ferraz de Campos Sales**, dr. **Aristides Silveira Lobo**, **Quintino Bocaiuva** e dr. **Demetrio Ribeiro.**

O novo govêrno publicou logo um manifesto á Nação, explicando os acontecimentos e, no dia imediato (16), dirigiu uma mensagem ao imperador intimando-o a deixar o país com toda a familia imperial, no praso de 24 horas.

No mesmo dia teve lugar a posse solene do govêrno pela Camara Municipal.

Na madrugada de 17, cumprindo a intimação, o imperador embarcou no paquete **Alagôas**, que, comboiado pelo encouraçado **Riachuelo**, o conduziu para Europa. Prosseguiu o govêrno provisorio na organização da Republica — a 19 instituiu a nova bandeira, a 21 convocou uma assembléa constituinte para 15 de novembro seguinte e adotou o sufragio universal para a sua eleição, a 14 de dezembro decretou a grande naturalização, a 7 de janeiro do ano seguinte promoveu a separação do Estado e da Igreja e, a 24 decretou o casamento civil.

Entretanto, tinham surgido sérias divergencias no seio do govêrno provisorio, motivadas por alguns atos praticados pelo seu chefe. Benjamin Constant, gravemente enfermo, pedira demissão no dia 18 de janeiro, e falecera no dia 22. Os outros ministros apresentaram, tambem, a sua renúncia coletiva no dia 20. A 21, era organizado o novo ministerio chefiado pelo barão de Lucena. A Constituinte, que se reunira na época fixada, promulgada a constituição, escolheu para presidente da Republica o marechal Deodoro da Fonseca e para vice-presidente o marechal Floriano Peixoto.

Leitura — Uma noite historica

O profundo silêncio do lugar pareceu fazer-se maior, nessa ocasião, como se a noite compreendesse que se ia, alí mesmo, em poucos momentos, estrangular a última hora de um reinado.

A tranquilidade que havia era lugubre. Ouvia-se, com certo estremecimento, o barulho do morder dos freios dos corseis de cavalaria em recantos afastados. Frouxamente clareadas pela iluminação urbana, as casas ao redor do largo, os edificios publicos pareciam adormecidos. Nenhuma luz nas janelas, a não ser nos ultimos andares de uma casa de saúde.

D. Pedro II em 1889

Apesar disso, que se acreditaria indicava completa ausencia de espectadores para a cena que se ia passar, algumas janelas abertas apareciam como retabulos negros, nas mais altas sacadas, e percebia-se uma agitação facil de reconhecer nos peitoris escuros...

A's três horas da madrugada, menos alguns minutos, entrou pela praça um rumor de carruagem. Para as bandas do paço houve um ruidoso tumulto de armas e cavalos. As patrulhas que passeavam de ronda, retiraram-se todas a ocupar as entradas do largo, pelo meio do qual, através das árvores, iluminando sinistramente a solidão, perfilavam se os postes melancolicos dos lampeões de gás. Aparecia, então, o prestito dos exilados.

Nada mais triste. Um coche negro, puxado a passo por dois cavalos, que se adiantavam de cabeça baixa, como se dormissem andando. A' frente, duas senhoras de negro, a pé, cobertas de véus, como a buscar caminho para o triste veículo.

Fechando a marcha, um grupo de cavaleiros, que a perspectiva noturna detalhava em negro perfil. Divisavam-se vagamente, sôbre o grupo, os penachos vermelhos das barretinas de cavalaria. O vagaroso comboio atravessou, em linha réta, do paço em direção ao môlhe do cáis Pharoux. Ao aproximar-se do cáis, apresentaram-se alguns militares a cavalo, que formaram em caminho. E' aquí o embarque? perguntou timidamente uma das senhoras de preto, aos militares. O cavaleiro, que parecia um oficial, respondeu com um gesto largo de braços e uma atenciosa inclinação do corpo. Por meio dos lampeões que ladeiam a entrada do môlhe passaram as senhoras. Seguiu-se o coche fechado. Quasi na extremidade do môlhe, o carro parou, e o Sr. D. Pedro de Alcantara apeou-se — um vulto indistinto entre outros vultos distantes — para pisar, pela última vez, a terra da patria. Do posto de observação em que nos achavamos, com dificuldade, ainda mais, da noite escura, não podemos distinguir a cena do embarque.

Foi rapido, entretanto. Dentro de poucos minutos ouvia-se um ligeiro apito, ecoava no mar o rumor igual da helice da lancha, reaparecia o clarão da iluminação interior do barco; e sem que se pudesse distinguir nem um só dos passageiros, a toda fôrça de vapor, o ruido da helice e o clarão vermelho afastavam-se da terra.

(Raul Pompeia).

1.º periodo presidencial

3.ª lição **1891-1894**

Govêrno de Deodoro

No seio da Constituinte, a eleição de Deodoro encontrara forte oposição. No Congresso Nacional, aberto em 15 de julho de 1891, os oposicionistas estavam em maioria e elegeram para presidí-lo o chefe da oposição, que era **Bernardino de Campos.**

Golpe de Estado

Aconselhado por seus ministros, Deodoro decretou a dissolução do Congresso (5 de novembro), e publicou um manifesto justificativo de seu ato.

Desenvolveu-se forte reação nos Estados. No porto do Rio de Janeiro revoltou-se a armada nacional (23 de novembro), sob o comando do contra-almirante **Custodio José de Melo** e intimou a deposição do govêrno.

Deodoro não quís alimentar a guerra civil, e no mesmo dia passou o govêrno ao seu substituto legal Floriano Peixoto.

Marechal Floriano Peixoto

Govêrno de Floriano

Deu-se então, de norte a sul, a deposição dos governadores que tinham concordado com o golpe de Estado e o furacão revolucionario desencadeou-se no país.

Em 16 de janeiro de 1892, o 2.º sargento **Silvino de Macedo,** revoltou a guarnição da fortaleza de **Santa Cruz** com o fim de obrigar Floriano a abandonar o govêrno, mas foi logo vencido.

Seguiu-se o manifesto dos **13 generais** (6 de abril) exigindo a eleição de novo presidente. A reforma de alguns dos signatarios, e a deportação de outros para as fronteiras do norte foi o fim desta sedição (16 de abril).

Por este tempo dous partidos disputavam o poder no Rio Grande do Sul, que ficara com dous presidentes: o dr. **Julio de Castilhos,** na capital; o general **Silva Tavares,** em Bagé.

Dr. Julio de Castilhos

O dr. **Barros Cassal,** apoiado pela canhoneira **Marajó,** tentou embalde depôr o govêrno na capital.

Na campanha foram se repetindo as lutas, até que invadiram o Estado fôrças de **Gumercindo Saraiva** e **Vasco Martins** (11 de fevereiro de 1893), a que logo se juntaram as de **Silva Tavares** e do coronel **Salgado.**

Vencidas em **Inhanduí** (5 de maio), e em **Upamarotí,** pela Divisão do Norte ao mando dos generais **Rodrigues Lima** e **Pinheiro Machado,** estas fôrças internaram-se no Estado Oriental, ficando em campo sómente Gumercindo Saraiva.

Com a notícia da revólta da armada no Rio de Janeiro, a revolução tomou novo vigôr. Gumercindo e Salgado encaminharam-se para o norte afim de se unirem aos revolucionarios e **Silva Tavares** ocupou **Quaraím,** travou o combate do **Rio Negro** e iniciou o cêrco de **Bagé,** heroicamente defendido pelo general **Carlos Teles.**

Leitura — A renúncia de Deodoro

Neste momento já tinham chegado notícias de que rebentara a revolução no Rio Grande, sendo então resolvido que o almirante Foster Vidal seguisse para Montevidéu em missão que se prendia a esse acontecimento. Para substituí-lo, lavrou-se decreto nomeando Saldanha da Gama. Chegando ao Itamaratí para ser empossado no cargo, ponderou esse almirante que, em semelhante conjuntura, os seus serviços seriam mais proficuos como chefe do estado-maior. Prevaleceu a sua opinião, continuando a pasta com o Sr. Foster Vidal.

Já os operarios da estrada de ferro central se tinham declarado em parede. Essa notícia, porém, só chegou ao conhecimento do Sr. Lucena ás duas horas da tarde; já eram quatro horas dadas quando lhe foi possivel ir á estação central providenciar acêrca de assunto tão grave, substituindo o diretor. Quando voltou ao Itamaratí, Deodoro participou-lhe que havia ordenado a prisão de Wandenkolk e Bocaiuva. Os navios de guerra surtos no porto tinham sido tomados pelo almirante Melo e seus amigos. Fazia-se noite e desde então o Sr. Lucena não arredou pé do palacio. O seu primeiro cuidado foi acautelar a Armação, pois o haviam informado de que os navios estavam desprovidos de munição. Imediatamente telegrafou nesse sentido para Niteroí ao governador Portela.

Um acidente fatal veiu ainda complicar a situação. A' meia noite o general Deodoro teve uma dispnéa horrivel, depois da qual adormeceu. O seu estado de saúde continuava a ser muito grave. No dia 15, fôra preciso ajudá-lo a montar e apear do cavalo, sacrificio a que timbrou em sujeitar-se, porque tinha recebido aviso do ministro em Paris, o Sr. Piza, de que nesse dia, caso se expusesse, seria assassinado por anarquistas estranjeiros, acoitados no Rio para esse fim.

Enquanto o general dormia, Saldanha telefonou, pedindo um batalhão de infantaria para tomar de abordagem um dos navios revoltosos. O Sr. Lucena incumbiu um ajudante de ordens de transmitir a Frota a requisição de Saldanha.

Aquele, porém, respondeu que só a atenderia se recebesse ordem direta do presidente da Republica. O Sr. Lucena mandou então dizer-lhe que o presidente dormia e não havia tempo a perder. O ministro da guerra continuou a resistir e veiu em pessoa ao palacio para o declarar. Viu-se aí forçado o Sr. Lucena a pedir ao almirante que esperasse.

Só ás 6 horas da manhã o general despertou.

"Porque não me acordou?" foram as suas palavras, quando o Sr. Lucena lhe narrou o ocorrido.

"Não tive coragem, depois da sua dispnéa", respondeu o ministro. Sem demora, Deodoro foi ao telefone, falou para todas as fortalezas, para a ilha das Cobras e deu-lhes ordens terminantes de resistencia; depois abriu tranquilamente uma gaveta, tirou um revólver e carregou-o, dizendo:

"Só entrarão aquí sôbre o meu cadaver."

Confessa o Sr. Lucena que esta cena o abalou.

(Tobias Monteiro).

1.° periodo presidencial

3.ª lição (conclusão)

Revólta da Armada

A antipatia entre o exército e armada nacional determinara a revólta desta no porto do Rio de Janeiro, no dia 6 de setembro de 1893, sob o comando do almirante **Custodio José de Melo.** Os revoltosos, que mantinham quasi diariamente o bombardeio contra as fortalezas e a cidade do Rio de Janeiro, afim de serem reconhecidos como beligerantes, enviaram á Santa Catarina uma divisão de três naviôs ás ordens do capitão de mar e guerra **Frederico Guilherme de Lorena,** que estabeleceu um govêrno provisorio na cidade do **Desterro** e entrou em comunicação com os **federalistas.**

Saldanha da Gama

Com efeito, estes tinham já atravessado o Rio Grande do Sul e Santa Catarina e estavam no Paraná.

No porto do Rio de Janeiro continuava a revólta que agora contava com a adesão do almirante **Saldanha da Gama,** sob cujo comando os revolucionarios sofreram os revezes da **Ilha do Governador** (onde morreu o general **João Teles), Moncanguê Grande** e de **Niteroí.**

Entretanto, o govêrno do marechal Floriano armara uma esquadra ás ordens do almirante **Jeronimo Gonçalves,** a cuja aproximação os revoltosos abandonaram seus postos e asilaram-se a bordo da corveta portuguesa **Mindelo** que os conduziu para fóra do país, o que determinou o govêrno brasileiro a romper as relações diplomaticas com Portugal.

Custodio de Melo

No Paraná, apenas **Lapa,** sob o comando do coronel Carneiro, resistia heroicamente aos revolucionarios, mas em breve rendeu-se.

Revolução federalista

O almirante **Custodio de Melo** quís ainda tentar a tomada da cidade do **Rio Grande.** Repelido, dirigiu-se para a Republica Argentina, a cujo govêrno entregou os navios ás suas ordens.

A' vista dêstes revezes, **Gumercindo Saraiva** viu-se obrigado a operar a retirada. Sempre acossado pela **Divisão do Norte,** o chefe revolucionario travou os combates de **Barracão,** do arroio **Forquilha,** do **Passo Fundo,** até ser mortalmente ferido em **Caroví** (10 de agosto de 1894).

Gumercindo Saraiva

Entretanto, a situação politica do Brasil sofrera grande mudança.

Fim do govêrno de Floriano

Realizada a eleição presidencial, tinham sido escolhidos para a presidencia e vice-presidencia da Republica os drs. Prudente José de Morais Barros e Manoel Vitorino Pereira, aos quais o marechal Floriano entregou o govêrno em 15 de novembro de 1894.

Resumo cronologiço da 1.ª, 2.ª e 3.ª lições

1889

15 de novembro, proclamação da Republica; 17, embarque da familia imperial; 19, instituição da nova bandeira; 21, convocação da constituinte.

1890

7 de janeiro, separação da Igreja do Estado; 21, organização do novo ministerio; 24, decretação do casamento civil; 24 de fevereiro, promulgação da Constituição; eleição de Deodoro para presidente da Republica e de Floriano para vice-presidente.

1891

Dissolução do Congresso (5 de novembro). — Revólta da esquadra e renúncia de Deodoro (23 de novembro).

1892

Revólta da Fortaleza de Santa Cruz (16 de janeiro). — Manifesto dos 13 generais (6 de abril).

1893

Invasão dos federalistas no Rio Grande do Sul (11 de fevereiro). — Revólta da Armada Nacional no Rio de Janeiro (6 de setembro).

1894

Reatamento das relações com Portugal (16 de março). — Revólta da Escola Militar.

Leitura — Durante o bombardeio

O "Aquidaban", de bandeira vermelha ao calcês do mastro grande, os mastaréos de gaveas e joanetes arriados, o pavilhão nacional arvorado á mezena na sua primitiva armação de fragata, rompia a avançada e já ganhava a altura de Willegaignon, mas numa marcha ronceira, de "carroça", como se diz no mar, dos navios lentos que andam pouco ou quasi nada. E não andava senão á razão de uma milha por hora, pois estava com as máquinas e caldeiras estragadas. Tinha, entretanto, um aspecto soberbo, aterrador, no seu longo e amplo costado couraçado ao lume d'agua e todo pintado a negro, com as superstructuras brancas, a grossa e alta chaminé coroâda por curvo penacho de fumo espiralando no ar. De vez em quando, do reduto de prôa jorrava um relampago escarlate, um vomito de névoa alva que ondulava e se abria entre os mastros, seguido de um ribombo de trovão atroando as vagas.

Após o "Aquidaban" vinha o "Trajano", o elegante cruzador de madeira, que é um modêlo de construção naval. Manobrava com precisão oferecendo ás vezes, em inimitado arrojo, o costado inteiro ás balas que lhe jogavam contínuamente as fortalezas da barra. Mas as suas peças de 70, alvejando-as sempre, não cessavam de lhes arremessar ás muralhas balas razas e granadas.

O "Republica", um pequeno mas excelente cruzador, então o mais moderno navio da esquadra, chegado havia pouco da Europa com o "Tiradentes" nessa ocasião em Montevidéu, evoluia á retaguarda do "Aquidaban" e na mesma linha do "Trajano", a zombar contínuamente, como este, do poder das fortalezas da barra. Os seus canhões d'alma longa e grande alcance faziam frequentes disparos. E o seu comandante, um jovem capitão-tenente rio-grandense, de uma bravura e ardor medievais, famoso e muito popular nessa época pela façanha que praticara, meses antes, bombardeando Porto Alegre contra o govêrno de Castilhos a bordo da canhoneira "Marajó" — tais habilidades de guerra e de nautica desenvolvia com o seu ligeiro navio, enfrentando incólume os pontos mais expostos e perigosos, que dir-se-ia andar em alguma experiencia ou exercicio de fogo pelas aguas de Guanabara.

Então o populacho que se apinhava no cáis por trás da guarda nacional, tomado de arrebatamento e de jubilo, batia freneticamente as palmas e saudava o denodado marujo em ruidosa aclamação.

(Virgilio Varzea).

2.° periodo presidencial

4.ª lição **1894-1898**

Relações diplomaticas — Mensageiro da paz, o Dr. Prudente deu logo início á nobre missão de seu govêrno. O seu primeiro cuidado foi o reatamento das relações diplomaticas com Portugal (16 de março de 1894), mediante os bons oficios da Inglaterra.

Revólta da Escola Militar — O espirito de rebeldia não estava, porém, extinto no país. Assim, os alunos da Escola Militar do Rio de Janeiro revoltavam-se contra uma ordem dada pelo ministro da guerra. Houve necessidade de empregar a fôrça para submetê-los, sendo muitos dêles distribuidos pelos corpos do exército (25 de maio).

Pacificação do Rio Grande — Tambem ao sul, se bem que enfraquecida, continuava ainda a revolução federalista. Com a morte de Gumercindo, as fôrças revolucionarias tinham passado ao comando de **Aparicio Saraiva** e de **Saldanha da Gama.** Este perdera a vida no combate de **Campo Osorio** (24 de junho), de modo que foi facil ao govêrno firmar a paz por intermedio do general Galvão de Queiróz, em 23 de agosto de 1895.

Ilha da Trindade — Resolvidas as pendencias internas, viu-se o govêrno a braços com algumas questões internacionais. Em junho chegou ao seu conhecimento que, desde janeiro de 1895, achavam-se os ingleses ocupando as ilhas de **Trindade** e **Martim Vaz,** que demoram ao léste do Espirito Santo, e onde pretendiam estabelecer uma estação telegrafica e depósito de carvão.

Feito o protesto e iniciada a discussão diplomatica, intervindo com seus bons oficios o govêrno de Portugal, foi pela Inglaterra reconhecido definitivamente o direito do Brasil (5 de agosto de 1896).

Questão de Missões — Tambem ao govêrno do Dr. Prudente de Morais coube vêr decidida, conforme as pretenções do Brasil, a secular questão do territorio das Missões que fôra sujeita ao juizo arbitral do presidente dos Estados Unidos e tivera por advogado o habil diplomata dr. **José Maria da Silva Paranhos, barão do Rio Branco** (5 de fevereiro de 1895).

Leitura — Ilha da Trindade

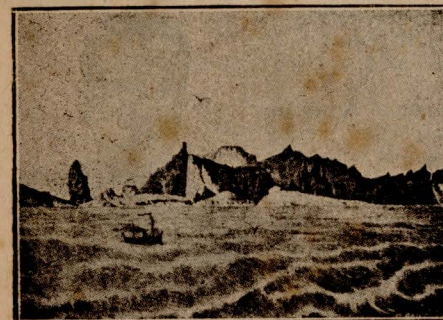
Tem a ilha da Trindade três milhas de extensão e seis de circunferencia, mais ou menos, e acha-se situada a 1.113 quilometros da costa brasileira, na altura do Estado do Espirito Santo.

E' toda montanhosa e dificilmente acessivel, em consequencia de ser o mar muito agitado, quebrando-se de encontro ás grandes e escarpadas rochas.

Si bem que deshabitada, assegura-se que não é esteril, pois os ingleses, que a ocuparam em 1782, ao evacuarem-na no ano seguinte, por imposição do Govêrno Português, deixaram plantações de milho, feijão, legumes e hortaliças.

E essa primeira tentativa de estabelecimento inglês na ilha da Trindade leva-nos a falar-vos de uma segunda ocupação em 1895, que deu ensejo a uma frisante manifestação de dignidade do povo brasileiro, na defesa do seu direito.

Ora, sob o fundamento da primitiva ocupação, ora procurando apoiar-se na circunstancia de ser deshabitada, pretenderam os ingleses manter-se de posse da ilha, onde arvoraram seu pavilhão, em janeiro de 1895, do que só teve conhecimento nosso Govêrno em julho do mesmo ano.

Em face da evidente demonstração de nossos direitos sôbre a ilha disputada, sentiu-se a Inglaterra em uma posição dificil e procurou uma saída, propondo ao Govêrno Brasileiro o recurso do arbitramento.

Ilha da Trindade

Este recusou-o terminantemente, declarando, que os direitos do Brasil eram tão palpitantes que a Nação não poderia convir em um julgamento estranho sôbre a propriedade de um territorio reconhecidamente nosso.

Em tais circunstancias, diante de nossa altiva e digna atitude, a Inglaterra, cada vez em posição mais falsa, procurava naturalmente o meio de entregar a ilha, sem quebra de seu prestígio. Deu-se então a mediação oficiosa de Portugal, que nosso Govêrno resolveu aceitar.

Com efeito, no dia 5 de agosto, recebiamos do Ministro português no Rio de Janeiro uma nota.

E por nota de 21 de agosto, informava-nos a seu turno o Ministro inglês que, de acôrdo com as instruções recebidas de Londres, o navio "Banacouta" iria á ilha da Trindade "afim de proceder as formalidades concernentes á remoção dos sinais de ocupação daquela ilha."

Em seguida, resolveu o Govêrno Brasileiro, para evitar futuros incidentes, deixar alí bem assinalada a soberania nacional.

(Virgilio Cardoso).

2.º periodo presidencial

(conclusão)

4.ª lição

Guerra de Canudos

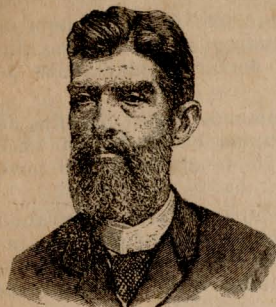
Desde 1894 andava pelos sertões da Baía o cearense **Antonio Vicente Mendes Maciel,** um maniaco religioso, conhecido pelo nome de **Antonio Conselheiro,** o qual afinal se estabeleceu no arraial de **Canudos** e cercou-se de grande número de **jagunços.**

O govêrno temeu-se daquela reunião de fanaticos, tentou dissolvê-los por meios brandos e, não o conseguindo, resolveu empregar a fôrça.

Prudente de Morais

Em 12 de novembro de 1896 seguiu a 1.ª expedição composta de 100 praças e comandada pelo tenente Pires Ferreira, a qual foi logo derrotada.

Dr. M. Vitorino

A 2.ª expedição, de 450 homens, ás ordens do major **Febronio de Brito,** não foi mais feliz. Após um combate encarniçado, verificou a superioridade do inimigo e operou a retirada (janeiro de 1897).

Seguiu-se a grande expedição de 1.200 homens das três armas, ao mando do coronel **Antonio Moreira Cesar.** Em Angicos deu-se o encontro com os fanaticos, de que resultou a morte do comandante **Moreira Cesar** e o completo desbarato de sua fôrça (4 de março).

Carlos Machado Bitencourt

Este desastre provocou grande agitação no país e o govêrno mandou preparar uma expedição de 7.000 homens, sob o comando do general **Artur Oscar de Andrade Guimarães.** Depois de lutar com numerosas dificuldades e de perder grande número de soldados, pôde a expedição dirigir o ataque definitivo contra o arraial de Canudos e arrasá-lo, graças aos reforços trazidos pelo ministro da guerra, general **Machado de Bitencourt,** que se transportara para o teatro da guerra.

Fim do Govêrno

Enquanto se desenrolavam estes fatos ao norte, o Dr. Prudente de Morais era acometido de grave enfermidade (10 de novembro de 1896) e passava o exercicio do cargo de presidente ao vice-presidente, Dr. Manoel Vitorino, que nêle permaneceu até 4 de março de 1897.

Em 5 de novembro dêste mesmo ano, dirigia-se o presidente da Republica para o arsenal de guerra, afim de receber as tropas que voltavam de **Canudos,** quando foi inopinadamente agredido pelo anspeçada do exército Marcelino Bispo de Melo.

O ministro da guerra, marechal Carlos Machado de Bitencourt, correu em socorro do presidente e foi gravemente ferido, morrendo quasi em seguida.

Descobriu-se que o crime obedecia a uma conspiração contra o govêrno, estabelecendo-se logo o estado de sitio e promovendo-se a prisão de alguns dos implicados nos sucessos.

O Dr. Prudente de Morais conservou-se ainda no poder até o fim do seu quinquenio, em 15 de novembro de 1898.

Resumo cronologico da 4.ª lição

1894

Invasão federalista no Paraná (11 de fevereiro). — Fim da revôlta da Armada (13 de março). — Combate de Caroví e morte de Gumercindo Saraiva (10 de agosto). — Fim do govêrno de Floriano (15 de novembro).

1895

O presidente dos Estados Unidos decide a favor do Brasil a questão de Missões (5 de fevereiro). — Pacificação do Rio Grande do Sul (23 de agosto).

1896

Os ingleses abandonam a ilha da Trindade que ocupavam desde janeiro (5 de agosto). — 1.ª expedição a Canudos (12 de novembro).

1897

Fim da campanha de Canudos (5 de outubro). — Atentado contra a vida do presidente da Republica (5 de novembro).

1898

Fim do govêrno do Dr. Prudente de Morais.

Leitura — Bloqueio de Canudos

Nesses intervalos desaparecia o arraial. Desaparecia inteiramente a casaria. Diante dos espectadores se estendia, lisa e pardacenta, a imprimadura, sem relêvos, do fumo.

Mapa de Canudos

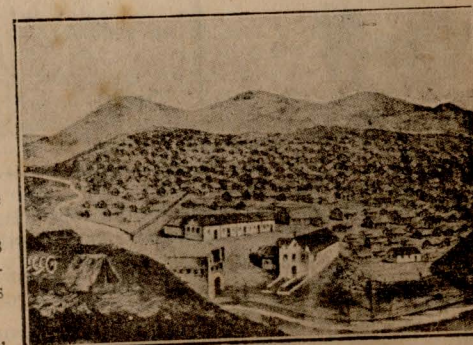
Porque a ação se delongava. Delongava-se anormal, sem o intermitir das descargas intervaladas, o tiroteio cerrado e vivo, crepitando num estrepitar estridulo de tabocas, estourando nos taquarais em fogo. De sorte que por vezes pairava no ânimo dos que o escutavam, ansiosos, o pensamento de uma sortida feliz dos sertanejos, saindo pelas tranqueiras despedaçadas do norte. Os écos dos estampidos, variando de rumos, torcidos em ricochetes pelos flancos das colinas, subindo de intensidade no nevoeiro compacto, desviavam-se.

Estalavam-lhes perto, á direita e á retaguarda, dando a ilusão de um ataque do inimigo escapo e precipitando-se, em tropel, num revide inesperado. Trocavam-se ordens acaloradas.

Arraial de Canudos

Formavam-se os corpos da reserva. Cruzavam-se inquirições comovidas...

Ouvia-se, porém, longinquo, um ressoar de brados e vivas. Uma lufada corria, em sulco largo e limpido, pela cerração dentro, canalizada, talhando-a de meio a meio, desvendando de novo o cenario.

(Euclides da Cunha).

3.º periodo presidencial

5.ª lição **1898-1902**

Em 15 de novembro de 1898 foram solenemente empossados de seus cargos o presidente da Republica **Dr. Manoel Ferraz Campos Sales** e o vice-presidente **Dr. Francisco de Assis Rosa e Silva.**

Era programa do novo govêrno a restauração das finanças brasileiras, sériamente comprometidas pelas lutas dos ultimos tempos.

Coube ao novo presidente receber a visita do general Julio Roca, presidente da Republica Argentina, o qual foi carinhosamente acolhido pelo govêrno e pelo povo (6 de agosto de 1899).

Dr. Campos Sales

Rosa e Silva

Esta visita foi retribuida, em 17 de outubro do ano seguinte, pelo dr. Campos Sales, que tambem teve, em Buenos Aires, as maiores demonstrações de afeto.

Durante a sua ausencia (17 de outubro — 8 de novembro) exerceu o supremo govêrno da Republica o vice-presidente dr. Rosa e Silva.

Em relação ás questões internacionais coube a este govêrno fazer cumprir a decisão do Presidente do Conselho Federal da Suissa que reconheceu definitivamente o direito do Brasil ao territorio do Amapá (1.º de dezembro de 1900).

Tambem, em 6 de dezembro de 1901, foi sujeita ao juizo arbitral do rei da Italia a questão de limites com a Inglaterra, sendo a defesa dos direitos do Brasil confiada ao dr. **Joaquim Nabuco.**

Dr. Joaquim Murtinho

No interior houve apenas ligeiras alterações da ordem, na Capital Federal (1900) e no Estado do Mato Grosso.

Livre dêsses embaraços, pôde o govêrno, fortemente auxiliado pelo ministro da Fazenda, **dr. Joaquim Murtinho,** cumprir com êxito o seu programa financeiro, encaminhando o país á prosperidade.

Resumo cronologico da 5.ª lição

1898

Em 15 de novembro — posse do dr. Campos Sales.

1899

Em 6 de agosto — chega ao Rio de Janeiro, em visita ao Brasil, o presidente argentino, general Julio Roca.

1900

Em 17 de outubro — parte para Buenos Aires, a retribuir a visita, o presidente Campos Sales.

1900

1.º de dezembro — laudo do presidente da Suissa, decidindo a favor do Brasil a questão do Amapá.

1901

Em 6 de dezembro — é submetido ao arbitramento do rei da Italia a questão de limites com a Guiana Inglesa.

Leitura — A questão do Amapá

Os franceses conseguiram fixar-se na vizinhança do dominio português e, na ilha de Caiena, fundaram uma colonia (1664), que, pertencente á companhia francesa de comércio das Indias ocidentais, logo dez anos depois passou ao dominio da corôa de França (1694); os aventureiros franceses de Caiena foram expandindo o seu comércio até aquem do Cabo do Norte e tentaram por vezes, não sem êxito, navegar pelo rio Amazonas contra a resistencia das autoridades brasileiras; por outra parte, nas terras interiores, eram frequentes os protestos dos missionarios contra os aventureiros daquela nacionalidade. Gomes Freire de Andrade (1585 a 1587), capitão-general do Pará, enviou neste sentido uma reclamação ao governador de Caiena, atestando o direito português sôbre ambas as margens do rio e a sua exclusiva navegação. As reclamações. de parte a parte, degeneraram em franca hostilidade; os franceses apossaram-se do forte de Macapá, que logo depois perderam. Como Luiz XIV queria a bôa amizade de Portugal na pretenção do trono espanhol para o neto Felipe d'Anjou, em tratado provisorio (1700) e num tratado de aliança (1707) conveio em renunciar á margem setentrional do Amazonas, sob promessa de apôio da candidatura de Felipe (o quinto). Foram esses tratados logo anulados porque Portugal colocou-se ao lado da Inglaterra, Holanda e Austria em favor das pretenções do principe austriaco que disputava infrutiferamente a sucessão da corôa espanhola. Depois da guerra de sucessão, assinou-se a paz de Utrecht (1713); a França, coagida pela Inglaterra, abriu mão de suas sucessivas pretenções, restringindo a sua Guiana ao limite oriental extremo do Oiapoque renunciando ao comércio e navegação do Amazonas.

Esse compromisso foi violado pela Republica Francesa que, após curta guerra com a peninsula e pela paz de Madrid (1801), exigiu um limite mais ao sul, o rio Paranapatuba e, depois pela paz de Amiens (1802), por influxo da Inglaterra, o de outro rio mais ao norte, o Araguari. D. João VI, refugiado no Brasil, conquistou a Guiana Francesa, que foi depois restituida com o Congresso de Viena (1815), mas sem determinação dos limites que só mais tarde, pela Convenção de Paris (1817), foram designados como sendo os do tratado de Utrecht que voltara a ter pleno vigor. A França, todavia, reclamava até ulterior fixação, ao menos o territorio do Sul até o rio Araguari e esse trecho de terras, conhecido pelo nome de Contestado, entre o Oiapoque e o Amapá, foi declarado neutro desde 1841. A questão foi recentemente resolvida a nosso favor e assim adquirimos o **Contestado** por sentença arbitral da Suissa.

(João Ribeiro).

4.° periodo presidencial

6.ª lição **1902-1906**

Início do govêrno — Para presidente e vice-presidente da Republica, foram, respectivamente, eleitos, em 1.° de março de 1902, os drs. Francisco de Paula Rodrigues Alves e Silvino Brandão. Este não chegou a tomar posse do cargo, por ter falecido a 25 de setembro de 1902.

Dr. Rodrigues Alves

Depois da posse do dr. Rodrigues Alves (15 de novembro de 1902), procedeu-se á nova eleição para vice-presidente, sendo escolhido o dr. Afonso Augusto Moreira Pena (janeiro de 1903).

Do ministerio organizado pelo novo presidente fez parte o notavel estadista Barão do Rio Branco, que imprimiu notavel impulso á pasta das relações exteriores.

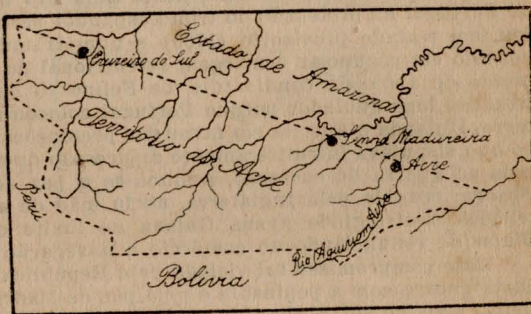
Placido de Castro

Territorio do Acre — A primeira pendencia internacional resolvida foi a do **territorio do Acre.** Desde 1899 que os acreanos tinham proclamado a sua independencia e organizado um govêrno provisorio, cujo chefe era **Luiz Galvez.** Em 22 de dezembro, voltou tudo ao estado anterior, ficando apenas expressos os votos da população brasileira de vir o territorio para o dominio do Brasil.

A 11 de julho de 1901, a Bolivia arrendou o territorio a um sindicato americano. Em vão reclamou o Brasil contra este ato. Vendo que a Bolivia não cedia, revoltou-se a população brasileira, sob o comando de **Placido de Castro** e, de novo, declarou a independencia do territorio.

A Bolivia enviou contra os revolucionarios uma expedição comandada pelo proprio presidente da Republica, **General Pando,** acompanhado do seu ministro da guerra.

O Brasil, para proteger os seus compatriotas, fez, a seu turno, ocupar militarmente o territorio litigioso.

Ao mesmo tempo, foram iniciadas as negociações diplomaticas que deram em resultado a incorporação do territorio ao patrimonio brasileiro, pelo tratado de Petropolis, firmado em 17 de novembro de 1903.

Leitura — A questão do Acre

O chamado territorio do Acre, ou mais propriamente Aquirí, principal causa e objeto do presente acôrdo, é, como toda a imensa região, regada pelos afluentes meridionais do Amazonas, a Léste do Javarí, uma dependencia geografica do Brasil. Só pelas vias fluviais do sistema amazonico se póde ter facil acesso a esses territorios, e assim foram êles, de longa data descobertos e exclusivamente povoados e valorizados por compatriotas nossos. Ao sul da linha geodesica traçada da confluencia do Beni com o Mamoré á nascente do Javarí, contam-se hoje por mais de 60.000 os brasileiros que trabalham nas margens e nas florestas vizinhas do Alto Purús e seus tributarios, entre os quais o Acre, o Hiuaco ou Iaco, Chandiess e o Manoel Urbano, nas do Alto Juruá inclusive os seus afluentes mais meridionais, Moa, Juruá-Mirim, Amonea, Tejo e Breu. No territorio do Alto Acre, ao sul de Caquetá, ha cêrca de 20.000 habitantes de nacionalidade brasileira, ocupados principalmente na industria extrativa da goma elastica. Tal é o cómputo conforme com os de outros conhecedores daquelas paragens, que encontro em relatorio oficial recente de um funcionario boliviano, que alí residiu em comissão do seu Govêrno.

Quando, em 1867, negociámos com a Bolivia o primeiro tratado de limites, não estavam ainda povoadas as bacias do Alto Purús e do Alto Juruá, mas tinhamos incontestavelmente direito a elas em toda a sua extensão. O tratado preliminar de 1777 entre as corôas de Portugal e Espanha ficára roto desde a guerra de 1801, pois não fôra restabelecido por ocasião da paz de Badajoz.

Não havia, portanto, direito convencional e, ocupando nós efetivamente, como ocupavamos desde o princípio do XVIII seculo, a margem direita do Solimões, de mais a mais, dominando nas do curso inferior dêsses seus afluentes, tinhamos um titulo que abrangia as origens de todos êles, uma vez que nenhum outro vizinho nos podia opôr o da ocupação efetiva do curso superior. E' o mesmo titulo que deriva da ocupação de uma costa maritima e se aplica ás bacias do rio que nela desaguam, como sustentavam Monröe e Pirockney, em 1805, e foi depois ensinado por Teviss Phillimore e quasi todos os modernos mestres do direito internacional.

No Madeira não se dava o mesmo. Possuimos todo o seu curso inferior, a margem oriental de uma pequena secção do Mamoré e a oriental do Guaporé até o seu confluente Paragaú, e policiavamos a direita dêste; mas os Bolivianos ocupavam efetivamente o rio de La Paz afluente do Beni, que é o Alto Madeira.

Para a determinação dos limites, no Tratado de 1867, adotou-se a base do **util possidetis,** e, em vez de procurar fronteiras naturais ou artificiais segunda a linha do **divortium aquarium,** que nos deixaria integros todos os afluentes do Solimões, entendeu-se que podia razoavelmente ficar demarcado, pelo paralelo de 10°20' desde esse ponto, a Léste até o Javarí, a Oéste, cuja nascente se supunha estar em latitude mais meridional.

(Barão do Rio Branco).

4.° periodo presidencial

6.ª lição (conclusão)

Ravólta da Escola Militar

Em 11, 12 e 13 de novembro de 1904, houve, no Rio de Janeiro, graves disturbios contra a lei da vacinação obrigatoria.

No dia 14, a Escola Militar revoltou-se e, sob o comando do general **Silvestre Travassos** e o coronel **Lauro Sodré,** avançou a marchas forçadas sôbre o palacio do Catete. Atacados em caminho, feridos os comandantes, os revoltosos recolheram-se ao quartel e renderam-se ás fôrças do general Argolo. Tambem na Escola do Realengo houve nova tentativa de revólta, que foi logo abafada pelo general **Hermes da Fonseca**.

Estes movimentos repercutiram no Estado da Baía, onde revoltou-se o 9.° batalhão de infantaria (18 de novembro), sendo logo chamado á ordem.

Dr. Francisco Pereira Passos

Fatos de 1905

O ano de 1905 não foi fertil em acontecimentos politicos: apenas é digna de nota, a revólta da fortaleza de Santa Cruz (8 de novembro), prontamente sufocada, e o caso da canhoneira alemã **Panter** (6 de dezembro), que, em Itajaí, Estado de Santa Catarina, cometeu alguns desacatos. O caso foi resolvido diplomaticamente, dando a Alemanha amplas satisfações ao Brasil.

Fatos de 1906

O ano de 1906 começou por um fato lutuoso, a catastrofe do **Aquidaban,** na baía de Jacuecanga (21 de janeiro), que vitimou muitos oficiais e marinheiros.

A este acontecimento e ao movimento revolucionario que no Estado de Mato Grosso roubou a vida ao presidente legal **Paes de Barros** (2 de julho), seguiu-se um periodo de festas motivadas pela reunião do Congresso Pan-Americano, no Rio, o qual funcionou desde 23 de julho a 27 de agosto de 1906.

Melhoramentos materiais

O govêrno do dr. Rodrigues Alves realizou importantes reformas na cidade do Rio de Janeiro, que muito concorreram para o seu embelezamento e saneamento. Sob a direção do ministro dr. **Lauro Müller** e prefeito **Pereira Passos** a cidade remodelou-se completamente, juntando a seus encantos naturais o encanto de extensas avenidas e jardins.

Resumo cronologico da 6.ª lição

1902

Em 15 de novembro, posse do dr. Rodrigues Alves.

1903

Em 17 de novembro, tratado de Petropolis, encorporando ao Brasil o territorio do Acre.

1904

Em 6 de maio, foi fixada a linha divisoria com o Equador. — Em 11 de novembro, disturbios no Rio a propósito da vacina obrigatoria. — Em 14 de novembro, revólta da Escola de Guerra.

1905

Em 8 de novembro, revólta da fortaleza de Santa Cruz. — Em 6 de dezembro, incidente da canhoneira alemã "Panter" em Itajaí.

1906

Em 21 de janeiro, catastrofe do Aquidaban em Jacuecanga. — Em 5 de maio, tratado de limites com a Guiana Holandesa. — Em 2 de julho, movimento revolucionario em Mato Grosso. — Em 23 de julho, reunião do Congresso Pan-Americano no Rio de Janeiro.

Leitura — Um grande guerreiro e um grande diplomata

Passaram de moda, ha muito tempo, os paralelos historicos. Realmente, êles nada provam, mormente quando se tomam um pouco ao acaso os dois vlutos, cujo confronto se empreende. Mas ha figuras tipicas, figuras que sintetizam grandes categorias. Napoleão é evidentemente uma delas. Quem menos saiba de história sabe que êle conquistou grande parte da Europa. Fala-se com assombro na epopéa Napoleonica.

Que resultou dela para a França? Nada!

Em face deste quadro — o quadro do guerreiro por excelencia — valeria a pena pôr o de um diplomata, que só pelo trabalho de gabinete, calmo e sereno, só pelo estudo, houvesse feito para o seu país algumas conquistas dignas de nota.

Esse diplomata, o Brasil o póde apresentar.

Que foi que Napoleão deixou á França, de todas as suas conquistas? — Nada!

Que foi que o barão do Rio Branco deu ao Brasil com as negociações sucessivas de Missões, do Amapá, do Acre e da Colombia? — Uma extensão de territorio maior que a França.

A Alsacia Lorena está neste quadro, porque ela serve para pôr em destaque a natureza das aquisições feitas pelo Brasil. E', sobretudo, por causa daquele minusculo pedacinho de territorio que a Europa inteira está em armas, ha mais de trinta anos. A conquista ou a perda de colonias remotas não tem a importancia da dos territorios contiguos ao territorio propriamente nacional — territorio, onde está a séde, o coração da nacionalidade. A colonia é uma "cousa", um "objeto", suscetivel de ser dado, trocado, arrendado ou vendido. O territorio do proprio país é, por assim dizer, carne e sangue de cada nação. Aí qualquer mutilação é dolorosa, qualquer aumento glorioso.

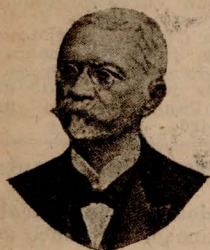
Qualquer insistencia neste confronto arriscar-se-ia ainda uma vez, se póde repetir — a parecer uma lisonja. Mas o curioso, si a nossa estatistica permitisse, seria pôr, lado a lado, a obra dos dois Rio-Branco — o autor da lei de 28 de setembro e o filho, valeria a pena saber qual foi a natalidade dos filhos de escravos de 1871 a 1889 — largo periodo de 18 anos, e pensando que êles durante esse periodo, só por causa daquela lei nasceram livres, mostrar que si um dos dois estadistas deu ao Brasil uma extensão territorial igual á de grandes nações da Europa, o outro já tinha dado cidadãos livres em número superior ao que começou o povoamento de muitos paises do mundo.

(Medeiros e Albuquerque).

5.° periodo presidencial

7.ª lição **1906-1910**

Ação governativa em geral — Para exercer o quinto periodo presidencial foram eleitos o dr. **Afonso Augusto Moreira Pena,** presidente, e dr. **Nilo Peçanha,** vice-presidente, que tomaram posse em 15 de novembro de 1906.

Apenas eleito, o dr. Afonso Pena percorreu o país de norte a sul, procurando estudar e conhecer as mais urgentes necessidades suas.

Dr. Afonso Pena

Dr. Nilo Peçanha

Assumindo o govêrno, tratou o novo presidente de cumprir o seu programa de povoamento do sólo e desenvolvimento da viação, ao passo que tratava dos meios de defesa, reorganizando o exército, promovendo o serviço militar obrigatorio (janeiro de 1908) e dotando a marinha de navios poderosos e modernos.

Congresso da paz — Em agosto de 1907, reuniu-se em Haia, capital da Holanda, a **Conferencia Internacional da Paz.** Convidado a se fazer representar nela, o Brasil nomeou a sua delegação, tendo por presidente o dr. Rui Barbosa, que se celebrizou e adquiriu renome mundial, defendendo o princípio da igualdade de soberania das nações.

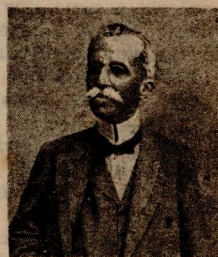
Dr. Rui Barbosa

Exposição nacional — Um outro fato notavel foi a exposição nacional que se efetuou no Rio de Janeiro, de 15 de agosto a 15 de novembro de 1908, pondo em evidencia aos olhos do estranjeiro as variadissimas riquezas naturais e o progresso do país.

Morte do presidente — Quando ia quasi em fim o govêrno do dr. Afonso Pena, veiu a morte colhê-lo quasi inesperadamente (14 de junho de 1909).

Assumiu logo a presidencia o vice-presidente dr. Nilo Peçanha que governou até 15 de novembro de 1910.

Entrando para o govêrno num periodo de intensa agitação politica provocada pela proxima eleição presidencial, prestou, comtudo, o govêrno do vice-presidente alguns valiosos serviços á nação.

Govêrno do dr. Nilo Peçanha — Entre outros, instalou o ministerio da Agricultura, Industria e Comercio, fundou o ensino profissional e dedicou o maximo empenho em promover o ensino agricola; estabeleceu as fronteiras com o Uruguai e proibiu o desembarque no Brasil dos frades expulsos de Portugal.

Resumo cronologico da 7.ª lição

1906

Em 15 de novembro, posse do dr. Afonso Pena.

1907

Viagem presidencial. — Conferencia Internacional da Paz, em Haia.

1908

Serviço militar obrigatorio. — Reforma das unidades da marinha de guerra. — Exposição nacional no Rio de Janeiro.

1909

Morte do presidente Afonso Pena. — Govêrno do dr. Nilo Peçanha; creação do ministerio da agricultura; ensino profissional e proibição do desembarque dos frades expulsos de Portugal.

Segunda Conferencia da Paz

A nota dominante, justamente, n'essa segunda *Conferencia Internacional da Paz,* era o comparecimento da America do Sul, que não figurara na primeira.

Surgem as primeiras manifestações oratorias de Rui Barbosa, no mais puro francês a propósito de varios e melindrosos assuntos. Deslumbra a Assembléa de notaveis, pelo talento, pela ilustração enciclopedica, pela profundeza de conhecimentos, pela energia da palavra e do caráter, impondo-se á consideração, á simpatia e á admiração do mundo!

A imprensa universal e homens notaveis de toda a parte proclamam a superioridade do Embaixador Brasileiro.

Chegára, porém, o momento propício para a vitória definitiva e irrevogavel do Brasil e seu genial Embaixador; a organização de um *Tribunal Internacional de Arbitragem,* permanente, para a solução pacifica de pendencias entre as nações.

As Delegações da Alemanha, da Inglaterra e dos Estados-Unidos da America do Norte, coligadas e apoiadas pelas grandes potencias, apresentaram um projéto, em que se desconhecia, por completo, a igualdade da soberania das Nações na composição do Tribunal, recebendo o Brasil, a *Argentina,* o *Mexico* e o *Chile* a classificação de terceira ordem e a America Central e o resto da do Sul, a de quinta ordem!

O Embaixador Brasileiro explode, em maravilhosos discursos de indignação, fulminando a injustiça e o desconhecimento do verdadeiro princípio da Soberania das Nações, em face da História e do Direito. Transforma-se, mesmo, de simples Delegado Brasileiro em verdadeiro campeão da America do Sul, que lhe prestigia a ação, aliada a algumas pequenas nações da propria Europa.

Para as grandes potencias, — nacionalidade perfeita e completa só deveria ser aquela que dispusesse de formidavel *Exército* e poderosa *Armada!*

A grande Republica Norte-Americana, entretanto, sentira-se em posição dificil: de um lado, a conveniencia do acôrdo de vistas com as grandes potencias, no estado atual da politica do mundo; de outro lado, a amizade fortalecida do Brasil e a solidariedade continental americana.

O respectivo Delegado, em Haia, recebeu, enfim, instruções para transigir com o Brasil, pela entrada dêste.

Primeira vitória Brasileira!

Em derradeira tentativa, o Govêrno Americano dirige-se, dirétamente ao Govêrno Brasileiro, por intermedio de seu Embaixador no Rio de Janeiro.

Rio Branco, apoiado, firmemente, pelo Presidente da Republica, não cede uma linha.

Foi então resolvida a nomeação de uma comissão especial, para uma nova proposta conciliatoria.

Já era um grande passo: uma vitória mesmo! São eleitos membros d'essa comissão os Embaixadores do *Brasil,* da *America do Norte,* da *Alemanha,* da *Austria-Hungria,* da *Italia,* da *Russia* e da *França.*

O Embaixador alemão, um dos signatarios do projéto das grandes potencias, declara aceitar a proposta brasileira para base da discussão. E um dos Delegados da França, Barão d'Estournelles Constant, comenta, admirado, em conversa com um dos Secretarios da Delegação Brasileira: *Fiquei admirado, ouvindo hoje o Barão Marshall declarar que aceita a proposta do Brasil como base para a discussão. E' uma revolução. Rui Barbosa conseguiu pôr em evidencia seu país e tornar aceitavel o principio da igualdade dos Estados, que, no começo, fôra recebido pelos representantes de quasi todas as grandes potencias como um princípio revolucionario.*

E a comissão especial, denominada então pela imprensa *"os sete sabios da Conferencia"*, resolve: 1.° a eliminação definitiva do projéto da Alemanha, da Inglaterra e dos Estados-Unidos; 2.° considerar inviolavel o princípio de igualdade dos Estados.

Ficam, pois, vitoriosas as idéas capitais do projéto brasileiro!

6.º periodo presidencial

8.ª lição **1910-1914**

Após prolongada campanha eleitoral, realizou-se o renhido pleito que levou á presidencia da Republica o marechal **Hermes Rodrigues da Fonseca** e á vice-presidencia o dr. **Wenceslau Braz Pereira Gomes,** que tomaram posse a 15 de novembro de 1910.

Marechal Hermes

Revólta dos marinheiros — Poucos dias depois da posse, os marinheiros dos **dreadnoughts Minas Gerais, S. Paulo, Deodoro** e do **scouth Baía,** ancorados na baía do Rio de Janeiro, revoltaram-se sob o comando do marinheiro **João Candido.**

Diante da ameaça de arrasamento da cidade, o Congresso Nacional anistiou os revoltosos, pondo fim a este triste episodio (23 e 24 de novembro de 1910).

Apesar disto, houve ainda a revólta do **batalhão naval** aquartelado na **ilha das Cobras** e a do **scoth Rio Grande do Sul,** além dos motins das guarnições do **Minas Gerais, S. Paulo, Deodoro, scouth Baía** e **flotilha** do **Mato Grosso** (9 de dezembro).

Lutas politicas — A grande agitação politica que se manifestara de norte a sul, produziu alterações da ordem nos Estados de Pernambuco, Alagôas e Baía, dando-se o bombardeio da Capital dêste último Estado.

No sertão paranáense, um grupo de fanaticos conduzidos por um suposto monge, começou a praticar atentados contra a propriedade e a vida dos moradores do **Contestado,** zona litigiosa nos confins dos Estados do Paraná e Santa Catarina (1912).

No Ceará, a luta ia acesa entre dois partidos: um apoiando o governador **coronel Franco Rabelo;** outro, chefiado pelo **padre Cicero,** que sustentava a assembléa instalada em Joazeiro. O govêrno federal nomeou interventor o **general Setembrino de Carvalho,** que pôs termo á luta (1914).

Tambem na capital da Republica estavam os animos exaltados: na noite de 4 de março de 1914, reuniram-se no Club Militar alguns militares, constando que preparavam um golpe de estado, de acôrdo com civis. O govêrno tomou logo medidas extraordinarias, declarando o estado de sitio para aquela Capital e Estado do Rio de Janeiro, o qual perdurou até o fim do periodo presidencial.

Barão do Rio Branco — Neste acidentado periodo perdeu o Brasil o grande diplomata **Barão do Rio Branco,** ao qual foram prestadas honras funebres de chefe de Estado (1912).

Lei Rivadavia — Entretanto, apesar das lutas estereis que perturbaram a ação do govêrno, pôde este realizar algumas reformas e entre elas a da instrução secundaria e superior, a chamada **lei Rivadavia,** estabelecendo a ampla liberdade de ensino (1911).

Mediação do A B C — Tambem na ordem diplomática, o Brasil, a Argentina e o Chile, em ação conjunta, ofereceram os seus bons serviços para derimir a contenda existente entre os Estados Unidos e o Mexico. Esta ação diplomatica, que ficou sendo chamada **mediação do A B C,** deu os melhores resultados, restabelecendo a harmonia entre os dois paises (1914).

Crise financeira — Não só em virtude das dissenções internas, mas, principalmente, por causa do abalo produzido pela conflagração européa (guerra da Austria, Alemanha e Turquia contra a Servia, a França, a Inglaterra, a Russia e o Japão) agravou-se a crise financeira que vinha assolando o Brasil, o que determinou o govêrno a declarar a **moratoria** (1914).

Resumo cronologico da 8.ª lição

1910

Em 15 de novembro, posse do marechal Hermes da Fonseca. — Revólta dos marinheiros. — Novas revóltas nas fôrças de mar.

1911

Lei Rivadavia reformando a instrução secundaria e superior. — Lutas politicas em Pernambuco, Alagôas e Baía. — Bombardeio de S. Salvador.

1912

Morte do Barão do Rio Branco. — Lutas no Contestado.

1913

Visita do presidente dr. Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos, aos sertões brasileiros. — O ministro Lauro Müller retribue a visita feita pelo ministro americano Elie Rooth.

1914

Disturbios na Capital da Republica. — Revolução no Ceará. — Mediação do ABC. — Crise financeira e moratoria.

Leitura — Barão do Rio Branco

Rio Branco é um grande trabalhador e um trabalhador recolhido. A sua obra, que se não encontra facilmente nas livrarias, é, entretanto, consideravel e solida. Grande parte dela, porém, corre com alheios nomes. Uma das dominantes de Rio Branco é ser patriota. Eu que o não sou no mesmo grau e do mesmo modo que êle, tenho a honra de apresentá-lo aos que não o conhecem como tal: patriota extremo, amante incondicional da sua patria e das cousas dela, ingenuo admirador das suas glórias, mesmo as mais discutiveis no passado e acaso, com algumas restrições, no presente. Um dos sinais desta espécie de patriotismo é o amor ás glórias militares do país.

Rio Branco

Esse, Rio Branco o tem como ninguem. Êle é seguramente hoje um dos mais profundos sabedores da nossa história militar, porém, desde o periodo colonial, ninguem talvez a conhece como êle. Êle sabe sem errar o nome dos navios, ou dos regimentos e o número exato dos soldados, marinheiros, comandantes, oficiais, peças — e a espécie de cada uma — e mil outras particularidades, do lado português, do lado brasileiro e inimigo de qualquer das batalhas das guerras holandesas; — e o mesmo de todos os recontros de todas as nossas guerras, desde a holandesa até á do Paraguai.

Conhecem todos a sua vitória na questão das Missões. Mas são poucos os que conhecem o livro que dessa missão ficou. Esse arrazoado é um monumento de história geografica e diplomatica, e assombroso é o que esse livro representa de saber, de inteligencia, de trabalho, e direi de tacto. E, por menor que seja a nossa capacidade indigena de leitura, o lereis não só sem enfado, mas com prazer.

A sua eleição para a Academia Brasileira, não aumentará seguramente a bôa vontade que lhe sobra de fazer vencer a sua patria ainda desta vez; mas — não riam os praguentos, que sei o que digo e posso afirmá-lo — será uma grande alegria benéfica nas angustias dos seus trabalhos de missão. Ela lhe será, a esse grande trabalhador simples e

recolhido, a esse grande sabedor desconfiado de si mesmo e talvez um pouco desconfiado da opinião do seu país, como uma grata manifestação de simpatia e admiração de um grupo de homens, pela maior parte novos, no qual, salvo alguma rara exceção, como a do autor destas linhas, se acham os principais representantes da intelectualidade brasileira, homens de diversas opiniões politicas e morais, reunidos num sentimento unanime de apreço ás suas capacidades, aos seus serviços, em suma á sua obra, consideravel e quasi obscura, grandiosa e modesta. E no intimo da sua conciencia, murmuram, talvez, como uma aragem benigna e afetuosa levantada por essa manifestação, os versos do nosso Camões:

Quão doce é o louvor e a justa glória
Dos proprios feitos, quando são soados!

(José Virissimo).

7.° periodo presidencial

9.ª lição **1914-1918**

O govêrno da Republica, neste periodo presidencial, foi exercido pelo presidente **dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes** e vice-presidente **dr. Urbano Santos da Costa Araujo**, empossados em 15 de novembro de 1914.

Dr. Wenceslau Braz

Situação do país — O novo govêrno teve de enfrentar resolutamente a situação do país, não só em relação á crise provocada pela Conflagração Européa, como pelas lutas politicas do quadrienio anterior. No Estado do Rio de Janeiro dous partidos se degladiavam e havia dois presidentes eleitos. A esta luta pôs termo o Supremo Tribunal Federal, reconhecendo e mandando empossar o candidato **dr. Nilo Peçanha.**

Este, entretanto, pouco se demorou naquele cargo, pois foi logo nomeado ministro do exterior.

Declaração de guerra — Ia o Brasil mantendo decididamente a mais completa neutralidade na grande guerra que se desenvolvia no antigo continente, quando navios de guerra alemães torpedearam, nos mares europeus, os navios mercantes **Paraná, Lapa, Tijuca, Macáu** e **Acarí,** obrigando-o á quebra de relações diplomaticas e consequente declaração de guerra á Alemanha. Como consequencia do estado de guerra foram confiscados os navios mercantes alemães ancorados em nossos portos e auxílios diversos foram prestados a nossos aliados.

Situação interna — No interior, entretanto, ainda havia agitação dos partidos politicos e uma de suas lamentaveis consequencias, foi o assassinato do senador Gomes Pinheiro Machado, na capital da Republica, em 8 de setembro de 1915.

Entretanto o govêrno conseguiu levar a efeito a reforma eleitoral, promulgar o Codigo Civil, pôr termo á questão do Contestado entre Paraná e Santa Catarina, incorporando a este Estado aquele territorio.

Resumo cronologico da 9.ª lição

1914

Em 15 de novembro, posse do presidente Wenceslau Braz e vice-presidente Urbano Santos.

1915

Assassinato do senador Pinheiro Machado.

1917

Declaração de guerra á Alemanha.

1918

Assinatura do armisticio com a Alemanha.

Leitura — Mensagem da guerra

"Impelido a reconhecer o estado de guerra, que não desejou e que foi obrigado a aceitar depois de uma neutralidade modelar, em vista dos crescentes e graves atentados á nossa bandeira, praticados pelo Govêrno Alemão, nela entrou o Brasil, para defender sagrados direitos, formando ao lado dos que, ha mais de três anos, se vêm batendo pelas conquistas da civilização e pelos direitos da humanidade, tendo já iniciado atos de franca beligerancia, de acôrdo com a deliberação do Poder Legislativo. E' a paz a aspiração permanente do país. Foi ela, em todos os tempos, o ideal da nação, educada nas normas do trabalho pacífico, do progresso, da ordem, do respeito aos direitos alheios. Desde os primeiros dias da independencia, nossa ação internacional jamais se exerceu em detrimento de quem quer que fôsse. Nossa extensa linha de fronteiras, nós a fixamos pelo acôrdo e pelo arbitramento. Nenhum outro país oferece, como o nosso, a prática dêsse recurso admiravel da arbitragem como solução dos litigios internacionais. Nunca tivemos guerra de conquista. E a indole do nosso povo está a indicar, em largos anos de vida laboriosa, que não nos movem outros intuitos que não os da paz e do trabalho. Entrando na guerra, a que outros povos já deram o melhor do seu sangue e dos seus recursos, conhece o Brasil a soma de sacrificios que está chamado a fazer. E os encara sem vacilações. Não precisa o Govêrno traçar a regra de proceder de seus cidadãos. Do litoral aos sertões, cada brasileiro cumprirá seu dever, como êle sempre entendeu e entende que deve cumprir. Na luta sangrenta, cujas supresas dia a dia anulam os mais avisados cálculos, a lição está, porêm, a mostrar exemplos e situações que convem não desprezar. E' necessario que se dissipem todas as divergencias internas e que a Nação apareça unida e indivisivel em face do agressor; para isso, o govêrno aconselha e espera de toda a Republica, o maior acatamento ás suas decisões. A imprensa, que nunca faltou com o seu patriotismo, nos momentos graves, se dispensará de discussões inoportunas. Nossas tradições liberais ensinaram sempre o respeito ás pessoas e bens do inimigo, tanto quanto forem compativeis com a segurança pública, e assim devemos proceder. E' oportuno que aconselhemos a maior parcimonia nos gastos de qualquer natureza, publicos e particulares. Intensifique-se tanto quanto possivel a produção dos campos, afim de que a fome que já bate ás portas da Europa, não nos aflija tambem; e antes possamos ser o celeiro dos nossos aliados. Estejam todas as atenções alertas aos manejos da espionagem que é multiforme, e emudeçam todas as bocas, quando se tratar do interêsse nacional."

8.º periodo presidencial

10.ª lição **1918-1922**

Para o oitavo quadrienio governamental foram eleitos: presidente da Republica o dr. **Francisco de Paula Rodrigues Alves** e vice-presidente o dr. **Delfim Moreira da Costa Ribeiro.**

Achando-se enfermo o presidente eleito e não podendo prestar o compromisso legal, assumiu interinamente o govêrno da Republica o vice-presidente dr. Delfim Moreira.

Entretanto, agravaram-se os sofrimentos do presidente eleito e este veiu a falecer, sem tomar conta do cargo.

Procedeu-se á nova eleição, sendo eleito presidente da Republica o dr. Epitacio Pessoa, que se achava na Europa, como delegado brasileiro á Conferencia da Paz.

Antes de voltar para o Brasil, o presidente eleito visitou varios paises da Europa e os Estados Unidos, vindo assumir o govêrno em julho de 1919.

Visita dos Reis da Belgica Poucos meses depois, em setembro, veiu em visita a nosso país, acompanhado de sua familia, o rei Alberto I, que se fizera notavel na guerra européa.

Familia imperial O encouraçado nacional "S. Paulo" conduziu o rei em seu regresso e, na volta, trouxe os restos mortais do imperador d. Pedro II e de sua esposa, repatriados por efeito do decreto que revogou o banimento da familia imperial.

No ano seguinte, faleceu em Paris a princesa Isabel, a Redentora, cujos restos foram tambem trasladados para o Brasil.

Revóltas militares Por efeito da propaganda para sucessão presidencial, ia acesa renhida campanha, principalmente entre as classes militares.

No Maranhão as fôrças estaduais depuseram o governador, que foi, entretanto, reposto e sustentado pelas fôrças federais.

Na capital da Republica, revoltou-se o forte de Copacabana, com adesão do forte da Vigia e dos alunos da Escola Militar, sendo logo sufocado o movimento.

O marechal Hermes da Fonseca, apontado como chefe do movimento, foi prêso e remetido para um vaso de guerra. O Club Militar foi fechado.

Tambem no Mato Grosso sublevaram-se as fôrças do exército, sob o comando do general Clodoaldo da Fonseca.

Em vista dêste estado de cousas o govêrno decretou o estado de sitio.

Centenario da independencia As medidas tomadas restabeleceram a paz em todo territorio do país.

Póde então o govêrno, com o concurso do povo, festejar solenemente o centenario de nossa emancipação politica, promovendo uma suntuosa exposição universal na cidade do Rio de Janeiro, recebendo por essa ocasião a visita do presidente de Portugal, dr. José Antonio de Almeida.

Resumo cronologico da 10.ª lição

1918

Em 15 de novembro, achando-se enfermo o dr. Rodrigues Alves, assume a presidencia interina da Republica o dr. Delfim Moreira.

1919

Em 16 de janeiro, falecimento do dr. Rodrigues Alves. — Nova eleição presidencial. Em 16 de julho, posse do novo presidente eleito, dr. Epitacio Pessôa.

1920

Revogação do banimento da familia imperial. — Visita dos reis da Belgica. — Repatriamento dos restos fortais do imperador e da imperatriz.

1921

Falecimento da princesa Izabel, a Redentora.

1922

Revóltas militares em Maranhão, Rio de Janeiro e Mato Grosso. — Exposição universal e festas comemorativas do centenario da Independencia.

Leitura — Rui Barbosa

Rui Barbosa nasceu na Baía, a 5 de novembro de 1849. Filho do dr. João José Barbosa de Oliveira e de d. Maria Adelia Barbosa de Oliveira recebeu, no proprio lar, de seu pai e primeiro mestre, os ensinamentos iniciais nas letras.

Rui Barbosa

Afirma um de seus biografos que aos cinco anos, embora pareça impossivel, "conseguiu, com aplicação do metodo Castilho, fazer analise gramatical e conjugar todos os verbos regulares, assombrando o velho professor que, em trinta anos de magisterio, não deparara com talento igual e tão precoce."

Esse assombro não foi menor, mais tarde, entre os professores do Colegio Abilio, na Baía; e o seu grande mestre Carneiro Ribeiro assim traçou o perfil de seu discipulo: "Si algum raro condiscipulo corria parelho com êle, nenhum o excedia no amor ao trabalho, na devoção á bôa e sã leitura, na aplicação do espirito, na facilidade de reter, assimilar e conceber: sempre discreto, exato, sensato e exemplarissimo no procedimento; na moralidade e pureza de costumes sempre modelar."

Anunciava-se, assim, a luminosa trajetoria que uma existencia de setenta e quatro anos não desmentiria e cuja biografia, no dizer de Alcindo Guanabara, "póde ser simbolizada por uma réta traçada entre a liberdade e o direito."

Completado o curso de humanidades, com inexcedivel brilho, foi-lhe necessario aguardar a idade legal para matricular-se na Faculdade de Direito de Recife, o que só pôde fazer, daí se transferindo, após o segundo ano de curso, para São Paulo.

E' notavel o seu primeiro discurso, proferido quando ainda academico, num banquete oferecido a José Bonifacio, o Moço; e dessa mesma época data a sua primeira conferencia sôbre a abolição da escravatura, na Loja America.

Diplomado em ciências juridicas e sociais, em 1870, voltou á terra natal, donde logo partiu para uma viagem á Europa. Voltando á Baía, encetou a sua carreira na advocacia á qual logo se associou á politica.

Em 1876 publicou o seu primeiro livro "O papa e o concilio" e o jornalista se revelou, então, escritor vigoroso. A divulgação que a obra teve e os debates que em tôrno dela se travaram completaram a consagração do autor, ao qual já se abriam amplamente as portas do futuro politico.

A sua ação jornalistica e parlamentar continuou, cada vez mais formidavel, combatendo a escravidão. Foi, — dos que mais se distinguiram na primeira fila dos que lutaram pela abolição e quando a escravidão foi declarada extinta, Rui Barbosa sempre á vanguarda dos defensores dos mais liberais principios, aprestou-se para novos combates.

Pelas colunas do "Diario de Notícias", a sua pena sem par foi a mais formidavel clava manejada contra as instituições monarquicas.

Proclamada a Republica, coube-lhe no govêrno provisorio uma tarefa formidavel na organização do novo regimen. A sua ação foi, nesse periodo, verdadeiramente ciclopica, cabendo-lhe a autoria do projeto da Constituição Federal.

A sua formidavel campanha contra o govêrno do marechal Floriano, em 1893, forçaram-no a expatriar-se, partindo para a Argentina, Portugal e depois para a Inglaterra, onde abriu banca de advocacia e onde a tradução de sua obra sôbre o "Habeas-corpus", feita por ordem do govêrno britanico, lhe deu justa nomeada de jurista notavel.

De Londres enviou êle para o "Jornal do Comércio", do Rio, as suas famosas "Cartas de Inglaterra". Na primeira delas, Rui Barbosa se levantava, antes que ninguem o houvesse feito, em defesa de Dreyfus, suscitando as primeiras dúvidas sôbre a justiça da condenação do prisioneiro da ilha do Diabo, numa época em que ninguem se atreveria, em França, a admitir a inocencia do infortunado capitão.

A sua obra de jurista ia, ao mesmo tempo, crescendo em volume e valor. Em 1902, eleito membro da comissão de estudo da reforma do Codigo Civil, do qual foi relator, dedicou-se empenhadamente a dar o seu "Parecer sôbre o projeto do Codigo Civil", que constitue um volume de mais de 500 páginas, assim como a sua famosa "Réplica ás defesas da redação do projeto do Codigo Civil", são verdadeiros monumentos de saber, entre os mais notaveis da nossa lingua.

Daí por diante, a ascensão do genial baíano é cada vez mais rapida. Em 1907 representou o Brasil na conferencia de Haia e todos sabem a que altura conseguiu êle elevar o nome de sua patria.

"Si vós, senhor embaixador Rui Barbosa — dizia o ministro americano em Haia, David Jayne Hill — si vós sois a alma do Brasil, vossas idéas, tão claras, tão justas, tão nobres e tão modernas, exercem uma influência em vosso país, eu prevejo para êle a prosperidade futura sem limite e o respeito do mundo inteiro para as suas leis e suas instituições."

O que foi a ação de Rui Barbosa em Haia bastam para definí-la e precisá-la estas palavras de William Stead, o cronista da conferencia: "As duas maiores fôrças pessoais da conferencia foram o barão de Marshall, da Alemanha, e o dr. Barbosa, do Brasil. Atrás do barão de Marshall, porém, se erguia todo o poder militar do imperador germanico, alí bem á mão e presente, de contínuo, aos olhos de todos os delegados. Trás o dr. Barbosa estava apenas uma longinqua republica desconhecida, com um exército incapaz de qualquer movimento militar e uma esquadra ainda por existir... Todavia, ao acabar da conferencia o dr. Barbosa pesava mais do que o barão de Marshall. Maior triunfo pessoal, na recente conferencia, nenhum dos seus membros o obteve, e tanto mais notavel foi quanto o alcançou êle por si só, sem nenhum auxílio estranho. Aliados não tinha o dr. Barbosa: tinha muitos rivais, muitos inimigos, e contudo, vingou áquele cimo. Foi um imenso triunfo pessoal que redundou em crédito para o Brasil."

9.° periodo presidencial

11.ª lição — **1922-1926**

Depois de prolongada e renhida campanha eleitoral realizou-se a eleição que levou á presidencia do país o Dr. **Artur da Silva Bernardes** e á vice-presidencia o Dr. **Estacio de Albuquerque Coimbra.**

Lutas politicas

As paixões politicas continuaram em efervescencia, produzindo os mais funestos resultados.

No Estado do Rio de Janeiro a luta dos partidos provocou a intervenção federal até a posse do novo presidente eleito.

No Rio Grande desenvolveu-se sangrenta luta por efeito da sucessão presidencial, vindo a cessar quasi um ano depois, por mediação do govêrno federal, representado pelo ministro da guerra, general Fernando Setembrino de Carvalho.

Rui Barbosa

Foi no meio desta agitação geral que perdeu o Brasil um de seus grandes filhos, o senador Rui Barbosa, considerado como uma das maiores mentalidades que tem existido no globo terrestre.

Revólta militar

Quando parecia ter-se firmado definitivamente a paz, cessando por completo as lutas politicas que agitavam o país, inesperadamente estalou nova rebelião das fôrças federais e estaduais aquarteladas na capital do Estado de S. Paulo e todas sob o comando em chefe do general Isidoro Dias Lopes (5 de julho de 1924).

Não podendo resistir ás fôrças governistas mandadas a seu encontro, o general Isidoro abandonou a capital e tomou o rumo do sul.

Este levante repercutiu em diversos Estados e principalmente no Rio Grande do Sul, onde diversas unidades revoltadas uniram-se aos antigos revolucionarios civis.

As fôrças revolucionarias, ao mando do capitão Luiz Carlos Prestes, passaram depois para o Estado de Santa Catarina e daí empreenderam uma memoravel marcha através dos sertões brasileiros, invadindo sucessivamente os Estados de Paraná, Mato Grosso, Goiaz, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Baía e Minas Gerais, voltando por Pernambuco, Piauí, Goiaz e Mato Grosso até internarem-se em territorio boliviano.

Fim do quadrienio

Em lutas politicas e revóltas militares estava quasi escoado o quadrienio governativo do Dr. Artur da Silva Bernardes, quando realizou-se a eleição para o quadrienio de 1926 a 1930, sendo eleitos o Dr. Washington Luis Pereira de Souza, presidente e o Dr. Fernando de Melo Viana, vice-presidente.

10.° periodo presidencial

12.ª lição

1926-1930

O presidente **Washington Luiz Pereira de Souza** tomou posse do poder no dia 15 de novembro de 1926.

Dr. Julio Prestes

Dr. Vital Soares

Recebido com a maior confiança, decorreram suaves os primeiros anos do novo govêrno que contava com a decidida simpatia do povo brasileiro.

Refeito o ministerio pela saida do ministro da fazenda, Dr. **Getulio Dorneles de Vargas**, eleito presidente do Estado do Rio Grande do Sul, continuou sempre o trabalho construtor, mormente na definitiva demarcação de nossas fronteiras, sob a ação do ministro **Otavio Mangabeira**.

Estabilização — As primeiras nuvens precursoras da tormenta começaram a aparecer com a apresentação do plano financeiro do govêrno, que procurara mudar o padrão de nossa moeda substituindo o mil réis pelo cruzeiro, ao baixo cambio de 5 dinheiros.

Crise economica — A crise financeira e comercial acentuava-se cada vez mais. Veiu agravá-la ainda a desvalorização de nosso principal produto de exportação, o café. As dificuldades da vida aumentavam cada dia.

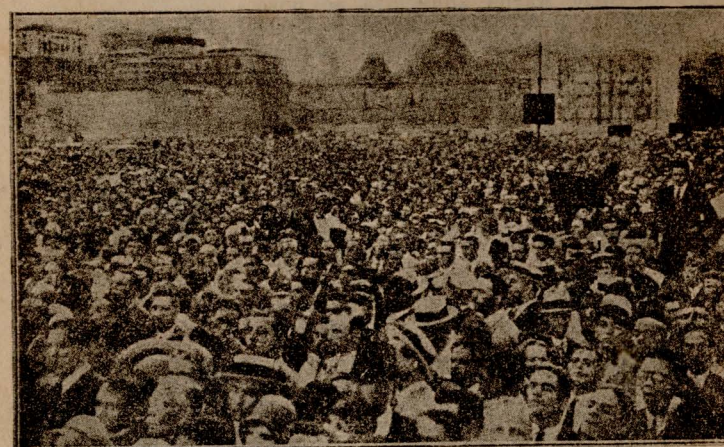
Sucessão presidencial — Depois surgiram as lutas politicas da sucessão presidencial. O presidente da Republica, continuando o hábito inveterado que substituia á vontade popular o arbitrio onipotente do chefe do Estado, na escolha de seu sucessor, teimosamente persistia em prestigiar as candidaturas dos drs. **Julio Prestes** e **Vital Soares**, á presidencia e vice-presidencia da Republica.

A Aliança Liberal — Ao dr. **Antonio Carlos Ribeiro de Andrade**, presidente do Estado de Minas Gerais, coube a iniciativa de apresentar, em oposição áquelas candidaturas, as do dr. Getulio Dorneles de Vargas, presidente do Rio Grande do Sul, e dr. **João Pessôa**, presidente da Paraíba.

Sob o titulo **Aliança Liberal**, unem-se os Estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul para o triunfo completo daquelas candidaturas.

Dr. Antonio **Carlos**

Neste último, os partidos politicos esquecem as lutas dos ultimos tempos e passam a constituir uma **frente unica** para o prelio civico.

A's medidas compressoras do govêrno da União, responde a Aliança Liberal com a maior propaganda politica que jamais houve no país, não só em memoraveis lutas parlamentares, como em caravanas politicas que percorrem todos os Estados.

Aspeto da Explanada do Castelo na ocasião em que o presidente do Rio Grande do Sul lia a plataforma da Aliança Liberal

Fere-se o pleito e o govêrno obstina-se em redobrar as medidas compressoras, depurando os deputados e senadores eleitos por Minas Gerais e Paraíba, favorecendo a insurreição de Princesa, neste último Estado, e tentando a intervenção em Minas, depois dos sucessos de Montes Claros.

Dr. João Pessoa

Por fim, com o assassinato do presidente João Pessôa, em Recife, a exaltação dos animos atingiu ao auge.

Pouco mais de um mês faltava ao presidente Washington Luiz para conclusão de seu mandato, quando, inesperadamente, como as aguas do oceano quebrando a resistencia de um dique, a onda revolucionaria extravasou pelo país.

A Revolução Nacional

13.ª lição

1930

A Revolução explodiu, no dia 3 de outubro de 1930, simultaneamente nos Estados de Minas Gerais, Paraíba, Rio Grande do Sul, e, como a lava incandescente que desce da cratéra de um vulcão, alastrou-se rapidamente pelo país, destruindo num instante todo o passado politico.

Em Minas Gerais No dia designado para o rompimento, ás 5 horas da tarde, em Belo Horizonte, uma proclamação do presidente **Olegario Maciel** anunciava ao povo mineiro que a hora da reivindicação havia soado. Foi logo prêso o coronel Andrade Melo, comandante da guarnição, ocupadas as repartições federais e as estações das estradas de ferro. Tudo isto foi executado com a maior rapidez e apenas o 12.º R. I. do exército, auxiliado por alguns aviões, opôs tenaz resistencia durante oito dias. Dominada esta e a que fôra oposta pelas fôrças do exército acantonadas em Três Corações e São João d'El-Rei, iniciou-se a marcha para o setor da Mantiqueira, onde a cidade de Juiz de Fóra era o maior baluarte dos defensores do govêrno.

Dr. Olegario Maciel

Ocupação do Quartel do 12.º R. I. em Belo Horizonte

Ao mesmo tempo, a coluna do tenente-coronel Otavio Amaral ocupava o Estado do Espirito Santo e outras colunas repeliam a invasão dos paulistas, no renhido combate de **Itanhandú**, e invadiam o Estado do Rio de Janeiro, visando a cidade de Campos.

Na Paraíba Este pequeno Estado foi o quartel-general dos revolucionarios do norte.

Dalí irradiaram as fôrças que, sob a inspiração imediata de Juarez Tavora, libertaram primeiramente o Rio Grande do Norte, o Ceará e Pernambuco. Vencida esta primeira etapa, dentro em pouco Alagôas, Sergipe, Baía e Pará caiam em poder dos revolucionarios. Em uma semana, o nordéste brasileiro e o norte tinham conquistado a liberdade, pelos esforços de **Juarez Tavora,** o grande cabo de guerra, e **José Americo de Almeida,** o esteio civil da revolução.

Juarez Tavora

Dr. José Americo

No Rio Grande do Sul Em tôrno do dr. **Osvaldo Aranha** desenvolveu-se o movimento revolucionario, neste Estado.

Debalde o general **Gil de Almeida** concentrara, em Porto Alegre, inumeras fôrças para se lhe opôr.

No dia 3 de outubro, ás 5 horas da tarde, o movimento irrompeu com toda a energia, ocupando os revolucionarios as repartições federais, prendendo o general Gil e vencendo, sem custo, a resistencia oposta por algumas companhias do 7.º B. C. e 2.ª companhia de Estabelecimento.

No dia seguinte, tinham aderido ou sido dominadas todas as unidades federais do interior do Estado, de modo que o Rio Grande do Sul estava apto para entrar na grande campanha nacional.

O entusiasmo popular tornou-se indescritivel e, em três dias apenas, cêrca de cem mil homens estavam em armas ou recebendo instrução militar.

Iniciou-se a marcha para a frente e as colunas rio-grandenses invadiram Santa Catarina e Paraná, onde encontraram o mesmo entusiasmo civico.

Dr. Osvaldo Aranha

Enquanto a coluna do general Waldomiro Lima, marchando pelo litoral, cortava as comunicações com a ilha de Santa Catarina, onde os governistas estavam fortemente apoiados por alguns destroiers, com a maior rapidez, dentro de uma semana, a frente sul da revolução atingia as divisas de São Paulo, depois de vencida a resistencia da **Capela da Ribeira.**

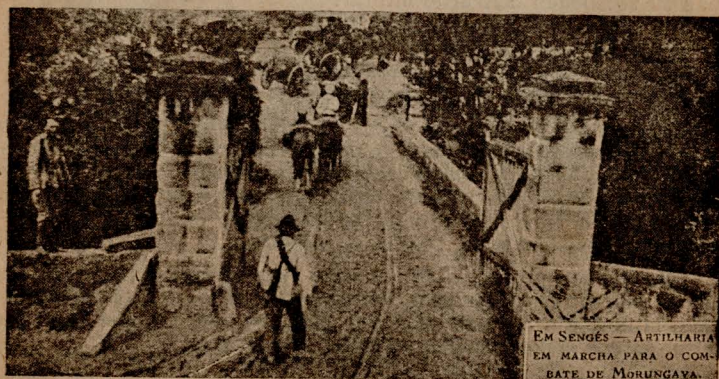
Em 11 de outubro, o dr. Getulio Vargas, comandante em chefe dos exercitos revolucionarios, transportara-se, com as suas casas civil e militar e o seu estado maior chefiado pelo coronel **Góes Monteiro,** para a cidade de Ponta Grossa, no Paraná.

Fôrças revolucionarias em Porto Alegre

As primeiras fôrças rio-grandenses que chegaram á fronteira de São Paulo foram, sucessivamente, as do coronel Alcides Etchegoyen, as do general Miguel Costa e as do coronel João Alberto Lins de Barros.

General Miguel Costa

No dia 12 de outubro, feria-se o combate de **Quatiguá,** desfavoravel aos legalistas, que abandonaram o territorio paranaense. O inimigo, repelido de sua posição de **Sengés,** fez-se forte em **Morungava,** onde foi vencido, de novo, em 17 de outubro.

Coronel João Alberto

EM SENGÉS — ARTILHARIA EM MARCHA PARA O COMBATE DE MORUNGAVA.

Dr. Oswaldo Aranha
Ministro da Justiça

Dr. J. F. Assis **Brasil**
Ministro da Agricultura

Dr. Lindolfo Collor
Ministro do Trabalho

General Leite de Castro
Ministro da Guerra

Dr. Getulio Vargas
Chefe do Governo

Contra Almirante Isaias de Noronha
Ministro da Marinha

Dr. Afranio de Mello Franco
Ministro do Exterior

Dr. José Maria Witacker
Ministro da Fazenda

General Juarez Tavora
Ministro da Viação

Dr. Francisco de Campos
Ministro da Instrução

Percorridas estas etapas, achavam-se as fôrças revolucionarias reunidas diante de **Itararé,** cujo ataque, talvez o mais sangrento de nossa história militar, estava anunciado para o dia 25 de outubro.

No dia 24, porém, a radiografia começara a anunciar um pronunciamento militar, na Capital Federal, e consequente prisão do presidente Washington Luiz.

Confirmadas estas notícias pela Chefia das fôrças revolucionarias, o general Miguel Costa, por intermedio do **dr. Glicerio Alves,** deputado rio-grandense, parlamentou com o coronel Paes de Andrade comandante da praça de Itararé, e obteve a sua rendição.

No Rio de Janeiro

Diante das proporções assumidas pela Revolução as fôrças militares da Capital Federal, por intermedio dos generais Augusto Tasso Fragoso, Fernando Leite de Castro, João de Deus Mena Barreto, Firmino Borba e Pantaleão Teles Ferreira, haviam feito um apêlo ao presidente Washington Luiz para afastar-se do govêrno.

Essa intimação foi-lhe apresentada pelo cardeal **Sebastião Leme,** arcebispo do Rio de Janeiro, em companhia do qual, depois de alguma relutancia, saíu o presidente para a fortaleza de Copacabana.

Acefalo o govêrno da Republica, foi instituida uma junta governativa provisoria composta dos generais **Tasso Fragoso, Mena Barreto** e contra-almirante **Isaias de Noronha.**

General
Mena Barreto

Contra-almirante
Isaias de Noronha

General Tasso
Fragoso

A esta junta os generais Miguel Costa e Flores da Cunha, em despacho radiotelegrafia, fizeram sentir que os intuitos da revolução eram a realização dos ideais da Aliança Liberal e consequente posse do dr. Getulio Vargas.

Com efeito, este, na noite de 31 de outubro, recebia no palacio do Catete a investidura do supremo govêrno da Republica, que lhe era transmitido pela junta provisoria, e nomeava os membros de seu ministerio.

RECAPITULAÇÃO

Proclamação da Republica **1889**	Espalhado o boato da ordem de prisão contra o marechal Deodoro e o tenente-coronel Benjamin Constant, a 2.ª brigada revoltou-se. Deodoro e Benjamin colocaram-se á frente do movimento, depuseram o ministerio e proclamaram a Republica dos Estados Unidos do Brasil.
Govêrno provisorio **1889-1891**	O govêrno provisorio, instituido com a proclamação da Republica, teve por chefe o marechal Deodoro. Seus atos principais foram: deportação da familia imperial, decreto instituindo a nova bandeira, convocação da constituinte, estabelecimento da grande naturalização, separação da igreja do Estado, casamento civil. Promulgada a constituição, o govêrno provisorio dissolveu-se.
I periodo presidencial **1891-1894**	Presidente marechal **Deodoro da Fonseca**; vice-presidente, marechal **Floriano Peixoto.** — Encontrando forte oposição no Congresso, Deodoro dissolveu-o. Contra este ato revoltou-se a armada nacional. Deodoro resignou e Floriano assumiu o govêrno, que foi todo de lutas, desde a revólta da fortaleza de Santa Cruz, até a revólta da armada e a revolução federalista no Rio Grande do Sul.
II periodo presidencial **1894-1898**	Presidente: dr. **Prudente de Morais**; vice-presidente: dr. **Manoel Vitorino.** — Fatos principais: revólta da Escola Militar do Rio de Janeiro, pacificação do Rio Grande do Sul, reconhecimento pela Inglaterra do direito do Brasil á ilha da Trindade, solução da questão de Missões, arbitragem da questão do Amapá, guerra de Canudos, assassinato do ministro da guerra.
III periodo presidencial **1898-1902**	Presidente: dr. **Campos Sales**; vice-presidente: dr. **Rosa e Silva.** — Acontecimentos notaveis: visita do presidente da Republica Argentina e retribuição pelo do Brasil, solução da questão do Amapá, e da de limites com a Guiana Inglesa, restauração das finanças do país.
IV periodo presidencial **1902-1906**	Presidente: dr. **Rodrigues Alves**; vice-presidente: dr. **Silvino Brandão** e, morrendo este, o dr. Afonso Pena. — Principais fatos: incorporação do territorio do Acre, fixação de limites com os paises vizinhos, revólta da Escola Militar, caso da canhoneira "Panter", catastrofe do "Aquidaban", revolução em Mato Grosso, remodelamento do Rio.

RECAPITULAÇÃO

V periodo presidencial **1906-1910**	Presidente: dr. **Afonso Pena**; vice-presidente: dr. **Nilo Peçanha.** — Fatos principais: desenvolvimento da colonização, serviço militar obrigatorio, reforçamento da marinha. Conferencia da Paz, exposição nacional no Rio de Janeiro, morte do presidente e govêrno do vice-presidente.
VI periodo presidencial **1910-1914**	Presidente: **Marechal Hermes da Fonseca**; vice-presidente: dr. **Wenceslau Braz.** — Fatos principais: revólta dos marinheiros, intervenção nos Estados, reunião de fanaticos no Contestado, boatos de revolução que determinaram o estado de sitio, intervenção no Ceará, mediação do ABC, crise financeira.
VII periodo presidencial **1914-1918**	Presidente: **Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes**; vice-presidente: **Dr. Urbano Santos da Costa Araujo.** — Fatos notaveis: lutas politicas, declaração de guerra á Alemanha, agitação politica, assassinato do senador Pinheiro Machado, reforma eleitoral, Codigo Civil, incorporação do Contestado ao Estado de S. Catarina.
VIII periodo presidencial **1918-1922**	Presidente: **Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves**; vice-presidente: **Dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro.** Fatos notaveis: morte do presidente, eleição do **Dr. Epitacio Pessoa,** visita dos reis da Belgica, revogação do banimento e repatriação dos restos mortais do ex-imperador e da ex-imperatriz do Brasil, falecimento da princesa Isabel, a Redentora, revóltas militares, prisão do marechal Hermes, fechamento do Club Militar, exposição e festas do centenario da independencia.
IX periodo presidencial **1922-1926**	Presidente: **Dr. Artur da Silva Bernardes**; vice-presidente: **Dr. Estacio de Albuquerque Coimbra.** Fatos principais: lutas politicas e intervenção no Rio de Janeiro, lutas armadas no Rio Grande do Sul, revóltas militares, reforma da Constituição da Republica.

RECAPITULAÇÃO

X periodo presidencial **1926-1930**	Presidente: **Dr. Washington Luiz Pereira de Souza;** vice-presidente: **Dr. Fernando de Melo Viana.** Simpatia do povo; consolidação das fronteiras. Estabilização, crise do café. Lutas politicas, formação da Aliança Liberal. Medidas compressoras do govêrno. Assassinato do presidente João Pessôa. Deposição do govêrno.
Revolução nacional **1930**	Em 3 de outubro, rompimento simultaneo em Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. Resistencia em Minas Gerais, invasão do Espirito Santo e Rio de Janeiro, combate de Itanhandú. — Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Pará libertados por Juarez Tavora. — Ação de Osvaldo Aranha no Rio Grande do Sul; mobilização vertiginosa; invasão de Santa Catarina e Paraná; cêrco de Florianopolis; ação da Capela da Ribeira; combates de Quatiguá, Sengés, Morungava; posição do Itararé. Pronunciamento militar na Capital Federal; prisão do presidente Washington Luiz; junta governativa provisoria; o dr. Getulio empossado no supremo govêrno da Republica; formação do govêrno provisorio.

QUADRO DE CIVILIZAÇÃO

Comêço do Seculo XX

EVOLUÇÃO POLITICA

O Brasil, como vimos, foi a princípio uma colonia portuguesa e por algum tempo espanhola, passou depois a Reino unido a Portugal. Constituiu-se por fim num imperio independente e é atualmente uma republica federativa; a sua constituição politica considera três **poderes nacionais**: Legislativo, Executivo e Judiciario. O **Poder Legislativo**, o encarregado de fazer as leis, é exercido pelo **Congresso Nacional** (Camara dos deputados). — O **Poder Executivo**, a que compete a execução das leis, é exercido pelo Presidente da Republica, é eleito pelo sufragio do povo. — O **Poder Judiciario**, destinado a aplicar a lei aos casos sujeitos ao seu julgamento, é exercido pelo **Supremo Tribunal Federal** e juizes.

PROGRESSO MATERIAL

O comércio do Brasil tem progredido notavelmente e é já considerado importante entre as principais nações do mundo. No primeiro semestre de 1914, sua exportação foi de 323 mil contos.
Os 52 portos brasileiros foram frequentados no primeiro semestre de 1903 por 6.050 navios nacionais e 1.874 estranjeiros, sendo 818 ingleses e 388 alemães. Na navegação fluvial, as companhias fiscalizadas pelo govêrno realizaram, em 1913, 2092 viagens.
A industria toma notavel desenvolvimento e na exposição universal de **S. Luiz**, nos Estados Unidos, onde conquistamos o quarto lugar, na **Exposição Nacional**, realizada no Rio, na **Exposição Turim-Roma**, os nossos produtos despertaram a atenção.
Na viação ferrea já em 1907 ocupavamos o nono lugar entre as nações e hoje possuimos perto de 25.000 kms. de linha em tráfego. A nossa principal linha é a Central do Brasil ligando o Rio de Janeiro á fronteira do Rio Grande do Sul.
A tração elétrica já tem grande emprêgo em linhas de bondes e de estradas de ferro, e o automovel toma incremento como meio de locomoção.
Tambem começa a desenvolver-se a aviação, na qual tantas glorias colheu Santos Dumont.
Possuimos perto de 35.000 kms. de linhas telegraficas terrestres, linhas transatlanticas inglesas, francesas e alemãs e muitas estações de telegrafo sem fio.

CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES

Os nomes mais notaveis no nosso desenvolvimento inteletual são: Na diplomacia: **Barão do Rio Branco**, Joaquim Nabuco; na eloquencia politica **Rui Barbosa** (discursos parlamentares, conferencia da Paz); na eloquencia sagrada o padre **Julio Maria**; na imprensa: **Quintino Bocaiuva**; na poesia: Raimundo Corrêa, Alberto d'Oliveira, **Olavo Bilac**, Luiz Murat, Francisca Julia e muitos mais; na prosa: **Machado de Assis** (Bras Cubas, Quincas Borba, d. Casmurro, etc), Aluizio Azevedo (Casa de Pensão), Raul Pompeia (Ateneu); Afonso Arinos (No Sertão); Alcides Maia (Ruinas Vivas, Tapera); Graça Aranha (Canaan); **Euclides da Cunha** (Os Sertões); **Coelho Neto**; Silvio Roméro; Afonso Celso e outros; na musica: Alberto Nepomuceno, Leopoldo Miguez, Clotilde Maragliano, as irmãs Iracema; na esculptura: Nicolina de Assis, Decio Vilares; na pintura: Antonio Parreiras, Pedro Weingärtner, Almeida Junior e outros; na aerostação: Julio Cesar, Augusto Severo, **Santos Dumont**; na eletricidade: Osvaldo Faria (acumulador elétrico).

INDICE

TEMPOS ANTERIORES AO DESCOBRIMENTO

TEMPOS HISTORICOS

OS PRIMEIROS GOVERNADORES

REPUBLICA FEDERATIVA

EDIÇÃO
N.º 442

Para pedidos telegraficos deste livro, basta indicar o numero 442 *antepondo* a esse numero a quantidade.
Exemplo: para pedir 10 exemplares do presente livro basta indicar: **GLOBO** — Porto Alegre — 10442.

LIVROS DIDATICOS

EDITADOS PELA

LIVRARIA DO GLOBO

LEITURA

Cartas de A. B. C. — 1 folheto $200, % .... 12$000

Manuscrito Brasileiro — pelo Prof. A. Guerreiro Lima, 1 vol. cart. .... 5$000

Crestomatia — pelo Prof. Radagasio Taborda, 1 vol. cart. .... 6$000

PORTUGUÊS

Verbos da Lingua Portuguêsa — A. H. Travassos Alves, 1 vol. cart. .... 2$000

Como Devemos Escrever (Nova Ortografia) — Dr. João Henrique, 1 vol. br. .... 2$000

ARITMETICA

Primeira Aritmetica — pelo Prof. J. T. Souza Lobo, 1 vol. cart. .... 4$000

Segunda Aritmetica — pelo Prof. J. T. Souza Lobo, 1 vol. cart. .... 6$000

GEOGRAFIA

Geografia Elementar — pelo Prof. J. T. Souza Lobo, 1 vol. cart. .... 8$000

Geografia Secundaria, 1.ª série — pelo Prof. A. Guerreiro Lima, 1 vol. cart. .... 5$000

Geografia Secundaria, 2.ª série — pelo Prof. A. Guerreiro Lima, 1 vol. cart. .... 6$000

Geografia Secundaria, 3.ª série — pelo Prof. A. Guerreiro Lima, 1 vol. cart. .... 6$000

Atlas Escolar, 2.ª parte (Brasil) — pelo Prof. A. Guerreiro Lima, 1 vol. cart. .... 24$000

COSMOGRAFIA

Noções de Cosmografia — pelo Prof. A. Guerreiro Lima, 1 vol. cart. .... 8$000

HISTORIA

Cronologia da Historia Rio-Grandense — pelo Prof. A. Guerreiro Lima, 1 vol. cart. .... 5$000

Noções da Historia do Brasil — pelo Prof. A. Guerreiro Lima, 1 vol. cart. .... 5$000

Epitome de Historia da Civilização, 3.ª série — pelo P.e Max Schneiler, S. J., 1 vol. cart. .... 5$000

QUIMICA

Curso Geral de Quimica — pelo P.e Ignacio Puig, S. J., 1 vol. enc. .... 20$000

FISICA

Compendio de Fisica — por J. Kleiber, 1 vol. enc. .... 20$000

CIENCIAS

Pequeno compendio de Ciencias Fisicas e Naturais, por perguntas e respostas — pelo Prof. Radagasio Taborda, 1 vol. cart. .... 4$000

Ciencias Fisicas e Naturais, 1.ª série — pelo Prof. Radagasio Taborda, 1 vol. cart. .... 5$000

Ciencias Fisicas e Naturais, 2.ª série — pelo Prof. J. Tupí Caldas, 1 vol. cart. .... 5$000

FRANCÊS

Livre de Lectures pour la 1ère. et la 2e. année — pelo P.e G. Gunther, S. J., 1 vol. enc. .... 8$000

MINERALOGIA E GEOLOGIA

Compendio de Mineralogia e Geologia — pelo Prof. J. Tupí Caldas, 1 vol. enc. .... 18$000

Mineralogia e Geologia — pelo Dr. Fr. Rodolfo Simch, 1 vol. cart. .... 5$000

442 — OF. GRAF. DA LIV. DO GLOBO — P. ALEGRE